

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

KARLA ROBERTA BRANDÃO DE OLIVEIRA

ESCOLA E MEMÓRIA

São Paulo

2021

KARLA ROBERTA BRANDÃO DE OLIVEIRA

ESCOLA E MEMÓRIA

Tese, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Nove de Julho (UNINOVE), como requisito final para obtenção do Grau de Doutora em Educação.

Profa. Dra. Ana Maria Haddad Baptista

São Paulo

2021

Oliveira, Karla Roberta Brandão de.

Escola e Memória. / Karla Roberta Brandão de Oliveira. 2021.
257 f.

Tese (Doutorado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2021.

Orientador (a): Prof^ª. Dr^ª. Ana Maria Haddad Baptista.

1. História de vida. 2. Memória. 3. Escola. 4. Formação Docente.
5. PARFOR.

I. Baptista, Ana Maria Haddad.

II. Título.

CDU 37

KARLA ROBERTA BRANDÃO DE OLIVEIRA

ESCOLA E MEMÓRIA

Tese, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Nove de Julho (UNINOVE), como requisito final para obtenção do Grau de Doutora em Educação.

São Paulo, 24 de março de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Maria Haddad Baptista (Orientadora)
Universidade Nove de Julho

Profa. Dra. Maria Dulcinea da Silva Loureiro (Membro externo)
Universidade Regional do Cariri

Prof. Dr. Edson Soares Martins (Membro externo)
Universidade Regional do Cariri

Profa. Dra. Rosiley Aparecida Teixeira (Membro interno)
Universidade Nove de Julho

Prof. Dr. Maurício Silva (Membro interno)
Universidade Nove de Julho

Profa. Dra. Diana Navas (Suplente)
Pontifícia Universidade Católica – SP

Profa. Dra. Márcia do Carmo Felismino Fusaro (Suplente)
Universidade Nove de Julho

Dedico esse trabalho aos(às) estudantes- professores(as) dos cursos de Pedagogia do PARFOR/URCA, que superaram obstáculos complexos em sua jornada por qualificação, que muitas vezes pensaram em desistir, mas que perseveraram e conseguiram “se formar” e aos que, por motivo de força maior, ainda vão conseguir. Dedico, também, aos(às) estudantes-professores(as) e professores(as)-formadores(as) que faleceram durante essa caminhada e que deixaram saudades.

AGRADECIMENTOS

A vida em sociedade pressupõe que nossas conquistas são coletivas, nunca individuais. Se hoje estou concluindo uma etapa da minha formação, o faço porque contei com o suporte, direto ou indireto, de muitas pessoas. É impossível nomear todas, citarei aqui as que estiveram mais próximas e com mais frequência. Espero ter contemplado as demais na seção *Dos encontros dessa jornada*.

Por isso, agradeço...

Aos meus pais, Aldonso e Terezinha, aos meus filhos, Leonardo e Ana Carolina, e a Bianca, pelo incentivo e pela torcida incontestes das minhas escolhas, além do apoio material e emocional desde o momento de preparação para a seleção até a escrita desse texto.

Aos(às) amigos(as) e colegas de profissão do Crato: Dulcinea, Rosilene, Tereza, Roberto e Raulino, que vivenciaram ou vivenciam essa mesma experiência de doutoramento, pela escuta amiga e pelas conversas que contribuíram tanto nas tomadas de decisões sobre o trabalho em si, quanto no reconhecimento dos receios e inseguranças que são inerentes a esta jornada.

Às amigas e colegas do doutorado na UNINOVE, Shirlei e Silvana, pelo compartilhamento de conhecimentos e de incentivos para enfrentar os obstáculos que nos unem. A nossa “panelinha” foi, muitas vezes, lugar de refúgio e fortalecimento.

À minha orientadora, Ana Haddad, que para além de guiar meus passos nessa construção acadêmica, me acolheu em momentos de vulnerabilidade pessoal. Ela que tenho hoje como uma amiga, que vibra com as minhas conquistas e as dos meus filhos.

Aos(às) professores(as) e colegas do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNINOVE, com quem aprendi muito nos diálogos nas disciplinas, nos seminários de pesquisa, no módulo internacional e nas pausas para o café.

Às servidoras da UNINOVE, Cristiane e Jeniffer, que, com generosidade, me auxiliaram a vencer os processos burocráticos que fazem parte de um curso de pós-graduação.

À Universidade Regional do Cariri (URCA), à Universidade Nove de Julho (UNINOVE) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior (CAPES) pelo suporte financeiro e institucional, indispensáveis para esta formação.

À professora e amiga Marteaná que, na coordenação do curso de Pedagogia PARFOR/URCA desde o meu afastamento para o doutorado, foi decisiva para a existência dos memoriais que são analisados nesse trabalho.

À professora Maria Isa e às servidoras Edilma e Beatriz que, durante o tempo em que estive à frente da coordenação do curso de Pedagogia PAFOR/URCA, foram companheiras para o bom êxito das atividades e para o despertar do meu interesse em conhecer a história de vida das estudantes-professoras.

À Cimara, Durvalina, Ana Cristina e Marcial, pelo suporte necessário à minha saúde mental, condição imprescindível para a conclusão dessa etapa formativa.

Às estudantes/professoras do curso de Pedagogia URCA/PARFOR da cidade de Saboeiro-CE, pela coragem com que nos contaram, em seus memoriais, as alegrias e tristezas que marcam suas vidas.

Assim eu vejo a vida

*A vida tem duas faces:
Positiva e negativa
O passado foi duro
mas deixou o seu legado
Saber viver é a grande sabedoria
Que eu possa dignificar
Minha condição de mulher,
Aceitar suas limitações
E me fazer pedra de segurança
dos valores que vão desmoronando.
Nasci em tempos rudes
Aceitei contradições
lutas e pedras
como lições de vida
e delas me sirvo
Aprendi a viver.*

Cora Coralina

RESUMO

Na condição de seres inacabados (FREIRE, 2003), assumimos que nos encontramos em constante processo de formação e que ele acontece em diferentes espaços e tempos. Todavia, é na escola que vivenciamos experiências diferenciadas de aprendizagem, a partir de uma educação formal fundamentada e organizada para fins específicos da sociedade. Partindo do pressuposto de que a escola é um lugar de memória, defendemos que a história dos indivíduos nos ajuda a perceber os condicionantes sociais e a história da coletividade. Dito isto, a pesquisa desenvolvida deu conta de uma experiência de formação de professores(as) em particular – o curso de pedagogia PARFOR/URCA. Nos interessava entender os significados que as alunas-professoras atribuíam a ela. As questões norteadoras da pesquisa foram: Em que medida as experiências formativas proporcionadas pelo curso de Pedagogia/PARFOR/URCA, no conjunto das relações vivenciadas, favoreceram transformações nas formas de agir e perceber o mundo por parte das alunas-professoras? Qual a percepção que elas tinham sobre a influência dessa formação nos saberes, sentimentos e ações da sua prática docente? Que experiências foram mais significativas para a mudança em sua compreensão do mundo e das relações? Em que medida as experiências provenientes da formação recebida influenciaram sua ação docente e sua compreensão das questões pedagógicas? Os objetivos definidos para o estudo deram conta de um saber a ser conhecido a partir dos registros memorialísticos das educandas-educadoras do PARFOR/URCA, que são também sujeitos dessa investigação. A abordagem metodológica privilegiada nesta tese foi a da história de vida. Esta opção é coerente com a intenção de trabalhar com a autobiografia. Nessa pesquisa procuramos acolher as narrativas das alunas-professoras sem julgamentos, mesmo tendo ciência de que os acontecimentos nem sempre se deram da forma como são relatados por elas, considerando que rememorar é sempre atualizar e ressignificar imagens e sentimentos. Ao final da investigação, constatamos que a história das discentes-docentes se mistura com a história da escola rural e revela traços dela como, por exemplo, as precárias condições financeiras e a presença do analfabetismo no núcleo familiar delas. Destacaram-se, ainda, os esforços de mães, pais, avós e avôs para que suas filhas estudassem; a realidade das escolas, onde estudaram e hoje ensinam, marcada por: estrutura física inadequada, ausência de material didático, organização multisseriada das salas de aula, docentes sem qualificação e a dificuldade de deslocamento de casa para a escola, em virtude das péssimas condições do transporte escolar e das estradas. Concluímos que o curso de Pedagogia/PARFOR é um marco importante na vida das memorialistas. A história de vida dessas mulheres indica que, sem a iniciativa de levar aos pequenos municípios do interior do estado do Ceará a formação em nível superior, dificilmente elas teriam conseguido a tão sonhada formatura que, para além de um sonho pessoal, é essencial para a mudança na qualidade da educação que temos oferecido às crianças e adolescentes dessas localidades.

Palavras-Chave: História de vida. Memória. Escola. Formação docente. PARFOR.

ABSTRACT

As unfinished beings (FREIRE, 2003), we assume that we are in a constant process of formation and that it happens in different spaces and times. However, it is at school that we experience distinct learning experiences, out of a formal education grounded and organized for specific purposes of society. Based on the assumption that the school is a place of memory, we argue that the history of individuals helps us understand social conditions and the history of the community. That said, the research carried out revolved around an experience of teacher training in particular – the PARFOR/URCA pedagogy course. We were interested in understanding the meanings that student-teachers attributed to it. The guiding questions of the research were: to what extent did the training experiences provided by the Pedagogy/PARFOR/URCA course, in the set of relationships experienced, favored transformations in the ways of acting and perceiving the world by the student-teachers? What is the perception they had about the influence of this training on the knowledge, feelings and actions of their teaching practice? What experiences have been most significant for changing their understanding of the world and their relationships? To what extent did the experiences from the training received influenced their teaching action and understanding of pedagogical issues? The objectives defined for the study accounted for a knowledge to be known from the memorialistic records of the PARFOR/URCA students-educators, who are also subjects of this investigation. The preferred methodological approach in this thesis was that of life history. This option is consistent with the intention to work with the autobiography. In this research we tried to accept the narratives of student-teachers without judgments, even though we are aware that events did not always happen in the way they are reported, considering that remembering is always updating and reframing images and feelings. At the end of the investigation, we found that the history of the student-teachers mixes with the history of the rural school and reveals traces of it, such as the precarious financial conditions and the presence of illiteracy in their family nucleus. Also noteworthy were the efforts of mothers, fathers, grandparents and grandfathers to have their daughters study; the reality of the schools, where they studied and today teach, marked by: inadequate physical structure, absence of didactic material, multiseriate organization of classrooms, unqualified teachers and the difficulty of moving from home to school, due to the terrible conditions of the school and road transport. We conclude that the Pedagogy/PARFOR course is an important milestone in the lives of memorialists. The life history of these women indicates that, without the initiative of bringing higher education to small municipalities in the interior of the state of Ceará, they would hardly have achieved the long-awaited graduation that, in addition to a personal dream, is essential for the change of the quality of education that we have offered to children and adolescents in these locations.

Key-words: Life history. Memory. School. Teaching Formation. PARFOR.

RESUMEN

Como seres inacabados (FREIRE, 2003), asumimos que estamos en un proceso constante de formación y que ocurre en diferentes espacios y tiempos. Sin embargo, es en la escuela donde vivimos diferentes experiencias de aprendizaje, basadas en la educación formal basada y organizada para fines específicos de la sociedad. Partiendo del supuesto de que la escuela es un lugar de memoria, argumentamos que la historia de los individuos nos ayuda a comprender las condiciones sociales y la historia de la comunidad. Dicho esto, la investigación realizada reveló una experiencia de formación docente en particular, el curso de pedagogía PARFOR/URCA. Nos interesaba comprender los significados que le atribuían las estudiantes-profesoras. Las preguntas orientadoras de la investigación fueron: ¿En qué medida las experiencias formativas que brindó el curso Pedagogía/PARFOR/URCA, en el conjunto de relaciones vividas, favorecieron transformaciones en las formas de actuar y percibir el mundo por parte de los alumnos-docentes? ¿Cuál es la percepción que tenían sobre la influencia de esta formación en los conocimientos, sentimientos y acciones de su práctica docente? ¿Qué experiencias han sido más significativas para cambiar su comprensión del mundo y las relaciones? ¿En qué medida las experiencias de la formación recibida influyeron en su acción docente y en su comprensión de las cuestiones pedagógicas? Los objetivos definidos para el estudio dieron cuenta de un conocimiento para ser entendido a partir de los registros conmemorativos de las estudiantes-profesoras de PARFOR/URCA, quienes también son sujetos de esta investigación. El enfoque metodológico preferido en esta tesis fue el de la historia de vida. Esta opción es consistente con la intención de trabajar con la autobiografía. En esta investigación tratamos de aceptar las narrativas de las estudiantes-profesoras sin juicios, aunque somos conscientes de que los hechos no siempre sucedieron en la forma en que se relatan, considerando que recordar es siempre actualizar y replantear imágenes y sentimientos. Al final de la investigación, encontramos que la historia de las estudiantes-profesoras se mezcla con la historia de la escuela rural y revela rastros de ella, como las precarias condiciones económicas y la presencia de analfabetismo en su núcleo familiar. También cabe destacar el esfuerzo de madres, padres, abuelas y abuelos para que sus hijas estudien; la realidad de las escuelas, donde estudiaron y hoy enseñan, marcada por: estructura física inadecuada, ausencia de material didáctico, organización multiseriada de aulas, docentes no calificados y la dificultad para trasladarse de casa a escuela, debido a las malas condiciones de la escuela y transporte por carretera. Concluimos que el curso Pedagogía/PARFOR es un hito importante en la vida de los memorialistas. La historia de vida de estas mujeres indica que, sin la iniciativa de llevar la educación superior a pequeños municipios del interior del estado de Ceará, difícilmente hubieran logrado la tan esperada graduación que, además de un sueño personal, es fundamental para el cambio en la calidad de la educación que hemos brindado a los niños, niñas y adolescentes de estos lugares.

Palabras clave: Historia de vida. Memoria. Colegio. Enseñando formación docente. PARFOR.

Sumário

DOS ENCONTROS DESSA JORNADA	13
1 INTRODUÇÃO	20
2 PREMISSAS DE UM CAMINHO	33
2.1 OLHARES MULTI E INTERDISCIPLINARES DA MEMÓRIA	34
2.2 TEMPO-MEMÓRIA	38
2.3 DE VOLTA AO PASSADO	44
2.4 LEMBRANÇAS E ESQUECIMENTOS	47
2.5 TRAJETÓRIAS DA MEMÓRIA	52
2.6 MEMÓRIA E HISTÓRIA	55
3 VIDAS PARTICULARES, CAMINHOS COLETIVOS	58
3.1 HISTÓRIAS DE VIDA	60
3.2 DE ONDE PARTO É PARA ONDE VOLTO	62
3.3 LUGARES DE MEMÓRIA	73
3.4 CAMINHOS DA ESCOLA	75
4 NAS TRILHAS DO VIR-A-SER: MEMÓRIA E DOCÊNCIA	97
4.1 DE REPENTE, PROFESSORA!	97
4.2 CALÇADOS NOVOS	115
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
REFERÊNCIAS	138
MEMORIAIS	143
ANEXOS	145
ANEXO A – MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE PEDAGOGIA DA URCA	146
ANEXO B – ORIENTAÇÃO PARA ESCRITA DA MONOGRAFIA DO PARFOR	148
ANEXO C – MEMORIAL DA ESTUDANTE-PROFESSORA ANA LÚCIA ALENCAR	149
ANEXO D – MEMORIAL DA ESTUDANTE-PROFESSORA ANTONIA JACIRA DA SILVA	154
ANEXO E – MEMORIAL DA ESTUDANTE-PROFESSORA ANTONIA LENIRA PLÁCIDO	159
ANEXO F – MEMORIAL DA ESTUDANTE-PROFESSORA ANTONIA LUCILÂNDIA DE SOUZA SOARES	167

ANEXO G – MEMORIAL DA ESTUDANTE-PROFESSORA ANTONIA OLINDA DE OLIVEIRA ALMEIDA	172
ANEXO H – MEMORIAL DA ESTUDANTE-PROFESSORA CÍCERA SATURNINO DE OLIVEIRA	177
ANEXO I – MEMORIAL DA ESTUDANTE-PROFESSORA EVA NELDA NERIS DA SILVA.....	182
ANEXO J – MEMORIAL DA ESTUDANTE-PROFESSORA FRANCISCA EDIVÂNIA PLÁCIDO	188
ANEXO K – MEMORIAL DA ESTUDANTE-PROFESSORA FRANCISCA FABIANA ALEXANDRE DE OLIVEIRA (SUZIANE).....	195
ANEXO L – MEMORIAL DA ESTUDANTE-PROFESSORA FRANCISCA TÂNIA PEREIRA DE BRITO	201
ANEXO M – MEMORIAL DA ESTUDANTE-PROFESSORA INÊS SILVA BRAGA PEREIRA.....	207
ANEXO N – MEMORIAL DA ESTUDANTE-PROFESSORA LUZIA WANDERLÉIA DOS SANTOS	213
ANEXO O – MEMORIAL DA ESTUDANTE-PROFESSORA MARGARIDA BERNARDO SILVA	220
ANEXO P – MEMORIAL DA ESTUDANTE-PROFESSORA MARIA CRISTINA DUARTE.....	227
ANEXO Q – MEMORIAL DA ESTUDANTE-PROFESSORA MARIA GLÍCIA VENÂNCIO DE LIMA OLIVEIRA	234
ANEXO R – MEMORIAL DA ESTUDANTE-PROFESSORA MARIA MICHELE PEREIRA.....	241
ANEXO S – MEMORIAL DA ESTUDANTE-PROFESSORA MARIA MÔNICA GONÇALVES	248
ANEXO T – MEMORIAL DO ESTUDANTE-PROFESSOR ANTÔNIO EVANDRO COELHO	252
APÊNDICES	256
APÊNDICE A – RELAÇÃO DE MUNICÍPIOS, CURSOS E DISCENTES ATENDIDOS PELO PARFOR/URCA (2010-2020).....	257

DOS ENCONTROS DESSA JORNADA

Eu sou eu e minha circunstância, e se não salvo a ela, não me salvo a mim.

José Ortega y Gasset

Escrever sobre si é um desafio, à medida que é sempre um desnudar-se ao público. A princípio não tinha a intenção de fazer isto nesta tese. Entretanto, à medida que lia e me emocionava com as memórias das alunas-professoras do PARFOR, fui me dando conta de que seria desonesto estudar a escrita dessas mulheres, mesmo com todos os cuidados éticos que tomei, sem me expor. Tive a impressão que, se não me mostrasse como sou, poderia estar alimentando a ideia de ser superior quando, em realidade eu e elas somos iguais enquanto seres que choram e riem, que ganham e perdem, que acreditam e, ao mesmo tempo, temem. Não estou, com isso, sugerindo que passamos pelas mesmas dificuldades. Não tenho a intenção de comparar histórias, mas tão somente compreender que, a partir das nossas circunstâncias, vivemos e estamos no mundo com os sabores e dissabores que a vida nos traz.

Não esperem, nessa parte do texto, por um relato acadêmico e com grandes reflexões, porque não foi o que fiz. Resolvi partilhar meus sentimentos, experiências e visão de mundo durante um período que compreende o fim do processo de seleção para o doutorado em educação do Programa de Pós-Graduação da Universidade Nove de Julho (PPGE-UNINOVE) e os ajustes no texto final da tese¹. O que é muito, já que tendo a ser reservada e a ter poucos (mas excelentes) amigxs. Também não utilizarei, nessa seção da tese, a linguagem formal que é esperada nos escritos acadêmicos, ao invés disso, escrevo em primeira pessoa do singular e conto como me percebo e me sinto o que, nem sempre, tem correspondência ao como me mostro.

Um dos aprendizados dessa jornada, de pouco mais de três anos, é sobre a dificuldade que tenho em demonstrar o que sinto, especialmente em palavras. Considero mais fácil recorrer ao humor e, muitas vezes, disfarçar sentimentos que não são de alegria. Em frente à tela do computador, na segurança de um suposto distanciamento e com a possibilidade de escrever e reescrever palavras, procuro me mostrar aos que se dispuserem a ler-me.

¹ O primeiro texto memorial foi escrito para o processo seletivo da URCA. Parte dele foi adaptado, por mim e pela minha orientadora, e publicado como capítulo no livro *Educação, Memória e Temporalidades*, organizado pela professora Dra. Ana Maria Haddad Baptista (2020b). As reflexões contidas nesse trabalho não dão conta do período que contemplo agora, nesta sessão da tese.

A jornada para o doutorado requereu coragem, porque significou partir do interior do Ceará para São Paulo e me afastar dos que amo, do lugar onde nasci e sempre morei. Estava decidida a vivenciar, pela primeira vez na vida adulta, a experiência de cuidar só de mim – pelo menos era isso que eu imaginava que fosse acontecer. Sentia que isso iria fortalecer a minha formação docente e trazer possibilidades de amadurecimento pessoal. Supus que meus filhos, Léo (21 anos) e Carol (16 anos)², iriam ficar felizes com o sentimento de morar sem as regras da mãe. Era como se fossem eles os que estavam indo “estudar fora”. Meu maior receio encontrava-se em como meu pai e minha mãe sentiriam essa separação. Afinal, sempre morei com eles ou ao lado deles. Sentia que precisavam mais de mim do que meus filhos e isso me assustava. Também tive receio por mim, não sabia como seria estar longe, fora de tudo o que fez e faz parte da minha vida.

Nas viagens para o processo de seleção do PPGE-UNINOVE³ foi possível estreitar os laços de afetividade com alguns membros da família com quem pouco tinha convivido: tio Absalão, Maria do Carmo, Vitória, Angélica, Bárbara, Rogério, Caio e o pequeno Renato⁴, que tive a honra de estar presente no seu nascimento. Eles me acolheram a ponto de parecer que sempre estivemos juntos. Com tio Anatole, Magna, Tamires e Thayane continuei mantendo mais contato virtual, mesmo morando na mesma cidade, por conta das atribuições do doutorado e pelos horários de trabalho deles, os encontros físicos foram poucos, mas muito agradáveis.

Foi no Tatuapé, com as primas Vitória e Angélica, que morei durante o ano de 2018. Serei sempre grata pela generosidade com que me receberam. Juntas, compartilhamos nossas memórias e nos conhecemos melhor. À casa do meu tio eu ia aos finais de semana e, além do carinho, era recebida com comida gostosa e o abraço do Caio. Percebi o quanto tínhamos de semelhança e de diferença e o quanto nos gostávamos. Falo daquele bem querer que vem com os laços de sangue mas, sobretudo, com os de identificação.

Foram essas primas que me apresentaram ao forró paulista. Eu, cearense vizinha de Luiz Gonzaga, conheci um local em que se vai para dançar pelo simples prazer de dançar. Isso me surpreendeu muito. Poder chamar um homem para dançar e saber que ele não iria “cobrar” algo além disso foi libertador. No Crato, quando uma mulher chama um homem para dançar, ela deve estar preparada para um provável assédio depois disso. Essa feliz descoberta me fez voltar várias vezes ao “Canto da Ema”. As meninas também me ajudaram com dicas de lugares

² Essa era a idade deles quando me mudei para São Paulo. Hoje têm, respectivamente, 24 e 19 anos.

³ Tomei conhecimento dessa Instituição pela amiga Heryka Cruz, que fez seu doutorado nela.

⁴ Caio e Renato são filhos da Bárbara, minha prima, e do Rogério, seu companheiro.

que eu deveria conhecer na capital paulista. Tracei a meta de vivenciar uma experiência cultural diferente por semana. (In)felizmente, o volume de leituras do doutorado não me permitiu cumprir esse propósito.

As primeiras aglomerações metroviárias que vivenciei – algo completamente insano nos atuais tempos de pandemia – me fizeram rir. Tudo nessa “nova vida” me causava curiosidade e, muitas vezes, encantamento: os prédios, o trânsito, o calor e o frio no mesmo dia, o comportamento das pessoas, os parques, os museus, as inúmeras atividades culturais que a cidade oferecia... tudo, simplesmente tudo! Meus olhos estavam atentos, com sede de captar o máximo que pudesse desse lugar. Quase nada me aborrecia. Quando algo não saía como o esperado, lembrava que minha permanência aqui tinha data para começar e para terminar. Portanto, era preciso não perder tempo com queixas e aproveitar o que pudesse. Escrevendo sobre isso agora, percebo que é exatamente assim que deveríamos tocar nossa vida. Afinal, a nossa existência nesse mundo também tem prazo para acabar, só não sabemos quando será.

Algo, entretanto, me incomodou profundamente nessa metrópole: a desigualdade social escancarada. Ao andar pelo Jardim Europa, em direção ao Museu da Imagem e do Som (MIS), vi mansões que são cenários de novelas e filmes. No bairro dos Jardins, em visita às amigas Rosilene e Tereza, conheci vilas muito charmosas, em que as pessoas deixam bicicletas e móveis na frente de suas casas de muros baixos – ou sem muros – sem o receio de serem roubadas. Os restaurantes, casas de show e hotéis luxuosos são frequentes aqui, tanto quanto a pobreza e a miséria que se materializa desde os bairros periféricos, até o centro da cidade. Na Av. Brigadeiro Luís Antônio, em que eu residia, vindo do centro em direção à Paulista, presenciei pessoas mexendo no lixo em busca de comida. Vi, também, onde eles “moravam” e, várias vezes, me peguei contemplando a limpeza que faziam no espaço em que ocupavam. Sair da estação da Luz e ir em direção ao Memorial da Resistência, bem como andar pelos arredores da Praça Marechal Deodoro, era de “cortar o coração” e, quase sempre, me fazia segurar as lágrimas. Esse choque constante de realidade contribuiu para fortalecer a minha opção política pela esquerda.

Nessas memórias, não poderia deixar de falar sobre o doutorado em si. A emoção já começou após o processo de seleção: atrasos na divulgação do resultado me forçaram a viajar para a metrópole paulista sem saber se estava vindo para ficar ou não. Ou seja, comecei com apreensão e dúvida. A doce Cristiane, secretária do Programa, atendeu com muito acolhimento as inúmeras ligações que fiz em busca de uma definição, até que o resultado da aprovação me sacudiu e fez vir à tona um choro compulsivo de transbordamento de uma tensão acumulada, mas também de felicidade pela conquista.

Logo no primeiro momento, enquanto estudante do Programa, fui informada de que a professora Dra. Ana Maria Haddad Baptista seria minha orientadora. Confesso que já estava torcendo por isso desde o dia da entrevista. Foi algo de bater o olho e me identificar. Senti que teríamos uma boa química e não me enganei. A Ana foi orientadora, professora, companheira de profissão e amiga. Indicou saídas e percursos que foram fundamentais nessa jornada. O acolhimento que recebi dela foi muito maior do que esperamos de uma orientadora. Sei que seremos parceiras mesmo depois da defesa desta tese.

Foi também no primeiro dia no Programa que conheci Silvana Gondim e Shirlei Tarzia, ambas orientadas da Ana e recém-ingressas no PPGE. De colegas de orientação, passamos a colegas de turma e a amigas. Tudo aconteceu de uma forma tão rápida e tranquila que o sentimento era de quem já se conhecia há muito tempo. Elas estiveram comigo em momentos cruciais e, juntas, nos acolhemos e nos fortalecemos. São amigas que ganhei para a vida toda.

Nas disciplinas e nos seminários de pesquisa ampliei as relações de afeto com pessoas que só estão na minha vida graças à UNINOVE, espero não esquecer ninguém: Célia, Cristiano, Elaine Carla, Fernando, Franz, Germano (*in memoriam*), Joel, Márcia, Paula, Paulo Duek, Renato Espadaro, Risonete e Silvana Garcia.

A viagem à Colômbia e a participação no *XI Encuentro Internacional del Foro Paulo Freire* foi um acontecimento particularmente importante para a minha formação. Conhecer a Ilze (*in memoriam*) e o ensino humanizado com refugiados na Alemanha me trouxe alento e esperança.

Outras colegas também se tornaram amigas. Com a Daniela Pinheiro partilhei passeatas, parada da diversidade, passeios culturais e tantos outros momentos inesquecíveis. A Beatriz, e a filhota Kimi, nos levaram numa viagem de São Paulo a Paraty, nos mostrando as praias paulistas e as belezas que existem por lá.

A jornada do doutorado trouxe uma grande contribuição à minha formação acadêmica e ao meu modo de ver o mundo. Além da orientadora, os professores José Eustáquio Romão, Jason Mafra e Maurício Silva foram fundamentais nessa caminhada. O respeito e o acolhimento com que fui tratada dispensam maiores comentários.

Retornando aos sentimentos em relação ao afastamento de casa, recordo que passados três meses de aula, voltei para a terrinha e fui ter com os meus. Apesar de nunca ter ficado um dia sem falar com meus filhos, especialmente com Carol, e de manter contato regular com meus pais, estar em casa me fez perceber a saudade que senti deles(as). Estava tão mergulhada na nova vida que não tive tempo de perceber a falta que eles(as) me faziam. Ao mesmo tempo,

experimentei uma sensação de estranhamento da minha casa. Isso durou poucos dias, mas mexeu comigo. Cheguei reclamando que as coisas não se encontravam como as deixei – limpas e arrumadas – e meu filho disse: “Mãe, a senhora foi morar fora e nós ficamos aqui e estamos nos virando bem.” Me dei conta de que não era mais a dona daquele lugar – por enquanto.

O primeiro ano foi de idas e vindas trimestrais, com férias no Crato ou em viagem com meus filhos e pais. Os quatro estavam bem e eu também fiquei bem. Meus filhos pareciam estar gostando da liberdade que morar “sozinhos” possibilitou. Aproveitei o que pude de São Paulo – museus, teatros, parques, shows, livrarias, exposições, centro histórico, cafés, festas populares e bares interessantes. Estive aqui durante a Copa do Mundo e pude andar por ruas vazias, durante um dia de semana à tarde, o que me proporcionou uma sensação de liberdade e de encontro comigo mesma. Tudo que eu via, queria contar e mostrar ao meu quarteto⁵.

Foi por isso que em agosto de 2018 trouxe Léo para ficar uns dias comigo. A ideia era seduzi-lo com a cidade para que abrisse suas possibilidades para o mestrado. O plano deu certo e, neste momento, ele está aprovado na seleção da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Sinto que terá mais chances de crescimento intelectual e de conhecer pessoas com quem possa trocar experiências. Isso será fundamental para as profissões que escolheu: pesquisador, docente e escritor.

Os momentos com Carol aconteceram no início de 2019, quando aproveitamos o carnaval paulistano e passeamos por espaços lindos desta cidade. Apesar da alegria desse encontro, comecei a me preocupar porque percebi que algo não estava bem. Ela sentia mais necessidade da minha presença física, além de demonstrar mal-estar recorrente. Ficamos muito juntas e a despedida foi difícil. Já tinha sido difícil a volta para São Paulo no início das aulas, neste mesmo ano. A impressão que ficou foi que meus filhos tinham se cansado da liberdade que morar longe da mãe proporciona. Da minha parte, a saudade e a preocupação com eles começaram a pesar. Compreendi que não importa onde eu esteja e a distância que nos separe, minha mente e meu coração estarão sempre com eles.

Em 2019 saí do apartamento do Tatuapé e fui morar num local em que eu tivesse um quarto só para mim. Precisava de espaço para espalhar meus livros, colar anotações nas paredes e ter uma rotina de estudo em que pudesse ficar só durante as noites e madrugadas, que são os horários de maior produção para mim. Inicialmente morei numa espécie de república, onde conheci as futuras colegas de apartamento, com quem fui morar menos de dois meses depois. Iza e Haila foram companheiras nesse novo momento. Vivenciamos momentos de atritos,

⁵ Léo, Carol, Aldonso e Terezinha.

próprios da convivência, mas, também, tivemos muitas alegrias e desenvolvemos laços de amizade e companheirismo. Aprendi muito com elas.

Nesse prédio também fiz amizade com Gabi, Ester, Leandra, Dona Zélia, Denise e Sr. Manoel. Vi o Teatro Brigadeiro – morávamos em cima dele – transformar-se em Teatro Nissi. Na movimentação da Brigadeiro ganhei as visitas diárias de maritacas e sanhaços que vinham em busca do alpiste e das frutas que minha janela ofertava. Meu quarto transformou-se num jardim com uma parede amarela para lembrar os ipês que florescem no Cratinho de açúcar – minha terra. Também fazia parte da decoração as fotos da família e dxs amigxs cearenses e paulistas. Acordar e vê-los me transportava para momentos e experiências boas, que me lembravam do quanto amo e sou amada.

Apesar da mudança de moradia ter sido boa, 2019 foi um ano muito difícil em termos de saúde emocional. A situação política que passamos a vivenciar com a eleição de Bolsonaro para a presidência do Brasil representou um duro golpe para todxs que acreditam que é possível construir uma nação menos desigual. Em que as pessoas sejam respeitadas independente da classe social a qual pertence, da sua raça, etnia, gênero ou orientação sexual. Os ataques que começamos a sofrer, e que já haviam sido iniciados durante o processo eleitoral em 2018, deixaram marcas e promoveram rupturas. Afastei-me de pessoas amadas da minha família. Doía demais saber que elas tinham contribuído para que um ser tão desprezível fosse eleito o representante maior do nosso país. Ao mesmo tempo, fortaleci amizades com militantes e simpatizantes do movimento de esquerda na política, de quem me aproximei no final de 2018. Com essas pessoas partilhei revolta e tristeza. Sentimentos que motivaram a participação em manifestações e eventos em defesa da educação, da vida e da equidade social.

Ainda em 2019 minha filha adoeceu e precisou de maior atenção. Por um período consegui dar o suporte à distância, mas a situação se agravou e, no segundo semestre, ela entrou de licença médica e veio ficar comigo. A depressão nos pegou de forma violenta. Foram momentos muito difíceis em que precisamos da ajuda de profissionais. Carol encontrou em Cimara o apoio e a disponibilidade essenciais ao seu tratamento. Eu tive Durvalina e depois, de volta ao Crato, Ana Cristina. O psiquiatra Marcial também foi fundamental para mim e para Carol. Porque essa doença afeta toda a família.

Em 2020, a pandemia de Covid-19 chegou e pôs à prova nossa capacidade de adaptação e resiliência. Foi o ano mais difícil da minha vida. Por vezes olho para trás e não consigo acreditar que sobrevivi. Em vários momentos pensei que não aguentaria toda a dor, a angústia e o medo. Felizmente, estava no meu lugar no mundo e amparada por meus pais, filhos e amigxs. Fiz questão de deixar esse registro aqui para contribuir com o fim do estigma social

que quem é acometido por doenças emocionais recebe. Ainda não vencemos essa guerra, mas vencemos muitas etapas e hoje estamos lidando de uma forma melhor com tudo que isso representa. Temos dias muito ruins e outros espetaculares. E é assim que a vida é.

1 INTRODUÇÃO

Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.

Clarice Lispector

A minha trajetória, enquanto pesquisadora, começou com estudos sobre Avaliação Institucional (AI). A princípio na condição de bolsista de Iniciação Científica (IC)⁶, seguidos pela monografia de especialização⁷ e pela pesquisa de mestrado⁸.

Esses estudos em AI, especialmente sustentados na ideia de construção de escolas reflexivas (FREITAS et al, 2014) e no paradigma da avaliação emancipatória (SAUL, 2010), indicavam a possibilidade dessa atividade contribuir com o desenvolvimento de uma autonomia institucional, possibilitando que a comunidade acadêmica indicasse os problemas a serem sanados nas instituições. Foi com esse intuito que assumi a presidência da Comissão Própria de Avaliação (CPA)⁹ numa faculdade particular, de 2009 a 2013. E, em 2014, após a contratação enquanto professora efetiva, presidi a comissão de avaliação na Universidade Regional do Cariri (URCA).

Ao contrário do que sinalizavam os estudos teóricos, as experiências práticas foram frustrantes, uma vez que não havia uma intenção genuína do núcleo gestor, tanto da Instituição de Ensino Superior (IES) privada quanto da pública, em permitir que a CPA fosse autônoma e revelasse a situação real das instituições. Ao contrário, os trabalhos da comissão de avaliação sofreram, senão interferência direta, pressões indiretas por parte de suas administrações. Isso

⁶ A pesquisa *Avaliação Institucional nas escolas públicas municipais de Crato-CE* contou com financiamento da Fundação Cearense de Amparo à Pesquisa – FUNCAP, e seus resultados indicaram limitações ao exercício de práticas autônomas de autoavaliação nas escolas, sendo os principais motivos: a concorrência dessa atividade com as que chegavam como demanda da Secretaria de Educação e o despreparo e desinteresse dos professores(as) e das famílias para com a iniciativa.

⁷ A monografia *Percursos do labirinto: avaliação institucional na URCA* foi defendida em 2005. Os relatos e documentos analisados sinalizam que, apesar de várias tentativas, a Universidade não tinha conseguido realizar uma ação sistematizada de autoavaliação, o que só ocorreu em 2014.

⁸ Na dissertação *A consciência de Sísifo: trajetórias da Avaliação Institucional na UFC*, defendida em 2007, realizei um apanhado histórico da avaliação institucional na Universidade Federal do Ceará e acompanhei a implementação da sua primeira Comissão Própria de Avaliação. Concluí que as atividades de autoavaliação estavam sendo bem acolhidas pela comunidade acadêmica.

⁹ O Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior (SINAES), instituído por meio da Lei 10.861 de 2004, determinou que todas as IES ligadas ao Sistema Federal de Ensino criassem a CPA, formada por representantes de discentes, docentes, técnicos-administrativos e sociedade civil organizada, para conduzir os trabalhos de avaliação interna das Instituições.

ocorre em virtude de ser a lógica da competição, por meio do *ranqueamento* e do princípio da meritocracia, que rege o Estado avaliador¹⁰, punindo os que tem resultados negativos e premiando os que logram resultados positivos, como se estes fossem de responsabilidade exclusiva da gestão e não de um conjunto de fatores de ordem material e imaterial que compõem a complexidade de uma IES. Essa constatação, de que a autoavaliação no ensino superior está atrelada a questões burocráticas que engessam a possibilidade de desenvolvimento de uma avaliação emancipatória nos moldes propostos por Saul (2010), contribuiu para que eu me afastasse dessa área de estudo.

A partir de 2013, a minha atuação em sala de aula e na coordenação do Curso de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR)¹¹, o envolvimento com a organização de eventos sobre educação e a participação nas discussões para redefinição do Projeto Pedagógico do curso de Pedagogia da URCA despertaram o desejo de investigar a formação de professores(as) não somente sob o prisma das políticas públicas, mas, principalmente, destacando os aspectos subjetivos dos indivíduos em formação.

Nesse contexto, a participação na organização do *Artefatos da cultura negra*¹² assumiu uma importância singular, uma vez que este evento destaca as histórias de vida de educandos(as) e educadores(as), marginalizados(as) em virtude do racismo, como possibilidade de compreender as significações da educação na vida desses sujeitos, apontando para uma nova perspectiva de pesquisas sobre a formação de professores(as).

A minha ligação com o PARFOR se iniciou no ano de 2011, ministrando aulas nos municípios cearenses de Brejo Santo, Icó e Campos Sales. Ante as condições objetivas de

¹⁰ Por *estado avaliador* compreendemos o movimento que o estado tem feito, especialmente a partir da década de 1990, para supervisionar e regular a educação por meio da avaliação de redes e dos sistemas de avaliação nacional para educação básica e ensino superior, sob o pretexto de melhorar a qualidade da educação. Quando, em realidade, assume pressupostos de mercado como: competitividade, meritocracia e produtivismo. (AFONSO, 2013).

¹¹ O PARFOR foi proposto como integrante da Política Nacional de Formação dos Profissionais do Magistério da Educação Básica, oficializada por meio do Decreto nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009, e modificado, em 09 de maio de 2016, pelo Decreto nº 8.752. Em 18 de outubro de 2017, foi substituído pelo Programa de Formação Inicial e Continuada para Professores da Educação Básica (PROFIC). A maior parte das mudanças ocorridas centram-se no repasse do financiamento. Mesmo sendo o PROFIC a política vigente atualmente, optamos por manter a nomenclatura PARFOR, em virtude da consolidação e reconhecimento que esse termo tem junto à comunidade acadêmica, bem como por termos estudado uma turma que fez parte do Programa nos moldes iniciais da proposta.

¹² O Seminário Artefatos da Cultura Negra tem como proposta fundamental instrumentalizar os profissionais da Educação Básica para o trabalho com a temática da diversidade étnico-racial, com foco no ensino da história e cultura africana e afro-brasileira. O evento é uma iniciativa do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Universidade Federal do Ceará; da Universidade Regional do Cariri; do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará e da Universidade Federal do Cariri. Ele acontece anualmente está na sua VIII edição.

trabalho foi preciso me reinventar enquanto docente do ensino superior. Identifiquei, entre outras limitações, a dificuldade em leitura e escrita das discentes-docentes¹³, a ausência de tempo fora dos horários de aula dedicado aos estudos e a concorrência entre as muitas atividades da profissão, as demandas do curso e da vida familiar. Em nossos encontros, adaptei as atividades tanto para a produção escrita individual, quanto para o estudo em grupo. O diálogo foi vital porque elas tinham muito a dizer da realidade das escolas em que trabalhavam. Suas experiências e dúvidas, muitas vezes, foram os eixos norteadores das aulas. O que me permite afirmar que o Programa, apesar de pensado para formação inicial, por atender a profissionais em serviço, toma feições de formação continuada.

Em 2014, conforme já anunciado, assumi a coordenação de quatro turmas¹⁴ de Pedagogia-PARFOR que estavam sendo criadas, o que me possibilitou conhecer os aspectos gerenciais e operacionais do Programa que se centram na exigência de profissionalização das professoras, visando a melhoria na qualidade da educação. Não seria absurdo pensar que essa proposta se inspira no entendimento de que a escolarização é capaz de resolver as mazelas da sociedade, como se estas fossem de responsabilidade individual e de fundo pedagógico. Pensamento que encontra abrigo nas teorias não-críticas da educação que percebem a escola como redentora da humanidade (SAVIANI, 2017).

A Proposta camufla, entretanto, o caráter político destes problemas em consequência das desigualdades sociais, numa tentativa de padronizar a formação docente para replicar, sobretudo nas escolas, os conhecimentos, valores e atitudes que mantêm o sistema desigual e desumano em que vivemos, tal como denunciaram as teorias crítico-reprodutivistas classificadas por Saviani (2017). Além disso, atribui aos(às) mestres(as) a responsabilidade pela não aprendizagem dos(das) seus(suas) alunos(as) e a consequente impossibilidade de transformações sociais.

Numa visão dialética da realidade, e amparada nos pressupostos de uma educação libertadora (FREIRE, 2011), entendo que a ação educativa pode desenvolver, apesar de todos esses condicionantes, mudanças na vida de discentes, docentes e na própria educação, como pude perceber observando a trajetória das alunas-professoras que ao ingressar no PARFOR se mostravam inseguras e com baixa autoestima e, aos poucos, ganharam confiança, empoderando-se de um saber que vai além dos conteúdos curriculares. Um saber de saber-se

¹³ As terminologias educandas-educadoras, estudantes-professoras, discentes-docentes ou alunas-professoras são assumidas porque o Programa se destina à formação em serviço. Elas são, pois, estudantes do ensino superior e professoras da educação básica.

¹⁴ Duas turmas em Juazeiro do Norte, uma em Assaré e uma em Saboeiro.

capaz de vencer obstáculos, de sonhar com o que antes nem sabia existir¹⁵. Se a princípio apresentavam as situações vivenciadas nas escolas como imutáveis, aos poucos começaram a perceber o que de injusto existia nelas e a propor mudanças. Acompanhar de perto esse percurso fez nascer o interesse em conhecer a história de cada uma dessas mulheres.

O curso de pedagogia, na URCA, baseia-se na visão freiriana que: i) entende os indivíduos como seres inacabados e em permanente construção; ii) busca uma educação libertadora que ajude os educandos a tomar consciência das verdadeiras razões da crise do capital, das desigualdades sociais e das injustiças e iii) se ampara na solidariedade e na união dos(as) oprimidos(as).

Essa educação exige reflexão dos sujeitos sobre suas condições de existência, sua forma de estar no mundo, sobre si e sobre a relação que estabelecem com os outros. Nesse sentido, Suaréz (2016) apresenta os relatos de experiência de professores(as), por meio da autobiografia, como possibilidade de desenvolver relações horizontais, não hierarquizadas, entre pesquisador(a) e sujeitos do estudo, conformando o que ele nomeia de investigação-formação-ação participativa. Em sua proposta, os processos de produção do conhecimento devem ser participativos e culminar com a documentação da narrativa docente, permitindo que ele(a) investigue a sua própria ação, fortalecendo a sua formação, bem como a sua atuação. Essa tomada de consciência é, para Freire (2011), condição *sine qua non* para o desenvolvimento de uma educação emancipatória, que se faz por aqueles(as) que estão imersos na realidade, cabendo a eles(as) o papel de analisar a sua existência, para dela tomar consciência.

Compreendo que o ato de realizar uma pesquisa que tem como cerne as mudanças geradas na vida das estudantes-professoras do curso de Pedagogia do PARFOR se insere no campo da ação emancipatória. Tal investigação permite, aos sujeitos, expor o que consideram importante em suas vidas, indicando como se veem e como se colocam no mundo, ou, como nos diz Freire, como estão no mundo e com o mundo.

Numa investigação que se proponha a desenvolver conhecimentos com os outros, e não sobre eles (FREIRE, 2011), criar as condições para que as pessoas se percebam é fundamental. Daí a escolha da autobiografia. Ela exige uma autorreflexão, uma análise de si e do mundo, das condições que foram vivenciadas e das ações tomadas para superá-las. A perspectiva autobiográfica nos possibilita compreender o fenômeno educacional sob a ótica das

¹⁵ No primeiro semestre era comum o testemunho de que estavam muito felizes porque não acreditavam que um dia iriam cursar uma faculdade. Nos últimos semestres, o sonho já era por um mestrado.

estudantes-professoras do PARFOR. Partindo da compreensão de que são elas, e apenas elas, que podem indicar o que dá significado à sua existência, uma vez que cada indivíduo, na sua singularidade, tem uma percepção diferente sobre o mesmo fenômeno vivenciado e sobre os impactos dele em suas vidas, considerando que cada um percorreu uma trajetória diferenciada.

Além disso, os conhecimentos advindos de uma atividade formativa não são exclusivamente atributos do curso, mas das relações que se estabeleceram entre os sujeitos e as situações de aprendizagem que extrapolam o ambiente formal de ensino. Daí porque compreender como as estudantes-professoras se veem, que valor atribuem ao que vivenciaram e ao que sentiram, é indispensável para nos aproximarmos da compreensão sobre o agir delas no mundo.

Nesse ponto, o papel das emoções se destaca, considerando que a narrativa autobiográfica é permeada de sentimentos que são desencadeadores da ação. Segundo Gonsalves e Souza (2015, p.89), “a ciência demonstrou que o ser humano é movido pela emoção em tempo integral. Qualquer que seja a sua ação, ela é precedida da emocionalidade, que lhe dá o ‘tom’”. Daí porque as frustrações, as alegrias, as coragens e os medos são essenciais para se reinventar em direção ao desconhecido.

A educação, como prática de relações, recebe influência direta dessas emoções. A esse respeito, Domingo (2016) também evoca as pesquisas com narrativas docentes, enaltecendo esses estudos como possibilidade de compreensão ampla do fenômeno educacional, com olhar sensível para novos sentidos e ações, novas possibilidades de ressignificação da docência, num estar atento ao que acontece, também, em relação à sintonia entre professores(as) e alunos(as). O autor chama a atenção para a importância de olhar o(a) outro(a) como sujeito da relação e compreender os acontecimentos a partir de pontos de vista diversos, mantendo um cuidado com si e com aqueles(as) com quem nos relacionamos no trabalho educacional.

Na condição de seres inacabados (FREIRE, 2003), assumimos que nos encontramos em constante processo de formação e que ele acontece em diferentes espaços e tempos. Entretanto, é na escola que vivenciamos uma experiência diferenciada, a partir de uma educação formal fundamentada e organizada para fins específicos da sociedade. É nessa instituição que, por excelência, são socializados saberes que ultrapassam a dimensão do senso comum e alcançam o conhecimento sistematizado pela humanidade ao longo de sua história. Um saber que vence fronteiras e se constitui como elemento primordial para compreensão e manutenção da vida moderna.

Assim, partindo do pressuposto de que a escola é um lugar de memória, defendemos que a história dos indivíduos nos ajuda a perceber os condicionantes sociais e a história da

coletividade. Dito isto, a pesquisa desenvolvida dá conta de uma experiência de formação de professores(as) em particular – o curso de pedagogia PARFOR/URCA. O que nos interessa é entender os significados que as alunas-professoras atribuem a ela, compreendendo o curso de Pedagogia/PARFOR como parte da história de vida delas. Também acreditamos que, a partir das narrativas escritas das autoras, é possível perceber aspectos da educação na realidade em que vivem e projetá-los para realidades semelhantes.

Para tanto, as questões norteadoras da pesquisa são: Em que medida as experiências formativas proporcionadas pelo curso de Pedagogia/PARFOR/URCA, no conjunto das relações vivenciadas, favoreceram transformações nas formas de agir e perceber o mundo por parte das alunas-professoras? Qual a percepção que elas têm sobre a influência dessa formação nos saberes, sentimentos e ações da sua prática docente? Que experiências foram mais significativas para a mudança em sua compreensão do mundo e das relações? Em que medida as experiências provenientes da formação recebida influenciaram sua ação docente e sua compreensão das questões pedagógicas?

É importante destacar que memória é o eixo central dessa tese e encontra na escola o lugar por excelência da sua manifestação. Uma vez que a memória carece de suporte para se expressar, a escola é defendida neste trabalho como um espaço (lugar) de memória, por ativar as recordações que irão compor a escrita das alunas-professoras. E o curso de pedagogia PARFOR/URCA é compreendido enquanto experiência de memória. É ele que une todas as vidas que essa investigação contempla, em razão de que, em determinado momento, todas elas foram atravessadas por esse curso. Compreendemos que os registros escritos têm especificidades pela possibilidade de serem reelaborados diversas vezes até chegar a sua versão final. E é essa escrita que se constitui como a forma de expressão do pensamento que investigamos.

Em tempos de desvalorização da educação e do saber científico, compreender o significado que um curso de formação de professores em nível superior tem para mulheres de uma cidade agrícola, do interior do Ceará, é fundamental na luta incansável por melhorias na formação humana da nossa sociedade.

Os objetivos definidos para o estudo dão conta de um saber a ser conhecido a partir dos registros memorialísticos das educandas-educadoras do PARFOR/URCA, que são também sujeitos dessa investigação. A abordagem metodológica privilegiada nesta tese é a da história de vida. Esta opção é coerente com a intenção de trabalhar com a autobiografia. Vale destacar que não nos interessa identificar se o que nos contam as alunas-professoras aconteceu tal e qual nos é narrado, posto que ao escrever elas elaboraram e reelaboraram compreensões sobre suas

recordações, estabelecendo relação entre sentimentos e ações. Contudo, nos centraremos no que as autoras¹⁶ percebem e sentem sobre seu passado e, mais ainda, nos significados que atribuem a ele.

Conforme referido em momento anterior, os cursos de Pedagogia/PARFOR coordenados pela URCA aconteceram em cidades do interior do Ceará, mais especificamente no sul do Estado. Na coordenação de área, acompanhamos aulas em Assaré, Juazeiro do Norte, Porteiras e Saboeiro. As visitas realizadas variavam entre mensais e bimestrais, quando procurávamos sanar algum problema esporádico, bem como ouvir as demandas das estudantes-professoras. Para além disso, o *email* e os grupos de *WhatsApp* eram ferramentas que nos mantinham conectadas. Nos finais de semana em que a visita não acontecia, entrávamos em contato por mensagens, chamadas ou videochamadas. Nos horários das aulas, e mesmo fora deles, estávamos sempre disponíveis para atender as estudantes-professoras porque, para algumas, era apenas durante as aulas que tinham acesso à *internet*.

Cada uma das turmas tem uma particularidade, melhor dizendo, uma identidade. A ideia inicial desse trabalho de tese era entrevistar duas estudantes-professoras de cada uma das turmas em funcionamento, por acharmos que assim seria possível diversificar os sujeitos e ampliar as perspectivas. Em virtude do indispensável isolamento social advindo da pandemia de COVID-19, que teve seu início coincidindo com o período de coleta de dados¹⁷, foi preciso procurar alternativas para a coleta de dados. Nesse contexto, recorrer aos memoriais que se encontravam no interior dos trabalhos monográficos se mostrou a estratégia mais adequada para compreender a história de vida das mulheres que formam essa pesquisa.

Iniciamos a leitura desses textos com amostras aleatórias das turmas: um de cada uma. Já nesse primeiro momento compreendemos que seria necessário um conhecimento da realidade das memorialistas para contextualizarmos o estar delas no mundo e, com isso, dar conta dos objetivos propostos para a investigação. Por esta razão, decidimos por nos concentrarmos em apenas uma turma e entendemos que esta precisava ser escolhida a partir de critérios que contribuíssem com a pesquisa.

Considerando que nos interessava compreender as mudanças que o PARFOR poderia provocar na vida das suas estudantes-professoras, escolhemos a turma localizada no município em que essa formação pudesse causar maior impacto. Dito de outra forma, o que mais precisasse

¹⁶ Por vezes vamos nos referir às alunas-professores por autoras, considerando que foram elas que escreveram as memórias publicadas em suas monografias e analisados nessa tese.

¹⁷ A realização das entrevistas estava prevista para os meses de abril, maio e junho de 2020.

desse curso para a formação de seus(suas) professores(as). O critério inicial foi a distância do município em relação às cidades que ofereciam cursos de nível superior, no caso, a distância do Crato, onde o curso de Pedagogia da URCA funciona. Saboeiro é a cidade mais distante, localizada a cerca de 150 km da sede da Universidade. O transporte público que faz o trajeto é restrito a vans com capacidade de conduzir, no máximo, 14 pessoas sentadas.

A cidade está instalada na microrregião do Sertão dos Inhamuns, com um clima tropical quente semiárido, chuvas concentradas de janeiro a abril e pluviometria de 687mm. A vegetação é predominantemente de caatinga e a economia agrícola com produção de algodão, arroz, milho e feijão. As chuvas escassas são limitadoras da economia que tem sua base na agricultura. A ausência de entroncamento de rodovias também dificulta o seu desenvolvimento.

Além da localização, recorremos a indicadores para comparar os municípios com turmas de Pedagogia/PARFOR, quais sejam: Número de habitantes (15.819 habitantes – IBGE/2019), Densidade demográfica¹⁸, Produto Interno Bruto (PIB)¹⁹, Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM)²⁰ e Índice de Desenvolvimento Municipal (IDM)²¹. Todos os números apontaram Saboeiro como a cidade que, dentre as que estavam sendo analisadas, tinha uma condição de vida mais precária para a população pobre e, conseqüentemente, para as estudantes-professoras.

Realizado o estudo desses dados, concluímos que a turma de Saboeiro seria a mais adequada a nossos propósitos. Além disso, por tratar-se de registros escritos com cerca de 10 páginas cada, optamos por contemplar os memoriais de todas as estudantes-professoras, sendo 17 ao todo. Deixamos de fora o memorial do único estudante-professor²², por uma questão metodológica de ajuste da escrita. Se tivéssemos incluído o memorial dele, no texto da tese, deveríamos fazer referência sempre aos dois gêneros, o que poderia dificultar o entendimento do leitor. Além disso, apesar de ser extremamente rico, suas memórias se assemelham às das memorialistas. Assim, mesmo sem estar no corpo desta tese, as experiências vividas por ele estão contempladas nos relatos que incluímos.

¹⁸ Segundo dados do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) de 2019 (CEARÁ, 2019a), sua densidade demográfica era de 11,43 hab/m². Com isso, ocupa a 178ª posição dentre os 184 municípios cearenses.

¹⁹ PIB (IBGE/2008) R\$ 42.855,105 mil.

²⁰ O IDHM de Saboeiro em 2010, segundo o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, era de 0,575. Os valores entre 0,500 e 0,599 são considerados baixos por essa organização.

²¹ Com o IDM de 13,59, em 2017, ocupava a 169ª posição dentre os 183 municípios do Estado. (CEARÁ, 2019)

²² O memorial de Antônio Evandro Coelho encontra-se nos anexos dessa tese.

A sistematização, em um só texto, das memórias escritas de 17 pessoas foi uma tarefa complexa. Foram realizadas várias leituras e releituras do material porque aquilo que, num primeiro momento, mostrou-se muito significativo, em outros não nos pareceu merecer maior atenção. O contrário também foi observado e informações que não foram consideradas importantes num primeiro momento, assumiram o protagonismo em outros. Um artifício que utilizamos para dinamizar a percepção foi a modificação constante da ordem de leitura dos memoriais. Eles foram numerados e sempre eram “embaralhados” antes de uma nova exploração.

Entre idas e vindas nessas leituras, pegamos caminhos e, por vezes, precisamos retornar e tomar outros. Isso aconteceu algumas vezes como, por exemplo, depois da primeira iniciativa de agrupar as experiências das estudantes-professoras. Foram dias buscando, nos memoriais, palavras-chave que representassem as vivências, situações e conhecimentos que experienciaram. Além de grifos e destaques nos textos delas, levamos esses termos para uma planilha do *excell*. A intenção era orientar a escrita da tese. Entretanto, essa estratégia se mostrou ineficiente porque nos conduziu para uma produção nossa sobre elas, ou seja, uma interpretação do que elas disseram, quando o que buscávamos era uma escrita delas sobre elas.

Contudo, foram realizadas novas leituras e categorizações, com as ideias centrais destacadas para, no conjunto de todos os memoriais, perceber os encontros e desencontros nas vidas das memorialistas. Assim, a opção seguinte foi imprimi-los, destacar a ideia central de cada parágrafo e juntar, sob um mesmo “título”, os trechos pertinentes. Com isso, o agrupamento deixou de ser das palavras-chave que conformariam nossa escrita, para se tornar a escrita delas contando a história do grupo. Dando seguimento, retomamos os textos agrupados e passamos à seleção dos excertos que iriam compor a tese. Essa foi uma tarefa importante porque significava escolher as falas que representariam o grupo. Optamos por aquelas que continham mais elementos que detalhassem as vivências coletivas. Ainda tomamos o cuidado de garantir que todos os memoriais fossem contemplados na tese da forma mais equânime possível.

Cada vez foi ficando mais evidente que estávamos, em verdade, realizando um registro do percurso feito pelas memorialistas, do nascimento até a elaboração do trabalho monográfico, na conclusão do curso superior. Nesse sentindo, a analogia com a ideia de travessia se impôs. Derivam daí os títulos escolhidos para as partes que compõem o texto final desta tese que estão organizadas em três capítulos, além da introdução e das considerações finais.

No primeiro deles, apresentamos o referencial teórico, representando o “lugar” de onde partimos. Por esta razão, recebeu o nome de *Premissas de um caminho*. Nele, exploramos a

categoria central do nosso estudo: a memória. O capítulo conta com seis subdivisões que servem para organizar didaticamente as informações, nunca para compartimentalizar o conhecimento. Por diversas vezes, conceitos e elaborações são retomadas ao longo do texto, conformando um todo cujas partes se entrelaçam numa costura de formas variadas.

Iniciamos com os *Olhares multi e interdisciplinares da memória*, num apanhado das áreas às quais recorreremos – neurociência, psicologia, história, antropologia, sociologia, ciências sociais, educação – seguido pelo resumo de obras que representam, no nosso instrumental teórico, essas áreas. A intenção foi evidenciar que não ficamos restritos a fontes científicas para discutir memória. Em vez disso, ampliamos nossas possibilidades com a inclusão da filosofia e da literatura, sem o privilégio de uma sobre as outras.

De Platão vêm as ideias sobre a imortalidade, com a proposição de um ser conformado por corpo e alma. Maurice Halbwachs, por sua vez, contribui para o entendimento do contexto social na construção da memória, ideia reforçada por Simone de Beauvoir com a análise sobre o tratamento que diferentes civilizações deram aos seus velhos e velhas. Jacques Le Goff e Pierre Nora vêm dos estudos historiográficos para ampliar o nosso leque de significados. Do primeiro, trazemos as contribuições da memória para a constituição da história enquanto ciência. Do segundo, a argumentação acerca dos lugares de memória, em consonância com os pressupostos da História Nova.

A literatura é representada, a princípio, por Jorge Luis Borges, que aponta a influência das emoções na conformação de lembranças e esquecimentos. É nesse mesmo sentido que a poesia de Marco Lucchesi se insere e traz sensibilidade e beleza a este trabalho. Ainda temos as contribuições de José Eduardo Agualusa, com a intervenção do tempo-memória na história de vida de suas personagens, e de Primo Levi, com reflexões sobre a condição humana a partir da vivência em campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial.

Em *Tempo-memória*, a tese é a de que não é possível compreendermos a memória dissociada do tempo. Para tanto, iniciamos visitando os pressupostos dos mitos escatológicos da Grécia Arcaica, depois as concepções de tempo cíclico da filosofia da antiguidade clássica, a ideia de duração e o tempo subjetivo, ou qualitativo, da modernidade. A teoria da reminiscência e da imortalidade da alma também são discutidas, tanto quanto a proposição de que a memória seja uma representação inequívoca do passado.

Os conceitos e definições de memória são apresentados em *De volta ao passado*, a partir da literatura, da filosofia, da psicologia e da sociologia. Sua caracterização enquanto hábito e enquanto lembrança é seguida pela discussão sobre a influência que exerce no processo de aprendizagem, seja como componente intrínseco desse movimento ou pela vertente da

repetição recorrente, num dualismo que envolve o aprendido e o decorado. Abordamos, também, a influência da memória na construção da identidade tanto individual, quanto coletiva.

Na seção *Lembranças e esquecimentos*, direcionamos nosso olhar à compreensão sobre os elementos que contribuem para a produção da memória, e nos deparamos com suas dimensões cognitiva e afetiva. Ademais, recorreremos ao debate a respeito da influência do grupo na construção das lembranças e dos esquecimentos, adentrando no conhecimento acerca da memória coletiva. Essa discussão é retomada no início de *Trajetórias da memória*, com os mitos sobre a origem dos grupos que se esforçam na pretensão de uma identidade coletiva. A seguir, vimos o papel dos homens-memória e das genealogias revelando a faceta do poder que transforma memória em mecanismo de dominação. Explicitamos, ainda, o impacto da escrita sobre as formas como as lembranças, reais ou inventadas, são perpetuadas. Daí derivando para influência da escrita, dos computadores e da inteligência artificial na nossa construção da memória.

A temática do poder retorna a este trabalho em *Memória e História*, quando exploramos a historiografia e os aspectos objetivo e ideológico dessa ciência. Identificamos que, por muito tempo, a História esteve restrita a documentos oficiais e, por isso mesmo, concentrou-se nas versões dos grupos que dominavam as suas formas de registro, fossem elas escritas ou comemorativas. Com isso, a hegemonia de uma classe sobre as outras foi fortalecida e, apenas a partir das proposições da História Nova, a memória de comunidades menos favorecidas passou a ser reconhecida como fator importante para a construção do conjunto das histórias que contam a presença da humanidade na Terra.

Iniciamos o segundo capítulo – *Vidas particulares, caminhos coletivos* – com a defesa de uma pesquisa que se proponha a dar voz às *História de vida* das pessoas que vivem o cotidiano escolar. No caso em pauta, elas são discentes (do curso de Pedagogia/PARFOR) e docentes (na rede municipal de ensino), o que enriquece o olhar sobre o processo ensino-aprendizagem. Por isso, recorreremos aos estudos sobre as escritas de si: autobiografia, relatos de vida e histórias de vida; e encontramos a defesa de autores(as) que compreendem que escrever sobre si, para além do registro que promove, abre espaço para que os(as) escritores(as) analisem suas escolhas, limitações e potencialidades, desenvolvendo uma percepção crítica sobre as suas vidas.

Na seção *De onde parto é para onde volto*, agrupamos os relatos que dão conta das vivências da infância, das relações com a família e das aproximações do mundo escolar. É aqui que se encontra o contexto de onde vieram as memorialistas e para onde elas voltaram,

posteriormente, para atuar como docentes. As condições materiais da vida rural aparecem destacadas, tanto como o sonho com a educação e com uma vida melhor.

A seguir, nos concentramos em apresentar os fundamentos para a nossa compreensão da escola como lugar de memória. Para isso, discorreremos sobre como se constituíram as ideias de *Lugares de memória*. O conceito inicial é o de sociedade do arquivismo, seguido pelas concepções de museus como *lócus* de preservação da memória e da História. Entretanto, amparados na Nova História, a escola, por ser um espaço que perpetua, ao longo dos anos, relações interpessoais e das pessoas com o conhecimento, contempla os requisitos necessários para ser classificado como um lugar simbólico de memória. Essa é uma vertente que precisa ser explorada, para compreendermos as razões da perpetuação dos modos de fazer educação no interior das escolas, sejam elas de educação básica ou de ensino superior, bem como para apontarmos possibilidades de modificação dessa realidade.

Defendida a ideia da relação entre escola e memória, nos detivemos nos relatos que expõem a vivência escolar das discentes-docentes, desde a educação infantil até o ensino médio. *Caminhos da escola* é, pois, espaço de recordações da relação com os(as) docentes e colegas, do prédio, da merenda, das brincadeiras, dos conteúdos, das frustrações, do medo, da reprovação, das dificuldades para chegar e se manter na escola, tanto quanto das alegrias, conquistas e aprendizagens que esse lugar proporcionou.

Nas trilhas do vir-a-ser: memória e docência é o último capítulo e explicita a jornada do tornar-se professora. Inicia com a seção *De repente, professora!*, que nos mostra o contexto e as circunstâncias do ingresso delas na docência, as condições de trabalho que enfrentaram, as adversidades para ensinar, os medos e as angústias que vivenciaram, bem como os encontros, os conhecimentos e as alegrias desse ofício. Ou seja, a exemplo do que encontraram na escola enquanto discentes, elas retomam as memórias escolares, mas agora assumindo o papel de docentes. Esse tópico se encerra com o contato com as primeiras formações em serviço.

Finalizando o capítulo, trazemos o curso de pedagogia URCA/PARFOR como suporte para continuar o caminho da docência, o que justifica o título *Calçados novos*. Ele é inaugurado por uma breve explicação sobre a origem, os pressupostos e as regulamentações do Programa e, logo em seguida, voltamos para os relatos das discentes-docentes sobre sua experiência nessa formação. Os destaques ficam com a relação com os(as) professores(as) formadores(as)²³, o

²³ A expressão “professor(a) formador(a)” é a utilizada nos documentos oficiais do Programa, como forma de referir-se aos que irão ministrar as aulas neste curso de ensino superior. Diferente do que ocorre com a docência na educação infantil, no nível universitário a presença masculina é bem maior, mesmo nos cursos de Pedagogia. Por esta razão, utilizaremos os dois gêneros ao nos referirmos a esses profissionais.

currículo e as atividades acadêmicas. Também são evidenciados os obstáculos à formação e os conhecimentos e práticas que adquiram com o Curso.

Temos ciência que, por mais que tenhamos nos empenhado, essa tese sofre interferência do nosso olhar sobre as memórias das discentes-docentes do curso de pedagogia PARFOR/URCA e que outras organizações e formas de apresentá-las são possíveis. Por essa razão, os textos memorialísticos estão, na íntegra, nos anexos desse trabalho acadêmico. Para além dessa constatação, acreditamos que a organização que realizamos das memórias de 17 discentes-docentes do curso de pedagogia PARFOR/URCA alcançou o propósito de alargar a compreensão sobre a formação docente, visto que traz informações que só podem ser acessadas por meio da história de vida dos sujeitos dessa formação.

2 PREMISSAS DE UM CAMINHO

Primeiro, o viajante não sabe o que são falsas memórias. Tem-se memória de alguma coisa vista e fixada pelo cérebro. Pode ficar fora da consciência, pode resistir a esforços de recordação, mas no dia em que a imagem voltar a poder ser <<lida>>, vê-la-emos, com precisão maior ou menor, e o que estivermos vendo é o que vimos já. Toda a memória é verdadeira, nenhuma é falsa. Confundida poderá estar, será como um puzzle desmanchado, que, potencialmente, é reconstituível até ao último fragmento, à mais breve linha, ao mais apagado tom. Quando os homens forem capazes de percorrer todos os registros da memória e ordená-los, deixarão de falar de falsas memórias, embora seja bem possível que então se defendam dessa capacidade memorizante total, cultivando falsos esquecimentos.

José Saramago

O ser humano é, inegavelmente, temporal. É a consciência de tempo que alicerça o conceito de historicidade que, por sua vez, ancora-se nas questões da memória. Tempo e memória são, pois, categorias fundamentais para os estudos da educação. Em *Tempo-memória na educação*, Ana Maria Haddad Baptista (2016b) abraça esse posicionamento a partir do diálogo entre filosofia e educação. A filosofia como produtora de conceitos e a educação como espaço de aplicação dos mesmos. Para tanto, recorre a Gilles Deleuze e Paulo Freire.

Em Deleuze temos o conceito de duração, considerando as variáveis: tempo, movimento e percepção, que, juntas, permitem fundar a ideia de temporalidades subjetivas. Nesses termos, Baptista (2016b) nos convida a conceber o ato educativo enquanto *encontro das temporalidades* de educadores(as) e educandos(as). Contudo, se admitirmos o conhecimento como caminho, professor(a) e estudante encontram-se em posições, ou “tempos”, diferentes nessa jornada, carecendo acertar o passo para caminharem juntos. O que implica afirmar que será necessário que o(a) docente, por vezes, espere, indique percursos e auxilie os(as) discentes na superação dos obstáculos.

Freire defende essa perspectiva com a proposição do conhecimento como vivência acumulada ao longo do tempo ou, nas palavras de Baptista (2016b) “bagagem de vida”, memórias. A consciência da finitude humana aparece como um dos pilares para entender a historicidade nos estudos freirianos, o que nos leva de volta ao tempo. Tempo e memória, mais

uma vez, juntos, e iluminando o pensamento e a prática educacional. A historicidade²⁴ apregoada pelo educador pernambucano une-se à proposta de aprendizagem dos conteúdos escolares por meio do reconhecimento e da valorização dos conhecimentos prévios (conhecimento de mundo) dos(as) estudantes – que também podem ser entendidos por memória, no sentido daquilo que já possuímos, em vez daquilo que decoramos, como propõe a *educação bancária*. Essa é uma ressalva importante, em particular para as pesquisas em educação. É com essa compreensão que trazemos a memória para a centralidade desta tese.

2.1 OLHARES MULTI E INTERDISCIPLINARES DA MEMÓRIA

Lembrança e esquecimento compõem a memória e são essenciais à vida humana. Dito isto, é preciso saber que tanto o esquecimento total, quanto a hipotética lembrança de tudo, ou seja, o não esquecimento, são prejudiciais. O mal de *Alzheimer* é um exemplo de doença neurodegenerativa que atua progressivamente sobre os indivíduos, deteriorando seu desenvolvimento cognitivo e sua memória, além de uma variedade de outros sintomas que interferem na personalidade e no comportamento do(a) paciente.

A Doença de *Batten* também está diretamente relacionada à memória. Entretanto, enquanto o *Alzheimer* acomete pessoas na idade adulta e na velhice, a primeira não escolhe faixa etária. Recentemente, jornais do Brasil noticiaram o caso de uma garota²⁵ de quatro anos de idade que, aos três, foi diagnosticada com este tipo raro de demência. Assim como o *Alzheimer*, a Doença de *Batten*, compromete a memória. Os esquecimentos, provocados por essas enfermidades, vão desde nomes, lugares, pessoas e situações vivenciadas até às habilidades de andar, falar e comer, para citar apenas algumas. Com a evolução do quadro, o(a) paciente vai, pouco a pouco, perdendo a sua autonomia e tornando-se, cada vez mais, dependente do cuidado de outros(as). Apesar dos avanços nas pesquisas para compreender essas patologias e tentar bloquear seu desenvolvimento, ainda não existe “cura” para as mesmas, apenas tratamento de prolongamento da vida e de minimização dos danos.

²⁴ Segundo Paulo Freire, a humanidade está em constante transformação por meio das relações que os indivíduos estabeleceram e estabelecem entre si e com o meio em que vivem. Essa condição de ser inacabado possibilita que possam modificar sua forma de ser e estar no mundo.

²⁵ Violet Jones, cidadã inglesa, tem recebido tratamento paliativo para a Doença de Batten, na tentativa de retardar o agravamento dos sintomas. <https://revistacrescer.globo.com/Crianças/Saude/noticia/2020/02/apos-ser-diagnosticada-com-demencia-menina-de-4-anos-esta-perdendo-memoria.html>

O receio do esquecimento pode fazer com que, inadvertidamente, alguém deseje lembrar-se de tudo. Em *Funes: o Memorioso*, Jorge Luis Borges (1969) nos mostra a vida de Ireneo Funes, um jovem que, aos 19 anos de idade, sofre um acidente e passa a “lembrar-se de tudo”.

Num rápido olhar, nós percebemos três taças em uma mesa; Funes, todos os brotos e cachos e frutas que se encontravam em uma parreira. Sabia as formas das nuvens austrais do amanhecer de trinta de abril de 1882 e podia compará-los na lembrança às dobras de um livro em pasta espanhola que só havia olhado uma vez e às linhas da espuma que um remo levantou no Rio Negro na véspera da ação de Quebrado. Essas lembranças não eram simples; cada imagem visual estava ligada a sensações musculares, térmicas, etc. Podia reconstruir todos os sonhos, todos os entre sonhos. Duas ou três vezes havia reconstruído um dia inteiro, não havia jamais duvidado, mas cada reconstrução havia requerido um dia inteiro. Disse-me: Mais lembranças tenho eu do que todos os homens tiveram desde que o mundo é mundo. (BORGES, 1969, np)

Ireneo era incapaz de esquecer. Ele passava os dias a recordar cada detalhe do vivido, por menor que ele fosse. Sua mente não se aquietava e dormir era algo raro porque, segundo Borges, para dormir é necessário “distrair-se do mundo” e nosso personagem estava sempre ocupado, lembrando. A “aprendizagem”²⁶ de outras línguas era realizada por Funes de forma rápida e sem dificuldades. Entretanto, o narrador anuncia que suspeitava da sua capacidade de pensar, tendo em vista que “Pensar é **esquecer** diferenças, é generalizar, abstrair. No mundo abarrotado de Funes não havia senão detalhes, quase imediatos” (BORGES, 1969, np, grifo nosso).

Para Le Goff (2013), a amnésia tem um impacto profundo na identidade de indivíduos e grupos:

[...] num nível metafórico, mas significativo, a amnésia é não só uma perturbação do indivíduo, que envolve perturbações mais ou menos graves da presença da personalidade, mas também a falta ou a perda, voluntária ou involuntária, da memória coletiva nos povos e nas nações, que pode determinar perturbações graves da identidade coletiva. (LE GOFF, 2013, p. 389)

O arrazoado nos permite inferir que é preciso, pois, o equilíbrio entre lembrança e esquecimento para que a nossa mente seja saudável. Essa afirmação pode parecer indicar que a memória é criada, apenas, por atividades cerebrais, portanto de característica exclusivamente

²⁶ Apesar de Borges (1969) utilizar no conto o termo aprendizagem, julgamos que ele se referia à memorização literal.

individual, o que sugeriria, como área mais apropriada ao seu estudo, as ciências biológicas ou as da saúde, nomeadamente a neurociência e a psicologia. Embora tal conclusão não seja rara, ela peca por simplificar uma questão que vai além dos aspectos puramente biológicos, mas está interseccionado e codeterminado por construções individuais e sociais, requerendo uma abordagem multi e interdisciplinar.

Diferentes áreas do conhecimento têm contribuído significativamente para a compreensão do fenômeno da memória. Os filósofos foram pioneiros nesse processo, aos quais se somam hoje – além dos já mencionados campos da neurociência e da psicologia – historiadores(as), antropólogos(as) e cientistas sociais, para citar apenas alguns. Ela também é tema recorrente na literatura. Muitos foram os poetas, romancistas, ensaístas e literatos que se ocuparam de tratar da memória em suas obras. Visitamos algumas dessas áreas, sem hierarquizações, na busca da amplitude de conhecimento desse fenômeno. Essa decisão está amparada em Deleuze e Guattari, quando afirmaram, em *O que é filosofia?* (1992), que a produção de conhecimento não pode ficar restrita à ciência, uma vez que a filosofia e as artes também são produtoras de conceitos válidos, carecendo de serem explorados sem superposição de uma sobre as outras.

Os três pensamentos se cruzam, se entrelaçam, mas sem síntese nem identificação. A filosofia faz surgir acontecimentos com seus conceitos, a arte ergue monumentos com suas sensações, a ciência constrói estados de coisas com suas funções. Um rico tecido de correspondências pode estabelecer-se entre os planos. Mas a rede tem seus pontos culminantes, onde a sensação se torna ela própria sensação de conceito, ou de função; o conceito, conceito de função ou de sensação; a função, função de sensação ou de conceito. E um dos elementos não aparece, sem que o outro possa estar ainda por vir, ainda indeterminado ou desconhecido. (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 254)

A partir de Platão, recorreremos a dois diálogos socráticos que se complementam para os nossos propósitos, são eles: *Fédon* e *Teeteto*. No primeiro a discussão se dá em torno da tese da imortalidade da alma e nos ajuda a compreender a conformação dos seres vivos como bipartirdes, formados por corpo e alma. Com *Teeteto*, os questionamentos buscam explicar o que é o conhecimento. Apesar de não chegar a uma conclusão sobre o que seja o conhecimento em si, a linha de raciocínio abre várias possibilidades de compreensão e indica o “lugar” em que ele se forma, qual seja: na alma.

Com Maurice Halbwachs, de influência *durkheimiana*, nos aproximamos de uma perspectiva sociológica nos estudos da memória. Em 1950, a publicação de *La Mémoire Collective*, traz uma discussão sobre a influência do contexto social na construção da memória,

que passa a ser explicada com fundamentação em duas vertentes indissociáveis: a individual e a coletiva. Suas proposições apresentam reflexões tanto no campo da psicologia quanto da história, com elementos como afetividade, pertencimento e poder no cerne da discussão.

De Simone de Beauvoir – escritora, filósofa e feminista – analisamos *A velhice*, cuja primeira edição (*La Vieillesse*) data de 1970²⁷. Nessa obra, Beauvoir faz um apanhado sobre o envelhecimento num lapso temporal de quase mil anos. Na primeira parte, *O ponto de vista da exterioridade*, discorre sobre o tratamento que diferentes civilizações deram aos seus velhos e velhas, para usar a terminologia da autora. Na segunda parte, *O ser-no-mundo*, detém-se na forma como esses sujeitos se veem na sociedade moderna. A questão central da obra está numa visão produtivista sobre a existência humana, que valoriza os que conseguem produzir e renegam os que já não possuem forças ou condições de produção. Para o nosso estudo, entretanto, nos detivemos na análise da memória, e seus desdobramentos, no processo de envelhecimento.

Jacques Le Goff é um dos muitos historiadores que se dedicaram à compreensão do papel da memória na vida individual e coletiva. Em *História e memória*, cuja primeira edição é de 1988, explicita as contribuições da memória para a constituição da história enquanto ciência. As relações que estabelece entre *antigo/moderno*, *passado/presente*, *progresso/reação*, bem como toda uma seção para *O imaginário do tempo*, evidenciam o tempo como categoria que une memória e história. A relação passado-presente-futuro é uma constante na obra. O que nos permite afirmar que para compreender memória é indispensável fazer a sua relação com o tempo. Tempo e memória são, pois, inseparáveis.

O historiador francês Pierre Nora é um reconhecido pesquisador da memória que publicou *Les Lieux de mémoire* em três tomos, sendo o primeiro em 1984, o segundo em 1987 e o terceiro em 1992. Para a nossa pesquisa nos centramos na discussão que esse representante da História Nova precisa em torno dos lugares de memória no texto *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Essa temática nos é particularmente interessante porque relacionaremos a memória à vida acadêmica, partindo do pressuposto de que a escola é um lugar de memória.

Fugindo da predominância francesa e acadêmica, buscamos em três literatos as contribuições para a compreensão da memória, por considerarmos que a literatura também produz conceitos válidos para uma pesquisa acadêmica. De início, escolhemos o escritor

²⁷ Beauvoir tem, em suas obras, uma marca memorialista, destacam-se dentre elas: *Memórias de uma moça bem comportada* (1958), *A força da idade* (1960), *A força das coisas* (1963) e *Balanço final* (1972). Além dessas, em *A cerimônia do adeus* (1981), são rememorados momentos com Jean-Paul Sartre.

argentino Jorge Luis Borges – poeta, contista, ensaísta, professor e bibliotecário – que em *O livro de areia* (com publicação original em 1975) nos provoca com o mistério, o impreciso, o desconhecido e a ideia do “sempre novo”; e em *Funes: o memorioso* nos expõe as consequências de uma ausência de esquecimento.

A seguir, fomos buscar nos romances *O vendedor de passados* (2004) e *Teoria geral do esquecimento* (2012), do escritor angolano José Eduardo Agualusa, histórias que têm no passado, seja ele inventado ou vivido, o seu fundamento. Agualusa consegue, de forma sensível e inteligível, trabalhar a influência do tempo-memória na vida e na história de suas personagens.

Recorremos, ainda, a Marco Lucchesi para nos encontrarmos com a memória na poesia. As análises centraram-se na obra *Domínios da insônia*, publicada em 2017, que em reúne doze livros de poesias suas e de outros poetas. Antecipamos que foram em *Clio* e *Meridiano Celeste & Bestiário* que encontramos as reflexões mais pertinentes ao nosso propósito.

Por fim, em *É isto um homem?* Primo Levi, químico e escritor, expõe as lembranças dos onze meses em que foi prisioneiro no campo de concentração de Auschwitz. Com esta obra é possível abarcarmos um outro gênero literário importante para o nosso estudo, o da autobiografia. Além de memorial, *É isto um homem?* tem características importantes de produção filosófica por nos apresentar conceituações e reflexões que, para além da experiência narrada, refletem o ser humano, em situação de extrema violência e desumanidade, e sua relação com passado-presente-futuro.

Afora os(as) autores(as) citados(as) anteriormente, recorreremos a livros, teses, dissertações e artigos de pesquisadores(as) de destaque que contribuem para a compreensão da memória e dos lugares de memória nos dias de hoje. A referência a eles(as) será feita em momento oportuno deste trabalho.

2.2 TEMPO-MEMÓRIA

A categoria central do nosso estudo é a memória que, via de regra, é referida como um retorno ao passado. Dessa afirmação derivam alguns questionamentos: O que é o passado? Quanto tempo é preciso decorrer do momento de um acontecimento para que ele seja considerado passado? É possível mensurar o passado? Não temos a pretensão de responder a estas provocações, mas elas são importantes para anunciarmos que a compreensão da memória passa, necessariamente, pela compreensão do tempo.

Na Parte I de *Tempo-memória & Desmemórias*, Baptista (2016a) examina de forma contundente as diferentes concepções de tempo e de memória desenvolvidas desde a antiguidade até os dias atuais e, como anunciamos em outro texto, “[...] nos faz crer que não existe um tempo atemporal. A forma como a humanidade percebeu, e percebe, passado, presente e futuro, não é única e fixa. Ao contrário, é múltipla e se modificou ao longo do tempo por meio da ação cultural.” (OLIVEIRA, 2019a, n.p.)

Na Grécia arcaica, o tempo-memória é sobrenatural. Exterior ao ser humano, é produzido e abrigado pela divindade.

Os gregos da época arcaica fizeram da memória uma deusa, *Mnemmosine*, mãe das nove musas, engendradas no decurso de nove noites passadas com Zeus. Lembra aos homens a recordação dos heróis e de seus altos feitos, preside a poesia lírica. O poeta é, um homem possuído pela memória, o aedo é um adivinho do passado, como o adivinho o é do futuro. É a testemunha inspirada dos ‘tempos antigos’, da Idade Heroica e, por isso, da idade das origens. (LE GOFF, 2013, p. 400)

As musas são deusas que possuem a voz da verdade e foram criadas para reverenciar os feitos de Zeus. Elas inspiram os poetas, únicos capazes de circular do presente ao passado, que, por meio da música, da dança e da poesia, levam a bondade e o conforto aos demais seres humanos, além de difundir os feitos dos heróis e os mitos de criação original. O esquecimento é relacionado à morte e a memória à imortalidade. Considerando que os únicos imortais eram os deuses, o passado é, portanto, uma dimensão do além, ou seja, externa aos mortais (BAPTISTA, 2016).

Nos mitos escatológicos, por seu turno, iremos nos deparar com uma rejeição da existência temporal. Uma das explicações deriva da tomada de consciência que o indivíduo assume de que não é possível parar ou voltar o tempo e percebe o caminhar para morte. Tempo é, pois, degeneração. A ideia de reencarnação, com a circulação entre mortos e vivos, explica o princípio da renovação e da temporalidade. Assim, também os seres humanos entram no movimento cíclico do tempo. A memória nesse período, segundo Baptista (2016), é impessoal e coletiva.

Para os filósofos gregos da Antiguidade, o tempo era cíclico, determinado pelo movimento dos astros, numa eterna repetição previsível. Dia e noite, assim como passado-presente-futuro sucedem-se infinitamente. Exterior ao ser, o tempo não sofre modificações por parte dele. Essa ideia reverbera no entendimento de memória que também não é compreendida como integrante do ser, mas externa a ele.

Em *Fédon*, Platão (2018) nos apresenta o diálogo de Sócrates com seus amigos – com destaque para a participação de Símiias, Cebete e Fedão. A teoria defendida é a da imortalidade da alma. Para tanto, discorre a partir da premissa de que o homem²⁸ é constituído por corpo e alma. O primeiro é mortal, visível e responsável por dificultar a evolução da alma. Esta, por sua vez, é apresentada como imortal, divina e invisível; além de conservadora da essência do ser: o conhecimento. O filósofo irá afirmar que a alma existe antes e após o corpo, no Hades – de onde vem e vão, renascendo nos corpos, num eterno ciclo. Essa ideia fortalece a perspectiva de tempo cíclico e universal.

A morte é apresentada como um momento crucial dessa teoria, pois separa as duas partes constituintes do ser. E, enquanto o corpo fenece, a alma retorna ao Hades onde, a depender de como o indivíduo levou sua vida, tem destinos diferentes. As almas puras se deleitarão com os deuses e sábios e permanecerão com eles, não retornando mais a nenhum corpo. Para as impuras, a sina será a de sofrer dores e tormentos até renascerem em um novo corpo com características semelhantes aos “desvios” que cometeram.

Interessa-nos, particularmente, a compreensão de pureza defendida por Platão (2018) e o modo de alcançá-la. Partindo do pressuposto de que só a sabedoria permanece, ele irá assegurar que as almas puras são aquelas que se esforçaram para conhecer. O conhecimento, por sua vez, existe em si – um conhecimento puro – e todas as almas nascem sabendo, cabendo a elas a função de conservá-lo pela recordação.

Para esta teoria, a da reminiscência, conhecer é conservar e aprender é recordar. Uma recordação que se dá por associação, em que uma coisa “lembra outra”. As sensações nos ajudam a recordar, porém de um modo imperfeito, por nos desviar para os vícios e prazeres. Em contrapartida, a razão, materializada nos questionamentos, é a única forma de alcançar o conhecimento puro das coisas, que é o conhecimento delas como elas são em si mesmas. A conclusão a que se chega é que apenas os filósofos conseguem acessar esse conhecimento puro, por não precisarem dos sentidos para conhecer, aliás, eles devem fugir das distrações do corpo.

A teoria da reminiscência aponta, pois, para uma memória transcendental, originada em outras vidas e assentada na alma. Com a morte, os indivíduos voltariam para o mundo das ideias e seriam alimentados na fonte da memória e de tudo recordariam. Ao se prepararem para voltar à realidade terrena, beberiam da fonte do esquecimento, completando o ciclo de eterno retorno que expressa a perspectiva de eternidade, ou ainda, de imortalidade platônica.

²⁸ Nas referências às obras platônicas manteremos o gênero masculino como a generalização de ser humano, tal como faz o autor em questão.

Em *Teeteto*, novamente se valendo dos diálogos socráticos, a intenção de Platão (2019) é compreender o que seja conhecimento. As idas e vindas nos argumentos de Sócrates, Teeteto e Teodoro, nos são apropriadas para explorar a compreensão de memória desse período. Reforçando a Teoria da Reminiscência, parte-se do pressuposto de que o conhecimento está na alma de cada um, cabendo ao filósofo a missão de ajudar os iniciados a parirem-no – a analogia do parto é utilizada em diversos momentos e Sócrates se assume, junto com a divindade, como parteiro dos saberes.

[...] a **divindade** me incita a partear os outros, porém me impede de conceber. Por isso mesmo, não sou sábio não havendo um só pensamento que eu possa apresentar como tendo sido invenção de minha alma e por ela dado à luz. Porém os que tratam comigo, suposto que alguns, no começo pareçam de todo ignorantes, com a continuação de nossa convivência, quantos a **divindade** favorece progridem admiravelmente, tanto no seu próprio julgamento como no de estranhos. O que é fora de dúvida é que **nunca aprenderam nada comigo; neles mesmos é que descobrem as coisas belas que põem no mundo**, servindo, nisso tudo, **eu** e a **divindade** como parteira. (PLATÃO, 2019, grifos nossos)

No diálogo inteiro, encontramos ainda a inferência ao movimento como propulsor da existência. Em termos de universo, é realçado o deslocamento dos astros. Quando trata da humanidade, o movimento é defendido como forma de manter o corpo e a mente desenvolvidos. O primeiro pela ginástica e o segundo pelo exercício do raciocínio, em que o diálogo é o principal instrumento.

Caminhando ao encontro do que nos interessa em particular, ainda em *Teeteto*, Platão apresenta a metáfora do bloco de cera para discorrer sobre a conformação da memória na alma humana.

Suponhamos, agora, só para argumentar, que na alma há um cunho de cera; numas pessoas, maior; noutras, menor; nalguns casos, de **cera limpa**; noutros, **com impurezas**, ou mais dura ou mais úmida, conforme o tipo, senão mesmo de boa consistência, como é preciso que seja. [...] Diremos, pois, que se trata de uma dádiva de Mnemosine, mãe das Musas, e que **sempre que queremos lembrar-nos** de algo visto ou ouvido, ou mesmo pensados **calcamos a cera mole sobre nossas sensações ou pensamentos e nela os gravamos em relevo**, como se dá com os sinetes dos anéis. Do que fica impresso, temos lembrança e conhecimento enquanto persiste a imagem; o que se apaga ou não pôde ser impresso, esquecemos e ignoramos. (PLATÃO, 2019, np, grifos nossos)

O conceito de imagem, nessa metáfora, está relacionado ao caráter veritativo da memória que, segundo Platão, estaria associado à qualidade e ao ajustamento da imagem à

impressão. Assim, a memória seria verdadeira se sua imagem tivesse um encaixe perfeito ao que estava impresso na cera e, ao contrário, seria falsa se esse encaixe fosse “defeituoso”.

Dito isto, a memória e, por conseguinte, a aprendizagem – que aqui é referida como recordação – depende da qualidade da cera que existe na alma de cada um. As que não sejam nem muito duras, nem muito moles, irão produzir impressões puras, sem imperfeições, o que derivará em um conhecimento abundante e longo. Nesses casos, as pessoas têm propensão à aprendizagem e a produzir pensamentos verdadeiros, por não confundirem as imagens com as sensações. Para Platão (2019), esse feito só é alcançado pelos sábios, leia-se, os filósofos.

Em oposição, quando a cera é “impura” ou de má qualidade, as impressões são prejudicadas de forma a se tornarem pouco nítidas e sobrepostas, ocasionando uma dificuldade em distinguir com precisão a imagem da sensação. As pessoas que têm essa infelicidade manifestam, segundo Platão (2019), uma dificuldade em aprender ou aprendem e esquecem com facilidade. Além disso, são propensas a emitir falsos julgamentos, engando-se com frequência sobre a realidade. A este grupo pertencem os ignorantes.

Salientamos que, nesse momento da história, não havia a noção de que cada ser humano é singular. Com isso é possível afirmar que a subjetividade, como a percebemos hoje, não existia.. De maneira oposta, o que se pensava era no indivíduo enquanto membro de uma coletividade, vivendo numa realidade da qual era mero coadjuvante. Os conhecimentos existiam no mundo das ideias e lhes eram “revelados” pelos filósofos – os únicos que lembravam de tudo. Nesse período, os filósofos tomam o lugar antes ocupado pelos poetas.

Na Idade Média, Santo Agostinho, com *Confissões*, dará um passo importante para modificar a concepção de subjetividade que predominava à época, aproximando-a do entendimento que temos hoje. A partir da exposição de diversos momentos de sua vida – da infância à fase adulta – ele revela os dilemas, sentimentos e conflitos que vivenciou no percurso até a reconciliação com sua fé. O texto é dirigido a Deus e revela um olhar para si, assumindo uma reflexão sobre a própria existência, os “pecados” que cometeu e os propósitos que o moveram.

Em toda a obra, mas sobretudo no Livro décimo, dos 13 que compõem *Confissões*, ele irá deter-se na análise da memória a partir de duas dimensões: corpórea (memória enquanto aquisição dos sentidos) e espiritual (memória enquanto expressão da alma). Em ambas fica evidenciada a complexidade do indivíduo e um olhar para a sua individualidade.

[...] distingo o perfume dos lírios daquele das violetas, embora não esteja cheirando nada; prefiro o mel ao vinho doce, o suave ao áspero, quando no

momento não estou nem provando nem manuseando nada, mas apenas lembrando.

Essas coisas eu pratico dentro de mim naquele vasto salão da memória. Lá estão presentes comigo o céu, a terra, o mar e tudo o que posso imaginar dentro deles, além daquilo que esqueci. Lá também **me encontro comigo, e me evoco para mim mesmo**, e quando, onde e o que fiz e o que senti quando o fiz. Lá estão todas as coisas de que me lembro, seja pela minha experiência direta, seja pela experiência creditada a outros. Tirando coisas do mesmo armazém, **eu mesmo combino experiências passadas com semelhanças novas** que provei ou nas quais, com base na experiência, acreditei: disso novamente deduzo futuras ações, acontecimentos e esperanças, e sobre todas essas coisas novamente reflito como se estivessem presentes. (AGOSTINHO, 2013, Livro 10 § 13 e 14, grifos nossos)

Nas pesquisas da atualidade, o dualismo objetividade/subjetividade “divide” as explicações sobre o tempo. Por tempo objetivo, nos referimos ao tempo *em si* – mensurável e imutável, proposto pela física clássica. O mesmo que dita o ritmo da sociedade moderna (e pós-moderna) e que muitas vezes oprime e quer homogeneizar a todos. Um tempo “exato”, que se propõe a ordenar os eventos e que existe independente da percepção humana.

O tempo subjetivo, por sua vez, tem seu fundamento na multiplicidade das particularidades. A categoria central dessa teoria é a duração, no que nos interessa, a duração do tempo que é percebida de forma distinta de indivíduo para indivíduo. Henri Bergson (2019) irá defender a existência de um tempo qualitativo. Em que a *quantidade* de tempo (horas, minutos, segundos, etc.) é percebida de forma diferente pelas pessoas a depender de seu estado psicológico. Para exemplificar sua teoria, Bergson propõe a espera pelo preparo de um copo de água com açúcar e conclui que

[...] por mais que faça, terei de esperar que o açúcar derreta. [...] o tempo que tenho de esperar não é mais o tempo matemático que continuaria podendo ser aplicado ao longo da história inteira do mundo material, mesmo que esta se esparramasse de golpe no espaço. Ele coincide com minha impaciência, ou seja, com uma certa porção de minha duração própria, que não pode ser prolongada ou encurtada à vontade. Não é mais algo pensado, mas algo vivido. [...] (BERGSON, 2019, p. 6)

Da literatura temos outro exemplo do tempo qualitativo, aquele que está ligado à experiência: em *Auschwitz*, Primo Levi, submetido a tratamento desumano, vê o tempo “se arrastar” e desabafa:

Todos os dias se parecem um com o outro, e não é fácil contá-los. Há quanto tempo dura, já, este vaivém em parênteses, da estrada de ferro ao galpão? Cem metros de chão gelado. Na ida, sob a carga; na volta, com os braços caídos ao longo do corpo, em silêncio. (LEVI, 1988, p. 57)

A dualidade tempo quantitativo (objetivo)/tempo qualitativo (subjetivo) se aprofunda na Idade Moderna com a velocidade das mudanças que vivenciamos e impacta, diretamente, na memória.

A produção do conhecimento nunca foi tão acelerada como na atualidade. A cada dia, descobertas e invenções multiplicam-se, sejam no campo da ciência, da tecnologia, das artes ou das relações humanas. São tantas mudanças que, por vezes, temos a sensação de que um ano durou mais do que um ano. Em outras situações, ocorre o contrário e nos parece que o tempo passou muito rápido. O que exige, de todos nós, um esforço permanente para processar e acompanhar essa dinâmica. É comum ouvirmos falar da ampliação da “memória das máquinas”, numa tentativa de expandir a capacidade de armazenamento de informações, nesse caso, de dados.

Os computadores, recurso tecnológico amplamente utilizado nos dias de hoje, nem sempre fizeram parte da sociedade. Aliás, nem sempre a humanidade teve necessidade da sua existência. A sua invenção é produto de uma demanda do nosso tempo, bem como das condições materiais da atualidade.

2.3 DE VOLTA AO PASSADO

Os conceitos e definições de memória são os mais variados, mas, via de regra fazem referência ao passado. Refere-se ao que já não existe, ao que já não se encontra no presente, seja um objeto, uma pessoa ou uma sensação.

De forma poética, Agualusa recorre à osga²⁹ que habita a biblioteca de Félix Ventura – o vendedor de passados – para explicar a memória como

[...] uma paisagem contemplada de um comboio em movimento. Vemos crescer por sobre as acácias a luz da madrugada, as aves debicando a manhã, como a um fruto. [...] São coisas que ocorrem diante dos nossos olhos, sabemos que são reais, mas estão longe, não as podemos tocar. Algumas estão já tão longes, e o comboio avança tão veloz, que não temos a certeza de que realmente aconteceram. Talvez as tenhamos sonhado. Já me falha a memória, dizemos, e foi apenas o céu que escureceu. [...] Lembro-me de fatos soltos, incoerentes, fragmentos de um vasto sonho [...] (AGUALUSA, 2018, p. 157)

²⁹ A osga é um réptil, conhecido também por lagartixa e, em algumas regiões, por víbora. No romance ela se chama Eulálio, vive na biblioteca de Félix Ventura (o vendedor de passados) e é o narrador da história. Além de ser capaz de rir, conversa com as demais personagens em seus sonhos.

Para a osga do poeta angolano, a memória envolve movimento, distância, certezas, dúvidas, lembranças, incoerências. Ela é impressão que se modifica ao nos aproximarmos. Daí o seu caráter impreciso e mutável.

Para Adriana Benedikt (1997), o medo que temos da morte e do esquecimento são os fundamentos da memória. O ser humano a usa como subterfúgio para transcender a finitude humana, imortalizando-se. Esse princípio de imortalidade já havia sido tratado por Santo Agostinho, como mencionamos anteriormente.

Em *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*, após expor sobre o processo de criação da memória, que envolve aspectos imagéticos e corpóreos, Bergson (2010) defende que ela é uma forma de reelaborar o passado no presente e passa a discutir essa categoria a partir da divisão em: memória-hábito e memória-lembrança. A primeira refere-se ao que internalizamos de tal forma que passa a fazer parte do nosso presente. É uma memória experimentada, mais do que retratada. O hábito pode ser repetido e, por vezes, tratado por “decorado”. Já a memória-lembrança, por seu turno, é uma representação, está no campo da imaginação e não se repete.

O filósofo francês trata do “esforço de lembrança” como elemento do trabalho intelectual e afirma que a simples recordação está num nível menor de complexidade em relação à “produção e invenção”. Ele também discorre sobre diferentes “planos de consciência” em que distingue a recordação mecânica da que envolve a reflexão. Tomando como exemplo a recordação de um texto decorado, propõe o “esquema dinâmico”, que é um tipo de leitura, para o momento da aprendizagem, que se move da representação à imagem e é um indicador da “direção de esforço”. Os obstáculos que se interpõem ao remanejamento do esquema dinâmico e das imagens criam as dificuldades que fazem do processo de aprendizagem um “esforço de intelecção”. A resistência maior a esta mudança se localiza no hábito, uma vez que essas dificuldades geram, no corpo, inquietações e desconfortos.

A respeito da relação memória e aprendizagem, Vigotsky (2001) irá defender que a memória é condição para aprendizagem porque aprendemos por meio das relações que estabelecemos entre o que já sabemos (passado) e o que desejamos conhecer (futuro). Além disso, a memória é, *em si*, aprendizagem, por fazer parte de “uma função psíquica superior que se dá pela internalização de uma relação externa” (OLIVEIRA, 2019a, n.p.).

Le Goff (2013), no que lhe concerne, relaciona a memória à conservação e à atualização de informações e impressões, destaca o papel de funções psíquicas nesse processo e acrescenta que “As direções atuais da memória estão, pois, profundamente ligadas às novas

técnicas de **cálculo**, de manipulação da **informação**, do uso de máquinas e instrumentos [...] cada vez mais complexos.” (LE GOFF, 2013, p. 387, grifos do autor)

Além disso, Le Goff (2011) igualmente associa aprendizagem e memória, mas destacando a influência da linguagem que comunica algo acontecido, apesar da ausência do ocorrido no presente. Esse argumento é bastante explorado em *História e memória* (2013), fundamentado nas modificações sofridas pela sociedade com o advento da escrita. Pretendemos retomar essa discussão adiante mas, por ora, interessa-nos expor que nas sociedades de “memória étnica”³⁰, os conhecimentos e acontecimentos não são rememorados mecanicamente, “palavra a palavra”. Diversamente, eles são narrados oralmente e “inexatos”. Por não haver a preocupação com a repetição tal qual o sucedido, abre espaço para liberdade e criação. A exceção será dos cantos, que se apresentam como práticas de memorização.

A invenção da escrita abre espaço para a possibilidade de repetição “exata” do ocorrido. Le Goff (2011) irá tratar da distinção entre “memória para as coisas e memória para as palavras” (p. 403), em que a última se aproxima da retórica e das regras mnemônicas que, posteriormente, irão ser amplamente usadas nos sistemas educacionais. Outrossim, antecipa o debate sobre memória artificial.

O repetido e o “memorizado”, no sentido de reproduzido acriticamente, fez e faz parte da educação formal, mas não sem resistência e crítica de diversos(as) educadores(as). Paulo Freire, em *Educação como prática para a liberdade*, já nos falava sobre um saber autêntico, crítico, capaz de nos conduzir a um estado de consciência sobre as condições em que somos e vivemos no mundo. Para ele, isso só seria possível se conseguíssemos congregarmos leitura da palavra e “leitura de mundo”, por meio da liberdade e da consciência de inacabamento.

A memória contribui de forma singular nesse processo de devir eterno, porque o nosso passado influencia diretamente em quem somos, haja vista que em cada rememoração o atualizamos a partir dos conhecimentos e sentimentos do presente. A nossa personalidade e identidade são, pois, afetadas pela memória.

Maurice Halbwachs (2003) é um dos estudiosos que defende essa influência da memória na constituição da identidade e o faz considerando não apenas o indivíduo, mas a coletividade, daí ser um grande expoente da “memória coletiva”.³¹

³⁰ Le Goff (2011) usa essa terminologia para referir-se a todos os povos sem escrita.

³¹ Voltaremos a essa questão mais adiante.

2.4 LEMBRANÇAS E ESQUECIMENTOS

Segundo Benedikt (1997), a memória é produzida em dois momentos: retenção e preservação do experienciado, seguido pela sua rememoração. No curso de revisitações às lembranças, as modificamos. Não nos recordamos de algo sempre da mesma forma; diversamente, a cada vez, a transmutamos porque nós também estamos diferentes. A memória é, pois, um eterno olhar para o passado com os olhos do presente. O que nos permite afirmar que não é apenas o passado que transforma o presente, mas o presente também altera o passado. A essa reconstrução do passado no presente, Bergson (2010) nomeou de *tempo real*.

A memória abarca as dimensões cognitiva e afetiva que se interrelacionam. Aprender e sentir, assim como lembrar e esquecer, são elementos de um mesmo fenômeno. A análise dos processos de lembrança e esquecimento precisa ser realizada, por serem indissociáveis. É inegável que muitas pessoas se esquecem de experiências negativas que vivenciaram, seja por vergonha, medo ou dor. Vários são os casos notificados, especialmente na psicanálise, em que ao tratar traumas, a recordação de vivências negativas vem à tona.

[...] os psicanalistas e os psicólogos insistiram, quer a propósito da recordação, quer a propósito do esquecimento (nomeadamente o seguimento de Ebbinghaus), nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura exercem sobre a memória individual. Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos da memória coletiva. (LE GOFF, 2013, p. 390)

É importante destacar que a memória não é linear: recordamos de situações e nem sempre conseguimos ordenar cronologicamente essas lembranças. O ir e vir do presente para o passado, reatualizam nossas recordações contribuindo para que a reconstituição fiel do ocorrido não seja possível. Em *Domínios da insônia: novos poemas reunidos* (2019), Marco Lucchesi representa esteticamente, em seus poemas, essa não linearidade da memória. Ele nos apresenta – de forma livre, diversa e difusa – variadas situações que vivenciou ao longo de sua vida. O poeta não define em que tempo se encontra, ao contrário, “[...] migra de um tempo para outro sem nos avisar com antecedência. Escreve do passado para o futuro, do presente para o passado e do futuro para o presente. O que nos leva a afirmar que passado, presente e futuro misturam-se em Marco Lucchesi.” (OLIVEIRA, 2020a, p. 213). Essa percepção de tempo nos recorda a

proposta de Pierre Nora (1993), de adoção da concepção de tempos vividos, a partir de um entrelaçamento entre os níveis individual, social e coletivo

Ainda em Lucchesi, é interessante perceber como o poeta relaciona memória e estímulos sensoriais. No poema *Nise da Silveira*, “o vapor do chá formando elipses” o transporta “às coisas mais tangíveis e amadas” (LUCCHESI, 2019, p. 26) e, em *O Piano*, os sons o deslocam no tempo.

Um acorde ao piano
e a leveza de tuas mãos
aveludadas

Irredutível
o modo de pousá-las
como pássaros migrantes

no horizonte
claro-escuro
do teclado

Melodias
que me visitavam
na infância

e que seguiram
pelas noites
tantas em que
voltei ao piano

sob o clarão
da Lua que sonhavas

E a partitura
tenho-a frente
aos olhos

mas
nesse mesmo piano
falta-me
a chave
de silêncios e trinados

Não os da música
que estão
onde devem estar

mas o modo
de chegares a Debussy

a tua digital
no plano
das secretas

harmonias:

as águas claras
da Toscana

os bosques
da Versília

e tua difusa feliz
melancolia
quando te davas
a contemplar a noite
na longa profusão
de teu olhar

Ao vivo
sobressalto
a que me entrego

não vejo
o piano a lua
e nem tampouco o céu
tão tímido de estrelas

mas o modo pelo qual
tento
o segredo de uma forma
que me sustenta e rapta

E se deitava

como poente

nos longes de mim

(LUCCHESI, 2019, p. 52-56)

Já assinalamos que a memória é constituída por lembranças e esquecimentos. Tentar compreender porque lembramos de determinadas situações e esquecemos de outras é um desafio ao qual se soma a questão: quem lembra? De antemão podemos afirmar que existe o indivíduo que lembra. Entretanto, será que ele lembra independente do contexto em que vive? Ou melhor, o que ele lembra ou esquece muda de acordo com o meio em que vive?

Retomando *O piano*, Lucchesi (2019), identificamos que, apesar do poeta tratar de lembranças individuais, há nelas elementos que indicam influências externas – sons, sentimentos, lugares, imagens – que dizem muito do contexto em que os fenômenos, que hoje são recordados, aconteceram.

Maurice Halbwachs (2003) defende que a memória é uma produção coletiva e que a nossas recordações são fortalecidas ou enfraquecidas pelas pessoas com quem nos relacionamos.

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. [...] porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2003, p. 26)

O isolamento total não existe. Somos quem somos a partir das relações sociais. O que aprendemos na escola, com a família e com os(as) amigos(as) – para citar apenas alguns – interfere na forma como sentimos e vivemos. Deriva daí que nada do que vivenciamos o fazemos sozinhos, sempre carregamos conosco sentimentos e pensamentos das pessoas com quem convivemos. Isso também acontece com a memória: recordamos amparados no que aprendemos e sentimos com os outros, ou seja, ela é uma construção social.

Tomemos como exemplo disso, a história de Ludovica Fernandes Mano (Ludo), personagem que Agualusa criou em *Teoria Geral do Esquecimento*. Logo que a guerra civil de Angola é deflagrada, em 1975, ela lacra a porta do apartamento em que mora, isolando-se dos vizinhos e do mundo. O único ser vivo com quem convive é Fantasma, um cachorro albino. Ludo passa vinte e oito anos enclausurada, longe do contato com qualquer ser humano. Ela mantém a prática de escrever um diário que, inicialmente, é feito em papel e, quando este acaba, passa para as paredes da moradia. A personagem quer ser esquecida e esquecer o mundo. Paradoxalmente, registra os seus dias, acessando recordações e criando novas memórias. Não estaria assim, criando mecanismo para fugir do esquecimento que diz buscar?

O isolamento físico não faz de Ludo alguém capaz de produzir memórias apenas suas. Por ser uma leitora compulsiva, o que vive é influenciado pelo que lê, ou seja, pelo pensamento de outras pessoas, o que reforça a ideia de que mesmo a memória de um indivíduo sofre influências do coletivo, o que, para Halbwachs (2003) reforça os fundamentos da teoria da memória como construção coletiva. Interessam, ainda, as conclusões da pesquisa de Gonçalves (2017), que apontam que a escrita que Ludo produz é uma estratégia de sobrevivência.

Para Halbwachs (2003), o esquecimento deriva da ausência de vínculos com os que podem construir conosco as lembranças e, para defender seu posicionamento, compara o mecanismo da amnésia patológica com as relações sociais.

Constatou-se que algumas vezes, após um choque cerebral, esquecemos o que se passou em todo um período, em geral antes do choque, remontando até uma

certa data, enquanto nos lembrarmos de todo o resto. Ou esquecemos toda uma categoria de lembranças da mesma ordem, qualquer que seja a época em que as adquirimos: por exemplo, tudo o que sabemos de uma língua estrangeira, e dela somente. Do ponto de vista fisiológico, isto parece explicar-se não pelo fato de que as lembranças de um mesmo período ou de uma mesma espécie estariam localizadas em tal parte do cérebro, que seria a única lesada; mas a função cerebral da lembrança deve ser atingida em seu conjunto. O cérebro cessa então de executar algumas operações, e aquelas somente, da mesma forma que um organismo debilitado não é mais capaz, durante algum tempo, quer de caminhar, quer de falar, quer de assimilar os alimentos, apesar de todas as outras funções subsistirem. Mas poderemos dizer, assim, que o que está afetado é a faculdade em geral de entrar em relação com os grupos de que se compõe a sociedade. Então separam-nos de um ou de alguns dentre eles, e deles unicamente. Todo o conjunto das lembranças que temos em comum com eles bruscamente desaparecem. Esquecer um período de sua vida é perder contato com aqueles que então nos rodeavam. Esquecer uma língua estrangeira é não estar mais em condições de compreender aqueles que se dirigiam a nós nessa língua, ainda que fossem pessoas vivas e presentes, ou autores cujas obras líamos. (HALBWACHS, 2003, p. 32)

Fica evidenciado que, para Halbwachs, o coletivo é indispensável seja para recordar ou para esquecer. Ou seja, toda a produção das lembranças, assim como o seu “apagamento”, tem o fundamento maior no coletivo.

O conceito de memória coletiva é, entretanto, compreendido de forma diversa por outros estudiosos.

A sociologia representou um estímulo para explorar este novo conceito, assim como para o conceito de tempo. Em 1950, Maurice Halbwachs publicou o seu livro sobre as memórias coletivas. A psicologia social, na medida em que esta memória está ligada aos comportamentos, às mentalidades, novo objeto da nova história, traz a sua colaboração. A antropologia, na medida em que o termo ‘memória’ lhe oferece um conceito mais bem adaptado às realidades das sociedades ‘selvagens’ que estuda do que o termo ‘história’, acolheu a noção e explora-a com a história, nomeadamente no seio dessa etno-história, ou antropologia histórica, que constitui um dos desenvolvimentos recentes mais interessantes da ciência histórica. (LE GOFF, 2013, p. 432)

É possível perceber que, via de regra, memória coletiva, à exceção do pensamento halbwachiano, está associada à memória de um grupo ou à produção de uma vertente da história que liberta a população da versão histórica oficial.

Não somos capazes de captar toda a complexidade que envolve um acontecimento. Um mesmo grupo de pessoas pode presenciar um fenômeno e recordar-se dele de forma diversa. Para Michael Pollak (1989), lembramos mais facilmente do que é cotidiano e pertence ao grupo, e com mais dificuldade do que se refere ao individual. Isso porque o contato com o grupo e o compartilhamento de olhares sobre o que se deseja recordar, fortalece as representações que

vão sendo conformadas. Assim, a seletividade da memória é uma conciliação entre a percepção individual e a coletiva. Ele também compreende memória coletiva como aquela que é comum aos componentes de uma comunidade e contribui para a sua coesão interna, consolidando fronteiras que os separam dos que não integram esse coletivo.

2.5 TRAJETÓRIAS DA MEMÓRIA

Enquanto fenômeno relacionado ao passado, a concepção e compreensão de memória transmutou-se ao longo do tempo. De fenômeno individual a coletivo e de social a artificial, muitos foram os fatores que influenciaram nessas mudanças. O primeiro a que os estudiosos da área se referem é a invenção da escrita, pelo aumento da capacidade de armazenamento de informações passadas.

A escrita impacta, sobremaneira, no modo como a humanidade passa a acessar o vivido, bem como no que interessa salvaguardar do passado³². Para Le Goff, antes da escrita, a memória coletiva se organizava em torno de

[...] três grandes interesses: a idade coletiva do grupo, que se funda em certos mitos, mais precisamente nos mitos de origem; o prestígio das famílias dominantes, que se exprime pelas genealogias; e o saber técnico, que se transmite por fórmulas fortemente ligadas à magia religiosa. (LE GOFF, 2013, p. 394)

Os mitos de origem davam conta do fundamento da existência do grupo, na busca por uma identidade coletiva. As genealogias, por sua vez, contribuía para justificar a dominação exercida por determinadas famílias sobre o grupo. Por fim, o saber técnico abarcava os conhecimentos que cooperam, diretamente, para a sobrevivência do grupo. Nessas comunidades existia a figura dos homens-memória, que “armazenavam” os conhecimentos necessários tanto à unidade quanto à sobrevivência do grupo. Os guardiões da memória gozavam de prestígio social.

Simone de Beauvoir, em *A velhice*, identifica em algumas sociedades ágrafas que são os(as) idosos(as) que assumem essa função e, conseqüentemente, ocupando posição de destaque social. Isso ocorre, essencialmente, nos grupos sociais em que as condições materiais de existência são fartas e possibilitam o surgimento da magia, da religião e das artes. Nas

³² A escrita, enquanto instrumento de poder é analisada na seção História e Memória.

coletividades rudimentares, de pouco desenvolvimento tecnológico, em contrapartida, há pouco a se ensinar às gerações futuras e, em virtude disso, a memória não é enaltecida, implicando na desvalorização dos velhos(as), que são vistos como improdutivos ao grupo. A filósofa francesa analisa diversos documentos e constata que, na maioria desses coletivos, os(as) idosos(as) são tratados com desprezo e, quando não são ignorados pelo grupo, são isolados dele. A conclusão do estudo é que os(as) velhos(as) só têm algum prestígio enquanto são produtivos ao grupo.

No estudo de Beauvoir (2018) há, entretanto, uma exceção que chama a atenção. Nas diversas comunidades estudadas, o mais comum é que crianças e jovens sejam desprezados, e até mesmo maltratados, pelos adultos. O que contribui para que ao se tornarem adultos, transfiram essa forma de tratamento àqueles que os destratarem, agora já idosos(as). Há, entretanto, algumas poucas comunidades que tratam com zelo e amor suas crianças e jovens, e isso se transforma em cuidado com os(as) idosos(as) também. Por serem casos raros, não impactam na tese do estudo, mas vale o registro aqui.

Retornando ao conteúdo do que é “guardado” pelos depositários da memória, as genealogias são particularmente interessantes porque transformam os nomes próprios em símbolos de memória e poder. A manipulação das genealogias constitui-se na temática central do romance *o Vendedor de Passados* de Agualusa (2018). Nele, Félix Ventura é um genealogista que inventa, e vende, um novo passado para seus clientes. Ao escrever a biografia inventada de um Ministro de Estado,

Félix costura a realidade com a ficção, habilmente, minuciosamente, de forma a respeitar datas e fatos históricos. O Ministro dialoga no livro com personagens reais (em alguns casos com Personagens Reais) e convém que tais personagens, amanhã, acreditem que trocaram com ele, realmente, confidências e pontos de vista. A nossa memória alimenta-se, em larga medida, daquilo que os outros recordam de nós. Tendemos a recordar como sendo nossas as recordações alheias – inclusive as fictícias. (AGUALUSA, 2018, p. 143)

Junto com uma recém-adquirida árvore genealógica e percurso de vida, Ventura entrega documentos escritos e fotografias que a apoiam. Seus clientes são, em larga medida, pessoas que passaram a ocupar o poder em Angola após a sua independência de Portugal. Isso porque os ocupantes de cargos públicos, empresários, ou demais figuras de destaque, querem esconder um passado humilde, ou criminoso, e adquirir *status* social de “nobreza e cultura”. A manipulação do passado é utilizada para legitimar privilégios e, em um nível macro, criar uma história nacional de “grandes homens”.

É significativo considerarmos que o desenvolvimento da escrita e, posteriormente, da memória – de oral para escrita – aconteceu a partir de condicionantes sociais que incluíam um contexto de urbanização social e de desenvolvimento tecnológico. Os primeiros escritos davam conta de acontecimentos que interessavam à permanência e ao desenvolvimento da organização social vigente, daí porque os registros iniciais eram sobre práticas financeiras e religiosas, além de dedicatórias, genealogias e calendário (LE GOFF, 2013)

Deriva daí que a escrita não modifica, a princípio, o que é “guardado” como memória coletiva, aqui entendida como memória *sobre* um povo e não memória *de um* povo. A inovação está na substituição gradativa dos homens-memória por registros escritos, mas o registrado continua sendo as informações que contribuem para manter o privilégio do grupo que está no comando, que nesse momento histórico é predominantemente ocupado pelos reis. Foram eles que criaram as “instituições-memória: arquivos, bibliotecas, museus”, convertendo a memória urbana em memória real (dos reis), que enaltecem os seus feitos, seja no campo da guerra ou da justiça. (LE GOFF, 2013, p. 397)

A memória, nesse contexto é, pois, elemento de poder. A partir da escrita, os feitos reais são ostentados, nos primórdios, de duas formas: a comemoração e a escrita, propriamente dita. A primeira abarca as inscrições (epígrafes, runas e placas) e os monumentos (estelas e obeliscos), com a função de perpetuar a lembrança: “[...] Os ‘arquivos de pedra’ acrescentavam à função de arquivos propriamente ditos um caráter de publicidade insistente, apostando na ostentação e na durabilidade dessa memória lapidar e marmórea.” (LE GOFF, 2013, p. 396).

A escrita modificou o psiquismo. Em vez do espaço de criação que a memória oral permitia, difundiu-se, cada vez mais, a memorização mecânica, repetitiva da “palavra por palavra”. Entre os filósofos da antiguidade já havia resistência à nova forma de registrar o conhecimento. Platão (2019) acreditava que o desenvolvimento da escrita enfraqueceria a capacidade humana de conhecer porque quem aprendesse a escrever deixaria de exercitar a memória. Em sua reflexão, a escrita era algo exterior ao ser, que prejudicaria o seu desenvolvimento interior (memória).

A ponderação platônica não está de toda desatualizada, se trouxermos à baila os modelos educacionais que, ainda nos dias de hoje, preocupam-se com a “transmissão” de conhecimento pautada na repetição, pelo(a) estudante, do que foi ditado pelos(as) docentes, sem acréscimos nem subtrações.

A invenção da imprensa deu uma nova configuração para a memória. Se antes a escrita e a leitura eram restritas a poucos, a reprodução acelerada dos impressos, bem como o aumento no número de alfabetizados, contribuiu para a popularização das formas de pensar, registrar,

interiorizar e exteriorizar conhecimentos. Segundo Le Goff (2013), a imprensa impulsionou o desenvolvimento de uma memória coletiva que retratava a história dos “grandes povos”, bem como o conjunto dos conhecimentos produzidos pela humanidade.

O segundo grande salto na velocidade da produção de conhecimento da humanidade se deu com os computadores que tem suas origens na 2ª Guerra Mundial, com as máquinas de calcular. Enquanto a memória dos computadores é estável e armazena uma grande quantidade de informações que podem ser evocadas a partir de comandos específicos, a memória humana é instável e tem uma capacidade de armazenamento, ao que parece, inferior e com evocação mais complexa. Entretanto, é ela quem alimenta e controla a memória artificial dos computadores.

Atualmente, entretanto, o desenvolvimento da inteligência artificial tem sido, paulatinamente, uma discussão polêmica que envolve de cientistas a cidadãos(ãs) comuns. Para o nosso trabalho, não nos aprofundaremos nela por não considerarmos que tem influência direta sobre as questões que analisamos nesse texto. Por outro lado, interessa-nos, sobremaneira, nos determos um pouco mais sobre a relação que se estabelece entre memória e história.

2.6 MEMÓRIA E HISTÓRIA

Segundo Le Goff (2013), a história divide-se em objetiva e ideológica. A primeira refere-se àquela escrita pelos historiadores, que tem um caráter objetivo por se basear em fatos descritos e estabelecidos por determinados parâmetros “universais no que diz respeito às suas relações e sucessão” (LE GOFF, 2013, p. 392). A história ideológica, por sua vez, equivale à memória coletiva e é produzida a partir da cultura que a representa, sendo confundida, muitas vezes, com mito. A história objetiva é, pois, apresentada como verídica e a ideológica como imprecisa, ou mesmo fictícia.

A tentativa de fazer da história uma ciência exata, que narra os “fatos” como ocorridos, é fortalecida no positivismo. Nessa perspectiva historiográfica, apenas os documentos confiáveis devem ser utilizados e aí temos uma primazia dos escritos. Muito antes disso, porém, a escrita era utilizada para registrar os feitos dos “heróis” ou reis, conformando a história dos que detinham o poder. O monumento público e a inscrição foram largamente utilizados no Império Romano para personalizar a história na figura do imperador.

[...] o Senado romano, oprimido e por vezes dizimado pelos imperadores, encontra uma arma contra a tirania imperial. É a *damnatio memoriae*, que faz desaparecer o nome do imperador defunto dos documentos de arquivo e das inscrições monumentais. Ao poder pela memória corresponde a destruição da memória. (LE GOFF, 2011, p. 404)

Além dos monumentos e das inscrições, as comemorações também são vestígios da história. A memória religiosa, por exemplo, se fortaleceu (e se fortalece) através de cultos, túmulos, relíquias e comemorações das mais variadas – dia dos(as) mortos(as), dia dos(as) santos(as), etc. (LE GOFF, 2011).

As comemorações são, ainda, utilizadas para lembrar revoluções e fatos políticos no mundo ao longo do tempo. A comemoração do dia da Proclamação da Independência do nosso país é um exemplo disso. Existem nas comemorações, no entanto, um apagamento da história de muitos, visto que o que é contado, via de regra, é a versão dos vencedores.

Em *História e Memória*, Le Goff (2013) conclui que a memória precisa ser compreendida como elemento importante da história, ou melhor, das histórias, porque não existe apenas uma versão para os acontecimentos da humanidade; ao contrário, elas são múltiplas e revelam diferentes interesses. Nesse sentido, o que as diferentes populações guardam sobre seus antepassados é fundamental para construir uma história plural.

Enraizado na Nova História, Pierre Nora (1993), assegura que na relação entre história e memória, a primeira é hipervalorizada em detrimento da segunda, o que impacta na identidade do coletivo e na capacidade das pessoas de recordar, reviver e aprender com o passado.

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A **memória é a vida**, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente **evolução**, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A **história é a reconstrução** sempre problemática e incompleta **do que não existe mais**. A **memória é um fenômeno sempre atual**, um elo vivido no eterno presente; **a história, uma representação do passado**. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. **A memória emerge de um grupo que ela une**, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existe; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. **A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém**, o que lhe dá vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às

evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. (NORA, 1993, p. 9, grifos nossos).

A concepção de que existe uma história verdadeira é uma expressão de poder em que a versão de um grupo se sobressai em detrimento da de outros. Essa forma de fazer história tem contribuído para justificar a manutenção dos privilégios de determinados estratos sociais. É a história contada por alguns e não por todos.

Assentados na convicção de que é necessário democratizar as versões da história – daí a tese de existência de histórias, no plural – no ano de 2020 vimos, pelo mundo todo, movimentos de reivindicação de revisão da história oficial. Exemplo disso encontra-se na atividade de grupos antirracista nos Estados Unidos da América, notadamente no mês de junho, que derrubaram estátuas de escravocratas que existiam em praça pública. No Brasil, existem propostas para modificar o nome de ruas, escolas e outros locais públicos em que ditadores foram homenageados.

3 VIDAS PARTICULARES, CAMINHOS COLETIVOS

Quando você lê uma autobiografia, não se deixa simplesmente levar pelo texto como no caso de um contrato de ficção ou de uma leitura simplesmente documentária, você se envolve no processo: alguém pede para ser amado, para ser julgado, e é você quem deverá fazê-lo. De outro lado, ao se comprometer a dizer a verdade sobre si mesmo, o autor o obriga a pensar na hipótese de uma reciprocidade: você estaria pronto a fazer a mesma coisa?

Philippe Lejeune

A escrita sobre si não é novidade nas produções acadêmicas, muito menos nas obras literárias e filosóficas. Platão, por exemplo, fez uso de diálogos que remetem a uma escrita sobre o vivido, ou supostamente vivido, para anunciar as premissas que defende. Em *Confissões*, Santo Agostinho se mostra ao mundo com suas limitações, dúvidas e inquietações, tanto quanto com seus ensinamentos e proposições. Na literatura, a autobiografia é um gênero que acolhe as memórias, cartas e diários de autores(as), estudiosos(as), artistas e empresários(as), para citar apenas as mais recorrentes. De uma forma geral, o interesse do público recai sobre a vida de pessoas que se destacaram na sociedade. Por isso, o relato de vida do indivíduo comum fica, muitas vezes, restrito às publicações sociais e/ou políticas e aos estudos acadêmicos das ciências humanas.

No campo da educação, entretanto, é grande a quantidade de pesquisas que dá visibilidade à narrativa que professores(as) fazem de si e da sua vida, notadamente da sua atuação profissional. O Grupo de Trabalho 02 – *História da Educação*, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) reúne boa parte da discussão acadêmica brasileira sobre essa temática que, comumente, busca compreender a construção da identidade e dos saberes docentes. É nesse contexto que a presente tese se insere.

Esse trabalho evidencia a vida de 17 mulheres que foram estudantes do curso de Pedagogia PARFOR/URCA, com sua primeira aula no curso em 15 de agosto de 2014 e a colação de grau em 18 de setembro de 2020 numa solenidade virtual, mais de seis meses após o previsto em virtude da pandemia da COVID-19. As aulas ocorreram em Saboeiro, cidade em que moram. Eventualmente, também participaram de atividades na sede da URCA, no Crato.

A leitura, e o acolhimento, das memórias dessas alunas-professoras nos proporciona o conhecimento de uma realidade que se desenha a partir da percepção de vida delas. Um conhecimento que abarca a existência de muitas professoras das cidades agrícolas do interior

do Nordeste brasileiro, em especial do Ceará. Tratamos os memoriais como uma lembrança, real ou imaginária, sem a preocupação com a suposta veracidade do ocorrido. Isso porque o nosso referencial teórico nos aponta para a memória como uma revisitação ao passado que é atualizado no presente. Isto nos possibilita afirmar que o trabalho de escrita e reescrita do memorial permitiu às suas autoras passear por sua subjetividade, construindo imagens de um tempo vivido, mas, sobretudo, de um sentimento que dá significado às suas narrativas.

É inegável que a memória tem um papel substancialmente elementar na estruturação de nossa trajetória e compreensão histórica. O propósito de rememorar as significações dadas à infância, é indubitavelmente, imprescindível, em virtude de favorecer um encadeamento, suscitando uma aderência reflexiva sobre as múltiplas possibilidades que perpassam as diferentes significações de vivência do sujeito, resultantes de um conjunto de influências estabelecidas pelo meio, que tem vinculação com os sentidos que lhes são atribuídos, remetendo-nos a várias abordagens e vivências que se imbricam. (PEREIRA, 2019b, p. 14)

[...] é notória a amplitude e a significância de relatar experiências vivenciadas no âmbito educacional e profissional, visto que o processo educativo envolve relações entre pessoas, alicerçados em uma visão de homem, mundo e sociedade, a fim de que se produzam um com o outro em um processo de empoderamento, mediação e transformação do conhecimento na vida humana, em detrimento com as alterações no âmbito social, político e cultural do sujeito, posto que evocar sua trajetória vivida é sempre instigante e relevante para refletirmos sobre um caminho que vimos trilhando, tanto na direção da realização pessoal, quanto profissional. (SILVA, 2019c, p. 16)

Apesar de seguirem um roteiro³³ para orientar e organizar suas memórias, as autoras variaram nas narrativas porque as recordações vêm à tona de forma diversa. O que uma considerou importante nem sempre foi mencionado pelas outras. São caminhos que ora se cruzam, ora se afastam; ora estão em ascensão, ora em declínio; ora são quentes, secos e sufocantes, ora são agradáveis, suaves e belos. Caminhos de esperança, não no sentido de esperar, mas no de buscar com o desejo de alcançar. Com isso, podemos afirmar que reunimos aqui tanto o que as une quanto o que as diferencia. O critério de escolha dos trechos recortados foi a relação com a realidade educacional dessas pessoas e dessa localidade, bem como o que nos parece poder ser expandido para a apreensão de realidades similares a esta.

A memória, considerada como diálogo do presente com o passado, pressupõe visões particulares de processos coletivos que, por sua vez, ampliam as possibilidades de compreensão do fenômeno em estudo. A história de vida vem, nesse sentido, incorporar as versões e os

³³ Esse roteiro, junto com as orientações repassadas pela coordenação do curso às alunas-professoras, encontra-se no Anexo B desse trabalho.

entendimentos de sujeitos variados, por vezes ignorados, que têm muito a contribuir com esse processo.

3.1 HISTÓRIAS DE VIDA

Para Le Goff (2011, p. 437), “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.”. Dito isto, acreditamos ser essencial fortalecer os espaços que evidenciam a história do(a) homem/mulher comum, ampliando os olhares sobre a sociedade e democratizando a história, ou melhor, as histórias.

Philippe Lejeune, em *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*, analisa “as escritas do eu” na literatura, no jornalismo e nas produções acadêmicas. O livro reúne produções de diferentes períodos da vida do autor. No primeiro capítulo, apresenta a versão original de *O pacto autobiográfico*, ensaio publicado em 1975. Nele, o centro das discussões é ocupado por reflexões teóricas sobre a autobiografia, definida como uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade.” (LEJEUNE, 2014, p. 16)

No segundo³⁴ e no terceiro³⁵ capítulo, encontram-se revisitações ao primeiro, feitas, respectivamente, onze e vinte e cinco anos após sua primeira edição. Nesse novo olhar, Lejeune (2014) reconhece que a primeira definição que deu à autobiografia foi muito lexical, e a amplia, com o entendimento de que há, nela, espaço para a fantasia e a inexatidão. Acrescenta, ainda, que muito da autobiografia é definida pelo leitor: “[...] é preciso admitir que podem coexistir leituras diferentes do mesmo texto, interpretações diferentes do mesmo ‘contrato’ proposto. O público não é homogêneo” (p. 67).

Isto o leva a uma fecunda ponderação sobre a autoria da literatura autobiográfica, por reconhecer que muitas obras não foram escritas por quem viveu as memórias ali retratadas. As reflexões que daí derivam sugerem uma possibilidade de autoria tanto para quem as viveu (modelo), quanto para quem as escreveu (*nègre*³⁶). Sem contar a influência do(a) editor(a) e

³⁴ O pacto autobiográfico (bis).

³⁵ O pacto autobiográfico, 25 anos depois

³⁶ Verdadeiro autor de obras que foram publicadas como se fosse de outra pessoa.

dos(as) leitores(as) nas narrativas, visto que muitas obras são adaptadas para conquistá-los(as). Lejeune (2014) também irá analisar livros em que a narrativa sugere que se trata de fatos da vida do escritor, entretanto, não assumidos de forma explícita.

É nesse cenário que o estudioso francês defenderá ser indispensável que haja uma identidade assumida, por meio de um pacto com o leitor, de modo a não restar dúvidas de que autor, narrador e personagem são a mesma pessoa.

Em oposição a todas as formas de ficção, a biografia e a autobiografia são textos *referenciais*: exatamente como o discurso científico ou histórico, eles se propõem a fornecer informações a respeito de uma ‘realidade’ externa ao texto e a se submeter portanto a uma prova de *verificação*. Seu objetivo não é a simples verossimilhança, mas a semelhança com o verdadeiro. Não o ‘efeito de real’, mas a imagem do real. Todos esses textos referenciais comportam então o que chamarei de *pacto referencial*, implícito ou explícito, no qual se incluem uma definição do campo do real visado e um enunciado das modalidades e do grau de semelhança aos quais o texto aspira. (LEJEUNE, 2014, p. 43)

Para os textos em que não há essa identidade, em que a produção é feita em conjunto ou em que a vida é narrada pelo “personagem” e escrita pelo “escritor”, a denominação mais adequada é “relato de vida”. Esse tipo de material é frequente tanto na literatura quanto na academia, quando pesquisadores escrevem sobre a vida das pessoas, algo comum nos estudos etnólogos.

A cerca da verdade que o texto autobiográfico representa (ou deveria representar), ele nos fala de uma verdade possível, pois reconhece a impossibilidade de não cometer equívocos, distorções ou esquecimentos ao recorrer à memória e ao fazermos os ajustes necessários para transformar em escrita o que se viveu. Ademais, compreende que é o texto autobiográfico que “produz a vida” e não a vida “vivida” que produz o texto, pois ao nos dispormos a escrever sobre nós, realizamos um movimento de decidir: o que contar e o que não contar, o roteiro a seguir, a interpretação que damos ao vivido.

Na verdade, nunca somos causa de nossa vida, mas podemos ter a ilusão de nos tornarmos seu autor, escrevendo-a, com a condição de esquecermos que somos tampouco causa da escrita quando de nossa vida. A forma autobiográfica dá a cada um de nós a oportunidade de se crer um sujeito pleno e responsável. (LEJEUNE, 2014, p. 143)

Há, ainda, um recorte social nas autobiografias. Lejeune (2014) reconhece que os escritos da própria vida foram, e ainda são, privilégio da classe socialmente favorecida. Até o século XIX, eram raros os registros da vida das pessoas do povo, em oposição à quantidade de

“[...] biografias, testemunhos, memórias e lembranças, correspondências e publicações relacionadas às pessoas célebres, os que participaram do governo, das guerras, ou que tiveram êxito em um campo qualquer da vida social, das artes ou das letras” (LEJEUNE, 2014, p. 153) disponíveis no Catálogo da História da França, elaborado pela Biblioteca Nacional francesa.

Em 1948, com a invenção do gravador, os estudos sobre a vida da classe operária ganham impulso, seja nos estudos acadêmicos ou nas produções literárias. Entretanto, ainda é a escrita sobre o outro, ou pelo o outro, que prevalece. Nos EUA, a partir de 1948, as gravações tinham o intuito de salvaguardar a memória da população para estudos futuros, criando um novo tipo de arquivo. Na maioria das vezes a gravação era feita por uma pessoa que não iria analisá-la ou publicá-la. Na França, o registro da fala só ganha notoriedade no final da década de 1960 e preocupa-se em resguardar o estilo de vida e a cultura de trabalhadores pobres. Diferente do que ocorreu nos EUA, os registros franceses eram feitos e utilizados pela mesma pessoa. Os “donos das memórias”, entretanto, ainda não as escrevem. Quem toma consciência, analisa e produz conhecimento é o pesquisador e não o narrador.

Essa é a ambiguidade de qualquer tentativa etnológica: ao fixar e preservar a memória de uma sociedade ‘oral’, o ato vai aliená-la, apropriar-se dela e reificá-la. Interroga-se o modelo para que ele comunique sua memória tal qual e não para que faça uso dela. E quando a enquete desperta nele uma vocação autobiográfica e ele compra um caderno para escrever, o pesquisador, por sua vez, se sente curto-circuitado e acha irritante ou pungente esse esforço do modelo para retomar a própria vida.” (LEJEUNE, 2014, p. 168)

Os movimentos para romper com essa ambiguidade se iniciam ainda na primeira década do século XX. A proposta é a de criar condições para que as pessoas fixem suas memórias, num movimento de “autogerir suas lembranças e tradições”. Nesses casos, “[...] o sujeito é seu próprio informante, toma a iniciativa e escreve com o projeto de *construir* sua identidade.” (LEJEUNE, 2014, p. 173). É com esse entendimento que desenvolvemos a nossa pesquisa, analisando os memoriais integrantes das monografias das alunas-professoras do PARFOR de Saboeiro.

3.2 DE ONDE PARTO É PARA ONDE VOLTO

Para uma compreensão geracional das estudantes-professoras, identificamos que a idade delas varia de 26 a 56 anos, estando a maioria concentrada dos 30 aos 46 anos. O

conhecimento dessa variação de 30 anos entre a mais nova e a mais velha é importante para situarmos, no campo da história da educação, as vivências narradas.

A maior parte³⁷ das nossas autoras nasceu, morou e ainda mora em sítios da cidade de Saboeiro, no Ceará. A vida em sítios e vilarejos rurais, muitas vezes, tem uma característica comunitária, o que contribui para o fortalecimento dos laços afetivos tanto com a família quanto com os(as) vizinhos(as) – que muitas vezes também são familiares. A união da comunidade agrícola não passou despercebida por uma das autoras, que nos fala de como eles(elas) eram solidários.

Fomos morar em uma vila chamada Lagoa de Dentro, no mesmo município, só que a uma distância maior que a anterior, que somava exatamente 20 km da sede. Um lugar ainda mais simples do que o anterior, totalmente desprovido de patrimônio público como serviço de telefone, energia elétrica, abastecimento de água, praça, quadra de futebol etc.

Em contrapartida, era um lugar bastante pacato, com um pouco mais de 50 famílias, sendo que todas viviam da agricultura e da pecuária. Os moradores não tinham basicamente nada para o sustento, a não ser da agricultura, pois tudo o que se tinha era tirado da roça, sobretudo o sustento familiar.

O povo desse lugar era bastante humilde, sofrido, enfim... Na hora que um sentia uma necessidade de algo, todos se ajudavam. Sendo assim todos dependiam uns dos outros para sobreviver. Lembro - me bem que lá não tinha açude que pudesse abastecer todas as casas. Então a comunidade era obrigada a esperar o carro pipa que vinha da cidade, ou pegar água em jumento, em açudes de comunidades próximas. O meio de comunicação era somente o rádio a pilha. As casas eram iluminadas por lamparinas e quem podia comprar um lampião funcionava a gás de cozinha. (SANTOS, 2019, p.12)

Nos relatos das memorialistas sobre a infância, a pobreza aparece com frequência.

Era um tempo de muitas dificuldades, onde a base econômica da família era proveniente da agricultura com o plantio de milho, feijão e fava, cultivavam o suficiente para o subsídio da família e o restante vendiam para adquirir alimentos que a lavoura não dava para cultivar. Com muita dificuldade e rigidez, meus pais educaram a mim e aos meus irmãos. (SOARES, 2019, p. 13)

Uma delas dedicou atenção maior às adversidades financeiras que as acompanharam nesta fase de suas vidas, indicando, por exemplo, a dificuldade para estudar por não ter como arcar com as despesas inerentes à permanência na escola.

Outra coisa frustrante era o alto custo da escola para meus avós que eram muito pobres. Quando eles não tinham o dinheiro para pagar as taxas escolares no dia certo, eu não podia entrar na escola e por isso ficava vários dias sem

³⁷ Quinze indicaram, direta ou indiretamente, o nascimento e a residência na zona rural.

assistir aula até quando conseguissem pagar. A farda tinha que ser dentro dos padrões fornecidos pelo Estado na época, nos mínimos detalhes. Cor do tecido, tipo de tecido, um bolso bordado para a camisa, tamanho das peças e marca dos sapatos, sendo que tudo era muito caro. Meus pais não podiam comprar todo ano. Era muito desafiador para uma criança pobre estudar em uma escola estadual. Por isso precisei de muita ajuda para poder estudar nessa escola – a única na cidade. Mas eu queria tanto estudar que resolvi começar a trabalhar para ter algum dinheiro. Fui trabalhar nas casas de minhas amigas e de outras pessoas ricas. Acabei me tornando amiga dessas pessoas. De algumas, sou amiga até hoje. (BRITO, 2019, p. 11)

As razões para essa miséria vão além das condições climáticas – caracterizada pela concentração de chuvas em poucos meses do ano – e encontram amparo muito mais na falta de vontade política para resolver o problema, visto que avançamos em pesquisas e temos hoje tecnologia capaz de fazer brotar vida em terrenos e climas dos mais áridos, a exemplo do que acontece em países como Israel, Arábia Saudita e Jordânia, que têm investido cada vez mais na agricultura em terras desérticas.

No caso brasileiro, durante os mandatos do Partido dos Trabalhadores (2003 – 2016) no governo federal, os investimentos na agricultura familiar, através do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), resultaram em melhoria na renda do(a) pequeno(a) agricultor(a)³⁸. Entretanto, mudanças na política federal após esse período, aliadas à crise econômica que se abateu sobre o Brasil desde 2016, têm feito com que o pouco que tínhamos avançado rumo a uma melhoria na qualidade de vida desses pequenos produtores esteja agora cada vez mais ameaçado.

É nesse contexto de limitações financeiras que a religiosidade se insere no cotidiano das autoras. Os sentimentos mais pronunciados em relação a ela são os de gratidão e de amparo.

Aos meus sete anos, experimentei pela primeira vez a dor da perda. Meu pai faleceu e minha mãe, mulher forte e guerreira trabalhou em serviços pesados para que não nos faltasse nada. Sua força foi sempre o nosso maior exemplo. Pela força das circunstâncias, eu, como a filha mais velha, tive que tomar conta dos meus irmãos e também ajudar a minha mãe na roça.

No começo foi muito difícil, visto que eu nunca tinha ido à roça antes, pois meu pai não deixava. Eu sofria com uma alergia nas pernas por causa de alguns tipos de vegetais, surgiam feridas e coçava muito, mas não podíamos nos dar ao luxo de deixar aquele trabalho. Com o passar do tempo fui desenvolvendo resistência a isso também, me sentindo mais forte à medida que meu corpo se adaptava à árdua tarefa e comecei a ganhar dinheiro para comprar minhas coisas e ajudar minha mãe.

Um fato marcou minhas lembranças dos dias mais difíceis: um dia chegou uma mulher na minha casa pedindo para me adotar, já que era difícil para minha mãe trabalhar para sustentar a nós todos. Escondi-me embaixo da cama

³⁸ Sobre esse assunto, consultar Sabourin (2007) e Hespanhol (2013).

para não ir com ela. Minha mãe, mulher forte e guerreira como já falei, só a agradeceu pela preocupação e disse que não daria seus filhos a ninguém. Foi reconfortante ouvi-la dizer aquela mulher que se passasse um dia sem comer, seria ao meu lado, mas completou dizendo que se dependesse dela, isso não aconteceria. Ela garantiu que se **Deus** tirou o pai tão cedo, é porque achou que ela tinha a capacidade de nos criar.

Hoje me dou conta de quão ricos éramos, mesmo com todas as dificuldades que enfrentamos. A gente dialogava, algo tão raro nas famílias de hoje. Uma coisa que meus pais sempre me ensinaram foi a ser honesta e que nunca devemos querer aquilo que não é da gente. Ensinaram ainda que devemos lutar e conquistar o que queremos ter na vida um dia pelos nossos próprios méritos. Eu agradeço a **Deus** todos os dias por esses ensinamentos que fazem tanta falta na atualidade. (ALMEIDA, 2019, p. 12, grifos nossos)

Essa é uma tendência da vida do sertanejo que labuta e reza. Que tem a fé em um ser superior como conforto para suportar os dias ruins e acreditar em dias melhores. Esse sentimento foi eternizado na voz de Luiz Gonzaga, em 1964, numa toada que retrata o ritual diário de olhar para o céu, às 18h, e rezar.

Ave Maria Sertaneja

Quando batem as seis horas
De joelhos sobre o chão
O sertanejo reza a sua oração

Ave Maria
Mãe de Deus Jesus
Nos dê força e coragem
Pra carregar a nossa cruz

Nesta hora bendita e santa
Devemos suplicar
À Virgem Imaculada
Os enfermos vir curar

Ave Maria
Mãe de Deus Jesus
Nos dê força e coragem
Pra carregar a nossa cruz

(Julio Ricardo e O. de Oliveira)

Apesar da condição de existência material ser precária, o sentimento que se sobressaiu nos memoriais em relação à infância, foi o de “um tempo feliz”, compartilhado com muitas crianças da família ou da vizinhança, em que a brincadeira e a imaginação estiveram presentes, juntas com o contato permanente com a natureza.

Minha infância foi boa, brinquei muito. Mesmo sendo tímida, consegui aproveitar bem essa época. Meus avós não tinham condições de comprar brinquedos, então nós os produzíamos. Criávamos bonecas de sabugo de milho e carrinhos com latas de óleo. Havia muitas crianças na localidade em que morávamos, portanto, eram muitas brincadeiras e todas muito divertidas. (DUARTE, 2019, p.12)

Minha infância foi uma fase inesquecível. Brinquei bastante com minhas amigas, brincadeiras como: esconde-esconde trisca, o mapa, pular corda, elástico... momentos maravilhosos. Gostava muito de brincar com minhas sobrinhas no muro da minha casa, no pé de goiaba, a tarde inteira. Lembro-me muito bem que minha irmã gostava de ir para os Caldeirões tomar banho e se bronzear e me levava junto, onde eu aproveitava muito e tinha a oportunidade de tomar banho no rio. (GONÇALVES, 2019, p. 12)

Recordo que uma das coisas que mais adorava fazer era brincar nos arredores da minha casa, nos riachos na época de inverno ou na casa dos meus amigos, que grande parte eram primos, vizinhos e minha irmã. Todos os dias nos encontravam para brincar, na maioria das vezes na calçada da casa dos meus avós ou até mesmo em nossas casas, seja lá onde eram, era sempre uma animação quando chegava esse momento.

Naquela época, não tínhamos muitos brinquedos, mas isso não era empecilho para que deixarmos de brincar, pelo contrário, usávamos da nossa imaginação e confeccionávamos bonecas de pano ou de sabugo de milho, fazíamos de conta que as árvores, principalmente os de cajarana, no quintal de minha avó, eram grandes casarões e assim por diante. (SILVA, 2019c, p. 13)

[...] Outra atividade que adorávamos fazer era que no período do meio dia, enquanto nossos pais dormiam, armávamos barracas no quintal de casa. Fazíamos das barracas, as nossas próprias casas, utilizando de insumos característicos da natureza, manipulando-os e aderindo-os como se fossem os itens que constituem uma casa. Um dos primos era o único que ficava incumbido para ser o vendedor do mercado representativo, pois, ele era ótimo em cálculos. Utilizávamos de folhas de árvores para a representatividade do dinheiro. (PEREIRA, 2019b, p. 15)

A imaginação é o recurso utilizado por todas elas para transformar as condições materiais da existência em brinquedos e brincadeiras que fazem com que as memórias desse tempo sejam felizes. É por meio do “faz de conta” que se transportam para outros tempos e espaços.

Essa ênfase nos momentos felizes nos faz lembrar o destaque que constatamos no nosso referencial teórico sobre a influência das emoções na construção da memória, sejam elas positivas ou negativas. O que se confirma no relato de uma das autoras que recorda de uma colega que, mesmo criança, se sentia superior às demais em virtude dos brinquedos que possuía, e conseguia fazer com que elas se sentissem inferiores.

Em consonância, um dos marcos de minha infância que me recordo fortemente, diante de uma perspectiva emocional, que suscitou em mim vários sentimentos foi exatamente a maneira de proceder de uma colega, ao brincarmos. Ela, mesmo ainda criança assumia uma postura de superioridade com relação às demais colegas, por ter um brinquedo que não tínhamos, inibindo-nos e amedrontando-nos. Isso na época acarretava mim e nas amigas um sentimento de inferioridade e amedrontamento. Questões comuns e típicas dessa fase. (PEREIRA, 2019b, p. 16)

As reflexões que Pereira (2019b) faz dessa passagem da sua infância demonstra uma reatualização do passado em que ela tem consciência de que a compreensão que tinha sobre o fenômeno lembrado se alterou com o tempo, passando de um sentimento de inferioridade ao entendimento do contexto em que a situação ocorreu.

Sobre eventos marcantes da infância, é importante destacar que metade das autoras foram criadas por famílias adotivas ou pelos avós, segundo as mesmas, com amor e acolhimento. Entretanto, parte delas guarda lembranças dolorosas, que por vezes tornaram-se mágoas, de um tempo anterior em que enfrentaram preconceito racial (que se estendeu ao convívio escolar), alcoolismo ou o abandono do pai ou da mãe.

Sou filha adotiva de uma família com onze irmãos, da qual sou a mais nova. Fui criada por pais excelentes, de classe baixa, agricultores, e tenho um enorme orgulho por ter sido criada por eles, não me considero de outra família, mas sinto-me revoltada desde a infância até hoje pelo motivo de rejeição dos meus pais biológicos. Isso me deixou com trauma minha vida toda. (SILVA, 2019b, p. 11)

Fui criada em Saboeiro-Ceará, visto que meus avós maternos foram me buscar em Iguatu para me criarem, pelo fato do meu pai não ter assumido minha paternidade. A família de meu pai só queria algum envolvimento comigo, se eu fosse um menino. Vieram me ver para me levarem com eles, mas mudaram de ideia ao saberem que eu era menina.

O que me marcou muito foi quando foram me colocar na escola. Eu não tinha certidão de nascimento, e para ser matriculada eu precisaria ter esse registro legal. Meu pai (avô) queria me registrar como filha dele e de sua esposa (minha avó), mas o profissional do cartório não aceitou, disse que isso não era permitido, já que eles eram idosos. Então voltamos para casa e decidimos que minha tia e seu marido seriam registrados como meus pais. Mas novamente não foi possível. Então fui registrada constando na minha certidão de nascimento apenas o nome de minha mãe biológica, sem o nome do pai. No campo para o nome do pai consta a seguinte informação: filha ignorada. Isso foi muito marcante para mim de uma forma negativa. Até hoje me sinto mal, quando preencho algum tipo de cadastro/documento e tenho que colocar na informação do pai: filha ignorada. (BRITO, 2019, p. 10)

[...] filha de mãe solteira, agricultora, tenho quatro irmãos, sendo três deles mulheres. Nós, as filhas mulheres, fomos criadas pelos nossos avós e meu irmão pela nossa mãe, que foi morar em outra cidade.

Minha vida nunca foi fácil. Passei por muitas dificuldades, pois meus avós não tinham condições financeiras. Meu avô era vaqueiro e minha avó, dona de casa. Meu avô era aposentado como agricultor, mesmo assim, o dinheiro que ele tinha não era suficiente para cobrir todas as nossas necessidades. Não éramos as únicas que moravam com nossos avós, os mesmos criavam onze netos, sendo nós quatro da minha e mais sete do meu tio, além de haver uma tia solteira em casa. A família era formada por 14 pessoas ao todo. Era uma família muito grande para uma renda tão baixa. Por isso passávamos por muitas necessidades. (DUARTE, 2019, p.12)

Tenho 7 irmãos por parte de mãe e pai e mais 5 irmãos só de meu pai. Minha mãe veio a falecer quando eu tinha apenas 5 meses de vida. Fui criada pelo meu avô materno e a sua segunda esposa a quem vim chamar de mãe. Meu avô foi como um pai, a quem jamais vou esquecer, sempre amoroso e muito atencioso comigo. Vou amá-lo até o fim da minha vida, pois tudo que sou hoje devo a ele. Seus ensinamentos jamais esquecerão, pois ele era uma pessoa de bom coração e caráter. Meu avô teve 18 filhos com a minha avó e mais 3 filhos com a segunda esposa. Convivi com os três filhos do meu avô, sendo eles da segunda esposa, onde tenho-os como irmãos, pois não tive a oportunidade de conviver com os meus irmãos de sangue. (GONÇALVES, 2019, p. 12)

[...] Nasci na cidade de Iguatu CE, onde vivi três anos da minha vida com a minha família biológica, formada por meus pais e mais três irmãos, sendo 2 meninos e 2 meninas, de modo que dessa família eu era a caçula. Poucas recordações trago na memória desse tempo vivido com eles.

Não sei o motivo, razão ou circunstância, mas ocorreu que a vida estava me separando de todos. Lembro-me de ser acolhida por pessoas que eu não conhecia, mas que me tratavam muito bem e com todos os cuidados possíveis e que, no outro dia, fizemos uma grande viagem. Era impossível para uma criança de três anos imaginar o que estava acontecendo e que a sua vida a cada quilômetro era deixada para trás, que mudaria totalmente.

Lembro-me que quando cheguei em meu novo lar, todos me olhavam e falavam, claro que não entendia nada, mas me recordo bem como fui acolhida e abraçada por um senhor que eu passaria a chamá-lo de pai, a senhora mostrou um pouco de rejeição pela minha cor, parecia que não a agradava muito.

Sei que fui crescendo e cada dia mais, e via nele um amor que acima de tudo me fortalecia, para que todo preconceito e indiferença fossem superados. Com o passar dos anos fui entendendo que não pertencia àquela família. É como se eu soubesse que aquela viagem poderia ter um retorno, coisa que eu não desejava muito, pois me sentia muito bem ali, onde era muito bem acolhida por meu pai. Recordo-me de ouvir a família escolhendo nomes, mas nem me tocava que seria o meu nome e como eles queriam me chamar [...]

Resumindo, é por isso que tenho dois nomes. O engraçado é que Fabiana foi o primeiro nome sugerido aos meus pais adotivos, só que não gostaram e passaram a me chamar de Suziane, que foi meu pai quem escolheu de todo coração, com a esperança de poder me registrar como filha dele, mas que infelizmente não deu certo. Por ironia do destino, eu já era registrada e com o nome que ele não gostou. Não sei dizer se é pelas circunstâncias da vida ou por a vida que vivi. Não sei, só sei que não me identifico muito com o nome Fabiana. É como se eu fosse outra pessoa, me sinto como alguém de dupla personalidade, duas vidas, uma com experiências marcantes e a outra como se estivesse parada no vácuo. (OLIVEIRA, 2019c, p. 13)

Na condição de filha de mãe solteira, enfrentei muitos desafios, desde o momento em que nasci. Isso aconteceu porque minha mãe morava com os pais na cidade de Iguatu Ceará e tinha apenas 17 anos quando engravidou. Oriunda de uma família pobre, os pais dela não tinham condições financeiras, para me dar o necessário. Ela enfrentou um desafio grande, pois teve que ficar muitas vezes dependendo do meu pai, sendo que naquela época, década de 80, não era muito comum engravidar sem casar. Então minha mãe sofreu muito com as agressões verbais do meu avô. Ele dizia que minha devia abortar, que não era para acriança vir ao mundo por causa das dificuldades de criar, sem a figura do pai. (SANTOS, 2019, p. 11)

Não posso dizer que minha infância foi maravilhosa, claro que teve coisas boas e momentos felizes assim como na vida de outras crianças, mas fui uma criança que sofreu muitos preconceitos, principalmente na escola por parte de alguns coleguinhas de sala e por incrível que pareça de alguns professores. Quando tinha quatro anos fui morar com minha madrinha de batismo, pois meus pais tinham se separado e minha mãe precisou se deslocar do sítio em que morávamos chamado Jatobá, até Fortaleza para trabalhar em casa de família e assim poder manter eu e meus dois irmãos mais novos Gleilton e Gerre que na mesma ocasião tinham ficado sob os cuidados dos meus avós maternos. Quando ela retornou, voltamos a morar juntos como das outras vezes, pois foram várias separações, o meu pai embora nos amasse do jeito dele, sempre carregou consigo um dos maiores que foi o tormento da nossa família até os dias atuais, o alcoolismo. Cresci vivendo momentos terríveis por causa da bebida no qual não convêm citá-los. (OLIVEIRA, 2019d, p. 13)

Outra recorrência na realidade das autoras é o convívio com o analfabetismo de pais e mães³⁹, evidenciado de forma direta ou indireta nos relatos.

Filha de pais agricultores, éramos um total de cinco irmãos, sendo que infelizmente dois vieram a falecer ainda pequenos. Meus pais não tiveram a oportunidade de estudar e sempre nos aconselhavam e incentivavam a fazer isto, porém, fui a única a concluir o ensino médio, pois minhas irmãs desistiram antes de terminar. Hoje agradeço a Deus por estar concluindo uma faculdade, pois foi um dos maiores incentivos a seguir dado por meus pais, levando em consideração que os mesmos não tinham condições de pagar uma faculdade particular e hoje estou concluindo uma faculdade pública. (ALENCAR, 2019, p. 12)

Sou oriunda de uma família humilde, mas que me fez herdeira de muitos valores, assim como a meus irmãos. Meu pai, homem da roça, analfabeto, e minha querida mãe, que também nunca frequentou uma escola, eram doutores da escola da vida. Nosso lar humilde e simples era cheio de amor, e desde cedo aprendemos que deveríamos ser unidos e nos proteger uns aos outros. Nossos pais nos ensinaram a sermos respeitosos com as pessoas, principalmente os mais velhos, a obedecê-los sem reclamar e, a valorizar o trabalho e a honestidade. Não tínhamos tudo, materialmente falando, mas nunca nos faltou comida na mesa e amor. (ALMEIDA, 2019, p. 12)

³⁹ Assumimos por pais e mães os que as alunas-professoras assim os intitulam, independentemente dessa posição ser assumida por avôs, avós ou por membros da família adotiva.

Essa é uma situação comum no meio agrícola, em especial nessa região e nessa geração. Apesar disso, em todos os memoriais foi mencionado o estímulo que receberam da família para estudar. As razões para esse incentivo encontram amparo no sonho de uma condição econômica melhor que lhes dessem mais oportunidades na vida. “[...] Sempre me empenhei na busca do conhecimento formal por incentivo dos meus pais que sempre batalharam pra que eu tivesse acesso à escola para no futuro ter uma melhor estrutura na vida.” (PLÁCIDO, 2019b, p. 13)

[...] eu era muito incentivada por minha mãe, ela dizia que eu procurasse me formar, pois o que era mais valioso que ela poderia me dar era o estudo e sempre chorava, pois ela por ser cega me impulsionava, porque fechava os meus olhos e me imaginava ali diante de um mundo cheio de desafios e não sabia como enfrentá-los.

Ela sempre teve razão, pois de fato o conhecimento é a maior arma que a gente tem, que nos leva ao longe e que ninguém nos tira. De verdade ela me deu o maior bem, esse sim, ninguém vai tomar. (OLIVEIRA, 2019c, p. 17)

A valorização da educação pelas famílias é perceptível, também, nos relatos que remetem ao esforço financeiro e em experiências de seus pais e avôs contarem histórias para elas.

Foi muito difícil para minha mãe dar educação a todos nós, sendo que para manter os nossos estudos, ela fazia canteiros de verduras e tomates, para vender e comprarmos nossos materiais. Quando já estava no ponto de colher, ia ao canteiro às cinco horas da tarde, colhia, arrumava em uma cesta de madeira para que no dia seguinte, de madrugada, no ônibus Jaguaribe, ela saísse para vender. Quando chegava à cidade, vendia toda a verdura e deixava o dinheiro conosco para comprarmos o material escolar e todas as outras pequenas coisas que precisássemos. (SILVA, 2019b, p. 11)

[...] umas das coisas mais marcantes dessa fase era a ida para roça com meu avô, ele adorava levar os netos para comer melancia e colher cajá, assim que chegávamos na roça ele nos mandava ficar a sombra da árvore de cajá. Enquanto isso, ele ia colher as melancias, eu, esperta, corria até encontra-lo no meio da roça, que era uma coisa fácil de conseguir, pois seguia-o através do seu lindo tom de voz cantando Luiz Gonzaga, então ao colher as melancias voltávamos para junto dos outros, para comermos ouvindo diversas histórias contadas por ele. Foram tempos imprescindíveis e de extrema significância em minha vida, onde vivi momentos felizes, levados pela inocência de uma criança. Por fim, posso dizer, então que tive uma infância maravilhosa, tanto que bate saudades quando paro para rememorar-la. (SILVA, 2019c, p. 14)

Parece-nos genuíno o incentivo mencionado com relação à educação, e não apenas um sentimento das alunas-professoras, visto que, em virtude da ausência de escolas com salas de

alfabetização nos sítios em que moravam, três alunas-professoras foram alfabetizadas em casa, uma pelo pai (agricultor) e as outras duas pelas mães, sendo uma delas professora e a outra não.

Minha primeira experiência com a leitura de códigos foi com meu pai. Ele me ensinou a ler, escrever e as quatro operações aritméticas. Os materiais didáticos usados por ele eram: uma cartilha de ABC, tabuada, lápis e caderno. Aprendi a ler e escrever as letras maiúsculas do alfabeto, depois as minúsculas. Depois foi a leitura e escrita das sílabas simples e em seguida a leitura das palavras. Quando conheci as sílabas canônicas e não-canônicas partimos para a leitura de frases. Foi fascinante a descoberta da leitura.

Depois de aprender a ler e escrever, meus pais pagaram uma professora para continuar o desenvolvimento da minha aprendizagem, e eu fui cursar a primeira série numa sala multisseriada a tendência usada pela professora era a tradicional. O material usado por ela era apenas o caderno, o lápis e o livro didático. No meu caso, minha mãe havia comprado um livro de primeira série, com título Novo Nordeste. (PLÁCIDO, 2019a, p. 15)

Quando criança, eu era uma menina ativa, sempre tive facilidade de aprender as coisas, a minha mãe que se chama de Rosilda pelo qual tenho orgulho imenso foi minha primeira professora e por que não dizer a melhor de todas. Antes mesmo de frequentar a escola ela me ensinava em casa as letras do alfabeto e a escrever meu nome, hoje agradeço imensamente a ela por ter sido base da minha na educação pois a participação da família desde cedo na vida de uma criança faz toda diferença na formação pessoal e educacional. (OLIVEIRA, 2019d, p. 13)

Outros(as) quatro pais e/ou mães contrataram professores(as) particulares para que suas filhas estudassem, antes mesmo de começar a frequentar a escola.

Não estudei na creche, e já fui direto para o primeiro ano, pois na época não tinha escola perto da minha casa. Meu pai, preocupado com nosso futuro, contratou uma professora para alfabetizar-nos em nossa casa, a mim e a meu irmão.

Foi uma experiência de apenas cinco meses, pois sendo meu pai agricultor e os recursos financeiros muito escassos na época, foi com muito sacrifício que, do pouco que ele ganhava, pagasse-nos um professor particular. Entretanto, foi o suficiente para nós conhecermos o alfabeto, soletrar algumas sílabas e palavras curtas e escrevermos os nossos nomes. (ALMEIDA, 2019, p. 14)

Quando vim estudar na escola, já estava alfabetizada, sendo que entrei logo para a primeira série, pois minha mãe colocou uma pessoa para me ensinar particular para que, quando chegasse à escola, não tivesse tanta dificuldade. (SILVA, 2019b, p. 11)

Essa mesma estudante-professora narra, com orgulho, o esforço do pai que a levava e trazia da escola, todos os dias, de bicicleta⁴⁰. O resultado desse esforço foi que ingressaram no

⁴⁰ O falecimento de seu pai, ainda no início de sua vida escolar, fez com que precisasse mudar de cidade e, por conseguinte, de escola. A lembrança desse esforço do pai é carregada de emoção.

Ensino Fundamental (EF) reconhecendo letras e números e sabendo escrever seus nomes. De toda forma, a grande maioria adentrou no mundo escolar com idade variando entre seis e sete anos.

Vale ressaltar que a contratação de tutores particulares é uma prática que remonta ao período colonial, em que os filhos da elite da época eram alfabetizados e recebiam as primeiras instruções educacionais em seus domicílios. Esse fenômeno ocorria em virtude da ausência de um sistema educacional que valorizasse a formação enquanto projeto nacional. Dermeval Saviani, em *História das ideias pedagógicas no Brasil* (2011), ressalta que as proposições de concepção e organização de um sistema nacional de ensino brasileiro possuiu mais momentos de retrocesso do que de avanço, ao longo de sua história. Prova disto é que até o século XIX não tínhamos conseguido consolidar ações efetivas nesse sentido, tendo o país, no que diz respeito à educação, vivido de propostas não realizadas em virtude da ausência de investimento e vontade política dos governantes.

Apenas na segunda metade do século XX, em 1961, o Brasil tem a promulgação da sua primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN). Essa constatação nos ajuda a compreender a desvantagem – em termos de desenvolvimento científico, tecnológico, econômico e social – do Brasil em relação às nações desenvolvidas. A LDBEN de 1961 foi expedida já defasada e não garantiu uma educação laica e pública para todos(as) os(as) brasileiros(as). Tampouco contemplou a educação infantil, que continuou relegada a ações de assistência social. Situação modificada apenas com a LDBEN de 1996, que reconheceu a esse nível de ensino como integrante da Educação Básica brasileira e determinou a obrigatoriedade de matrícula de todas as crianças em instituições escolares.

Por muito tempo, foi frequente a fila de pais e mães nas portas das escolas no início do ano letivo para conseguir matricular de seus(suas) filhos(as), em virtude do número insuficiente de vagas. Avançamos em termos de acesso à educação e as filas já não são uma constante. Segundo Oliveira (2007), no final da década de 1980 o número de vagas disponível no ensino fundamental atendia à quantidade total de pessoas em idade para cursar esse nível educacional. De lá para cá, o número efetivo de matrículas nessa etapa só tem crescido o que nos permite afirmar que conseguimos universalizá-lo.

É importante destacar que desde 2006 o ensino fundamental passou a ter nove anos. O objetivo foi o de ampliar o tempo de alfabetização e letramento, que deve ser cumprido no ciclo que vai de 6 a 8 anos de idade, correspondendo aos três primeiros anos desse ciclo. Com isso, crianças a partir de seis anos de idade começaram a ser contempladas pela obrigatoriedade de ensino.

No caso específico das estudantes-professoras do PARFOR, chama a nossa atenção a condição de analfabetismo e pobreza das famílias e, ao mesmo tempo, a determinação para que as filhas estudassem. O que nos faz crer que esses pais e mães, por vezes avôs e avós, compreendiam a escolarização como uma forma de modificar, positivamente, a vida de suas filhas, abrindo espaço para novas oportunidades no campo de trabalho e no desenvolvimento humano. Essa percepção já era defendida por Paulo Freire que afirmava que estudar é o maior ato revolucionário que os pobres podem realizar.

3.3 LUGARES DE MEMÓRIA

Pierre Nora (1993) desenvolve o conceito de sociedade do arquivismo, que está enraizado na ideia de delegar a outro – pessoas ou equipamentos – as nossas lembranças. A terminologia arquivismo refere-se aos arquivos que a sociedade criou para guardar registros da realidade. Eles existem desde a idade antiga, mas ganharam força na idade moderna com a multiplicação da produção de conhecimento pela humanidade. Por não saber o que era importante, arquivava-se tudo.

É nesse contexto que museus e arquivos públicos, dentre outros, são locais destinados à guarda da memória e da história da sociedade. Em se falando do Brasil, tomemos os museus tradicionais como referência. Visitando o museu do Pateo do Collegio, que está localizado no centro de São Paulo, iremos nos deparar, no salão principal, com um acervo fixo de relicários e objetos que materializam a presença dos Jesuítas no Brasil. A exposição é repleta de requinte e ostentação, além de uma variedade de peças – ostensório de ouro, cadeiras que parecem troncos, objetos das celebrações, roupas e objetos pessoais dos jesuítas etc. Em oposição, numa sala no subsolo, encontramos a exposição de peças que pertenceram às primeiras tribos indígenas brasileiras. O espaço ocupado é muito menor que o anterior, além da quantidade e variedade de relíquias também ser diminuta. É evidente a oposição entre a história dos vencedores e a dos vencidos. É possível perceber como a população indígena foi desvalorizada e descartada no Brasil. Em número, eles eram infinitamente maiores do que os Jesuítas, mas é a história do colonizador que ganha destaque, são os registros da passagem dos colonizadores que permanecem em destaque.

Outras iniciativas, entretanto, têm conseguido se contrapor à perspectiva oficial dos registros históricos. Na exposição *Djanira: a memória de seu povo*, realizada no primeiro

semestre de 2019, no Museu de Arte de São Paulo (MASP), a artista Djanira da Motta e Silva (Avaré, São Paulo, 1914– Rio de Janeiro, 1979) retrata o mundo da população brasileira economicamente explorada. São cenas do cotidiano do povo que apontam elementos importantes do imaginário e da realidade da época que nos interessa como elemento de compreensão desse tempo, bem como da forma como vivia a população que não configura a história oficial.

As peças da exposição de Djanira Silva são compreendidas, pela História Nova, como documentos que representam a história de um povo. Le Goff (2011, p. 433) assegura que “A história dita ‘nova’, que se esforça por criar uma história científica a partir da memória coletiva, pode ser interpretada como ‘uma revolução da memória’ fazendo-a cumprir uma ‘rotação’ em torno de alguns eixos fundamentais:” a concepção de tempo vivido, em oposição ao tempo linear e o estudo dos ‘lugares’ da memória coletiva. E complementa:

Lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como os cemitérios ou as arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais como os manuais, as autobiografias ou as associações: estes memoriais têm a sua história. Mas não podemos esquecer os verdadeiros lugares da história, aqueles onde se devem procurar não a sua elaboração, não a produção, mas os criadores e os denominadores da memória coletiva: ‘Estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou de gerações, levadas a constituir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória’ (LE GOFF, 2011, p. 433)

A classificação dos lugares de memória em: monumentais, simbólicos e funcionais atende à história tradicional. O que é denominado de “verdadeiros lugares da história”, entretanto, amplia a compreensão para os espaços dos “criadores e elaboradores da memória coletiva”, apontando as formas de organização humana, sem hierarquia, como “locais” em que estão aqueles que produzem a história.

É nesse cenário que a escola⁴¹ pode ser percebida como um lugar simbólico de memória. Cada um dos que frequenta, ou frequentou, uma instituição de ensino tem recordações ativadas a partir da imagem das salas de aula, do pátio, da cantina, do ritual das aulas, das relações interpessoais, dos livros e dos cadernos, do percurso que faz, ou fazia, para a escola – para citar apenas algumas. Ou seja, situações, sensações, objetos e pessoas nos transportam no tempo para os anos da escola. No momento atual, de pandemia da COVID-19, essas imagens

⁴¹ Vale ressaltar que ao utilizar o termo escola, me refiro a todos os ambientes formais de aprendizagem, sejam eles de Educação Básica ou Ensino Superior.

têm se acentuado pelas atividades remotas. Os relatos de discentes e docentes que apontam a saudade do ambiente escolar tem se multiplicado pelo País.

Afora Pierre Nora (1993), que discute os lugares de memória, recorremos à coletânea *Museus e lugares de memória*, em que, a partir de dissertações e teses, é anunciada uma nova perspectiva para os espaços tradicionalmente apontados como guardiões da memória e das histórias. Nessa obra, o eixo central é a relação memória-história e educação. Nela é reconhecida a influência dos museus, da arqueologia e das artes na formação docente, ao tempo em que é apontada a tendência homogeneizadora dos museus, enquanto guardiões da história dos grupos hegemônicos. Dito isso, é feita uma denúncia sobre a falta de investimento em museus brasileiros que exponham os vestígios das comunidades marginalizadas, nomeadamente das populações negra e indígena, sobretudo nos dois últimos anos.

Uma grande contribuição dessa publicação é a assunção dos lugares de memória, inclusive os museus, como *locus*, não apenas para a contemplação, mas também para a compreensão e propagação dos saberes e da cultura de um povo. Ademais, inclui na condição de lugar de memória o livro didático e a fotografia, por exemplo, por serem instrumentos para a “construção da narrativa da nação”. Esse contexto reforça a nossa tese de que a escola é, pois, também um lugar de memória.

As imagens e narrativas que este espaço evoca aproximam estudantes e profissionais da educação e dizem muito sobre a sociedade em que vivemos. Haja vista que, ao menos no Brasil, a instituição escolar é o único espaço em que todos(as) são obrigados(as) a frequentar⁴². Além de ativar lembranças, a escola perpetua ritos, sentimentos, conhecimentos e comportamentos. Ou seja, ela é, ao mesmo tempo, promotora e guardiã de memórias.

3.4 CAMINHOS DA ESCOLA

A instituição escolar tem sua origem relacionada à forma de organização social. Segundo Saviani (2008), é a descontinuidade do “modo de produção comunal”, com o

⁴² A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de 1996, atestou a obrigatoriedade de matrícula no Ensino Fundamental. A Emenda Constitucional 59/2009, por sua vez, ampliou essa obrigatoriedade para a Educação Básica – que é composta pela Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio – e definiu que todas as crianças e adolescentes brasileiras de 04 a 17 anos de idade devem estar matriculadas na escola. Ainda não conseguimos atender a essa normatização, especialmente pela insuficiência no número de vagas para Educação Infantil, mas é inegável que é cada vez menor o número de crianças sem acesso à escola.

surgimento das sociedades de classes, que fizeram nascer a escola⁴³. Isso porque a hierarquização das atividades produtivas cria o ambiente propício para que a população seja dividida entre os(as) que trabalham e os(as) que pensam. Daí a importância da existência de uma instituição que assumisse a incumbência de ensinar os ofícios inerentes à manutenção da comunidade.

No feudalismo, a escola incorpora a doutrinação religiosa aos seus objetivos e aperfeiçoa a dominação por meio de uma vertente ideológica, além de negar o ensino de conhecimentos de formação geral, já desenvolvidos nesse período, à grande parte da população. Com o capitalismo e, particularmente, com a especialização da produção econômica, a ideia de ensino institucionalizado para todos(as) é disseminada, com o intento de garantir a formação para o trabalho. Fosse pela negação do direito à educação formal à classe pobre, ou pela diferenciação das instituições destinadas a opressores e oprimidos, é possível afirmar que essa instituição nasce, e se desenvolve, com a função de promover e perpetuar a segregação social (SAVIANI, 2008).

Apesar de criada para repetir, padronizar, a escola é um espaço dinâmico e o que acontece nela nem sempre é controlado por políticas públicas, uma vez que a ação educativa é permeada de espaços de liberdade, em que é possível criar experiências próprias e diferentes.

Esse arrazoado é significativo para compreendermos a escola hoje e, de forma singular, a nossa tese de que ela é um lugar de memórias. Ora, se a instituição escolar surge, e se perpetua, com determinados propósitos, é esperado que ela mantenha algumas características e, por conseguinte, promova certos comportamentos e sentimentos em quem a frequenta ou frequentou, gerando memórias, senão unificadas, ao menos assemelhadas.

Para as autoras, o encontro com a escola se deu na infância e é recordado, de forma geral, com carinho e saudades. Antes de chegar nessas memórias, entretanto, optamos por apresentar as condições em que essa inserção aconteceu, destacando: o ambiente, a formação dos(as) docentes, as relações interpessoais que foram estabelecidas e os obstáculos enfrentados por elas.

A descrição da estrutura física e da organização pedagógica do ensino são apresentadas de forma recorrente nos memoriais. Cinco delas estudaram em salas multisseriadas, muitas vezes funcionando na casa do(a) professor(a).

⁴³ No artigo *História da História da educação no Brasil: um balanço prévio e necessário*, Saviani apresenta dados que indicam a existência de escolas em 3.238 a.C., nas civilizações suméria e egípcias, e em 2.500 a.C., na civilização chinesa.

Comecei a estudar pela primeira vez numa escola residência, ou seja, na casa da professora. Levava apenas um caderno e um lápis e a aprendizagem acontecia nesse processo em que se aprende a ler e escrever letras, sílabas palavras e frases. O professor não tinha nenhuma formação docente para ensinar. Eram poucas crianças o que facilitou para eu aprender a soletrar palavras. (PLÁCIDO, 2019b, p. 14)

Iniciei minha vida estudantil aos sete anos de idade. As aulas aconteciam na própria residência da professora, pois na localidade não havia escola. [...] Era uma turma multisseriada, todas as crianças da localidade estudavam ali, do 1º ano ao 5º Ano, todos na mesma condição, tanto da escola como de suas casas. (OLIVEIRA, 2019b, p. 12)

No ano de 1989, meus pais retornaram para o mesmo sítio. Lá cursei a terceira e quarta série na Escola Municipal Maria Martins Viana. Recordo-me que a professora tinha apenas o primeiro grau, mas era bastante esforçada, fazendo com que todos aprendessem. Era uma escola com poucos alunos, e não tinha sala disponível para todas as séries. Por conta disso, fazia-se necessário a multisseriação dos alunos nas mais diversas etapas de ensino. (PEREIRA, 2019a, p. 14)

As salas de aula dos sítios não recebiam a mesma atenção que as da sede. As explicações do poder público para essa situação recaem sobre o número de estudantes que, por ser menor no meio rural, não justificaria o gasto com o deslocamento de vários professores. Daí a presença maior de salas multisseriadas nas localidades campesinas.

É relevante compreendermos que essa forma de organização pedagógica tem sua origem no método lancasteriano, difundido no Brasil na primeira metade do século XIX (RODRIGUES, 2009). Seu objetivo era alfabetizar um grande número de pessoas, com pouco investimento. Para tanto, em oposição ao ensino individualizado (considerado dispendioso), instituiu-se o ensino mútuo que consistia em utilizar os(as) discentes como monitores de ensino. Assim, aqueles(as) que se destacavam na aprendizagem recebiam a incumbência de ensinar os(as) demais. Com isso, era possível atender a um número maior de estudantes, com idades e níveis de aprendizagem diferentes. Essa modalidade mostrou-se ineficaz pela falta de aprofundamento do conhecimento.

Mesmo as memorialistas que não estudaram em salas multisseriadas, reportam uma escola de ensino fundamental (1º e 2º ciclos) com estrutura precária, sem material pedagógico e com professores sem qualificação. A ausência de merenda também foi citada.

Não fiz educação infantil e só comecei a estudar no ano de 1996, com sete anos de idade. Fui matriculada na 1ª série do ensino fundamental, em um anexo da Escola Romão de Sousa Romeiro, na mesma localidade onde moro, Sítio Barra. Esse anexo era um prédio bem simples, éramos poucas crianças, e lá estudamos a primeira e a segunda série. (ALENCAR, 2019, p. 12)

Em seguida minha mãe foi morar de novo no sítio. Lá eu fui cursar a 4ª série na escola que trabalho hoje. Achei tudo muito estranho, afinal a escola era bem pequena, não tinha salas grandes. Era composta apenas de uma sala, dois banheiros e uma cantina. Melhor, nem de escola era chamada, pois era um grupo escolar. Não possuía Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica - CNPJ. Lá também não tinha professor, ou seja, os professores iam da cidade para lá trabalhar, sendo apenas um. (SANTOS, 2019, p. 13)

Ingressei no ensino fundamental com muito entusiasmo e curiosidade para aprender coisas novas, minha primeira professora chamava-se Wanderleia, hoje colega no curso de pedagogia, ela era atenciosa, dinâmica e tratava os alunos com muito carinho, porém como era uma localidade que ficava 18 km de distância do município, a escola apresentava algumas dificuldades com relação a mobiliário, material didático e alimentação, não havia cadeira suficiente para todos os alunos, alguns tinham que sentar no chão, os livros não eram suficientes e sempre faltava merenda, quando se tinha, a merendeira colocava todos os alunos no chão, os alimentos também eram colocados no chão, mandava todos sentarem em círculo e ficava colocando a merenda de um por um, mesmo com as dificuldades. (SOARES, 2019, p. 14)

Nos sítios mais distantes da sede, e/ou pouco populosos, não eram oferecidas todas as séries da educação básica. Quanto mais distante, menor era o número de salas. Muitas vezes, o máximo que se conseguia era chegar até a 2ª série do ensino fundamental.

No ano de 1998 fui estudar na sede da EEIEF Romão de Souza Romeiro, eu já cursava a 3ª série do ensino fundamental, nessa escola fiquei até o 4º ano, era um prédio bom, tinha mais espaço, os alunos ficavam mais à vontade para realizarem suas atividades, tinha bons professores e uma boa relação com os novos colegas, a escola era melhor que a anterior.

No 5º ano fui estudar na escola por nome de Olavo Oliveira, na Cidade de Saboeiro – CE, pois no Sítio onde residíamos só atendia a crianças até o 4º ano do ensino fundamental. Nessa escola fiz novos amigos, passei a estudar novas disciplinas, era tudo diferente da antiga escola. (ALENCAR, 2019, p. 12)

[...] na 7ª série fui estudar na cidade para concluir os anos finais do fundamental II, porque a escola não ofertava essa série devido o número de aluno ser pequeno e não formar a sala. Então passei a estudar na cidade de Saboeiro, ficava em casa de familiares e fim de semana voltava para casa dos meus pais. (PLÁCIDO, 2019b, p. 18)

A partir do início dos anos 2000, o Ceará entrou num movimento de nucleação das escolas, com a justificativa de que era preciso melhorar sua estrutura. Com isso, muitas instituições rurais foram fechadas e seus(suas) estudantes deslocados(as) para outras localidades.

As escolas nucleadas passaram a oferecer uma estrutura melhor, mas distante da casa das estudantes. Para resolver esse problema, algumas foram morar na cidade, por vezes na casa de parentes.

No ano seguinte viemos para a cidade. Eu com o irmão mais velho e minha mãe nos acompanhou. Ficávamos a semana na cidade nos finais de semana voltávamos para o sítio. No segundo ano de estudo na cidade minha mãe não pode ficar na cidade conosco por causa do nascimento da minha irmã. E fiquei só com meu irmão. (PLÁCIDO, 2019a, p. 16)

Nesse período estudei até a sexta série nessa escola no lugar mesmo onde eu moro. Porém, por decisão dos meus pais fui estudar na cidade para concluir o ensino fundamental numa escola de melhor qualidade, mas também do município. Eu ficava a semana na casa de familiar isso durante a semana, final de semana e feriados voltava para a minha casa. (PLÁCIDO, 2019b, p.14)

Das estudantes-professoras que foram morar na casa de parentes ou amigos para dar continuidade aos estudos, o caso de Santos (2019) exemplifica um dos perigos aos quais podiam ser expostas.

No ano seguinte minha avó já não queria ficar mais na cidade, e tive que agora apelar para alguém ou uma amiga me hospedar e poder estudar. Essa pessoa não era parente, apenas conhecida, mas aceitou que eu fosse morar com ela, já que íamos ficar morando na casa do meu avô.

Vou agora relatar que nessa casa passei por momentos difíceis que não gosto de lembrar. No período em que morei com essa família vivenciei o desafio de ser perseguida pelo irmão da mulher que me acolhia em sua casa, todas as vezes que íamos à casa de sua mãe para dormir. Vivenciei noites de terror, pois ele era mais velho do que eu e me assediava. Embora nunca tenha contado isso a ninguém, pois não queria ficar sem estudar, passei a procurar outra pessoa que pudesse me acolher em sua casa, onde eu pudesse viver livre desse transtorno.

Foi quando conheci uma mulher muito boa, doidinha para encontrar alguém que aceitasse morar na casa dela, já que ela tinha uma filhinha pequena e sua mãe era velhinha. Eu fui. Nunca precisei trabalhar forçado, apenas ajudava nas atividades de casa. Morei por dois anos e continuei meus estudos na Escola Municipal Lídia Bezerra. (SANTOS, 2019, p. 13)

O assédio e a violência contra a mulher é um problema generalizado que a cada ano faz mais vítimas pelo País. Essa problemática passou a receber maior atenção do poder público a partir da luta e do fortalecimento de movimentos feministas. No Brasil, uma das conquistas nessa batalha foi a promulgada a Lei n. 13.718, em 2018, que define o crime de importunação sexual descrito no artigo 215-A do Código Penal. A punição para quem o pratica varia de 1 a 5 anos de reclusão. Apesar da legislação não resolver, por si só, esse problema, traz um amparo para suas vítimas.

Não localizamos, nos memoriais, nenhum outro caso semelhante ao vivenciado por Santos (2019). Provavelmente porque a maioria das memorialistas venciam as distâncias a pé ou por meio do uso de transporte escolar, que foi implementado como suporte à política de nucleação. Infelizmente, o que era para ser um benefício mostrou-se como mais um obstáculo, porque os veículos usados para a condução delas eram, invariavelmente, precários. Além disso, as estradas carroçais dificultavam ainda mais o trajeto.

Do 5º ano até o 9º ano estudei no Distrito de Saboeiro chamado Malhada. O mais difícil era enfrentar a distância da minha casa até a escola, pois tínhamos que ir a pé e ainda existiam outros fatores que contribuíam com essa dificuldade. O horário das aulas era a noite, às vezes enfrentava chuva e noites bastante escuras em estradas carroçais. Sabia que era necessário enfrentar todos esses percalços, pois, o estudo era a única coisa que nossos pais podiam nos oferecer. (OLIVEIRA, 2019b, p. 12)

A série seguinte não tinha nessa escola somente na sede. Mas já estávamos nos anos 2000 e existia o transporte escolar. Não era um transporte muito adequado, porque tinha dia que estava com defeitos e não podia parar. Os alunos desciam com ele em movimento. Mas supria a nossa necessidade, não estava na casa alheia. Nesse ritmo concluí o ensino médio. (PLÁCIDO, 2019b, p. 15)

No Ensino Médio houve situações adversas atinentes ao deslocamento, dado que a localidade na qual residio não oferecia tal nível de ensino, por esse motivo tive que dirigir-me para estudar na sede do município. Muitas das vezes o transporte escolar não transitava de modo frequente. [...] (PEREIRA, 2019b, p. 18)

Essa é uma realidade que algumas começaram a vivenciar no final do ensino fundamental. Mas é a partir do ensino médio que o transporte escolar passa a fazer parte da rotina de todas elas e permaneceu assim até as aulas no PARFOR. Muitas relataram a chuva como um dos grandes problemas que precisavam enfrentar para ir à escola. Isto porque os rios enchiam e invadiam as estradas, bem como a terra molhada terminava por impedir que os veículos trafegassem pelas parcas e precárias estradas.

Estudar na cidade representava um desafio que exigia muita coragem e determinação. A exemplo cito como obstáculo, o período de chuvas. O rio da minha localidade sempre ficava muito cheio e o transporte escolar não conseguia chegar, então, tínhamos que utilizar se de motos para chegar até a escola na cidade. (ALENCAR, 2019, p. 12)

No Ensino Médio, fui estudar na escola EEFM. Lídia Bezerra, na sede do município. Apesar de já existir transporte escolar para ir estudar na cidade, era muito dispendioso e perigoso também. Viajar todos os dias à noite em estradas muito ruins e acidentadas, algumas vezes debaixo de chuva forte, com a estrada de terra muito lisa e escorregadia, era muito desgastante. Muitas vezes

o carro não conseguia chegar em nosso destino, de modo que, eu tinha sempre que continuar o trajeto a pé, felizmente na companhia de outros colegas. Encarávamos como uma grande aventura aquelas longas caminhadas, debaixo de chuva, durante todo o período do ensino médio. (DUARTE, 2019, p. 15)

Eram muitas dificuldades encontradas para se deslocar até a vila Flamengo, ficamos dias sem transporte escolar no período das chuvas era mais difícil ainda pelo fato de ter muita lama na estrada, muitas vezes eu e meus companheiros voltamos pra casa a pé quando transporte dava algum problema, era uma aventura. (OLIVEIRA, 2019d, p. 15)

Durante o ensino médio tínhamos que nos deslocar até a sede da cidade, porque era o único lugar que oferecia essa modalidade. Saía de casa por volta de 16hs, em um carro pau de arara até a cidade de Saboeiro para e retornávamos para casa por volta da 22hs. Foi um período de muito sofrimento, durante a quadra chuvosa andávamos em um carro com péssimas condições, o mesmo não oferecia proteção contra chuva, às estradas eram ruins, esburacadas e acidentadas, algumas vezes o carro passava por situações adversas durante a viagem. (SOARES, 2019, p. 16)

É interessante notar que as chuvas, tão desejada pelas famílias agricultoras, afastava ou dificultava a ida à escola, o que terminava por fazer com que vivessem o dilema entre o desejo de plantar e colher o sustento imediato, ou alimentar a promessa de um futuro melhor. As memorialistas optaram pelos dois e, apesar de todas as dificuldades, persistiram na busca por uma escolarização que pudesse mudar suas vidas. Não é possível sabermos se esse foi um ato de coragem ou de puro instinto de sobrevivência.

Todo o sacrifício para deslocar-se para as aulas na sede, ou em distritos maiores, deveria ser recompensado com uma escola melhor, com salas de aula ventiladas e iluminadas, material pedagógico abundante e professores(as) qualificados. Certamente as novas escolas possuíam uma estrutura melhor do que a da casa da professora. Entretanto, elas ainda estão longe de oferecer as condições adequadas para o desenvolvimento de uma aprendizagem efetiva.

Essa forma de distribuição das escolas nas localidades, sem o atendimento a todas as etapas da educação básica, contribuiu para as mudanças constantes de escola das memorialistas. A partir de levantamento nas narrativas, elaboramos o Quadro 01 que expõem um resumo do percurso escolar delas.

Quadro 01 – Percurso escolar das memorialistas durante a educação básica

Memorialista	Resumo do percurso escolar
Ana Lucia Alencar	<ul style="list-style-type: none"> • EF I – 1ª e 2ª séries num anexo da EEIEF Romão de Sousa Romeiro, no sítio Barra. • EF I – Conclui na sede da EEIEF Romão de Sousa Romeiro. • EF II – 5º ao 7º ano, na Escola Municipal Olavo Oliveira, na sede do município. • EF II – Conclui na Escola Manoel Gonçalves dos Santos, na sede do município. • EM – Na EEFM Lídia Bezerra, na sede do município.
Antônia Jacira da Silva	<ul style="list-style-type: none"> • Alfabetizada na casa da professora, em sala multisseriada. • EF I – numa escola, na vila Flamengo. • Passou 9 anos sem estudar. • EF II e EM – em 2 anos, na sede do município, na modalidade Telecurso.
Antônia Lenira Plácido	<ul style="list-style-type: none"> • Alfabetizada pelo pai, em casa. • EF I – 1ª série em sala multisseriada, ensino pago, na casa da professora. Formação não reconhecida pela escola seguinte. • EF I – 1ª e 2ª série numa escola municipal, na sede do município. • EF I – 3ª série numa escola estadual, na sede do município. Não foi aprovada. • EF I – Retornou para a escola municipal. Fez 3ª e 4ª séries em 1 ano, no formato Integrado, e as demais de forma regular. • EM – Numa Escola privada em Imperatriz, no Maranhão, na modalidade ensino técnico em contabilidade.
Antônia Lucilândia de Souza Soares	<ul style="list-style-type: none"> • EF I e II – Na Escola Municipal Maria Martins Viana, no sítio Lagoa de Dentro. • EM – Na sede do município.
Antônia Olinda de Oliveira Almeida	<ul style="list-style-type: none"> • Alfabetizada em casa, por professora particular contratada pelo pai. • EF I – Iniciou numa escola e foi transferida para a sede, em virtude da morte do pai. • EF I – 1º e 2º anos na Escola Municipal Olavo Oliveira, na sede do município. • EF I – 3º e 4º anos na Escola José Mota, em Catarina-CE. • Ficou 9 anos sem estudar. • EF II e EM – Em 4 anos, na sede do município, na modalidade Telecurso.
Cícera Saturnino de Oliveira	<ul style="list-style-type: none"> • EF I – Aulas na casa da professora, em sala multisseriada. • EF II – No Distrito Malhada. • EM – Na sede do município.
Eva Nelda Neris da Silva	<ul style="list-style-type: none"> • Alfabetizada em casa, por professora contratada pela mãe. • EFI – Na Escola Municipal Olavo Oliveira, na sede do município. • EF II – Na EEFM Lídia Bezerra, na sede do município. • EM – Na Escola Estadual Narcisa Ferreira Braga, na modalidade Magistério.
Francisca Edivânia Plácido	<ul style="list-style-type: none"> • Estudou na casa da professora. • EF I e EF II – Até a 6ª série numa escola no sítio em que morava. • EF II – 7ª série na sede do município, não foi aprovada. • EF II – Repetiu a 7ª série, na escola do sítio em que morava. • EF II – Concluiu na escola da sede do município. • EM – Não informou mudança de escola.
Francisca Fabiana Alexandre de Oliveira (Suziane)	<ul style="list-style-type: none"> • Sala de alfabetização • EF I e EF II – Não informa mudança de escola, mas de turno, passando pela manhã, tarde e noite. • EF II – Não foi aprovada na 6ª série. • EF II – Concluiu na modalidade Telecurso

Memorialista	Resumo do percurso escolar
	<ul style="list-style-type: none"> • EM – Na escola regular
Francisca Tania Pereira de Brito	<ul style="list-style-type: none"> • Não informa a(s) escola(s) em que estudou. • Ao concluir o EF passou vários anos sem estudar (não especifica quantos). • EM – Na modalidade Magistério.
Inês Silva Braga Pereira	<ul style="list-style-type: none"> • Alfabetização e EF I – na Escola Municipal Olavo Oliveira, na sede do município. • EF I – 3ª e 4ª séries em sala multisseriada, na Escola Municipal Maria Martins Viana, no sítio Lagoa de Dentro. • EF II – 5ª série na EEFM Lídia Bezerra, na sede do município. Não foi aprovada. • EF II – Retornou à Escola Municipal Maria Martins Viana, no sítio Lagoa de Dentro, e concluiu essa etapa. • Começou a lecionar. • EM – Na modalidade pedagógica, por meio do PROFORMAÇÃO.
Luiza Wanderleia dos Santos	<ul style="list-style-type: none"> • EI – Na Vila Felipe. • Mudou de vila e ficou 2 anos sem estudar. • EF I – 1ª a 3ª série na Escola Municipal Olavo Oliveira, na sede do município. • EF I – Mudança para um novo sítio, onde cursou a 4ª série num grupo escolar. • EF I – No retorno à cidade, precisou repetir a 4ª série. • EF II – Concluiu na EEFM Lídia Bezerra, na sede do município, na modalidade Telensino pela TV Cultura. • EM – Iniciou na Escola Manoel Gonçalves dos Santos, na sede do município. • Começou a lecionar. • EM – Concluiu pelo PROFORMAÇÃO.
Margarida Bernardo Silva	<ul style="list-style-type: none"> • EF I – Até a 3ª série, numa escola do sítio em que morava. • EFI e EF II – Na Escola José Gonçalves dos Santos, no Distrito Malhada. • EM – Na EEFM Lídia Bezerra, na sede do município.
Maria Cristina Duarte	<ul style="list-style-type: none"> • EI – Até a 5ª série na EEIF São Francisco, sítio Alegrete. • EF II – 6ª e 7ª série na EEIEF José Augusto Batista Vieira, sítio Santa Clara. • Passou 1 ano sem estudar. • EF II – Concluiu na sede do município, pelo Telecurso. • EM – Na EEFM Lídia Bezerra, na sede do município.
Maria Glícia Venâncio de Lima Oliveira	<ul style="list-style-type: none"> • Alfabetizada em casa, pela mãe. • EF I e II – Numa escola no sítio Jatobá. • EM – Na EEFM Lídia Bezerra, na vila Flamengo.
Maria Michele Pereira	<ul style="list-style-type: none"> • Foi para a creche/educação infantil • EF I e II – Na mesma escola (não informal qual) • EM – Na sede do município
Maria Mônica Gonçalves	<ul style="list-style-type: none"> • Foi matriculada na creche, mas não se adaptou • EI e EF – Na escola Municipal Olavo Oliveira, na sede do município. • EM – Em outra escola

A variação de instituições escolares, na vida das estudantes-professores, se deu, ora por mudanças de domicílio da família, ora por ausência de escolas que as atendessem na localidade em que residiam. Para algumas, a rotatividade foi percebida como um empecilho à

aprendizagem; para a maioria, entretanto, como uma oportunidade de conhecer novas realidades, pessoas e metodologias de ensino.

A 2ª série foi um ano marcante, tudo era novo e no início fiquei um pouco assustada. A professora que era excelente pessoa conduziu o primeiro dia de aula de uma forma que me fez sentir como se já estudasse ali há muito tempo. Na época a metodologia usada era através de cartilhas que eram livros com leituras restritas, era saber as letras, juntar as sílabas e formar as palavras que se aprendia através da repetição. (SILVA, 2019a, p. 14)

O Telecurso fez parte da vida estudantil de quatro memorialistas, em dois casos após uma reprovação e nos outros dois na retomada dos estudos, após anos afastadas da escola. Essa modalidade de ensino se amparava em videoaulas, gravadas ou emitidas em tempo real, e em material impresso. Além disso, havia um(a) professor que fazia o papel de orientador da aprendizagem.

O Telecurso era um ensino para adolescentes com mais de 13 anos de idade e adultos que ainda não tinham concluído o Ensino Fundamental, que era o meu caso, por ter parado de estudar. As aulas eram ministradas apenas por um professor, que tinha que dar conta de todas as disciplinas.

A exposição das aulas era através de televisão, (apresentadas via satélite ou por fita VHS), somente após a apreciação da aula era que o Orientador aplicava suas explicações e atividades didáticas. Inúmeras foram às vezes que ficamos sem a aula televisiva, pois chegava a faltar sinal de TV, e/ou a fita não funcionava, ficando o Professor/Orientador de mãos atadas, principalmente quando aula do dia era contrária à sua formação.

Recebíamos os livros consumíveis, pois as atividades eram resolvidas neles mesmos, tendo também outras no caderno. O professor sempre ajudava na resolução. O material trabalhado era muito bom. Tinha bastante conteúdo, cada capítulo do livro apresentava e desenvolvia o tema da teleaula assistida. O educador era ótimo, pois conseguia dominar os assuntos abordados, trabalhava com algumas dinâmicas e as aulas eram atrativas. Pude aprender um pouco, mas não o suficiente.

Conheci pessoas novas, era comportada na classe, mas às vezes eu faltava à aula. Eu não aprendi mais porque eram três anos simultaneamente, assim dificultava-se muito a aprendizagem. Não tinha como entender todos os conteúdos, já era difícil ano por ano e os três ao mesmo tempo ficava mais complicado ainda. E isso foi o ponto negativo desse tipo de ensino. Eu não adquiri muito conhecimento. (DUARTE, 2019, p. 14)

Conclui então o Ensino Fundamental e Médio em quatro anos e meio. Depois só vieram coisas boas. O pessoal falava que o Telecurso só servia para ter um certificado, era só por causa de um simples papel, mas para mim não foi. Já conquistei várias coisas, após realizar esse curso, pois eu acredito que quando a gente valoriza as oportunidades, se esforça, estuda para valer e complementa os conhecimentos adquiridos, a gente não fica para trás de quem teve acesso a outras formas de ensino, e que para quem não quer chegar a lugar algum, as oportunidades são desperdiçadas, e o tempo e o investimento são jogados fora. (ALMEIDA, 2019, p. 16)

Entre prós e contras, o tele-ensino é uma expressão do Ensino à Distância (EaD) e foi amplamente aplicado nas escolas públicas, na década de 1990, como alternativa à formação regular⁴⁴. Educadores e pesquisadores da educação têm opiniões divergentes sobre a contribuição da EaD para qualidade da educação. Atualmente, em virtude da pandemia de COVID-19, essa modalidade de ensino está em evidência e, seus efeitos, deverão ser melhor compreendidos em pesquisas futuras.

Das recordações da escola, uma que chama a atenção nos memoriais é a referência ao estudo com professores(as) leigos(as), o que ocorreu, notadamente, na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental, quando as aulas aconteciam nos sítios. Acreditamos que, provavelmente, a formação dos(as) docentes tenha sido notada por se tratar das memórias de estudantes-professoras.

A professora não tinha uma formação acadêmica, mas isso não a impedia de realizar com eficiência o seu trabalho. Nos primeiros anos estudantis tive professores que marcaram a minha vida acadêmica, eram pessoas maravilhosas. Mesmo não tendo a formação adequada para a função que ocupavam, se portavam como profissionais e transmitiam a todos o conhecimento que a função exigia mesmo sendo uma época onde o tradicionalismo predominava. (SILVA, 2019a, p. 14)

Ao ingressarem nas séries finais do ensino fundamental, com a transferência das atividades para a sede do município, ou para sítios maiores, além de uma melhor estrutura física, encontraram professores(as) com a qualificação adequada ao exercício da profissão.

No fundamental II, foi totalmente diferente. Os professores eram concursados e com formação superior, suas metodologias eram diferenciadas das que já tinha visto, a maneira de repassar os conteúdos eram mais desafiadoras, me colocava a pensar até encontrar respostas, eram aulas criativas, que a cada dia auxiliavam na construção de novos conhecimentos e aprendizagem com maior facilidade. (OLIVEIRA, 2019b, p. 13)

A contratação de professores que concluíram apenas o ensino médio, na modalidade pedagógica ou não, ou mesmo que finalizaram os estudos no ensino fundamental, é recorrente nas pequenas cidades da região, seja em virtude da ausência de cursos de nível superior que deem a habilitação necessária, seja porque essa é uma forma de utilizar a máquina pública para garantir a perpetuação dos governantes no poder. Isto porque os(as) vereadores(as) e prefeitos(as) indicam as pessoas que serão contratadas para ensinar nas escolas. Dessa forma,

⁴⁴ Para maior aprofundamento ver Silva (2013).

asseguram o voto de quem é contratado(a) e, muitas vezes, dos membros de sua família. Vimos isso acontecer com os(as) professores(as) das memorialistas e, como constataremos posteriormente, com elas mesmas.

A organização pedagógica da escola foi mencionada por todas as estudantes-professoras que, em algum momento, apontaram o caráter tradicional da escola. É importante salientar que, para além de conteúdos, a escola ensina comportamentos. Ela disciplina corpos e mentes⁴⁵ e o faz a partir da sua estrutura, organização e funcionamento. O enfileiramento das carteiras, por exemplo, com a figura proeminente do(a) docente, ainda é o que prevalece nos ambientes escolares. Avançamos em termos de propostas e discussões que anunciam que o saber deve ser compartilhado e não “transmitido”. Ouvimos, mesmo de professores(as) autoritários(as), que é preciso “desenvolver o senso crítico” dos(as) discentes. No entanto, suas práticas educativas revelam posturas pouco receptivas ao diálogo, seja por despreparo ou indisposição do(a) docente, seja pelas condições materiais para a ação pedagógica, tais como salas superlotadas e com pouco espaço para dinamizar a aula.

As alunas-professoras do PARFOR nos relataram experiências que exemplificam a tendência disciplinadora da escola. Vejamos algumas:

Lembro-me até hoje da minha primeira professora, o nome dela era Miza, era muito carrasca, não deixava nem me mexer. Eu tinha tanto medo dela, porque ela gritava muito com os alunos, de modo que eu ficava assustada. Quando fui cursar a segunda série, foi uma alegria total. Meus pais vieram embora para a cidade, e nos sentimos com uma segurança total. (SILVA, 2019b, p. 11)

Lembro-me bem de uma cena na minha sala, bem sinistra por sinal. Um dia eu pedir a minha professora para ir ao banheiro e ela não permitiu. Pois bem, eu fiz o número dois na roupa. Essa cena nunca saiu de minha cabeça. Eu fui para casa toda suja não tive coragem de olhar quem ao meu redor e todos riam de mim. Não é que me bloqueou de alguma coisa, mas me deixou uma lembrança forte. Ainda hoje olho para essa professora com um olhar de vergonha. (SANTOS, 2019, p. 12)

O controle e o disciplinamento encontram nas práticas avaliativas a sua maior expressão. Das lembranças que unem as discentes, as que se referem à avaliação foram recorrentes. Dentre as dezessete memorialistas do PARFOR-Pedagogia-Saboeiro, apenas duas não fizeram menção à prática avaliativa, ou metodológica, de caráter tradicional que vivenciaram em suas experiências enquanto discentes da educação básica, naqueles termos

⁴⁵ Para aprofundar a discussão sobre o disciplinamento e a docilização dos corpos e mentes, ver *Arqueologia do saber e Vigiar e punir*, de Michel Foucault.

denunciados por Saviani (2011 e 2017), Freire (2003 e 2011) e tantos outros estudiosos da área. Nessa vertente educacional, o(a) professor(a) é o centro do processo educacional, com práticas autoritárias e, por vezes, ameaçadoras, cabendo ao(à) discente o papel de subjugado, ou seja, receptáculo de conteúdos que devem ser memorizados e repetidos nos exames. Não há, nessa perspectiva educacional, espaço para o diálogo e para a discordância. Ao contrário, o que se preza é a ordem e a obediência. Vejamos alguns relatos que comprovam essa afirmação:

A docente fazia uso da palmatória quando os conteúdos não eram decorados pelos estudantes, que não podiam falar e havia um clima de tensão. [...] eu lembro que todos os dias quando chegava a hora de ir para a escola sentia uma tristeza profunda porque eu tinha medo dela. (PLÁCIDO, 2019a, p.15)

Algo que devo lembrar é que houve uma influência muito negativa em minha vida estudantil. Foi uma professora de História. Ela utilizava métodos que dificilmente resultariam em uma aprendizagem satisfatória. Métodos que amedrontavam eram muitos utilizados por ela, como por exemplo, a imposição da voz de uma forma autoritária e cruel que causava muito espanto em todos nós alunos. As ameaças também eram muito frequentes, causando um forte temor nos alunos, o que me inibia e desmotivava a aprendizagem. Embora a professora apresentasse grande domínio dos conteúdos, a boa explicação por parte dela era imposta como verdade absoluta, ficando nós alunos limitados apenas a ouvir e repetir o que estava sendo transmitido. Sentia pânico em períodos de provas e atividades de avaliação. Isso afetava muito negativamente meu desenvolvimento cognitivo e pessoal. O clima de medo e ameaças gerava um intenso desgaste e estresse mental. Hoje entendo que embora os métodos usados pela professora mantivessem a ordem e uma boa disciplina na sala de aula, a aprendizagem era forçada, não fluía de modo natural e favorável. Esses me faziam sentir pressionada e amedrontada. A professora me causava desânimo em relação aos estudos. (BRITO, 2019, p.12)

Foi um ano marcante e difícil por ter mais de um professor, muitos com arrogância e prepotência, sentindo-se realizado ao menosprezar os alunos com atitudes e palavras grosseiras. A sala de aula era um local de sujeição e castigos absurdos como: escrever cem vezes uma palavra, tomavam o chinelo dos alunos se tirassem do pé etc.

Nesse ano, fiquei em recuperação em duas disciplinas, consegui passar em uma e ficar retida em outra por ter olhado para o lado, de modo que a professora tomou minha prova. Fiquei traumatizada, pedi a meus pais que me transferissem para outra escola onde fiz os meus primeiros anos. [...] (PEREIRA, 2019a, p. 14)

A dificuldade de aprendizagem é relatada por várias das memorialistas, como consequência do clima de tensão que se instaurava na sala de aula, a partir da postura autoritária do(a) professor(a). No caso de Pereira (2019a, p. 14) e de outras, resultaram em reprovação. O uso da “avaliação” como recurso para manter a ordem e a obediência é alimentado pelo fantasma frequente da reprovação, de “perder” um ano inteiro. Na perspectiva educacional tradicional, ou bancária (como defende Paulo Freire), o erro é compreendido como uma falha

irreparável, em vez de um indicativo do nível de conhecimento em que se encontram os(as) estudantes.

Nesse contexto, os rituais para realização de exames, nomeadamente provas, são disciplinados em diversas instituições, seja de forma escrita, seja de forma internalizada. Vejamos a passagem a seguir:

NORMAS DA PROVA ESCRITA

1. *Presença dos alunos.* – Entendam todos que, se alguém faltar, no dia da prova escrita, a não ser por motivo grave, não será levado em consideração no exame.
2. *Tempo da prova.* – Venham a tempo à aula para que possam ouvir exatamente a matéria da prova e os avisos que por si ou por outrem der o Prefeito e terminem tudo dentro do horário escolar. Dado o sinal do silêncio, a ninguém será permitido falar com outros nem mesmo com o Prefeito ou com quem o substituir.
3. *Preparação.* – Os alunos devem trazer os livros e o mais que for necessário para escrever, afim de que não seja necessário pedir coisa alguma a quem quer que seja durante a prova.
4. *Forma.* – A prova será adaptada ao nível de cada classe, escrita com clareza, de acordo com as palavras do ditado e de acordo com o modo prescrito. O que for duvidoso será interpretado no sentido falso; as palavras omitidas ou mudadas sem razão para evitar dificuldade, considerem-se como erros.
5. *Cuidado com os que sentam juntos.* – Tome-se cuidado com os que sentam juntos: porque, se porventura duas composições se apresentam semelhantes ou idênticas, tenham-se ambas como suspeitas por não ser possível averiguar qual o que copiou do outro.
6. *Saída da aula.* – Para evitar fraudes, se, iniciada a prova, obtiver alguém, por motivo de força maior, licença para sair, deixe tudo o que escreveu com o Prefeito ou com quem no momento estiver encarregado da aula.
7. *Entrega das provas* – Terminada a composição, poderá cada um, em seu lugar, rever, corrigir e aperfeiçoar, quanto quiser, o que escreveu; porque, uma vez entregue a prova ao Prefeito, se depois quiser fazer alguma correção, já lhe não poderá ser restituída.
8. *Assinatura do nome.* – Cada qual dobre a sua prova conforme as instruções do Prefeito, e no verso escreva em latim só o nome e cognome do autor para que mais facilmente se possam dispor todas em ordem alfabética, se preferida.
9. *Conclusões da prova.* – Os que se aproximam do Prefeito para a prova levem consigo os próprios livros, afim de que, uma vez entregue, se retirem logo da aula em silêncio; enquanto saem alguns, não mudem os outros de lugar mas terminem a composição onde começaram.
10. *Tempo.* – Se alguém não terminar a prova no tempo prescrito, entregue o que escreveu. Convém, por isto, que saibam todos exatamente o tempo que lhes é dado para escrever, para copiar e para rever.
11. *Apresentação dos exames.* – Finalmente, quando se apresentem para o exame [oral], levem consigo os livros explicados durante o ano e sobre os quais há de ser interrogados; enquanto é examinado um, os demais prestam toda a atenção; não façam, porém, sinais aos outros nem corrijam se forem perguntados. (FRANCA, 1952, p. 177)

Analisando o trecho é possível que se pense referir-se a orientações para a realização de provas em escolas dos dias de hoje. Entretanto, trata-se de uma, das 467 regras, da *Ratio Studiorum*⁴⁶, compêndio que regulamentava a ação pedagógica dos jesuítas e que teve sua última versão publicada no ano de 1599. Com isso, queremos destacar que muito do que se fazia nas escolas no final do século XVI ainda permanece presente nessas instituições nos dias de hoje, reforçando a nossa tese da escola como lugar de memória, que perpetua rituais e promove experiências assemelhadas em quem a frequenta. Acreditamos que pesquisas no campo da História da Educação revelem situações de períodos mais antigos a esse e que também são comuns na atualidade.

Mais da metade das memorialistas, nove ao todo, foram reprovadas pelo menos uma vez durante a educação básica e essa experiência marcou a todas. Em dois casos, ocorreu por questões burocráticas: num, a escola da zona urbana não reconheceu a série cursada na zona rural e, no outro, a escola não forneceu os registros da série cursada, obrigando a discente a repeti-la na nova instituição. Duas delas, entretanto, reconheceram que foram negligentes com os estudos em virtude de envolvimento com namorado. Uma outra atribuiu sua retenção à rigidez de seu professor e, por fim, duas indicaram que foram perseguidas pelo professor, em um caso, e pela direção, no outro. De toda forma, independente dos motivos, repetir um ano escolar é uma frustração cercada de sentimentos como medo, vergonha, arrependimento, decepção e tristeza.

[...] Durante a antiga 6ª série foram momentos de muitas descobertas, porém, o que me marcou muito foi o fato de ter sido reprovada e até hoje não entendo o motivo, lembro que o professor era o mesmo com que estudei na 2ª série, quando ficamos na recuperação ele fazia questão de dizer “eu quero ver se vocês vão passar”, com um tom de ironia. Na prova tinha justamente as questões que os alunos tinham mais dificuldades e de todos que foram para a recuperação nenhum passou para a série seguinte, então, no ano seguinte cursando a 6ª série novamente, me dediquei um pouco mais e consegui ser aprovada. (SOARES, 2019, p. 15)

Foi uma grande decepção, ser reprovada por uma pessoa da família, de casa, por décimos, mas não havia nada que pudesse fazer, apenas chorei bastante. Ficava pensando como ia ser difícil para mim, não está mais com meus colegas e na mesma turma que há 5 anos convivíamos juntos. Era desesperador, vieram as indagações, o medo do novo, das novas amizades. (OLIVEIRA, 2019c, p. 16)

⁴⁶ Esse documento foi elaborado para padronizar a ação educacional da Companhia de Jesus em Portugal e nas suas colônias.

Deixar de pertencer a um grupo e ter que se adequar a novos(as) colegas(as) é motivo de evasão em muitos casos. Para as memorialistas, felizmente, passado o susto, serviu para que elas se empenhassem mais no ano seguinte.

No capítulo *Verificação ou avaliação: o que pratica a escola?*, Cipriano Luckesi (2011) defende que a escola ainda está mais preocupada em classificar e rotular os(as) discentes, do que em promover a aprendizagem. A tese do autor é de que, no ambiente escolar, não são realizadas avaliações, apenas exames. Avaliar, segundo ele, requer tomada de atitude rumo à resolução da não aprendizagem, utilizando os instrumentos avaliativos como suporte para identificar o que precisa ser feito para corrigir os rumos da ação pedagógica e, com isso, criar as condições para que os(as) discentes aprendam.

Essa compreensão é partilhada por uma das memorialistas:

A finalidade da avaliação escolar não deve ser meramente para medir o aprendizado adquirido pelos alunos, mas deve ser utilizada como meio para a sua formação pedagógica. Além disso, é preciso ter clareza em relação aos procedimentos metodológicos envolvidos. A avaliação precisa ser inovadora, eficiente e acima de tudo coerente no julgamento da aprendizagem. Contudo, avaliar o rendimento escolar implica levar em considerações dois aspectos importantes: avaliação do processo pelo qual foi submetido e a avaliação de desenvolvimento de acordo com o propósito que foi proposto.

[...]

A avaliação não deve ser um mecanismo para punir o aluno, mas de ser um mecanismo que ajude o professor a detectar lacunas no processo, ajudando no aprimoramento do ensino. O ato de avaliar não deve ocorrer somente no momento da prova, como ato de punição, mas como o divisor entre o ensinar e aprender, levando ambos a refletir sobre o processo, tanto professor quanto aluno. (PEREIRA, 2019a, p. 19)

Desde o início da década de 2000, entretanto, a gestão das escolas, seguindo orientações das secretarias de educação, passaram a desencorajar a reprovação, em virtude: de críticas recorrentes aos índices de reprovação que geravam evasão, da diminuição do aporte financeiro recebido pelas instituições de ensino formal e do impacto da taxa de reprovação no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), uma vez que este é calculado considerando taxa de aprovação e nota no Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB). Dito de outra forma, escolas com baixa taxa de aprovação tem redução em seu IDEB. Infelizmente, essa prática não resultou em melhoria significativa da aprendizagem, porque não se buscou resolver o problema. Em vez de criar as condições para que os(as) alunos(as) aprendessem, os(as) professores(as) passaram a mascarar os resultados das “avaliações” com instrumentos avaliativos muito fáceis, ou com a atribuição de “pontos” para “completar a

média”. Resulta daí que o índice de reprovação caiu, mas o de aprendizagem não aumentou na mesma proporção⁴⁷.

O governo do estado do Ceará faz uma campanha midiática utilizando o desempenho de suas instituições nos exames externos. Entretanto, analisando o IDEB desse Estado do ano de 2019, identificamos que os índices obtidos pelas escolas – 6,4 nas séries iniciais do ensino fundamental; 5,4 nas séries finais do ensino fundamental e 4,4 no ensino médio – estão longe de serem satisfatórios, considerando que a escala avaliativa varia de zero a dez. Quem atua na área da educação pode testemunhar que o número de discentes que concluem o ensino fundamental sem dominar a leitura e a escrita, para ficarmos apenas nos conhecimentos básicos, é alarmante. Pelas projeções oficiais, se continuarmos no ritmo que estamos, o Brasil só atingirá o IDEB máximo no ano de 2095 (BRASIL, 2020a).

Dentre todas as lembranças dos tempos de escola, enquanto estudantes da educação básica, as que mais marcaram a vida das autoras foram as que envolveram a convivência que tiveram com seus(suas) professores(as). É indiscutível que o(a) docente influencia, tanto positiva quanto negativamente, seus(suas) alunos(as) na predileção por determinados conteúdos, nas escolhas profissionais e na sua personalidade, para citar apenas algumas. O medo de falar em público, por exemplo, frequentemente é associado à forma como as manifestações orais, feitas pelos(as) discentes na escola, foram conduzidas pelos(as) seus(suas) professores(as).

Vimos, nos memoriais, que os eventos que indicam insatisfação com seus(suas) docentes apareceram mais fortes em torno da avaliação. Entretanto, o ato educativo é maior e mais dinâmico do que as práticas avaliativas e abre espaço para vivências dinâmicas e diversas. Podemos afirmar que, ao se referirem aos(às) seus(suas) mestres da educação básica, o que prevalece é a lembrança dos(as) profissionais que as acolheram, incentivaram e educaram, seja porque foram esses(as) que mais as marcaram, seja porque optaram por enaltecer essas experiências. De toda forma, a maioria delas, mesmo quando indicaram ter sido educadas numa perspectiva tradicional de ensino, junto com a crítica a esse modelo, mencionaram situações de acolhimento e atenção recebidas, na maioria das vezes, de docentes mulheres. Os adjetivos mais utilizados para referir-se a elas foram: calma, tranquila, atenciosa, carinhosa, meiga, paciente, educada e afetuosa.

⁴⁷ Tura e Marcondes (2011) e Saul (2015) discutem com profundidade essa questão.

Lembro-me perfeitamente da minha primeira professora tão querida por mim até hoje Wayne. Ela morava no sítio Baixa Verde e reside lá até hoje, lecionava no sítio Jatobá no qual se deslocava de moto e passava na minha casa todo dia cedinho para me levar com ela, minha mãe me acordava tão cedo para me arrumar e não perder a hora, fazia muitas tranças e crespos no meu cabelo por isso demorava um pouco, mas eu ficava linda; e assim íamos para escola. (OLIVEIRA, 2019d, p. 14)

[...] Tinha uma admiração pela professora e tenho até hoje, de todas que tive, essa foi a que mais deixou marcas positivas para minha construção pessoal e profissional. Vi nela uma transmissão de conhecimentos com amor, dedicação e preocupação. Ouvi muitos relatos da mesma, isso nos fazia refletir sobre o amanhã, para a mesma tiro o meu chapéu. [...] (OLIVEIRA, 2019c, p. 16)

[...] Nesta escola conheci um professor que eu admirava muito, sua forma de trabalhar era única, levava apenas um pincel para a sala e conseguia aplicar sua aula, o conteúdo estava gravado na sua memória de tal forma que era como se ele estivesse seguindo o livro, ele era muito bom, e ainda mais ensinando uma disciplina tão difícil como biologia. (ALENCAR, 2019, p. 13)

Esse dado é importante porque comprova a contradição – condição própria da dialética – no fazer pedagógico. O que nos permite afirmar que a classificação da ação educativa em tendências pedagógicas⁴⁸ deve ser compreendida como uma aproximação, nunca uma ruptura. Com isso queremos dizer que mesmo nas experiências tradicionais, é possível identificar aspectos de outras propostas educacionais. A classificação serve, pois, para fins didáticos e de compreensão de um todo que, ao ser analisado de forma pormenorizada, não se mostra homogêneo.

Retornando à afetividade da relação discente-docente, percebemos que os sentimentos que vieram à tona no relato das memorialistas dão conta de uma dimensão que extrapola o conteúdo curricular e encaminha-se para uma formação humana que lida com autoestima, reconhecimento, amorosidade, valores e formas de estar no mundo. Alguns relatos são particularmente indicadores dessa constatação.

Recordo que no meu primeiro dia de aula na escola da sede, fui muito bem acolhida pela professora, mas que fiquei com medo quando vi aquele número de alunos, bem diferente da minha primeira escola rural. Medo, timidez e insegurança tomaram conta de mim. A professora perguntou meu nome e eu não sabia. Mandou eu ler o alfabeto, eu também não sabia. Travei, eu não sabia de nada. Eu estava muito assustada. Então, meus colegas de classe falavam para a professora me mandar de volta para a creche, pois eu não sabia de nada. Na época nem se falava em bullying, mas aquele momento foi muito ruim. Mas, a doce professora veio perto de mim e disse que eu não tivesse

⁴⁸ Libâneo (1989) classifica as tendências pedagógicas em: liberais (tradicional, renovada não-diretiva, renovada-progressista e tecnicista) e progressistas (libertadora, libertária e crítico-social dos conteúdos). Saviani (2017), por sua vez, propõe a pedagogia histórico-crítica em substituição à crítico social dos conteúdos.

medo, que era só meu primeiro dia de aula, que eu ainda estava em fase de adaptação, que eu não me preocupasse, pois iria dar tudo certo. Assim os dias foram passando e eu superava a cada dia as dificuldades. (ALMEIDA, 2019, p. 15)

A professora de Português tentava me ajudar por explicar os assuntos com paciência e vagareza, favorecendo a minha compreensão. Ela também se colocava a disposição para tirar minhas dúvidas e, de fato, fazia isso me dando uma assistência individual na minha carteira. Esse auxílio individualizado foi fundamental para que eu pudesse resgatar o gosto pela aprendizagem e, conseqüentemente, para o meu progresso escolar. Ela conseguiu criar em mim o estímulo necessário que me fizesse dar continuidade aos meus estudos. (BRITO, 2019, p. 13)

Nessa escola estudei até o 5º ano, minha experiência foi de aprendizagem e muita interação com meus amigos, sempre respeitando a todos e a professora, que nos tratava muito bem e dava o melhor de si. Mesmo com a falta de materiais ela sempre nos ajudou, mesmo com suas limitações financeiras. Lembro-me que ela sempre nos incentivava a ter boas atitudes para com o próximo, nos mostrava que mesmo com todas as dificuldades, sempre havia uma saída e que sempre deveríamos enfrentar qualquer dificuldade para conseguir alcançar um bom desempenho e construir nosso caminho afim de chegar a nossos objetivos, essa atitude de nos incentivar me marcou positivamente. (OLIVEIRA, 2019b, p. 12)

Se a relação com os(as) docentes é recorrente nos memoriais, o mesmo não acontece com os(as) colegas(as). A referência a eles(elas) é feita de maneira genérica, associando às brincadeiras, aos momentos de descontração e de aprendizagem. Apenas uma das memorialistas mencionou que recebia ajuda das companheiras de sala para sanar suas dificuldades de aprendizagem.

As estudantes-professoras do PARFOR, assim como todos(as) que vivem em condições semelhantes, enfrentaram muitas adversidades para concluir a educação básica, algumas já citadas, como: a falta de recursos financeiros, a estrutura inadequada das escolas e as distâncias que precisavam percorrer. Chamou nossa atenção o relato de uma das memorialistas que indica o preconceito racial e a rejeição no ambiente escolar como obstáculos à sua escolarização

À medida que eu crescia me interessava cada vez mais pelos estudos, modéstia à parte, sempre tirava as melhores notas da sala em todas as disciplinas e esse talvez fosse um dos motivos para muitos colegas meus da escola não gostasse de mim, eu ficava muito triste e ao mesmo tempo muito constrangida com o preconceito de alguns por ser negra e ter o cabelo muito volumoso. Hoje eu paro e penso nos apelidos que eu recebia e muitas [vezes] eu ia apenas chorar porque, apesar de ser “inteligente”, eu era tímida e não sabia me defender, para alguns alunos brancos e de famílias com melhores condições financeiras talvez fosse irritante compartilhar a sala com uma negra que tirava a melhor nota, isso era demais. (OLIVEIRA, 2019d, p. 14)

O casamento e a maternidade, mesmo quando desejados e felizes, foram, muitas vezes, um empecilho aos estudos.

Em 2004, me casei com um rapaz que tinha sido meu aluno nessa sala de alfabetização, logo engravidei de minha primeira filha e passei a morar bem mais distante da escola, já não era mais como quando estava com a minha mãe, que morava tão pertinho da escola. Agora residia a uma distância de 3 km, sendo que eu vinha a pé todos os dias. Era muito sofrimento para eu chegar à escola, sendo que sempre chegava em cima da hora, mesmo tendo que sair cedinho de casa. Segui todos os anos sem estudar mais, só participando das formações que a Secretaria oferecia. (SANTOS, 2019, p. 16)

Foi um grande desafio, pois eu era dona de casa, mãe de família, tinha que sair de casa às três horas da tarde, deixar a janta pronta, as meninas banhadas, mas fui em frente, sempre incentivada pelo meu sogro. Ele me deu tanto apoio e falava que eu não deveria me preocupar com minhas filhas. Elas ficavam lá com ele.

[...] Tinha dias que o ônibus ficava sem combustível no meio do trajeto de volta, e eu ficava na estrada, com os demais alunos. Por essa razão, algumas vezes eu chegava em casa de madrugada, o marido reclamava, porque eu teria que acordar cedo para arrumar as meninas para ir à escola, depois ir trabalhar e ainda fazer comida para trabalhador. Pensei mesmo em desistir, mesmo querendo muito estudar. Até me questionava, se eu queria tanto continuar os estudos, não deveria ter me casado. E ao colocar todas essas questões, novamente meu sogro dizia: “Que conversa é essa? Vai estudar sim, pois estão dizendo por aí que só vai continuar trabalhando quem tiver pelo menos o Ensino Médio completo.” Dessa forma, eu tive que continuar. (ALMEIDA, 2019, p. 16)

A passagem expõe que Almeida (2019) teve a ajuda do sogro para continuar os estudos. Entretanto, não foi o que ocorreu com outras memorialistas, ou mesmo com tantas mulheres que, ao casar, tendo ou não filhos(as), abandonam os estudos, antes mesmos de concluir o nível básico de formação.

Para finalizar esse conjunto de memórias sobre a vida estudantil das estudantes-professoras do PARFOR, optamos por trazer algumas recordações felizes que as marcaram, por compreendermos que a escola é um espaço que, apesar de todos os condicionantes e limitações, têm muito a oferecer ao desenvolvimento humano. Há experiências que elas não vivenciarão fora desse lugar como, por exemplo, a festa de formatura ou outro tipo de comemoração pelo fim de um ciclo. Esse marco foi apontado com carinho e sinal de conquista por algumas das autoras.

Na 5ª série, continuamos colegas de classe e estudando com a mesma professora, que no final do ano nos proporcionou uma festinha de conclusão do ensino fundamental I, com direito a vestido de festa de acordo com nossas condições, diploma e padrinho, o que nos marcou muito. (SOARES, 2019, p. 15)

Na 9ª série éramos uma turma muito boa que cativava os professores e sempre nos elogiavam. No início do ano, surgiu a ideia de comemorarmos o final do ano letivo em outro local, porém, isso só aconteceria se tirássemos boas notas. Nos empenhamos cada vez mais nos estudos, e também fazendo rifas, sorteios de brindes e até leilão para arrecadarmos o dinheiro para a viagem. Conseguimos! Fomos passar um dia no Arajara Park, na cidade de Barbalha. Lembro-me que o dinheiro foi dividido em partes iguais para os alunos, foi um dia inesquecível, pena que naquela época para mim era difícil registrar aquele momento em fotos ou vídeos, ficando apenas as recordações na memória. (SOARES, 2019, p. 16)

O acesso a novos conhecimentos e a percepção da evolução da própria aprendizagem trouxeram alegrias às nossas professoras-estudantes.

Lembro claramente de quando estudava já na escola e escrevi sozinha o meu próprio nome e aquilo foi inesquecível para mim e me instigou a busca pela leitura fluente. Uma situação que contribuiu para a leitura com fluência foi um desafio que minha prima me fez: escolheu um texto, a fábula A Coruja e a Águia, no outro dia quem lesse o texto com mais rapidez venceria o desafio e ganhava o direito de andar na bicicleta que todos, primos e irmãos disputavam sempre. Eu ganhei. Depois desse fato consegui leitura fluente. (PLÁCIDO, 2019b, p. 17)

Passei a me interessar mais pelas aulas, desenvolvi mais gosto pelo que aprendia, passei a ver os conteúdos com mais satisfação e motivação. Sentia que as aulas estavam sendo mais produtivas para mim e que todos aqueles conhecimentos eram importantes para meu desenvolvimento como pessoa. A minha motivação aumentava ao desenvolver o sentimento de que eu era capaz de agir em prol das minhas metas pessoais. (BRITO, 2019, p. 13)

Ao chegar ao Ensino Fundamental eu estava no auge da satisfação e do encantamento pela escola, pois foram muitas descobertas, os primeiros livros. Eu ficava maravilhada e ainda hoje lembro-me da primeira cartilha, Caminho Suave, da autora Branca Alves Lima. Quantas saudades, eu queria ter toda coleção, pois além das recordações, trazem atividades, que em meu parecer são maravilhosas, apesar de Paulo Freire criticar a cartilha como ferramenta central da didática para o ensino da leitura e escrita, dá para conciliar algumas e contextualizá-las ao método Freire. (OLIVEIRA, 2019c, p. 15)

Além da aprendizagem, os momentos de brincadeiras, o recreio e a merenda integram o conjunto de boas lembranças do percurso escolar de algumas memorialistas.

Na escola, uma das coisas que eu achava mais bonito era quando cantávamos e íamos na sexta-feira para o Hotel Municipal, lá tinha um parquinho e as professoras nos levavam para um dia de recreação, tinha somente um escorregador e uma gangorra, mas brincávamos tanto que era como se tivesse vários brinquedos, músicas, danças também não faltavam, chegando até a me emocionar recordando esses momentos. (OLIVEIRA, 2019c, p. 15)

Ao longo desses anos, houve momentos muito marcantes, porém o que mais ficou memorável foi a hora do recreio, onde ficávamos no pátio da escola para brincarmos de “Bandeirinha”, uma brincadeira muito conhecida e apreciada na época por todas as crianças, outra brincadeira que gostávamos de brincar era “Cinco Marias”, e o bom de tudo isso era nossa professora que brincava junto com a gente. Além disso, também é bastante memorável a sopa servida na escola, que sopa deliciosa que até hoje sinto o sabor na boca ao lembrar. [...] (SILVA, 2019c, p. 15)

Numa cidade empobrecida, em que as condições materiais de existência são escassas, o acesso a bens culturais é ainda mais limitado. Nesse contexto, a escola assume a função de, além da socialização de conhecimentos sistematizados, apresentar um pouco da diversidade cultural que possuímos, criando oportunidades de produção e ressignificação da mesma. Essa ação foi reconhecida pelas memorialistas.

Havia a pesquisa, atividades expositivas e as aulas de artes davam oportunidade aos estudantes para mostrar suas criatividade, e não havia as manifestações da palmatória. [...]

Havia muitas aulas de campo e visitas pontos históricos da cidade, biblioteca pública e fazíamos muitos trabalhos em grupos, voltado para autores da literatura brasileira, que eu lembro bem, Jorge Amado, José de Alencar. (PLÁCIDO, 2019a, p. 16)

Cursei da primeira à quarta série na Escola Municipal Olavo Oliveira, participava de todos os eventos, como datas comemorativas, fazendo dramatização. Isso para minha mãe era uma satisfação enorme. A maior alegria dela era quando chegava o final do ano porque recebia o boletim preenchido de nota dez. (SILVA, 2019b, p. 12)

A educação básica, no Brasil, é apenas o primeiro nível de escolarização previsto pela política educacional. Dentro dele, o ensino fundamental se constitui na formação essencial, inclusive obrigatória, a todos(as) os(as) seus(suas) cidadãos(ãs). Apesar das limitações que a escola possui como foi exposto ao longo desse capítulo, percebemos o seu potencial de despertar sonhos e fomentar ações, por ser uma instituição que pode criar as condições para que discentes, docentes e a comunidade que a cerca, analisem e compreendam o mundo em que vivemos e, a partir disso, criem os caminhos para o mundo que queremos.

Nesse sentido, as recordações das memorialistas sobre suas vivências nesse espaço nos dão pistas sobre suas trajetórias de vida e de formação. No próximo capítulo continuamos na escola, mas agora com as memórias que elas trazem da condição de professoras da educação básica e, em seguida, de estudantes-professoras de processos sistematizados de formação docente.

4 NAS TRILHAS DO VIR-A-SER: MEMÓRIA E DOCÊNCIA

En el transcurso del trabajo colectivo y cooperativo, los docentes se forman al mismo tiempo que narran, investigan y tematizan las maneras en que otorgan sentido y dotan de significaciones a sus mundos profesionales y laborales.

Daniel Suárez

As memórias que advém dos eventos da docência também têm a escola como lugar de produção e reprodução. Entretanto, diferente dos tempos de estudantes da educação básica, nessa nova etapa as memorialistas expõem vivências, receios, medos e alegrias da perspectiva de quem é responsável por planejar e coordenar as ações educativas. Deriva daí a escolha por trazer esses saberes numa parte específica desse texto. Ressaltamos, todavia, que não temos a pretensão de apartar as vivências de estudantes e professoras. Até porque, muito do que foi tratado nos tempos de discente retorna agora, mas com elas assumindo os papéis que antes eram de seus(suas) professores(as).

4.1 DE REPENTE, PROFESSORA!

Escolher uma carreira, sonhar com uma profissão, é algo esperado dos(as) jovens quando ingressam no ensino médio, sendo a formação para o trabalho uma das finalidades dessa etapa da educação básica. Todavia, para aqueles(as) que residem nas pequenas cidades marcadas pela pobreza, onde não existem cursos técnicos ou de nível superior e, ainda, que não possuem um setor produtivo diversificado, como no caso de Saboeiro, as possibilidades que se vislumbram são limitadas. Entre as memorialistas, apenas três indicaram que sonhavam com o ensino superior quando cursavam o ensino médio.

No ano de 2009 concluí o ensino médio, mesmo com muitos obstáculos e vendo alguns amigos meus ficarem para trás desistindo de estudar eu jamais pensei desta forma, muito pelo contrário sempre carregava a vontade de continuar estudando cursar uma faculdade embora não tivesse ideia de como faria para conseguir, pois minha mãe sozinha não tinha condições de pagar e meu pai nunca se esforçou para ajudar realizar esse sonho da formatura. (OLIVEIRA, 2019d, p. 15)

Quando conclui o ensino médio, tinha muita vontade de cursar uma faculdade, mas não surgiu oportunidade. Só havia em Saboeiro, faculdade particular e para pedagogia. O meu sonho mesmo era fazer direito e para arcar com todas as despesas pra eu ir estudar fora, meus pais não tinham condições. (PLÁCIDO, 2019b, p. 15)

Após a conclusão do Ensino Fundamental, passei a cursar o Ensino Médio na cidade de Saboeiro concluindo no ano de 2003. Sempre buscando a cada dia crescimento e sabedoria, na esperança que tudo que tinha passado, poderia ser recompensado, buscando cada dia ser melhor, com a perspectiva de ingressar em uma faculdade, pois sabia que com o nível superior, as chances de conseguir um bom emprego, seriam bem maiores, mas, também com a consciência de que minhas condições financeiras iriam dificultar esse processo. (OLIVEIRA, 2019b, p. 13)

As demais, não tinham o ensino superior como uma possibilidade em suas vidas.

Cheguei bem perto de atingir a nota máxima no Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, mas isso não me impulsionou muito para continuar estudando, já que tudo que eu queria mesmo era me livrar de livros, estudos, professores e escola.

Na minha concepção de vida, já tinha terminado minha carreira e cumprido com todas as minhas responsabilidades. Com os meus 18 anos, ainda não pensava no futuro e também eu estava passando por muitas coisas que não levavam a ver diferente, naquele momento. (OLIVEIRA, 2019c, p. 17)

De uma forma geral, é comum os(as) jovens das cidades agrícolas se voltarem para a atividade econômica da família, migrarem para algum centro desenvolvido em busca de oportunidades ou se reportarem ao poder público local, na esperança de conseguir algum tipo de trabalho.

No ano de 1993 finalizei minha carreira estudantil ao concluir o ensino médio, sendo que não foi possível dar continuidade aos estudos por falta de condição financeira. Por isso, deixei de seguir meu maior sonho, que era estudar Direito. Foi a partir daí que me desmotivei e mudei todo meu percurso de vida, mas Deus mostrou outra forma de sobreviver, e outros objetivos.

Durante todo esse período fiquei na expectativa que em 1994, com uma nova administração, pudesse adquirir um emprego, mas infelizmente não foi possível. O mais doloroso é que meus colegas, a maioria, conseguiram cargos na prefeitura, menos eu, pois fazia parte da oposição à gestão em curso.

Então fui me desmotivando, pois no meu pensar, naquele momento, conhecimento não tinha valor, mas sim pessoas que eram fanáticas por políticos. Isso nunca saiu de minha mente, mas tenho comigo que se tiver de conseguir algo na minha vida através de papirico não terei, porque não faz meu tipo. (SILVA, 2019b, p. 12)

Ainda na juventude, Silva (2019b) casou-se e, junto com seu companheiro, saiu de Saboeiro em busca de oportunidades na cidade grande. Quando se tornou mãe, começou a enfrentar o dilema de ter o emprego, mas não ter com quem deixar as crianças para ir trabalhar. Entre idas e vindas, “tentaram a sorte” no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte. Em um dos períodos que residiu em Saboeiro, conta que

Ficamos determinado tempo, vários anos em minha cidade, mas ele [o marido] de vez em quando viajava para trabalhar, eu ficava fazendo bicos, realizando faxina, lavando e passando roupas para algumas pessoas. Lembro que recebia na época oitenta reais do Programa Bolsa Família que usava para pagar o aluguel. Ajudava na casa do meu pai de vez em quando, porque minha mãe tinha problema de *Alzheimer* e precisava de ajuda. (SILVA, 2019b, p. 13)

É nesse contexto econômico que vivem as nossas memorialistas. No caso de Silva (2019b), apesar de ter concluído o ensino médio na modalidade pedagógica, o ingresso na docência só ocorreu anos depois.

Como a vida está permeada por alegrias e reflexões, em 2009, fui convocada a trabalhar na Escola de Ensino Infantil Dáulia Bringel Olinda, no cargo de professora. Embora não tivesse experiência, abracei a proposta por carência de emprego. Gostei do trabalho porque era com crianças, mas tudo que é realizado pela primeira vez deixa dentro de si uma impressão, um medo, que provoca um sentimento de insegurança, incerteza, ou seja, dúvida de que aquilo esteja acontecendo incorretamente. (SILVA, 2019b, p. 14)

A primeira experiência na regência de uma sala de aula foi um acontecimento que marcou a vida das estudantes-professoras. Diferente do que vivenciou Silva (2019b), a maior parte delas – precisamente doze – começou a lecionar tão logo concluiu o ensino médio. Destas, apenas uma cursou a modalidade de formação pedagógica em nível médio. A docência entrou na vida de quatro memorialistas ainda mais cedo, antes mesmo da conclusão da educação básica – em dois casos, após o primeiro ciclo do ensino fundamental. O que une a todas é o sentimento de medo e insegurança nesse primeiro momento, em decorrência da inexperiência e da falta de formação.

[...] meu ingresso na profissão foi marcado pela descoberta, o encantamento, a empolgação de começar a trabalhar, mas também pelo choque da realidade, a falta de preparação, o sentir-se só, a preocupação de por onde começar.

[...]

Foi um momento de descobertas e de instabilidade, tanto para mim, como para as crianças, mas também grifado pelas tentativas de acertos e erros, já que era nesse ápice que iniciava minha identidade profissional, no qual enfrentava inquietações, ansiedades, apreensões, conflitos e preocupações em formar uma imagem de sucesso, carregada de confiabilidade junto da minha atuação

docente, conseqüentemente a oportunidade de trabalhar, o que se transformou em gosto pela profissão. (SILVA, 2019c, p. 17)

[...] surgiu uma oportunidade de emprego aos 17 anos de idade, na Escola Rosilda Herbster, recebi uma proposta para ser cuidadora de um aluno com deficiência, o Alan, que é filho da minha ex professora Wayne que agora passava a ser minha colega de trabalho, eu adoro contar essa história. Wayne juntamente com sua irmã Wenne na época diretora, abriram a primeira porta para mim em relação a trabalho, elas apostaram em mim e acreditaram que eu seria capaz de acompanhar e ajudar o Alan na sua jornada escolar foi ai que ele entrou na minha vida ou eu entrei na vida dele e permanecemos unidos pela escola por muitos anos, ele tem Paralisia Cerebral, foi um grande desafio que eu aceitei com muita alegria e insegurança por que embora confiasse em mim, no fundo eu tinha medo de fracassar, e assim comecei a trabalhar. [...] (OLIVEIRA, 2019d, p. 16)

Fica evidenciado nos memoriais que a contratação delas não seguiu o trâmite esperado no serviço público: seleção ou concurso. Ao contrário, as “vagas” são tratadas como propriedade privada e utilizadas para garantir certos benefícios.

No ano de 2011 concluí o ensino médio com êxito e no ano posterior por **indicação política** comecei a trabalhar como professora do ensino fundamental II com turmas de 6º ao 9º ano, lecionando as disciplinas de ciências, arte, educação física e inglês. Foram períodos difíceis, pois não sabia que tinha que planejar as aulas em um caderno de plano, ninguém tinha me informado nada, mas com todas as dificuldades me adaptei a rotina de professora. (SOARES, 2019, p. 16, grifos nossos)

Um senhor que morava na mesma localidade que eu, estava se mobilizando para conseguir, junto a Secretaria de Educação, uma escola ou pelo menos um professor para lecionar para seus filhos. Ele passou na minha casa dizendo que estava indo até a cidade, procurar uma pessoa para ensinar seus filhos e netos. Minha tia me perguntou se eu queria trabalhar. Como sempre tive esse sonho logo aceitei. Aquele senhor conseguiu esse trabalho para mim na **Secretaria de Educação** e assim comecei a lecionar. (DUARTE, 2019, p. 16, grifos nossos)

[...] antes de terminar o Ensino Médio, eu estudava na escola Manoel Gonçalves dos Santos e vinha todos os dias do sítio, pois já morava lá novamente. Eu consegui, **junto à prefeitura**, um emprego de professora cedida de uma amiga que estava indo embora para São Paulo e me perguntou se eu queria ficar em sua vaga onde eu morava, só um pouquinho mais distante de minha casa em uma casa de pau a pique, onde ganhava na época 45 reais por 4 horas diárias de trabalho. (SANTOS, 2019, p. 15, grifos nossos)

A princípio minha inserção profissional enquanto educadora se deu por meio de **indicação de líder político** e pela exiguidade de outras categorias profissionais e oportunidades de colocação no distrito ao qual resido, e não por escolha pessoal e identificação com a profissão, pois até então não era um ofício com o qual eu me identificava e almejava. (PEREIRA, 2019b, p. 18)

A primórdio meu itinerário profissional como educadora, se deu por meio de **indicação de líder político** e da ausência de outros ramos profissionais diante do local onde convivo e não por uma escolha ou identificação com a profissão, dado que não era o cargo que eu almejava ter, mas que aos poucos fui me adaptando e passei a gostar. (SILVA, 2019c, p. 16 grifos nossos)

Uma professora na Creche da Comunidade em que residio me fez o convite para substituí-la quando necessário, mesmo sem experiência aceitei o desafio! Essa experiência serviu para adquirir mais ainda o gosto pela profissão, às pessoas puderam conhecer meu trabalho e minha dedicação. Então fui convidada não a substituir professores que necessitavam faltar, mas sim a assumir minha própria sala de aula. (ALENCAR, 2019, p. 14, grifos nossos)

O uso político que se fez, e se faz, das admissões de professores temporários é prática recorrente em diversos municípios brasileiros, como forma de manter o controle sobre o voto desses profissionais e de seus familiares e, dessa forma, se perpetuar no poder.

Um dos pontos negativos da educação pelo menos em nosso município é a contratação de professores sem formação adequada, apenas com o ensino médio e isso se dá sem menor interesse em oferecer uma educação de qualidade aos educandos e sim apenas com o intuito de obter o voto do empregado e conseqüentemente de seus dependentes. Os gestores oferecem o emprego, mas a oportunidade de se formar de obter conhecimento, visando apenas o interesse de uma minoria que se beneficia com o voto da maioria, uma maioria que embora alienada e/ou aprisionada pelo emprego acaba sendo prejudicada pelos serviços oferecidos pelo mesmo gestor que lhe dá com uma mão e tira com a outra. (OLIVEIRA, 2019d, p. 22)

Das dezessete estudantes-professoras que têm seus memoriais contemplados nessa tese, apenas duas sinalizaram que tinham a docência como ideal de profissão. Para as demais, o ingresso nesse ofício se deu por necessidade financeira e por ausência de outra atividade para desenvolver. “Eu queria muito trabalhar, mas nunca pensei em ser professora até mesmo pelo lugar ser pequeno e não oferecer oportunidades, também por questões políticas que infelizmente é o que conta mais em cidades pequenas.” (SILVA, 2019a, p. 15)

Desde criança sempre tive vontade de ser professora, achava o máximo quando via uma pessoa lecionando, isso ficava no meu pensamento “ainda vou ser professora”. Graças a Deus tive essa oportunidade, posso transmitir meus conhecimentos para outras pessoas. Após a conclusão do ensino médio, fiquei com o mesmo pensamento de quando criança tinha uma enorme vontade de ser professora, dentro de mim sabia que essa oportunidade iria chegar. (ALENCAR, 2019, p. 14)

Comecei a gostar de um garoto que eu tinha conhecido ainda criança. Também recebi um convite para trabalhar dando aula e eu aceitei. No outro mês me casei. Parei de estudar e fui ser professora e dona de casa.

Como era uma época em que para ser professor nas escolas rurais bastava ter o chamado Primário, ou seja, o 4º Ano do Ensino Fundamental, eu iniciei minha vida docente ainda mocinha, com muitos sonhos, alegria e apaixonada. Tudo parecia perfeito, e era, pois eu me sentia imensamente feliz. (ALMEIDA, 2019, p.15)

Apesar da maioria delas ter informado que passou a se identificar com a profissão após a inserção no trabalho, esse cenário é preocupante, especialmente porque envolve uma ausência de preparação prévia para o exercício docente.

Alguns anos se passaram e no ano de 2010 comecei a trabalhar como professora temporária foi minha primeira experiência como professora. Comecei com o desafio de lecionar com a disciplina de matemática nas turmas de 6º ao 9º ano. De início foi um pouco complicado, porque a experiência era a mínima possível e não tinha as formações para professores que temos hoje. (PLÁCIDO, 2019b, p. 19)

[...] a vida é cheia de surpresas e lá estava eu no ano de 2005, assumindo uma licença no anexo da Escola de Ensino Infantil Olavo Oliveira, com a disciplina de História, nas séries de 5º ano e 9º ano, nos turnos da manhã, tarde e noite. Era tanta garra, dedicação e entusiasmo por ser meu primeiro emprego, que não me dei conta do tamanho do desafio e das responsabilidades que estavam em minhas mãos e dessa oportunidade surgiram outras e em cada uma delas surgiram novas expectativas, medos e desafios. (OLIVEIRA, 2019c, p. 18)

Localizamos mais uma repetição de vivências do período estudantil, uma vez que o início da educação básica e as localidades mais distantes do centro são as que mais recebem os(as) professores(as) sem formação, sinalizando para uma desvalorização do poder público em relação às primeiras etapas da formação (educação infantil e ensino fundamental I) e à educação na zona rural. O argumento de que é mais difícil conseguir professores concursados para essas localidades poderia ser facilmente desmontado se houvesse interesse. Uma das possibilidades seria investir em uma remuneração diferenciada – a título de ajuda de deslocamento, ou mesmo incentivo profissional – com o intuito de equalizar a qualidade da oferta. Outra possibilidade é a realização de concurso público e a garantia do pagamento do piso salarial.

A presença de professores(as) leigos(as) na escola era uma prática recorrente no Brasil, mais acentuada nos municípios com menor desenvolvimento. Com a justificativa de que muitas localidades não possuíam professores(as) com qualificação em nível superior, a educação infantil e as séries iniciais do ensino fundamental tinham autorização legal para recebê-los(as) com instrução em nível médio, na modalidade pedagógico. Foi só com a LDBEN 9.394/96 que se assumiu a obrigatoriedade de formação em cursos de licenciatura para o exercício da docência em todas as etapas da educação básica. Os Planos Nacionais de Educação 2001-2010

e 2014-2024 endossaram essa deliberação em suas metas. Para tanto, foram criados cursos de qualificação em serviço com o intuito de atender a essa decisão. Entretanto, as secretarias de municipais de educação continuam admitindo profissionais sem a qualificação desejada e, mais ainda, sem realizar concurso público. Isto implica numa rotatividade de profissionais, a exemplo do que aconteceu com as estudantes-professoras do PARFOR de Saboeiro que, durante o curso, foram demitidas em virtude de mudanças na gestão do município.

A insegurança na função é um medo constante, o que faz com que o desejo de mudar da condição de professora temporária para efetiva seja uma meta para todas.

No ano de 2018, fui contemplada para lecionar na Escola Municipal Maria Martins Viana, localizada no Sítio Lagoa de Dentro Saboeiro – Ceará, visto que moro na localidade. Fui lotada na turma do 4º ano, foi nesse mesmo ano que surgiu o concurso público municipal para docentes, no qual fui aprovada, estando no estágio probatório. Agradeço a Deus todos os dias por me proporcionar estabilidade de trabalho após muitos anos de contrato temporário. Agradeço também ao curso de Pedagogia do PARFOR, que vem contribuindo com conhecimentos teóricos e práticos. Nesse ano, estou com uma turma multisseriada de 1º e 2º ano. (PEREIRA, 2019a, p. 18)

Tenho como meta prestar concurso para área da educação, viabilizando assim uma estabilidade maior e, continuar me especializando nos estudos através de uma pós-graduação, concretizando uma meta por mim iniciada. Continuarei buscando novos conhecimentos para enriquecer cada vez mais minha prática. (SILVA, 2019a, p. 19)

O fim do curso significa para mim uma nova fase na vida. Irei ter um diploma mais não terei a garantia de um emprego. Vou me dedicar o máximo para fazer um concurso. (ALENCAR, 2019, p. 17)

Ao longo de suas trajetórias docentes, as memorialistas atuaram numa variedade de etapas e modalidades de ensino, conforme quadro a seguir:

Quadro 02 – Etapas e modalidades de ensino em que as memorialistas lecionaram

Memorialista	Sala multisseriada	Creche	Educação Infantil	Ensino Fundamental (1º ao 5º ano)	Ensino Fundamental (6º ao 9º ano)	Educação de Jovens e Adultos	Educação Especial
Ana Lucia Alencar			X	X		X	
Antônia Jacira da Silva			X	X		X	
Antônia Lenira Plácido	X		X				
Antônia Lucilândia de Souza Soares					X		
Antônia Olinda de Oliveira Almeida	Não informado						
Cícera Saturnino de Oliveira	X		X			X	
Eva Nelda Neris da Silva			X				
Francisca Edivânia Plácido					X		
Francisca Fabiana Alexandre de Oliveira (Suziane)			X		X		
Francisca Tania Pereira de Brito				X			
Inês Silva Braga Pereira	X			X			
Luiza Wanderleia dos Santos	X					X	
Margarida Bernardo Silva		X	X		X		
Maria Cristina Duarte	X	X					
Maria Glícia Venâncio de Lima Oliveira					X		X
Maria Michele Pereira				X	X	X	
Maria Mônica Gonçalves				X	X	X	X

A diversidade de espaços de lotação das estudantes-professores nos faz crer que a única etapa que não tem recebido professores(as) leigos(as) é o ensino médio. Em todas as demais elas atuaram, desde o momento inicial de sua inserção na docência até os dias de hoje. Além disso, identificamos que a mudança de uma série para outra é recorrente, indicando uma inconstância no planejamento da educação no município.

Trabalhei quatro anos com turmas de Creche, especificamente com crianças de três anos. No ano de 2015 fui remanejada para uma sala de 2º ano e confesso que fiquei muito preocupada, pois é uma sala acompanhada pelas avaliações externas, tendo uma cobrança muito grande por parte da

coordenação, diretoria, secretaria de educação, entre outros órgãos. Mesmo com esse medo, me esforcei ao máximo e no final obtive sucesso.

Em 2016, fui novamente trabalhar com turma de Creche II o que me alegrou bastante, pois gosto de trabalhar com esse público. Infelizmente não demorou muito, novamente fui remanejada, dessa vez fui trabalhar como apoio de sala em uma turma de 2º ano. Fiquei desmotivada pensando até em desistir da faculdade, queria entender o porquê de me tirarem da regência sendo que permaneceram com professores que não tinham nenhuma formação acadêmica e não estavam ingressados em nenhum curso superior, mas tudo estava relacionado a questões políticas. (SILVA, 2019a, p. 17)

Após quatro anos lecionando na Educação Infantil, fui contratada no ano de 2013 a lecionar em turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II. E novamente principia uma nova descoberta, novos medos, anseios, falta de preparo em lecionar aula para o público jovem, sem falar nas dificuldades que me deparei ao ter que ministrar várias disciplinas, que dentre elas estava: a Língua Portuguesa, Educação Física, Ensino Religioso e Artes. (SILVA, 2019c, p. 19)

Em suma, para mim, ser uma professora não é fácil. Quase todo ano mudo de escola, só trabalho com turmas multisseriadas, tenho que driblar sozinha os obstáculos dessa realidade. São sempre três ou quatro turmas juntas, por exemplo, alunos de creche junto com alunos de 7 anos, e assim por diante. As dificuldades são muitas. (DUARTE, 2019, p. 17)

Cada nível, etapa e modalidade de ensino requer preparação e experiência específicas. Um(a) professor(a) leva anos para desenvolver expertise para o exercício do magistério. Por essa razão, a rotatividade frequente é prejudicial à qualidade da educação. Ademais, percebemos que, mesmo com a formação em Pedagogia, por meio do PARFOR, ainda existem docentes atuando sem a habilitação exigida, visto que temos estudantes-professoras lotadas nas séries finais do ensino fundamental, que não é campo de atuação do(a) pedagogo(a).

Já leciono há 21 anos e amo que faço. Estou morando na cidade e trabalho no sítio, a uma distância de 20 km, mas gosto do meu trabalho. A escola é meu segundo lar, e os meus alunos minha segunda família. Confesso que quando recebi a proposta de emprego aceitei pelo fator financeiro, porém depois, com o tempo, fui ganhando uma paixão muito forte pelo que faço. Hoje estou em uma sala de Fundamental II, com as disciplinas de História e Geografia. Esse fato ocorre porque no meu município os professores dessas áreas não têm formação adequada e Secretaria Municipal de Educação acaba contratando professores com formação pedagógica. (SANTOS, 2019, p. 20)

Na qualidade de professoras da educação básica, elas se depararam com uma realidade que pouco se diferenciava daquela que vivenciaram enquanto estudantes desse nível de ensino. A atuação delas, a exemplo do que aconteceu com seus(suas) professores(as), se deu por meio

de contrato temporário e, inicialmente, em salas multisseriadas⁴⁹, de Educação de Jovens e Adultos (EJA), da educação infantil ou do ensino fundamental.

Na escola em que comecei a lecionar, a turma era pequena, contudo, muito difícil, por se tratar de jovens de 15 e 16 anos, junto a crianças bem pequenas, de 6 e 7 anos. Era uma turma multisseriada com alunos da 1ª a 3ª série. Não foi fácil para mim, pois era o meu primeiro ano de trabalho, não tinha experiência, apesar de ser o que eu sempre quis, tive muitas dificuldades em trabalhar com esses alunos. Tratavam-se de rapazes que não sabiam nem escrever o próprio nome, não conheciam nenhuma letra do alfabeto, por isso foi um grande desafio. (DUARTE, 2019, p. 16)

Em 2005 fui convidada para trabalhar três meses, como professora substituta. O trabalho era com crianças em turmas de multisseriada durante a tarde, e a noite com turmas de jovens e adultos. (OLIVEIRA, 2019b, p. 14)

Ademais, as condições de trabalho que encontraram na escola não foram diferentes das que fizeram parte da vida estudantil delas. Sendo assim, salas pequenas, falta de material didático e espaço para diversificação das atividades se repetiram nessa nova fase de suas vidas.

Fiquei muito feliz pelo salário, afinal eu não tinha nenhuma renda, porém com muitos desafios, já que não tinha nenhuma experiência e por ser em um lugar bastante carente, tive que buscar ajuda de colegas. Eu andava de bicicleta todos os dias para chegar até essa escola, que funcionava em uma casinha sem piso, sem banheiro enfim... Eu era professora e auxiliar de serviço, pois tinha que varrer todos os dias a sala com aquela poeira de chão sem piso. Mas a minha esperança sempre foi grande e a vontade de ajudar minha mãe. (SANTOS, 2019, p. 15)

Durante 8 anos que ensinei lá saía de casa às 11h da manhã e voltava às 17h. Muitas vezes pegávamos carona até mesmo com pessoas que não conhecíamos, tudo isso para chegarmos em casa mais cedo. No percurso da viagem da cidade para o distrito que trabalhava vivemos momentos de descontração e companheirismo. Amizades essas que levo até hoje na minha vida. A situação de alguns alunos era de carência afetiva e financeira. Recordo-me de alguns que falavam que o motivo de irem para a escola era a merenda, por comerem em casa apenas mungunzá no almoço e na janta. Nesse momento, era difícil para mim escutar todos aqueles relatos, mas eu sempre dizia para agradecerem o alimento que tinham por mais que fosse a mesma comida todos os dias. (GONÇALVES, 2019, p. 14)

Quando comecei trabalhar nessa escola, as condições da escola eram infrequentes. A primeira situação de dificuldade enfrentada pelos professores era a questão de não ter um gestor. Então cada professor desenvolvia seu trabalho de maneira individual.

Nessa época não tinha merenda nem transporte escolar. As crianças vinham de uma grande distância, para a idade deles e na escola muita das vezes não

⁴⁹ A dissertação *Educação no meio rural: um estudo sobre salas multisseriadas*, de Rodrigues (2009), traz uma reflexão consistente sobre essa forma de organização do ensino.

tinha água. A merenda muitas das vezes os professores traziam. Isso contribuía para que as crianças faltassem muito a escola, assim afetava na aprendizagem. Também tinha o problema do material escolar. Era apenas o quadro de giz e o livro didático. Como cada um desenvolvia o seu trabalho de acordo com a cultura da escola, a limpeza da sala muitas vezes era feita pelo professor. E para falar do salário era o mínimo dos mínimos. A gente trabalhava sempre só para esperar um futuro melhor, que se frustrava ano após ano. (PLÁCIDO, 2019a, p. 19)

Essas situações não são restritas à cidade de Saboeiro; ao contrário, elas são comuns na rotina de trabalho de boa parte dos(as) professores(as) na zona rural das cidades brasileiras pouco desenvolvidas. O relato de Plácido (2019b) reforça essa afirmação, haja vista que o trecho a seguir evidencia sua experiência de docência em Imperatriz, no Maranhão.

Quando terminei o terceiro ano, consegui um trabalho em uma escolinha com apenas uma sala de multisseriada. A escola era construída de madeira com apenas dois espaços que seria uma sala e um almoxarifado. Para mim foi um enorme desafio. Era um número grande de crianças e uma sala muito pequena para comportá-los. O ambiente era muito quente, sem ventilação. Além disso a prefeitura não supria nenhuma necessidade da escola. O material didático era doado, os livros eram de várias editoras. As mães também conseguiam materiais. A escola funcionava nos dois turnos. Pela manhã primeira e segunda série e à tarde terceira e quarta. A dificuldade maior que eu encontrei é que eu não sabia nada de magistério. (PLÁCIDO, 2019a, p. 18)

Existem questões que são, independente das condições de oferta, inerentes ao processo ensino-aprendizagem e que exigem do professor decisões que precisam considerar o nível de desenvolvimento dos(as) estudantes, a natureza do conhecimento a ser socializado, a cultura local, o tempo disponível – para citar apenas algumas. Nenhuma delas é simples, e, por isso mesmo, temos uma vasta produção acadêmica que as estuda com afinco para oferecer saídas aos(as) docentes. Com isso queremos afirmar que conseguir criar as condições para os(as) estudantes aprenderem é algo complexo.

[...] me deparei com muito desinteresse, rebeldia, resistências, por parte de alguns educandos, em decorrência de suas aprendizagens, que se dava por parte da inexistência do hábito de estudo domiciliar, acompanhamento das famílias, fatores esses que interferem significativamente no desenvolvimento de nossos aprendizes. (SILVA, 2019c, p. 19)

[...] me deparei com inúmeras resistências, desinteresse e rebeldia por parte de alguns alunos, em relação a aprendizagem. Acredito-me, que os problemas de aprendizagem e/ou de conduta devem em decorrência da conjunção de coeficientes sociais, educacionais e individuais, não devendo ser atribuídos unicamente a fatores externos.

Percebi também, durante o processo a exiguidade no hábito de estudo domiciliar, aspecto este que interfere na aprendizagem, fragilizando a capacidade de desenvolvimento educacional. Indubitavelmente, lidar com diferentes perfis ao no decorrer de toda trajetória docente foi incitador, sobretudo nessa clientela, que passa por uma transição e continuada alternância de professores. (PEREIRA, 2019b, p. 20)

Agora, se, para além do que é inerente ao ato educativo, ainda existem obstáculos que poderiam ser superados com política e gestão educacional eficiente, a tarefa do(a) professor(a) se torna sobremaneira difícil. Compreendemos que não basta querer, é preciso ter as condições necessárias para conseguir fazer. As memórias das estudantes-professoras explicitam uma preocupação e um empenho para conseguir fazer mais por seus(suas) discentes. Entretanto, é inegável que melhores condições de trabalho ampliam as possibilidades de melhores resultados na aprendizagem e, por conseguinte, na educação como um todo.

Para Plácido,

Para que haja uma aprendizagem significativa para os estudantes, convém que a escola proporcione condições em todos os eixos que a norteiam, que vão da organização do ambiente ao currículo, sem deixar de mencionar a preparação dos professores e toda comunidade escolar. (2019a, p.19)

Para algumas estudantes-professoras, a distância de onde moravam para a escola reaparece como empecilho, agora para o exercício do magistério.

Não foi nada fácil porque a escola ficava muito distante da minha casa. Eu não tinha moto, mas, felizmente, minha tia me emprestava a dela para que eu pudesse percorrer essas longas distâncias para o trabalho. O local da escola ficava na Serra Nova, que era muito longe e deserta. Eu precisava de uma companhia. Então pagava um rapaz para me acompanhar. Enfrentava diariamente sol e chuva nas idas e voltas do trabalho na escola. Como se não bastasse, as pessoas ficavam me amedrontando dizendo que eu poderia me encontrar com as onças que ficavam no mato. Apesar disso ainda trabalhei um ano letivo inteiro nessa escola. Também substituí uma professora que entrou em uma licença, no sítio onde moro. De modo que fiquei trabalhando em dois períodos, manhã e tarde, na escola. (DUARTE, 2019, p. 16)

Diante desse cenário, nos perguntamos sobre o sentimento das memorialistas em relação ao magistério. Já identificamos que, para a maioria delas, essa profissão entrou em suas vidas sem um planejamento prévio e que a primeira experiência foi motivada pela necessidade financeira e pela ausência de outra ocupação para desenvolver na cidade em que moram. Apesar disso e das adversidades que encontraram e encontram na escola, invariavelmente, elas

afirmaram que hoje se identificam e gostam dessa profissão. Esse sentimento encontra amparo no reconhecimento social do trabalho que desenvolvem e na contribuição para a aprendizagem de seus(suas) discentes.

No retorno à Imperatriz encontrei todos amigos e pessoas que eu tive oportunidade de conhecer. Foi gratificante! Entre muitos passeios, deparei-me com a mãe de um ex aluno, que quase não reconhecia, me cumprimentou e me falou algo que eu jamais esperava ouvir: Lenira lembra do Rony? Então, ele é motorista e tem o seu próprio caminhão, mas o que ele sabe aprendeu com você! Jamais imaginava ter feito algo naquela escolinha para beneficiar e marcar uma família. Ela ainda afirmou ser grata a mim. (PLÁCIDO, 2019a, p.19)

Em meio a tantos percalços a essa profissão, eu particularmente me sinto motivada quando vejo que contribuí na construção de conhecimentos significativos aos meus educandos que irão contribuir por toda a vida, além do mais me motiva o fato de ver alguns estudantes espelhando em mim, em me citar em muitos acontecimentos de suas vidas. Percebo que de certa forma contribuí positivamente na vida de alguém, me sinto feliz em ter feito e estar fazendo a diferença na história dos meus educandos. Embora eu tenha entrado nessa profissão pelo simples fato de não ter outra oportunidade no mercado de trabalho, sempre me responsabilizei e me dediquei em ser uma boa profissional, diante disso passei a gostar do que faço. (SILVA, 2019c, p. 20)

Ajudar aquelas crianças com dificuldade de aprendizagem e de leitura é primordial para mim. Mesmo cansada e me aproximando de uma possível aposentadoria, ainda me esforço vigorosamente para desenvolver suas habilidades, para que possam, assim como eu, dar continuidade a sua tão preciosa vida estudantil. (BRITO, 2019, p. 17)

Esse papel da docência, de promover mudanças na vida dos discentes, é reconhecido por elas.

O professor deve ser um profissional que leva transformação na vida pessoal e social dos seus alunos. Para que haja transformação é importante criar um cenário onde ensinar e aprender tenha um sentido que devem estar atrelado aos elementos da cultura onde os discentes estão inseridos por ser estes considerados valiosos na formação dos estudantes. (PLÁCIDO, 2019b, p. 17)

Ao longo da carreira docente, as estudantes-professoras se depararam com diversas situações em sala de aula que lhes desafiaram. Vimos que a grande maioria começou a lecionar sem nenhum tipo de formação para tal. Elas foram tornando-se professoras a partir de um confronto diário com a realidade.

Em *Formação de professores: identidade e saberes da docência*, Pimenta (1999) defende que, ao ingressar na escola na condição de professores(as), carregamos conosco os conhecimentos de toda uma vida enquanto discentes. Por isso, somos capazes de apontar,

mesmo sem termos formação em magistério, os(as) professores(as) que tinham “domínio do conteúdo”, os que não tinham (ou tinham) “didática”, as estratégias de ensino que envolviam os(as) discentes etc. O saber da experiência é, pois, o primeiro saber sobre ser professor(a) e ele reverbera na ação educativa. Vimos isso nos memoriais, tanto na busca constante por novos suportes ao ensino, quanto no reconhecimento da experiência coletiva que os(as) docentes desenvolvem e partilham nos diálogos e nos planejamentos pedagógicos (PIMENTA, 1999). Por muito tempo, foram esses conhecimentos que sustentaram o fazer pedagógico das memorialistas.

No que tange a condução de minha prática docente, era desenvolvida inicialmente pautada na experiência diária em sala, baseando-se em algumas práticas concebidas por professores que contribuíram significativamente em minha formação como discente no percurso de escolarização até o Ensino Médio conjuntamente nas propostas pedagógicas solicitadas pela Secretaria Municipal de Educação, assistida mensalmente nas formações, e sobretudo, assumindo uma postura de caráter questionador e pesquisador, para um melhor desempenho e efetividade na prática docente. (PEREIRA, 2019b, p. 21)

Mesmo sem cursar uma faculdade, estava sempre em busca de novos conhecimentos, novas formas para se trabalhar com os alunos, para que eles não desistissem, pelo contrário, sentissem cada vez mais vontade de estar presente naquele ambiente. Pesquisava músicas, dinâmicas criativas, sempre respeitando suas crenças e valores, seus ritmos de aprendizagens e os pensamentos diversificados de cada uma das realidades culturais de cada um. (OLIVEIRA, 2019b, p. 14)

[...] passei a buscar conhecer melhor as formas de ensinar e desenvolver um bom trabalho, buscando sempre unificar a teoria e a prática, concatenando por inovações e aprofundamento em saberes pedagógicos provenientes da prática dos profissionais veteranos na área do ensino infantil, caracterizando assim um duplex comportamental, entre a sobrevivência e descoberta de possibilidades em pertencer a um grupo de professores, uma vez que, a construção de identidade profissional não depende unicamente do esforço e interesse individual, mas dos limites e possibilidades que lhes foram dados pelo o contexto socioeconômico, institucional e político no lócus onde está inserido. (SILVA, 2019c, p. 17)

Não participei de encontro pedagógico antes de começar a lecionar. Quando passava por algum problema, eu procurava a coordenadora para me ajudar, e ela me orientava muito bem. Ela foi de grande importância na minha vida. Mas apesar de ter enfrentado muitos obstáculos, foi bom para mim, de certa forma. Porque aprendi a importância de ser professora e alcançar uma grande vitória de chegar ao final do ano e saber que contribui muito para aqueles alunos se alfabetizarem. (DUARTE, 2019, p. 17)

Mesmo nos casos em que o atendimento especializado era demandado, foi o trabalho em equipe e a dedicação dos(as) docentes que possibilitou a inclusão:

No início o Alan ia para a escola e ficava na sala apenas como ouvinte, na verdade nós não sabíamos como encaixá-lo nas atividades, o que a gente sabia é que juntos íamos descobrir.

Nenhum de nós que trabalhava com ele tinha nenhuma formação ou suporte adequado para trabalhar com aluno que possuía deficiência principalmente com um caso como do Alan que era cadeirante, não anda, não fala nem comanda os movimentos dos braços, mas era um menino muito especial, o sorriso dificilmente saía do seu rosto, adorava ir pra escola e entendia tudo que a gente falava e respondia perguntas através de gestos com a cabeça. Então chegamos à conclusão de que faríamos tudo que fosse possível para que ele aprendesse junto com os colegas, começamos a confeccionar o material necessário e adequado para ele realizar algumas atividades no qual procuramos adaptar pra que ele pudesse participar juntamente com a turma.

Nos planejamentos cada professor se comprometia a fazer uma metodologia diferenciada para ele e eu ficava responsável de providenciar o material necessário para as aulas de cada uma das disciplinas, confesso que muitas vezes achei que algumas atividades feitas com ele não tinham muito proveito, mas mesmo assim às fazia afinal não sabíamos de fato qual a maneira correta de trabalhar com ele.

Confesso ainda que essa inquietação me perturbe até hoje, será que esses métodos eram realmente bons? Será que ele entende?

Será que ele aprendeu? O que mais poderia ser feito? Enfim, são muitas as dúvidas que até hoje carrego comigo. (OLIVEIRA, 2019d, p. 16)

Os espaços de formação docente institucionalizados surgiram para as memorialistas por meio da secretaria municipal de educação.

Outro fator que se tornou uma realidade foram as formações de professores, que passaram acontecer mensalmente, muitas metodologias com técnicas inovadoras, onde os professores recebiam muito material para desenvolver o trabalho com os alunos. Nessas formações tinham os momentos de estudos em que refletíamos sobre vários teóricos e nos davam uma visão deste novo modelo de educação. (PLÁCIDO, 2019a, p. 21)

O primeiro a ser mencionado foi o Programa de Formação de Professores em Exercício (PROFORMAÇÃO), criado em 1999, pelo Ministério da Educação. Ele funcionava em parceria com estados e municípios das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste e o propósito de formar professores leigos em nível médio. Duas memorialistas foram beneficiadas com essa formação e ressaltaram a sua importância.

Naquele período, tamanha foi minha felicidade com aquele convite. Pensei que naquele período me aprimoraria para dar aula e ainda terminaria meu Ensino Médio de uma maneira mais fácil, já que estava sofrendo muito em um carro pau de arara para ir todos os dias a cidade estudar. Além disso, bem cedo tinha que andar 5 km para trabalhar. Com isso, não dormia nem me alimentava direito. Depois de tudo que havia passado, agora poder cursar um curso que me habilitasse no magistério era muito bom. Desde então fui matriculada e

comecei a estudar duas vezes no mês nos finais de semana, intermediada por tutores, porque o estudo era mais domiciliar.

As unidades estavam divididas em módulos, sendo que tinha Matemática e Lógica, Identidade Sociedade e Cultura, Linguagens e Códigos, Fundamentos da Educação e Organização do Trabalho Pedagógico. Cada vez que terminava um módulo, que equivalia a um semestre, a gente ia até a cidade do Crato Ceará para receber orientações dos professores, onde ficávamos até quinze dias. Esse curso, que foi muito rico em projetos e oficinas para a prática pedagógica se chamava de Programa de Formação de Professores em Exercício - PROFORMAÇÃO, um Programa da Secretaria de Educação a Distância, em nível médio, com habilitação para o magistério na modalidade Normal, realizado pelo Ministério da Educação – MEC, em parceria com estados e municípios. (SANTOS, 2019, p. 15)

[...] O tempo de conclusão do curso era de dois anos, de modo que durante todo o curso o aluno deveria estar atuando nas turmas de séries iniciais como titular da turma, sendo devidamente acompanhado por uma tutora educacional com formação adequada. A programação do curso se fazia de aulas presenciais quinzenalmente, e durante as férias os nossos encontros eram no Crato CE.

Além de estudarmos as disciplinas do currículo, apresentávamos um relatório de tudo o que havia trabalhado em sala de aula. Esse relatório era chamado de memorial, e entregue por escrito para a tutora que acompanhava o processo de formação do aluno, e uma vez por mês o tutor agendava uma visita e acompanhava toda a aula, analisando também o plano e no final de cada semestre desenvolvia um projeto com tema relevante na área educacional.

[...]

Vale ressaltar a relevância desse curso para mim, pois ajudou na minha prática pedagógica e na aquisição de conhecimentos específicos e, sobretudo, na percepção do ensino-aprendizagem, proporcionando ao aluno conhecimentos novos e desafiadores para o qual tudo se concentra. Tudo que aprendi nas reuniões como: jogos e atividades de grupo, aplicava em sala de acordo com a realidade, fazendo adaptações, tornando a prática mais efetiva em sala. (PEREIRA, 2019a, p. 15)

Com a atualização dos programas, o PROINFANTIL substituiu o PROFORMAÇÃO na qualificação de professores leigos em nível médio. Nesse caso, as quatro estudantes-professoras que o mencionaram já possuíam o ensino médio na modalidade regular. O Curso foi lembrado pela contribuição que deu à prática educativa.

Após esse período de três meses, fui convidada a continuar trabalhando na mesma escola. Nessa época fui contemplada com um curso chamado PROINFANTIL, (Programa de Formação Continuada para Professores em Exercício na Educação Infantil) um curso a distância, em nível médio e na modalidade Normal, para formação de professores de Educação Infantil que atuavam em creches e pré-escolas e que não possuíam a formação exigida pela legislação, sendo realizado pelo MEC em parceria com os estados e os municípios interessados. Aconteceu num período de 2 anos, sendo essa a oportunidade que ganhei para desenvolver um melhor trabalho em sala e adquirir novos conhecimentos que me tornaram uma profissional com uma maior possibilidade de resolver as dificuldades do dia a dia em sala.

O PROINFANTIL utilizava atividades a distância orientadas por meio de material impresso e videográfico, e atividades presenciais que aconteciam no período de férias escolares (Fases Presenciais) e nos sábados (Encontros Quinzenais), éramos acompanhadas por tutores por todo o período letivo. O material era muito rico, os livros abrangiam todos os estudos possíveis sobre educação infantil, filosofias e teorias que nos auxiliavam a melhorar nossa prática diariamente.

Este curso me ajudou na minha prática com novas propostas de metodologias que me auxiliavam no desenvolvimento das atividades em sala e de uma certa forma até na minha vida pessoal, me tornando uma pessoa mais confiante e capaz de desenvolver com segurança o meu trabalho. (OLIVEIRA, 2019b, p. 15)

Foi-me de grande ajuda e importância este curso. Pude melhorar minha prática pedagógica e encontrar apoio para minha docência. Os encontros eram quinzenais na cidade de Saboeiro. Até passamos 9 dias e meio estudando na cidade de Crato-Ceará, nos meses de janeiro e também de julho. Foi muito bom. Conhecemos outras pessoas, pessoas novas, diferentes. Eu não conversava muito porque era muito tímida. Ficava no meio da turma, mas falava muito pouco. Às vezes, quando era hora de se arrumar para ir nessas viagens de estudo eu não queria ir. Ia à força. Até chorava muito. Mas eu acabava indo. Nunca faltei porque pensava que ia aprender mais. De fato, eu adquiria sempre novos conhecimentos. Foi muito bom receber meu certificado. (DUARTE, 2019, p. 18)

Esse curso me proporcionou uma bagagem rica em conhecimentos, métodos e atividades para serem trabalhadas com as crianças, sem contar em mais uma conquista, pois tive a oportunidade de trabalhar como titular da sala. Devo dizer que não faltava garra, entusiasmo e energia para o momento o qual vivia. O curso aconteceu no período de dois anos e concluímos o mesmo com sucesso e estávamos habilitados na Educação Infantil como professores capacitados na construção de conhecimentos das crianças. Foram dois anos de novas descobertas, marcados pela construção de conhecimentos. Foi o momento de nos descobrirmos, descobri que eu tinha um enorme medo de falar ao público, timidez até parece que não, mas é verdade já que fui muito tímida, e o curso me ensinou a vencer esse medo, a timidez. Hoje ao encarar o público, já não é mais tão difícil, apenas fico um pouco nervosa, mas é normal e realizo a exposição tranquilamente. (OLIVEIRA, 2019c, p. 19)

Além da contribuição com experiências e conhecimentos, as alunas-professoras que concluíram o PROINFANTIL puderam participar de concurso público para a docência na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental.

Outra alegria que tive foi poder assumir minha classificação no concurso municipal, graças a esse curso – o PROINFANTIL, pois no edital do concurso constava que este curso valeria como formação profissional. Isso foi muito importante para mim e mudou a minha vida. Fiz o concurso no dia 27 de maio de 2018 e tomei posse no dia 28 de setembro de 2018. (DUARTE, 2019, p. 18)

Após concluir o Telecurso, fiz um curso muito bom – o Proinfantil. Não cheguei a concluir porque quando estava no oitavo módulo, tive um problema

de saúde e achei que ia morrer. Hoje me arrependo muito de não ter concluído, pois agora eu teria feito o concurso e poderia até ter passado. (ALMEIDA, 2019, p. 17)

A partir de 2012 foi instituído no Brasil o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) com o objetivo de cumprir meta do Plano Nacional de Educação que previa que toda criança fosse alfabetizada até os oito anos de idade. Para operacionalizar essa ação, foi criado Programa de Alfabetização na Idade Certa (PAIC), mencionado por cinco memorialistas. O período de desenvolvimento das atividades do PAIC coincidiu com algumas aulas do PARFOR e foi percebido pelas estudantes-professores como formações complementares.

Todo sucesso da vida escolar depende de boa base, e isso está diretamente ligado ao domínio da leitura, de forma que a criança aprenda a ler e entender o que está lendo, indo além da interpretação dos signos linguísticos, seja capaz de interpretar o que ler e produzir pequenos textos, expressando-se oralmente com facilidade, pois tudo isso está implícito no conceito de alfabetização. Sem dúvidas o programa tem alcançado bem resultados, pois professores são preparados para atuarem com desenvoltura, além de contar com material didático de qualidade e suporte para tirar suas dúvidas e buscar sugestões. (GONÇALVES, 2019, p. 16)

[...] comecei a participar das formações do MAIS PAIC, associando-a a um marco significativo, aprimorando o conhecimento que aplicava na prática cotidianamente e a se debruçar nas inquietações, medos e desafios diários que surgiam dentro da sala de aula, dessa forma comecei constantemente a refletir sobre o meu fazer pedagógico, e assim, dando-me a oportunidade de mudanças e reestruturação de um novo caminhar pedagógico, muito embora não tenha sido nada fácil, a adaptação e a participação naquela turma de professores que considerava todos cheios de preparos e conhecimentos pedagógicos e ainda sentia ser a única inexperiente.

Com tudo isso passava o tempo todo a ouvir e observar, mas que de certa forma foram relevantes para minha identidade profissional, passei a ter mais preparo pedagógico e a sentir-me mais segura, portanto fazer parte daquelas formações supriu uma grande parte das inquietações e dificuldades que me encontrava, assim sendo, é concebível evidenciar que o docente em sua formação deve observar e refletir, favorecendo assim o real objetivo da educação, de ser um profissional reflexivo e que estabelece o diferencial, ressignificando o processo de sua aprendizagem.[...] (SILVA, 2019c, p. 18)

Eu tinha medo, ou um certo temor, de assumir a responsabilidade de turmas de 2º ano, por isso sempre pedia para me deixarem nas turmas de 1º ano. Mas com o tempo, fui gostando da formação oferecida pelos programas do PAIC e PNAIC e já não sentia mais medo de assumir turmas de 2º ano, nem de 3º ano. Mas na primeira vez que fui indicada para lecionar uma turma de 3º ano, quase entrei em choque. Até chorei muito na escola, mas tive que aceitar de bom grado. Por não ser professora efetiva, apenas contratada, não tinha escolha. Tive que assumir essa responsabilidade, na qual eu logo descobriria que daria conta. (BRITO, 2019, p. 15)

Os relatos das estudantes-professoras revelam que a formação continuada fez as vezes de inicial, visto que não tiveram acesso a um curso de licenciatura antes de assumir o magistério como profissão. Para muitas, esse primeiro contato com experiências formativas institucionalizadas foi essencial tanto para trazer segurança ao trabalho diário, com novos conhecimentos, quanto para fazê-las enxergar a importância de uma formação mais sólida, em nível superior. Os desdobramentos dessa nova demanda foram, para algumas, a matrícula em curso superior em instituição privada, em regime especial, em Saboeiro. Entretanto, todas desistiram dessa instrução por volta do primeiro ano, seja por não conseguirem pagar a mensalidade, seja por não confiarem na qualidade do mesmo. É nesse cenário que o curso de Pedagogia PARFOR/URCA entra em suas vidas.

4.2 CALÇADOS NOVOS

No Brasil, foi a partir de 1990 que a formação docente assumiu um caráter de centralidade nas políticas educacionais, intensificando-se nas décadas posteriores com a criação de programas nacionais como PARFOR, implementado em 2009. Nesse mesmo ano, a URCA, juntamente com outras IES, passou a oferecer programas de primeira e segunda licenciatura por esse Programa para as professoras⁵⁰ do Sistema Municipal de Educação de diversas cidades do interior do estado do Ceará.

O ensino superior, no Brasil, está reservado a uma parcela pequena da população. Dados do Censo da Educação Superior no Brasil de 2019, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), indicam que apenas 21,3% dos(as) brasileiros(as), com idade de 25 a 34 anos, concluiu um curso de graduação. Já no grupo de idade que vai de 55 a 64 anos, o percentual cai para 14,3%. Ao compararmos esses dados com a média das taxas dos países que compõem Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) – 42% para 25 a 34 anos e 38% para 55 a 64 anos – constatamos que nossos índices são muito baixos. Além de sinalizar que temos muito a caminhar na oferta de formação superior para a nossa população, esses indicadores nos dão uma dimensão do que o

⁵⁰ Apesar da existência de professores do sexo masculino nos cursos de Formação Docente para a Educação Básica, no caso específico dos Cursos de Pedagogia/PARFOR esse número é diminuto. Na turma que iremos analisar, dentre 18 estudantes há apenas um homem. Essa é uma particularidade marcante do curso de Pedagogia. Por essa razão, bem como pelo interesse em aprofundar o olhar para a vida das professoras, optamos por não incluir o memorial do único aluno da turma nessa pesquisa. Com isso, adotamos o gênero feminino enquanto opção política e metodológica.

ingresso no curso de pedagogia do PARFOR/URCA representou para as suas estudantes-professoras, tanto do ponto de vista pessoal, quanto profissional.

Instaurado em 2009, esse Programa pode ser classificado como uma política compensatória que atende, majoritariamente, sujeitos das camadas populares da sociedade. São professoras de escolas públicas que ou não têm a formação em nível superior ou a tem em discrepância com a área em que lecionam.

No interior do estado do Ceará, cerca de um quarto de suas estudantes-professoras são docentes temporárias⁵¹, subjugadas a condições de trabalho mais precarizadas do que a dos efetivos. No caso do curso de Pedagogia do PARFOR, objeto desse estudo, são as mulheres que formam sua quase totalidade. Muitas delas são submetidas a uma jornada de trabalho exaustiva para atender às demandas familiares, pessoais e profissionais.

É nesse contexto que as instituições escolares, sejam elas de educação básica ou de ensino superior, desempenham um papel fundamental na difusão de formas de pensar e de agir que favorecem os opressores. Não é sem razão que a formação de professoras acontece a partir de uma política nacional que articula programas e conteúdos disciplinares, competências, princípios e valores, e, especialmente, que planeja e determina as condições objetivas de realização tanto da formação de professoras quanto do fazer docente nas escolas.

Nos documentos que normatizam o PARFOR, a formação tem recebido influência constante do ideário de educação permanente nos moldes denunciados por Lima (2016, p.17):

A educação permanente foi subordinada a padrões restritos de utilidade, sendo frequentemente confundida com: escolarização permanente, educação escolar de segunda oportunidade, reconhecimento e certificação de competências, formação profissional contínua, vocacionalismo adaptativo e funcional, inclusão social para as periferias ou margens de dentro de um sistema cada vez mais embasado numa competitividade desenfreada e numa performatividade seletiva e excludente.

A lógica de atendimento às demandas de mercado é evidenciada no Decreto nº 8.752, de maio de 2016, com a centralidade do termo “profissionalização” nos princípios e objetivos da Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica. Proposições como aprendizagem na idade certa, aprendizagem permanente, qualidade da educação e planejamento estratégico também são recorrentes no documento e, no contexto em que aparecem, sinalizam

⁵¹ Esse tipo de contrato é um artifício utilizado por muitos gestores públicos para não contratarem professoras efetivas, reduzindo o valor da folha de pagamento, além de tentar garantir maior controle sobre essas profissionais - visto que a ameaça de não renovação dos contratos é constante, o que as tornam reféns desse sistema, muito mais do que as efetivas o são.

o alinhamento dessa política com o ideal neoliberal. Por conhecimentos válidos à formação, são citados “os científicos, pedagógicos e técnicos específicos”, de modo que a compreensão da realidade por meio de um viés político é desconsiderada nesse documento. Nessa mesma lógica, temos visto a tentativa de retirar o caráter político dos processos pedagógicos que estão bem demarcados, por exemplo, na mudança da nomenclatura dos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) para Projetos Pedagógicos de Curso (PPC).

Na parceria com a URCA, esse Programa alcançou doze municípios do interior do estado do Ceará, atendendo 853 discentes-docentes, dos quais 473 colaram grau. Ao todo foram vinte e cinco turmas, sendo quinze de Pedagogia. Atualmente, temos quatro turmas em funcionamento, todas do curso de Pedagogia⁵².

Para os que residem numa metrópole como São Paulo, em que os números são sempre grandiosos, pensar que em 11 anos o Programa matriculou 853 estudantes-professores(as) pode parecer pouco. Para a nossa região, entretanto, é um quantitativo significativo⁵³. Cada uma dessas pessoas teve sua vida atravessada pelo PARFOR e elas, concluindo ou não o curso, puderam sonhar com novas possibilidades de estar no mundo.

Para esta pesquisa, os relatos sobre a formação pela URCA nos interessavam sobremaneira, porque apontam para a compreensão do lugar que o Curso ocupa no conjunto de experiências que compõem a forma delas de ser e agir no mundo, em especial, no exercício professoral.

Nessa conjuntura, os memoriais apontam a formação superior como um sonho de difícil realização e o início das aulas pelo PARFOR/URCA como uma conquista.

Eu ouvi falar do PARFOR pela primeira vez, por comentários de alguns professores da escola que eu trabalho e, nesse momento, mencionamos que seria muito se viesse essa oportunidade para nós. Porque aqui, por ser o nosso município uma região onde o poder econômico é pequeno, um curso como esse nos ajudaria bastante.

Pouco tempo depois fui informada, pelo diretor da escola que trabalho, que havia uma proposta para vir o curso de pedagogia através desse programa, e fomos torcer para que desse certo mesmo. Pelas condições exigidas pelo programa eu estaria apta a ingressar no curso. Ficamos aguardando e, no final de 2013 e início de 2014, fomos convidados a nos preparar para o vestibular. Consegui passar e em agosto de 2014 comecei a estudar e foi algo que me deixou realizada. (PLÁCIDO, 2019b, p. 20)

⁵² Informações mais detalhadas sobre o alcance dos cursos do PARFOR coordenados pela URCA estão disponíveis no Apêndice A.

⁵³ Dados do IBGE indicam que, em 2010, apenas 6,87% dos(as) brasileiros concluíram o ensino superior. No Ceará esse índice é ainda mais baixo: 4,96%

[...] no ano de 2014, ao começar uma nova fase de instabilidade profissional, comecei a cursar o curso de Pedagogia, vinculado ao Plano Nacional de Professores da Educação Básica – PARFOR, pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Foi sinônimo de uma conquista, que atribuiu em desafios, novos olhares, novas perspectivas, novas amizades, novos conhecimentos e novas reflexões sobre a ação docente. De fato, esse curso, sem sombra de dúvidas, é uma oportunidade única, cursar uma universidade pública de qualidade, que tem um compromisso exemplar, conceituada e reconhecida nacionalmente, a URCA, sem contar que era um sonho meu entrar nessa universidade. (SILVA, 2019c, p. 22)

Na continuação do tempo, já por dezessete anos de trabalho na sala de aula como professora de 1º a 5º ano do ensino fundamental, fui designada para cursar a faculdade de Pedagogia aqui mesmo, na cidade de Saboeiro, Ceará. Fiquei feliz com isso. Sempre tive vontade de cursar uma faculdade. Mas sempre foi algo irrealista para mim, por dificuldades financeiras, familiares e pessoais. Hoje, já com meus filhos crescidos e também formados, ficou mais fácil para eu ingressar no ensino superior. (BRITO, 2019, p. 14)

A organização, estrutura e funcionamento das atividades formativas foram descritas por várias memorialistas, de maneira que escolhemos um relato que nos pareceu sintetizar o pensamento da maioria delas.

O curso funciona no município de Saboeiro – CE, na Secretaria Municipal de Educação. As aulas acontecem nas sextas feiras à noite e nos sábados durante o dia com carga horária de 12 horas semanais. Mesmo tendo ocorrido alguns contratemplos no seu decorrer, a coordenação do curso sempre se preocupou com o funcionamento e principalmente na escolha dos profissionais altamente qualificados para ministrar as aulas. Os referidos profissionais sempre se preocupavam em aplicar métodos inovadores e dinâmicos na prática de ensino, mudando o senso crítico, a forma de pensar, agir e lutar em busca dos ideais. (PEREIRA, 2019a, p. 16)

Também foi recorrente a referência à qualificação e à dedicação dos(as) docentes, conforme excertos a seguir:

Não posso deixar de ressaltar que todos os professores do curso me ajudaram muito a adquirir mais compreensão dos assuntos e melhorar a qualidade do meu ensino. Foram muitos debates, discussões, muitas leituras, seminários, experiências, teorias, estudos científicos. Tudo pautado em definições e compreensão científica. (BRITO, 2019, p. 17)

Nesse período que estou cursando, posso afirmar que a universidade enviou professores qualificados atendendo as nossas expectativas, nos possibilitando novos conhecimentos e utilizando metodologias e avaliações onde todos participassem, com isso pudessem perceber que avaliações servem para ajudar no nosso desenvolvimento, deixando-nos consciente de nossa importância como alunos, um curso fundamental para nossa transformação social. (GONÇALVES, 2019, p. 17)

[...] Os professores ajudam muito na compreensão dos textos das apostilas que trazem. Tem muitas vezes uma linguagem bem científica, porém a gente não fica sem entender. [...] (SANTOS, 2019, p. 18)

Não posso deixar de falar aqui dos nossos professores que foram colunas nessa formação, com palavras de encorajamento, entusiasmo e otimismo, que nos impulsionava muitas das vezes de maneira informal a não desistir. (OLIVEIRA, 2019c, p. 20)

Se retomarmos as memórias dos tempos de estudantes da educação básica, perceberemos que, também naquele momento, os(as) professores tiveram uma ação marcante para as memorialistas. Essa constatação ressalta o impacto que a relação que eles(as) estabelecem com seus(suas) discentes tem sobre a formação de ambos, tanto em nível profissional, quanto pessoal. Essa relação é, também, influenciadora do sentimento de coletividade e cooperativismo que pode ser desenvolvido na escola. A este respeito, os relatos sinalizam para a sala de aula, no curso de pedagogia do PARFOR/URCA, como um espaço de acolhimento, amizade, admiração e respeito.

No início do curso pude perceber que ali eu iria crescer, não só na profissão, mas também como pessoa, os professores que nos acompanhavam eram muito solidários com nossas causas, pois ser professor nos dias atuais não é uma tarefa muito fácil. Por ser um curso que funcionava na sexta-feira à noite e durante o sábado, os alunos chegavam exaustos na sala, mas sempre com um sorriso no rosto e uma grande parceria entre si. Neste curso pude criar laços de amizades com pessoas muito especiais que me fizeram ver com alegria a vida se tornar melhor. (SOARES, 2019, p. 17)

Na formação tive o privilégio de conhecer professores excelentes e preparados, conheci também colegas extraordinárias, mulheres fortes, determinadas, mães guerreiras e professoras dedicadas que, assim como eu, saem de suas casas mesmo cansadas da luta diária para buscar conhecimentos teóricos para melhorar a prática docente. (SILVA, 2019a, p. 18)

Outro aspecto importante para a formação docente é o currículo, e as memorialistas fizeram menção a ele, destacando a sua pertinência tanto do ponto de vista da formação teórica, como prática.

Durante todo o curso do PARFOR vivenciei várias disciplinas, em cada uma delas aprendi um pouco, o que está contribuindo para que eu amplie e melhore as experiências em sala de aula, dando prioridade e capacitando meus conhecimentos no cotidiano. Em cada disciplina estudada, lembro que vivenciamos inúmeras atividades dinâmicas e metas que foram abordadas e que hoje executo em sala. De todas as formações realizadas, de tudo que vimos, contribuí para conhecermos autores e filósofos que fundamentam o nosso trabalho como docentes. Portanto, tenho que dizer que o PARFOR enriqueceu minhas ideias com imenso conhecimento adquirido através de uma

bagagem completa, com inúmeras qualificações dadas. [...] (SILVA, 2019b, p. 16)

A cada disciplina eu aprendia mais e mais. Algumas em particular me chamaram bastante atenção, como exemplo, a disciplina de Psicomotricidade. Essa disciplina foi bastante proveitosa para mim, pois eu pude repassar para as minhas crianças as atividades feitas em sala. Outra disciplina que muito me atraiu foi a de Antropologia, não só por ser uma disciplina diferente, como também por nos propiciar atividades de campo, como visitar um museu e um ponto turístico na cidade de Nova Olinda – CE. Além de muito aprendizado foi um momento de muita diversão. (ALENCAR, 2019, p. 14-15)

Foi-me de grande ajuda as disciplinas de contação de história, de psicologia, de motricidade, e muitas outras. Na verdade, todas as disciplinas caíam como uma luva. Eu aplicava as orientações novas aprendidas na faculdade na sala de aula, juntamente com minha experiência já de décadas de ensino e, assim, via muitos resultados cada vez melhores em meu trabalho. Autores como Luckesi, Libâneo, Saviani, Vigotsky, Teberosky e Dockell se tornaram grandes aliados no meu trabalho como pedagoga. As disciplinas que discutiam as contribuições desses teóricos para a educação me ajudaram muito, favorecendo a aplicação dessas orientações à minha prática didática. (BRITO, 2019, p. 15)

O PARFOR me proporcionou muitos conhecimentos, por meio da abordagem de teorias e dos teóricos, principalmente Paulo Freire, que me fez crescer profissionalmente. Hoje tenho um olhar voltado para as interações das crianças e sua formação, sobre o que ela é no meio em que vive, observando que a relação professor- aluno e aluno-aluno proporcionou um campo de experiências com resultados positivos, possibilitando-lhes ser então os protagonistas de sua própria história. (OLIVEIRA, 2019c, p. 21)

Localizamos, ainda, reflexões que indicam saberes docentes consolidados a partir da prática e da experiência:

A aprendizagem é, afinal, um processo fundamental da vida. Todo indivíduo aprende e, através da aprendizagem, desenvolve os comportamentos que os possibilitam viver. Todas as atividades e realizações humanas exibem os resultados da aprendizagem. Quando se considera a vida em termos de povo, da comunidade, ou do indivíduo, por todos os lados são encontrados os efeitos da aprendizagem. (PLÁCIDO, 2019b, p. 20)

A observação que Vigotsky (1998) apresenta me fez compreender o processo de desenvolvimento infantil em uma perspectiva contínua, mostrando uma luz para a criança que inicia sua trajetória escolar tendo o brincar, desenhos, gestos e outros como meio de representação das aprendizagens construídas nessa importante etapa, evidenciando como o desenvolvimento é fundamental para o crescimento estudantil do discente. (BRITO, 2019, p. 16)

Somente com as pesquisas na faculdade que entendi o quanto trabalhar com as crianças os diferentes tipos de jogos facilita a aprendizagem dos pequenos. Pude ver na prática o quanto às crianças ficavam felizes ao realizar brincadeiras e jogos educativos.

A disciplina de Fundamentos da Educação Infantil me ajudou muito nessa compreensão. O importante é estarmos focados, lermos bastante para entendermos como se dá o desenvolvimento da criança, principalmente para quem atua na área da educação infantil. (ALENCAR, 2019, p. 17)

Apesar de já atuarem na docência, os estágios foram, dentre todas os componentes curriculares mencionados, os que mais as tocaram. Ele foi entendido como espaço de construção de novos saberes e de crítica sobre a própria prática.

O ensino superior nos abre espaços que muitas vezes não teríamos oportunidades de estar desempenhando tal função, a exemplo os estágios, me proporcionaram experiências que estarão sempre em minha memória, como o estágio em educação infantil, como nunca havia trabalhado com crianças de creche e pré-escola. Este momento foi à hora de pôr em prática os conhecimentos teóricos obtidos ao longo do curso, não foi uma tarefa fácil no começo, houve um estranhamento dos alunos, mas logo começaram a me chamar de tia, foram bons momentos que me fazem admirar e respeitar os professores que atuam nessa área, porque é uma tarefa muito difícil.

Já durante o estágio em gestão, senti mais facilidade, essa experiência me ensinou como é importante respeitar a opinião dos outros e o espírito de liderança, é uma área que pretendo me especializar. (SOARES, 2019, p. 18)

Mas vale ressaltar que as [disciplinas] que mais impactaram nesse processo de formação foram as disciplinas de Estágios Supervisionados, pois são através das mesmas que colocamos em prática tudo que aprendemos ao longo do curso e comparamos com a prática realizada em sala de aula antes de ingressar no curso, e durante o estágio podemos compreender de fato o papel do educador, seja como professor atuante em sala de aula ou como membro da equipe gestora, temos oportunidade de nos colocar no lugar do outro e comparar as coisas como elas são e como realmente deveriam ser dentro da pedagogia, além de conhecer a fundo o papel do pedagogo. (OLIVEIRA, 2019d, p. 21)

Aliadas ao currículo, as estratégias de ensino foram destacadas como significativas, inclusive com a sua reprodução em sala de aula, por parte das memorialistas. Nota-se, aqui, uma ruptura no que se refere ao que elas vivenciaram quando eram alunas da educação básica. Os relatos daquele tempo dão conta de uma prática educativa, na grande maioria das vezes, conteudista, centrada no(a) professor(a) e com pouco espaço de diálogo, aproximando-se de uma perspectiva bancária de educação (FREIRE, 2003). Sobre o curso de pedagogia, em contrapartida, os relatos mencionam interação, ensino participativo e diversificação, algo bem diferente do que elas estavam acostumadas a vivenciar.

Vale destacar, que os seminários foram fundamentais na minha desenvoltura, pois deram-me a oportunidade de expressar o meu pensamento, quebrando barreiras que dificultavam a aprendizagem e impossibilitavam o crescimento não só como educadora, mas como pessoa que tem a real participação dentro

de uma sociedade que, de certo modo, não há igualdade entre seus membros. Ao longo desse novo projeto de vida, fui incluindo na minha formação profissional novas expressões, novas situações e olhares que me fizeram perceber e descobrir um novo mundo. Ser uma profissional qualificada com uma boa formação, sempre foi a minha meta. Sempre tive o interesse de me aperfeiçoar profissionalmente e inovar meus conhecimentos. Por isso, vou vencendo as dificuldades apresentadas no dia a dia. (PEREIRA, 2019a, p. 16)

A alegria, pela oportunidade de se graduarem, foi acompanhada de adversidades antigas, que retornam nessa nova etapa formativa. A distância e a ausência de estradas e transporte adequados ressurgem, agravados pelo afastamento da família, que se ampliou com o cônjuge e os(as) filhos(as).

Em 2014, presto vestibular concorrendo a uma vaga para pedagogia pelo Plano Nacional de Professores da Educação Básica – PARFOR, ofertado pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Felizmente passei e comecei a estudar. Mais uma vez não foi fácil, sobretudo, o início. Não ia ninguém do meu sítio além de mim. Tinha que ir primeiro para outra localidade, para de lá, acompanhar outras colegas.

De onde moro, a cidade não é nem um pouco perto. Quando começou o curso, eu não tinha transporte para ir. Era necessário tomar a moto do meu irmão, da minha tia, ou de outras pessoas, emprestada. Ainda pensei em desistir, mas o Senhor me ajudou, me deu forças, coragem para continuar, e eu continuei. Com o passar do tempo pude comprar uma moto para mim. Isso facilitou muito e melhorou bastante.

Quando iniciei o curso, meu filho tinha apenas 4 anos, então eu ia na sexta-feira e voltava para dormir em casa, cuidando dele e, então, no sábado eu ia de novo para a cidade assistir aula. Enfrentei chuva, sol, muitas dificuldades, mas não desisti. Hoje ainda enfrento alguns obstáculos. (DUARTE, 2019, p. 18)

Comecei a faculdade, o que não foi nada fácil, pois moro a 45 quilômetros da cidade de Saboeiro e tenho que percorrer por estradas de difícil acesso. No início tudo era muito difícil, precisava de lugar para dormir, eu e outras colegas que vinham de outras localidades, dormimos por um tempo na escola em que fazíamos a faculdade, mas uma colega me convidou para ficar na casa dela e eu aceitei, continuo na casa dela o que me deixa muito grata. Essa colega de faculdade, a minha amiga Eva Nelda. (SILVA, 2019a, p. 18)

[...] De forma sucinta houve e há diversas dificuldades, dentre elas o deslocamento para se chegar até onde acontecem as aulas, dado que é um grande percurso de estrada carroçal e que muitas vezes foi preciso dormir na casa de alguém.

Outros fatores existentes são os custos financeiros em arcar com despesas de transportes, alimentação e também o de deixar a casa, o marido e para algumas os filhos, que não é o meu caso, os perigos das estradas, o cansaço da correria de uma professora, entre outros. (SILVA, 2019c, p. 23)

Durante o decurso processual acadêmico, houve o enfrentamento e a superação de muitas situações adversas, e dificuldades que refletiram dificultando minha continuação no curso, referentes à locomoção até o local

do curso, pois resido há 24 km da sede do município onde ocorre o curso, questões de saúde, bem como a realidade de ter que dormir fora de casa para conseguir assistir aula, entre outro. (PEREIRA, 2019b, p. 22)

[...] nessa caminhada rumo à universidade, o estudante encontra muitas dificuldades. Faço faculdade na sede do município e moro na zona rural. Desde o ano de 2014, eu e outras colegas fazemos um trajeto de setenta e dois quilômetros todos os finais de semana. Nesse trajeto que fazemos de moto, enfrentamos o perigo de andarmos só mulheres e tememos porque é rotina. No inverno enfrentamos chuva, por consequência lama e riachos de cheia, que nos pega de surpresa. Porém, entendo que para conseguir algo de bom para a vida precisamos pagar um preço. [...] (PLÁCIDO, 2019b, p. 22)

Ainda considerando os empecilhos à formação, as memorialistas relatam as dificuldades que fazem parte da vida da maioria dos(as) dos estudantes(as) de cursos de graduação: a complexidade dos conteúdos acadêmicos. O impacto de ser apresentada a textos mais profundos, com linguagem específica e, muitas vezes, de difícil compreensão, foi sentido por muitas delas.

Foram grandes as expectativas e também a certeza que não seria fácil. Do conjunto de desafios destacaria as disciplinas, as renúncias, a família, o tempo que tinha que ser priorizado em estudo. Só ao mesmo tempo, algo nos impulsionava e nos dava força e coragem para estar ali, nos finais de semana, realizando estudos, aprimorando nossos conhecimentos. (OLIVEIRA, 2019c, p. 20)

No início tive muita dificuldade para fazer pesquisas. Eu não tinha materiais para pesquisa, e não tinha livros, nem internet. Hoje essa situação melhorou muito porque já tenho pelo menos acesso à internet, o que facilita muito as situações de pesquisa. As leituras e trabalhos acadêmicos são difíceis e exigem muito interesse para a devida compreensão. Tenho que estudar muito para conseguir acompanhar o curso, e fazer muitas pesquisas para melhorar meu desempenho. (DUARTE, 2019, p. 19)

O princípio desse curso abalou toda a minha estrutura construída ao longo de 33 anos. Inicie sabendo que a batalha não seria nada fácil, de modo que o curso teve início em agosto de 2013 com aula inaugural bastante proveitosa e desse dia para cá foi uma jornada de muita luta e muitas noites indo dormir tarde para dar conta de atividades e tarefas nas mais diversas disciplinas. Mas agradeço o privilégio e a oportunidade que tenho em participar de um curso em nível superior, curso que veio trazer inovações e mudanças na minha formação profissional. (PEREIRA, 2019a, p. 15)

Foram muitas dificuldades que enfrentei e as mais difíceis foram os trabalhos que precisava realizar. A compreensão dos textos, a dificuldade de falar em público nas apresentações dos seminários, para mim que fiz dois Telecursos não foi nada fácil, cheguei a pensar em desistir, mas quando pensava o quanto o PARFOR contribuiu e contribui de forma significativa para minha formação docente, principalmente para professores que trabalham com Educação Infantil, pois o foco da pedagogia em geral é a primeira infância, o

desenvolvimento de cada fase da criança, cada professor deixa a sua contribuição de aprendizagem e que nos fez com certeza rever a nossa prática diária em sala de aula. (SILVA, 2019a, p. 18)

Em razão dos entraves anunciados, bem como por problemas de saúde física e emocional, a possibilidade de desistência do curso estava presente no horizonte das estudantes-professoras. Dos(as) 25 estudantes que iniciaram o curso em Saboeiro, 18 se formaram, o que representa uma taxa de conclusão de 68%. Esse é um percentual excelente para os parâmetros brasileiros, visto que em 2019 o indicador de conclusão⁵⁴ do ensino superior no Brasil foi de, apenas, 40% (BRASIL, 2020B).

Dentre os motivos para a conclusão dessa jornada, as memorialistas citam a força de vontade e o apoio recebido de colegas, professores e coordenação do Curso.

Infelizmente, nessa reta final do curso adquiri sérios problemas de saúde que me fizeram querer parar de estudar. Até desisti por um mês inteiro. Mas acabei retomando meu lugar junto à classe após extensivos pedidos e conselhos de colegas e de dois grandes amigos. Reconheci a necessidade de terminar este curso que já havia tido mais de 70% de andamento, mesmo porque continuo exercendo a função de professora das séries iniciais do ensino fundamental. (BRITO, 2019, p. 17)

[...] todo o percurso desse curso, foi com muitas lutas e dificuldades que até cheguei a pensar em desistir por conta de questões financeiras, perdas de familiares, enfim, muitos problemas aconteceram, mas fui forte e pedi força a Deus para não desistir, que intervisse em meu caminhar e me fortalecesse na determinação, persistência de lutar por meu objetivo, que era finalizar esse curso. Venci muitos obstáculos e estou aqui ainda com muito desânimo, mas querendo vencer e chegar ao fim, junto aos demais. (SILVA, 2019b, p. 16)

Começamos a frequentar o curso em agosto de 2014, para mim ia tudo muito bem, até chegar fevereiro de 2015 época em que os funcionários temporários da prefeitura de Saboeiro recebem o comunicado da lotação, na maioria das vezes um dia antes das aulas iniciarem, em fim eu não fui lotada, ou seja, por motivos políticos eu havia ficado desempregada. Essa notícia me pegou de surpresa, eu fiquei muito triste e na mesma semana eu e meu esposo decidimos que íamos embora e de imediato compramos a passagem para Goiânia, como em toda cidade temos os prós e os contras da política, resolveram me contratar de novo, só que agora iriam me colocar em outro cargo ganhando bem menos, mas não aceitei, porque além de estar com a passagem comprada eu queria progredir e não regredir e então viajamos para o Goiás.

[...]

Foram muitos motivos que me fizeram voltar, mas um deles foi mais forte o medo de se deslocar de casa para o trabalho, eu acordava todo dia as cinco horas da manhã e ainda era escuro mas tinha que enfrentar o medo que sentia ao fazer esse percurso, passava pela mesma coisa ao voltar para casa as oito horas da noite, tinha dias que eu chegava apavorada.

⁵⁴ Esse índice refere-se ao percentual de estudantes que concluíram a graduação no tempo previsto.

[...]

Chegando novamente no Sítio Aroeira Ferrada, retornamos nossa vida, em relação ao curso de pedagogia achei que tinha perdido essa oportunidade, mas assim que cheguei recebi o comunicado da coordenação dizendo que se quisesse retornar a faculdade ainda estava em tempo, eu não pensei duas vezes, como consequência, desse tempo em que estive fora fiquei reprovada em uma disciplina mesmo assim continuei. [...] (OLIVEIRA, 2019d, p. 18)

A leitura dos memoriais nos mostrou, ainda, que as estudantes-professoras reconhecem a contribuição do Curso para suas práticas docentes. Dentre tudo o que atribuem ao PARFOR, o que mais se sobressaiu foi a aquisição de conhecimentos teóricos para nortear a prática. A relação teoria-prática é retomada diversas vezes e entendida como propulsora de mudanças na ação docente.

[...] o PARFOR só veio a contribuir de maneira significativa em minha vida pessoal e profissional, oportunizando-me a reencontrar-me como sujeito capaz de reconstruir minha própria história e ressignificar meus saberes e a prática docente, em outras palavras o PARFOR está sendo a ponte que está minimizando a distância que existe entre a teoria e a prática, visto que as aulas tem desempenhado um papel importantíssimo para o meu crescimento, uma vez que parte da prática já possuo bastante, o que faltava era embasamento teórico e o PARFOR veio contribuir para que formasse essa conjuntura. (SILVA, 2019c, p. 22)

[...] a implementação do curso de Pedagogia, vinculado ao Plano Nacional de Formação de Professores para a Educação Básica-PARFOR favoreceu de maneira absoluta e demasiadamente na amplitude formativa, pois, até então, eu tinha a apropriação da prática docente, porém, existia uma carência do saber teórico, uma vez que, ao nos apropriarmos de fundamentação teórica, aderimos a uma análise com sentido mais acertado na procura de subsídios que sejam fundamentais para desenvolver uma prática produtiva e qualificada, objetivando a elaboração de inúmeros métodos para que a aprendizagem aconteça de fato, vinculada a uma ação contextualizada. (PEREIRA, 2019b, p. 21)

Antes da Pedagogia eu não tinha muita noção do fazer pedagógico. Ou, o meu suporte era o conhecimento dos outros, era um fazer pedagógico baseado no ativismo sem muita reflexão teórica. Hoje há mais tranquilidade segurança para enfrentar os desafios que assolam a sala de aula. (PLÁCIDO, 2019a, p. 24)

O PARFOR é um programa que só me fez crescer enquanto profissional. Antes eu tinha a prática e não a teoria. Hoje, posso dizer que estou me apropriando da prática e da teoria. O trabalho desenvolvido em sala de aula, as formas de como aplicá-los, meu planejamento, todos esses aspectos contribuem para que hoje minha forma de ensinar seja diferente. Eu só tenho a agradecer, primeiramente a Deus e segundo, à Universidade Regional do Cariri (URCA), que possibilitou a vinda desse importante programa de formação de professores, que só veio abrir portas para eu alcançar meus objetivos e realizar sonhos. (ALMEIDA, 2019, p. 17)

A relação entre teoria e prática é discutida por Freire (2003) a partir do conceito de práxis, que se traduz no ato de relacionar, frequentemente, ação e reflexão. Assim, os conhecimentos teóricos obtidos na formação precisam ser confrontados nas práticas pedagógicas que observamos e/ou desenvolvemos e vice-versa. O educador pernambucano nos lembra que os conteúdos que buscamos nas mais variadas áreas do saber – antropologia, filosofia, sociologia, didática, etc. – só têm sentido se forem aplicados na realidade educacional. É por meio da prática, pois, que podemos corroborar ou refutar a teoria.

Os saberes adquiridos no curso são, para as memorialistas, responsáveis pela mudança na forma de pensar e agir em sala de aula. Todas afirmam que se tornaram professoras melhores por causa do PARFOR e, dentre os exemplos dessa mudança, indicam as novas formas de planejar e ministrar aulas.

[...] Com este curso pude melhorar a qualidade das minhas aulas, agora procuro sempre estar inovando, me aperfeiçoando, ministrando aulas mais atrativas, adquirindo novos conhecimentos, tendo uma nova aprendizagem. Está chegando ao fim, mas sinto que ainda vou aprender muito até terminar. (DUARTE, 2019, p. 19)

Ressalto ainda que o PARFOR também está me ajudando muito, pois o curso me trouxe uma clareza na realização das minhas atividades em sala de aula. Hoje consigo distribuir melhor os conteúdos, fazendo uma relação com o cotidiano dos alunos, o que me fez pensar que na prática, sempre na perspectiva de que meus alunos vão aprender de forma mais fácil. (SANTOS, 2019, p. 19)

A graduação tem esse poder característico de crítica e autonomia. Deu-se em mim, acredito que em todos que tem acesso ao curso. Porque hoje me percebo com mais poder de crítica, subsídio para estruturar minhas práticas e metodologias para desenvolver meu trabalho. Além disso, em relação a didática, foi algo fundamental ter acesso esses preceitos, enriqueceu o meu trabalho e a autoestima em relação a profissão, e tem ajudado na análise dos métodos a serem aplicados e no produto final que é a aprendizagem dos discentes. (PLÁCIDO, 2019b, p. 22)

Libâneo fala da didática como algo muito importante, sendo que isso me faz entender que o ensino pedagógico, ou seja, quando associamos o trabalho de uso sistematizado, que são os conteúdos e os métodos em favor dos processos de ensino e de aprendizagem, através do desenvolvimento intelectual, favorecemos a construção do conhecimento por parte do estudante. Com isso, compreendo que os alunos precisam de uma prática pedagógica de qualidade, sendo que essa deve fazer parte do planejamento e prática, mediada pelo docente. (BRITO, 2019, p. 16)

Quando nos concentramos nas reflexões sobre o impacto do curso de pedagogia na vida e na profissão das estudantes-professoras, percebemos que à insegurança inicial, quando

adentraram na profissão, se contrapõem, agora, um sentimento de confiança e segurança para tomar decisões. Essa constatação é, inegavelmente, um dos elementos que precisam ser enaltecidos pelo impacto que possuem não apenas na vida profissional delas, mas, também, na forma como se percebem enquanto pessoas.

[...] o curso tem possibilitado uma ação reflexiva, de modo a transformar e redefinir minha visão sobre os paradigmas que norteiam a educação e, conseqüentemente, um amadurecimento da prática profissional e pessoal, isto é, uma configuração de meu perfil como educadora, como também garantir uma qualificação profissional. (PEREIRA, 2019b, p. 21)

No decorrer do curso do PARFOR, fui percebendo um pouco meu desenvolvimento. Outras vezes era frustrante, parecia que eu não iria conseguir. Mas hoje posso dizer que sei defender questões e abordagens sobre educação e sala de aula. Nos momentos de planejamento com meus colegas, debatemos os assuntos, buscando maneiras de nos ajudarmos mutuamente e tornar nossa clientela escolar cidadãos críticos e conhecedores de seus direitos, entre outras habilidades importantes. (BRITO, 2019, p. 17)

É perceptível enfatizar que mesmo tendo bastante prática, não era o suficiente para sentir-me segura para fazer uma crítica construtiva, em ocorrências do dia a dia, ao qual julgava serem incorretas, me calava por não ter embasamento teórico. Atualmente com o PARFOR, vejo que através das aulas, leituras, questionamentos e conversas, consigo ter mais segurança e posicionamento, frente a assuntos abordados na vivência do dia a dia. Está fazendo parte da família PARFOR trouxe-me mudanças primordiais para minha trajetória pessoal e profissional, mudando assim minha forma de agir, observar, de ser pesquisadora, a refletir e atuar na carreira docente. Em consequência disso, estou me vendo uma profissional mais capaz e reconhecida da minha ação em sala de aula e a ter uma visão mais abrangente sobre a educação. (SILVA, 2019c, p. 22)

[...] O PARFOR já me fez uma nova pessoa em todos os aspectos. Hoje eu dou aula de forma diferente, pois a orientação teórica me atribui um novo olhar com mais firmeza no que falo. Não fico mais só no achismo hoje tenho certeza no que faço e falo. [...] (SANTOS, 2019, p. 18)

O curso despertou em mim um processo seletivo de mudança e transformação, na busca de conquista e maturidade, tornando – se cada vez constante. Ele foi um divisor de águas tanto pessoal quanto profissional, pois me fez compreender que a formação provoca ações e contribui para as mudanças tanto na maneira de agir e pensar, possibilitando refletir minhas atitudes e posicionamento.

Entretanto, o curso contribuiu satisfatoriamente dando uma visão mais clara e crítica da realidade e de como educar. Sem fugir dos aspectos a serem alcançados, buscando ser o mais simples possível e objetivo em minhas ações na formação de cidadãos críticos, participativos e com responsabilidade social. (PEREIRA, 2019a, p. 16)

Com a chegada do PARFOR minhas habilidades estão sendo aprimoradas, sinto segurança para trabalhar na certeza de que estou fazendo a coisa certa, que estou contribuindo de maneira útil para a formação dos educandos com os

quais trabalho. A cada dia estou me superando, principalmente nos trabalhos em sala, seminários, com o apoio dos professores sempre me mostrando que sou capaz, que tenho que enfrentar meus desafios.

A cada aula temos um aprendizado diferente, desafios, conhecimentos que me proporcionam ser melhor, a trabalhar com a certeza que estou fazendo a coisa certa, em teoria e em prática, ter iniciativa e confiança no que diz respeito ao meu trabalho, construindo meus próprios ideais e formando minha opinião, valorizando os meus conhecimentos, é assim que me sinto depois do PARFOR. [...] (OLIVEIRA, 2019b, p. 17)

Dentre os efeitos que foram atribuídos à vida pessoal, a superação do medo de falar em público também foi assinalado.

Percebo que é de grande importância esse curso. Melhorei muito meu jeito de ser. Sempre fui tímida e tinha muita dificuldade em falar ao público, mas com a chegada do PARFOR mudei bastante, embora ainda sinta dificuldade nesse sentido. [...] (DUARTE, 2019, p. 19)

Ao iniciar o curso fiquei muito feliz, pois tudo que mais queria era fazer uma faculdade. Porém, eu ainda carregava comigo muita timidez para falar em público, mais ainda quando tinha pessoas que eu não conhecia. A cada aula eu ia perdendo a timidez, as atividades do curso como trabalhos e os seminários para apresentar me ajudavam a perder esse medo. (ALENCAR, 2019, p. 16)

Outro aspecto positivo, atribuído ao PARFOR, é a colaboração para o desenvolvimento de uma postura docente reflexiva.

Ao longo da faculdade pude perceber o grau de enriquecimento adquirido através da mesma, que tem auxiliado na minha prática em sala de aula, os conhecimentos adquiridos na minha vida acadêmica têm contribuído bastante para diagnosticar os problemas da escola e buscar soluções para as dificuldades encontradas. (SILVA, 2019a, p. 20)

O que me fez refletir de início foi sobre como se reinventar para tratar as diferenças, no meu cotidiano escolar, interferindo nas suas individualidades de forma a atender as minhas crianças nas suas expectativas de forma que não interferisse tanto em si mesmo!? Essa foi a minha reflexão de início. E descobri que isso não acontecia do dia para a noite, mas no dia a dia. A questão do conhecimento também nos dá poder de discernir sobre o que é coerente fazer e o que os outros querem que façamos. (PLÁCIDO, 2019a, p. 24)

[...] além de uma formação, os profissionais da educação precisam incorporar um perfil de professor-pesquisador na promoção de estratégias, bem como o reconhecimento de sua contribuição e reflexo em cada etapa do processo integral de ensino e aprendizagem, contemplando as dimensões do sujeito, dispondo e ofertando, um ensino que priorize a preparação integral dos discentes, de modo que estes possam desenvolver suas potencialidades e, concebendo assim, uma preparação para o exercício da cidadania. (PEREIRA, 2019b, p. 23)

O conhecimento instiga o homem a se redescobrir e se desenvolver intelectualmente para dar significado a sua existência. O conhecimento científico não é mais importante que o do senso comum, mas é uma forma de explicar os fatos. Ele estabelece relação com a realidade entre sujeito e o objeto de conhecimento. Na área da pedagogia, o conhecimento científico contribui para o entendimento das diversidades do caráter humano e suas múltiplas subjetividades, dos processos cognitivos. (PLÁCIDO, 2019a, p. 24)

Os conhecimentos científicos além de me dar muitas expectativas no sentido de contribuir como auxílio no meu trabalho me deram muita segurança na minha prática pedagógica. Esse mundo acadêmico desperta em nós estudantes, o desejo e sentimento da necessidade de continuar. (PLÁCIDO, 2019b, p. 21)

Segundo Menga Lüdke (2001), a pesquisa só foi inserida nos programas de formação docente no final dos anos 1980 e início dos anos 1990. A ideia de que os(as) professores(as) precisavam investigar os problemas educacionais e buscar soluções para eles é, pois, relativamente recente e surge em meio a críticas à formação tecnicista para o magistério. A pesquisa é condição indispensável para que os(as) docentes assumam uma postura reflexiva tanto em relação à educação como um todo, quanto em relação à própria prática. Aperfeiçoar os conhecimentos exige um movimento de crítica, permanente, sobre si e sobre o seu contexto, bem como uma disposição para modificar a forma de atuar.

A ideia de professor(a) reflexivo(a) está associada à de inacabamento, proposta por Freire (2003 e 2011). Nesse sentido, à compreensão de que precisamos estar sempre em busca de respostas tem suas bases no entendimento de que somos seres em constante formação e que, por mais seguros que nos sintamos, incessantemente há o que aprender porque a educação, e a vida, são dinâmicas e nos trazem mudanças e desafios. Os memoriais revelam essa percepção, por parte de suas autoras, quando falam da felicidade de terem ingressado no ensino superior, após anos de trabalho professoral, bem como quando nos contam dos sonhos para estudos futuros.

No futuro não terei vergonha de falar, que depois de quarenta anos consegui cursar uma faculdade, que valeu a pena esperar. Foi até bom porque me fez pensar que nunca é tarde para alcançar o que tanto almejamos, me fazendo compreender que não é hora de parar, pois ainda tenho muito chão a percorrer em minha trajetória estudantil.

[...]

Considero-me ainda um ser em construção, pois ainda não pretendo colocar um ponto final nas minhas conquistas. Quero ser um exemplo para as minhas próprias filhas, que poderão também um dia retomar os estudos e alcançar novos degraus, se surgir esse desejo em seus corações. Aprendi que nunca é tarde. Nesse processo de autoconstrução, estou atenta a outras coisas

importantes, compreendendo melhor o mundo em que vivemos, e o comportamento das pessoas. (ALMEIDA, 2019, p. 17)

Surge, daí a importância dele [o professor] estar em constante formação contínua e permanente na propagação docente, de maneira que o educador não se detenha apenas em sua formação inicial, mas contínua aderindo à apropriação de conhecimentos, objetivando a busca de práticas inovadoras, atraentes e geradoras de conhecimentos, como também para acompanhar as inovações contemporâneas, e ser capaz de favorecer possibilidades no desenvolvimento do saber de seus discentes. (PEREIRA, 2019b, p. 22)

Minha expectativa, quando terminar este curso, é ingressar em um curso de pós-graduação, pois sei que sempre temos que estar buscando novos desafios, que nos permita melhorar nosso trabalho, com novos conhecimentos, com uma bagagem de informações. Com isso, irei aprimorando a minha aprendizagem e tornando-me um profissional melhor em sala de aula, buscando a cada dia um bom crescimento com reconhecimento do meu trabalho. Ter mais confiança no que irei falar, com maior autonomia, sem medo de errar, porque quem estuda adquire mais conhecimento. (OLIVEIRA, 2019b, p. 17)

Foram 5 anos e 4 meses de muito estudo e dedicação. Ao terminar o curso de pedagogia pretendo cursar uma Pós-graduação em Educação Infantil, aprofundar meus conhecimentos na área da educação. No início da faculdade tinha como expectativa aprimorar meus conhecimentos e hoje me vejo bem mais diferente do que antes. Tenho outros pensamentos, quero me empenhar mais, pretendo me dedicar sempre e com prazer para com as crianças. (ALENCAR, 2019, p. 17)

Além da docência, as estudantes-professoras compreenderam que o campo de atuação do(a) pedagogo(a) é amplo e diverso.

A pedagogia não se limita apenas em metodologias de ensino, também dispõe de instrumentos de pesquisas que podem auxiliar nos processos de ensino aprendizagem em cada contexto, ela também abre novos horizontes que ajudam a enfrentar e entender os desafios encontrados a cada dia em nossa sociedade, sendo o pedagogo o profissional com formação mais adequada para agir como mediador nesse processo sendo também ao mesmo tempo um incentivador de uma educação melhor que venha garantir a existência de um novo amanhã. Com as suas diversas especializações e sua formação o pedagogo atua nos espaços educacionais formais e não formais sendo uma peça de grande importância para o crescimento e desenvolvimento de todos, visto que sua função principal é de mediar dinamizar e estimular o desenvolvimento do potencial do indivíduo. (OLIVEIRA, 2019d, p. 21)

Nessa conjuntura, passaram a vislumbrar outros espaços e funções de trabalho:

Quando concluir a graduação, vou com certeza ficar capacitada para trabalhar com crianças em várias instituições. Por ser pedagoga vou poder, além de ser professora, atuar como diretora ou coordenadora. [...] Meu objetivo é, simplesmente, trabalhar em escolas da rede municipal, assegurando que as

crianças tenham rendimento escolar satisfatório, por conta do meu trabalho. (SANTOS, 2019, p. 19)

O curso me proporcionou conhecer pessoas novas e conviver de forma harmoniosa durante esses anos e que me ensinaram a cultivar cada vez mais o espírito de parceria. Ao final da faculdade, pretendo cursar uma especialização em Gestão Escolar, para aprofundar meus conhecimentos e estudar sobre outras áreas da educação. Ampliar a curiosidade que me move a pesquisar e conhecer mais sobre avaliação na educação. (SOARES, 2019, p. 18)

As narrativas que compõem esse capítulo contêm reflexões sobre a contribuição do curso de pedagogia PARFOR/URCA para a formação docente, para a formação pessoal e para a educação como um todo. Mantendo a opção por garantir o protagonismo das memorialistas, optamos por concluir essa parte com a “fala” delas a esse respeito.

Atualmente é recorrente a necessidade de qualificação específica para o educador, e as mudanças de paradigmas expostos pela sociedade intensificaram continuamente essa necessidade. O PARFOR, sem dúvidas, é um componente contribuinte e irrefutável para a consolidação da superação dessa carência, e principal facilitador para que a mudança na educação venha a ser possível, de modo que o educador se sinta qualificado para promoção de conhecimentos. Portanto, o primeiro passo para que haja uma educação de qualidade é, seguramente, investir no profissional que é fator principal para essa troca de conhecimentos. O PARFOR tem atuado e desenvolvido tal incumbência de modo singular e decisivo na vida de nós professores, oportunizando assim, nosso sucesso profissional. Então, fui me construindo professora, me apropriando dessa profissão que me beneficiou grandemente, e que o curso permitiu essa apropriação, e gradativamente o gosto e o apresso pela profissão e sua abrangência de atuação. (PEREIRA, 2019b, p. 21)

[...] Programas como o PARFOR são exemplos extraordinários de políticas públicas que beneficiam a sociedade em geral, tanto para professores de rede pública que atuam em sala sem formação específica e por algum motivo não consegue frequentar um curso superior, quanto para o município e as próprias escolas que irão dispor de profissionais capacitados para mediar o processo de ensino aprendizagem das nossas crianças. (OLIVEIRA, 2019d, p. 22)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
a presença distante das estrelas!*

Mario Quintana

A condução de uma pesquisa de doutoramento é uma tarefa árdua que exige dedicação e disciplina. Ela acontece enquanto a vida acontece. Com isso queremos dizer que não há pausas nas nossas dores e alegrias para fazermos a tese. Todos(as) que conheço, e que decidiram por trilhar esse caminho, têm histórias de infortúnios que precisaram superar nesse processo. Atualmente, muitos são aqueles(as) que, aliado a tudo o que a vida já é, a escreveram durante uma pandemia e num país que se encontra imerso numa grave crise econômica, social, política e humanitária. Esse arrazoado não tem a intenção de justificar falhas ou incompletudes desse trabalho, apenas pretende localizá-lo na história e nas nossas memórias.

A partir dessa pesquisa, defendemos que o estudo científico da memória pode ser expandido com os conhecimentos advindos de outras formas de saber, como a filosofia e as artes, uma vez que estas estão alicerçadas no raciocínio lógico e na sensibilidade, dimensões importantes das investigações qualitativas que são, a nosso ver, as mais adequadas ao caso.

Do nosso referencial teórico vem a compreensão de que estudar memória requer, invariavelmente, discutir tempo. E isso foi evidenciado nos memoriais, quando as discentes-docentes passearam por passado, presente e futuro de forma descontínua e não linear, trazendo vivências e sentimentos que não podem ser atribuídas exclusivamente ao passado, posto que refletem muito da forma como pensam hoje, ou pelo menos, da forma como pensavam quando finalizaram a escrita de suas monografias.

Vimos também que a memória, no dualismo conservação-atualização, sofre influência da linguagem. Assim, as que são comunicadas oralmente têm características diferentes das que são escritas. Escrever memórias permite um nível de atualização do passado diferenciado, com uma reelaboração mais profunda do vivido, posto que o tempo e as estratégias da escrita possibilitam uma maior reflexão sobre o que se lembra e o que se esquece (ou se resolve registrar). Nesse caso, esse processo é essencial porque contribui para um exercício de reflexão e tomada de consciência das estudantes-professoras sobre sua formação. Deriva daí a nossa defesa para que, nas pesquisas dessa área, sejam criadas oportunidades para a escrita dos(as)

docentes. Com isso será possível, também, diversificar os olhares sobre o fenômeno e extrairmos histórias plurais do mesmo.

Nessa pesquisa procuramos acolher as narrativas das alunas-professoras sem julgamentos, mesmo tendo ciência de que os acontecimentos nem sempre se deram da forma como são relatados por elas, considerando que recordar é sempre atualizar e ressignificar imagens e sentimentos. O simples ato de escolher o que vai ser exposto e o que vai ser silenciado já é indicativo da subjetividade que é intrínseca à escrita de si.

O entendimento de que a memória sofre grande influência da coletividade foi percebida na feitura da tese, visto que as memorialistas “lembraram” de situações e experiências semelhantes, com muita aproximação dos relatos. Ou seja, as recordações comuns ao grupo foram mais presentes nos textos do que experiências individuais. Daí porque foi possível contar uma história coletiva a partir de relatos autobiográficos.

A história das discentes-docentes se mistura com a história da escola rural. Não adentramos nessa categoria de estudo, mas a vida numa comunidade agrícola trouxe recordações que as uniram em termos de condições financeiras precárias, que contribuiu para o analfabetismo dos(as) mães, pais, avós e avós que, apesar das adversidades, são percebidos(as) por elas como incentivadores de seus estudos. O sonho de mudar as condições materiais de vida, ampliando as possibilidades profissionais, foi apontado como a razão dos investimentos realizados na educação delas.

A relação entre emoção e memória, discutida no referencial teórico, apareceu nos memoriais quando, por exemplo, a despeito de toda a pobreza a que estavam submetidas, foram os sentimentos da infância, o amor e admiração pela família, as brincadeiras e o convívio com a natureza que se sobressaíram no período que antecede o ingresso na escola.

A escola, como lugar de memória, aparece em três momentos da vida das memorialistas. Primeiro quando se referem ao período em que foram estudantes da educação básica. Depois como palco da atuação profissional delas, enquanto docentes. E, por fim, a escola é ressignificada para acolhê-las num Curso de formação em que adentram como estudantes-professoras.

Os dois primeiros momentos são os que compartilham mais recordações em comum. O que nos permite inferir que compõem um ciclo que se inicia quando eram alunas e se fecha com a docência. São comuns a esses dois períodos, dentre outros(as): as precárias instalações das escolas, a ausência de material didático, a multisseriação nas salas de aula, a falta de formação dos(as) docentes e a mudança constante de escola.

Esse é, pois, o cenário de atuação dos(as) professores(as) no município de Saboeiro⁵⁵ e ele impacta na sua formação, que se inicia já na experiência enquanto estudante. Isto porque muito do que fazem quando assumem a docência está amparado nas práticas de seus(suas) professores(as).

As adversidades que acompanharam os três momentos do estar na escola – estudante, professora e estudante-professora – concentram-se no baixo poder aquisitivo, a distância entre escola e moradia e as péssimas condições para o deslocamento (transporte e estradas). Durante a formação do PARFOR, novas demandas da vida pessoal advindas do casamento e da maternidade, além da complexidade dos conhecimentos com que se depararam, se destacam como novos desafios a serem superados.

A forma de ensinar, a didática por assim dizer, recebe atenção nos três momentos de relação com a escola. Enquanto discentes da educação básica, falam de uma prática docente tradicional e disciplinadora. Ao assumirem a docência localizamos, a princípio, uma repetição dessa forma de ensinar, que vai se transformando a partir das formações que receberam, sejam elas no PARFOR ou em outros cursos. Do PARFOR trazem a diversificação da forma de ensinar e avaliar, assimilados tanto a partir dos textos e debates no Curso e da prática dos(as) professores(as)-formadores(as).

A relação professor(a)-aluno(a) recebe destaque nas memórias estudantis, tanto da educação básica quanto do ensino superior, mas são pouco mencionadas quando se referem a atuação delas na docência. A avaliação da aprendizagem também é um exemplo disso, de uma recordação forte nas vivências de estudo, mas quase não mencionada nas de ensino. Sobre esse período, são sinalizados as preocupações e o compromisso com a aprendizagem de seus(suas) discentes, mas a relação que estabelecem com eles(as) não recebeu a mesma atenção.

Já a relação que estabeleceram com os(as) colegas aparece com mais frequência nos registros sobre a docência e a formação no PARFOR e pouco foi explorada na vivência estudantil. É com os(as) colegas de profissão que se dá o segundo momento formativo das memorialistas⁵⁶, via diálogos e planejamentos partilhados. Essa mesma parceria está presente durante a formação no PARFOR, quando o apoio mútuo compreende os debates sobre os conteúdos das disciplinas, o compartilhamento de experiência e o apoio para que não desistam do Curso.

⁵⁵ Essa realidade é muito semelhante a outras que encontramos na região do Cariri cearense.

⁵⁶ O primeiro é o saber da experiência, traduzido na replicação em sala de aula das práticas a que foram submetidas enquanto estudantes.

Para as memorialistas, o acesso a espaços e experiências diferenciadas de cultura estão ligados à escola. É a partir dela – na educação básica e/ou no ensino superior – que encontram a poesia, as dramatizações, a literatura, bem como os museus e pontos históricos da região. Os relatos sobre a contribuição das aulas de campo estão presentes nos memoriais e anunciam a ampliação do horizonte formativo.

A alegria advinda da aprendizagem foi mencionada nos tempos de estudo, na educação básica e no ensino superior, e nos de ensino, quando se referiram à aprendizagem de seus(suas) alunos(as). A satisfação por ter acesso a um novo conhecimento, ou dar acesso a um, foi comemorada e recordada em muitas passagens dos escritos. Da vida estudantil vale retomar aquelas que constituíram ritos de conclusão de etapas, com as festas de formaturas ou outras formas de comemoração.

Para compreendermos a formação docente, consideramos importante destacar a relação que as estudantes-professoras estabelecem com o magistério em termos de valoração desse ofício. A docência entra na vida delas apenas como uma oportunidade de trabalho mas, com o passar do tempo e das experiências, desenvolveram um sentimento de identificação com essa profissão. Contribuíram para essa mudança o sentimento de gratidão expresso por seus(suas) ex-alunos(as), os cursos de formação oferecidos pela Secretaria Municipal de Educação e o PARFOR. O processo de tornar-se professor requer essa identificação que, por sua vez, é força motriz para uma atuação reflexiva e comprometida com a aprendizagem. Condição indispensável para o aperfeiçoamento constante da ação educativa.

Nos encaminhando para o final dessa tese, optamos por colocar em evidência as contribuições à formação docente que as memorialistas atribuem ao PARFOR/URCA. Após elogios aos(às) professores(as)-formadores(as), ao currículo e à organização do Curso, elas enaltecem a segurança com que atuam hoje, em virtude de um arcabouço teórico a que tiveram acesso. Essa teoria é referida, diversas vezes, como base para mudanças nas formas de pensar e de agir na docência e na vida. A articulação teoria-prática pode ser apontada, pois, como elemento de empoderamento dessas mulheres na sala de aula, nas reuniões com seus pares e no estar no mundo.

Além disso, duas mudanças de pensamento e de atitude também são outorgadas ao curso de pedagogia. A primeira é a assunção de uma postura questionadora frente aos problemas com que se deparam nas escolas. Essa nova forma de confrontar a realidade é referida às experiências investigativas desenvolvidas no Curso. A outra mudança diz respeito ao entendimento de que a aprendizagem faz parte da vida humana, independente da idade e das

circunstâncias. Com isso, demonstram o interesse em dar continuidade aos estudos, agora em nível de pós-graduação.

Aprenderam com o PARFOR, segundo as discentes-docentes, a diversificar suas aulas enaltecendo o papel da interação e do ensino participativo. Com isso, afastam-se de um ensino tradicional e se aproximam de experiências de ensino progressivo e integrativo, tão significativas para mudanças efetivas na educação.

O valor dos estágios na formação foi reconhecido por elas. A princípio essa constatação pode parecer surpreendente por já atuarem na docência. Entretanto, as experiências desenvolvidas no curso não conta de uma forma de estar em sala de aula que exige o exercício constante da crítica, seja sobre as situações observadas, seja sobre a própria atuação. Especificamente ao estágio, elas atribuem o desenvolvimento de uma postura de colocar-se no lugar do outro – discentes e docentes – além da oportunidade de atuarem em áreas para as quais o Curso habilita, mas que nunca tiveram a oportunidade de atuar.

Optamos por trazer para essas considerações finais, a situação de quase abandono do Curso, vivida por duas estudantes-professoras. Elas indicam que o retorno ao mesmo se deu em razão do apoio de colegas, de professores(as)-formadores(as) e da coordenação do PARFOR. Essa busca pela permanência é valorosa porque demonstra, além da solidariedade, a compreensão das circunstâncias dessa formação. Ser acolhida, ou acolher, são movimentos que ajudam a desenvolver uma postura de empatia, indispensável ao exercício da docência.

Com isso, é possível afirmar que, inegavelmente, o curso de Pedagogia/PARFOR é um marco importante na vida das memorialistas. A história de vida dessas mulheres indica que, sem a iniciativa de levar aos pequenos municípios do interior do estado do Ceará a formação em nível superior, dificilmente elas teriam conseguido a tão sonhada formatura que, para além de um sonho pessoal, é essencial para a mudança na qualidade da educação que temos oferecido às crianças e adolescentes dessas localidades. Além disso, esse Curso foi percebido como uma ação educativa que não serviu apenas para produzir o útil apropriado pelo mercado. Ao contrário, ela ultrapassou a ótica neoliberal que transforma educação em aprendizagem, formação em treinamento, paz em submissão, que atribui ao indivíduo a culpa pela sua miséria, por ter pouco potencial de “empregabilidade”, incentivando a competitividade entre as pessoas e criando uma demanda por formação contínua desintegrada da visão de mundo e que contribui para perpetuar as desigualdades sociais.

Enquanto aprendizagem individual, percebemos que estudar memórias exige paciência, atenção, sensibilidade e serenidade. Usamos esse termo para fugir de imparcialidade, uma vez que é impossível sermos imparciais no sentido amplo que essa palavra exige. Diversas

foram as vezes que, após ler dois ou três memoriais, tomamos como coletivo um sentimento localizado. Em virtude disso, criamos estratégias para diminuirmos a tendência de sobrepor o nosso olhar ao que as memorialistas narraram. Por essa razão, o texto foi reescrito várias vezes.

Esse trabalho abre para nós, enquanto pesquisadora, a possibilidade de andarmos por um caminho que nos leve a reconhecer o percurso dos(as) docentes a partir da perspectiva deles(as). Finalizando o doutoramento, pretendemos dar continuidade aos estudos sobre memórias em educação porque estamos convencidas de que elas nos possibilitam enxergar um novo significado da educação formal, haja vista que evidenciam a vida das pessoas, para além dos números que compõem as estatísticas educacionais. E isso nos traz um sentimento mais de parteira (para recordar Sócrates) de sonhos, do que legista que atestam a *causa mortis* da educação.

Por fim, destacamos que os memoriais são ricos em informações que nos dão pistas para compreender, dentre outros fenômenos: a vida do(a) agricultor(a) no sertão, o lugar que a escola ocupa na vida das discentes-docentes, as relações familiares, as visões de mundo, as perspectivas para o futuro e as condições de ensino e de aprendizagem. Com o nosso trabalho tivemos a formação docente como eixo central, mas sabemos que ainda há muito a ser explorado nesse material que fica como contribuição e ponto de partida para investigações futuras.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Almerindo Janela. Mudanças no Estado-avaliador: comparativismo internacional e teoria da modernização revisitada. In: **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 53, abr./jun. 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782013000200002>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

AGOSTINHO. **Confissões**. Tradução de Almiro Pisetta. São Paulo: Mundo Cristão, 2013. (Ebook – Edição do Kindle)

AGUALUSA, José Eduardo. **Teoria geral do esquecimento**. Rio de Janeiro: Foz, 2012.

_____. **O vendedor de passados**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

ANJOS, Juliane Corrêa dos. **Formação de professores no curso de Pedagogia/PARFOR: desafios contemporâneos**. 2013. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2013. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/9741>. Acesso: 06 set. 2016.

ATAÍDE, Denyse Mota da Silva. **Letramento digital e formação de professores: limites e potencialidades na perspectiva do Plano Nacional de Formação de Professores (PARFOR)**. 2013. 172f. Dissertação (Mestrado em Letras: ensino de Língua e Literatura) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Letras: ensino de Língua e Literatura, Araguaína, 2013. Disponível em: <http://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/180>. Acesso: 06 set. 2016.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. **Base de dados**. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br>. Acesso em: 10 nov. 2020.

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. **Tempo-memória & Desmemórias**. São Paulo: Big Time, 2016a.

_____. Tempo-Memória na Educação. **Revista Brasileira** (Rio de Janeiro. 1941), v. 86, p. 153-167, 2016b.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Tradução Maria Helena Franco Martins. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BENEDIKT, Adriana. Memória e narrativa: uma experiência de auto-invenção. **Comunicação e Política**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 85-93, set./dez. 1997.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. Tradução de Paulo Neves. 4ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. (Biblioteca de pensamento moderno)

_____. **Memória e vida: textos escolhidos por Gilles Deleuze**. Tradução de Claudia Berliner. 3ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019. (Biblioteca de pensamento moderno)

BORGES, Jorge Luis. Funes: o memorioso. In: _____. **Ficções**. Porto Alegre: Globo, 1969.

_____. **O livro de areia**. São Paulo: MEDIAfashion, 2012. (Coleção Folha. Literatura ibero-americana; v1))

BRASIL. **Decreto nº 8.752**, de 09 de maio de 2016. Dispõe sobre a Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica. Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Decreto/D8752.htm. Acesso em: 06 dez. 2020.

_____. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 02 nov. 2020.

_____. **Lei nº 10.172**, de 09 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. PNE 2001-2010. Brasília, DF: Congresso Nacional, 2001.

_____. **Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior**: bases para uma nova proposta de Avaliação da Educação Superior Brasileira. Brasília, DF: Inep, 2003.

_____. **Lei nº 13.005**, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. PNE 2014-2024. Brasília, DF: Congresso Nacional, 2014.

_____. Ministério da Educação. **Resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica**: versão preliminar. Brasília: Inpe/MEC, 2020a. Disponível em http://download.inep.gov.br/educacao_basica/portal_ideb/planilhas_para_download/2019/resumo_tecnico_ideb_2019-versao_preliminar.pdf. Acesso: 15 nov. 2020a.

_____. **Censo da Educação Superior 2019**. Brasília: INEP, out. 2020b.

CEARÁ. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE. **Índice de Desenvolvimento Municipal (IDM)**. Fortaleza: Ipece, 2019a.

_____. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE. **Painel de Indicadores Socioeconômicos**: Os 10 maiores e os 10 Menores municípios cearenses - 2019. Fortaleza: Ipece, 2019b.

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. 2. ed. São Paulo: Editora 24, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DOMINGO, J. C. Relatos de Experiência: em busca de um saber pedagógico. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, v. 01, n. 01, p. 14-30, jan./abr. 2016.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009a.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Rio de Janeiro: Vozes, 2009b.

FRANCA S.J., Leonel. **O método pedagógico dos jesuítas**: o “Ratio Studiorum”: Introdução e Tradução. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1952.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, Luís Carlos et al. **Avaliação Educacional**: caminhando pela contramão. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GONÇALVES, Rosa Maria da Silva. **Escrever para (não) morrer em Teoria geral do esquecimento, de José Eduardo Agualusa**. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. (100p)

GONSALVES, Elisa Pereira; SOUZA, Andressa Raquel de Oliveira. Educação, vivência emocional e processo libertador. **Revista de Ciências Humanas e Sociais da UNIMEP**. Piracicaba, v.25, n.63, pp.87-100, 2015. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/article/view/2102/1661>. Acesso:05 mar. 2020.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi S.; ALMEIDA, Dóris Bittencourt; KLAUS, Viviane. Desafios da formação inicial no PARFOR: reflexões sobre uma prática a partir do ensino de História da Educação (2012/2015). In: 36ª REUNIÃO NACIONAL DA ANPED. 2013. Goiânia. **Anais...** Goiânia: ANPED, 2013. Disponível em: http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt02_trabalhos_pdfs/gt02_2890_resumo.pdf. Acesso: 09 de set. de 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2006.

HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. Programa de Aquisição de Alimentos: limites e potencialidades de políticas de segurança alimentar para a agricultura familiar. In: **Sociedade & Natureza**. Uberlândia, vol. 25, nº 3, set./dez. 2013. *On-line version* ISSN 1982-4513. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1982-45132013000300003&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 10 nov. 2020.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão et al. 7ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítica-social dos conteúdos. 8ª ed. São Paulo: Loyola, 1989.

LIMA, Gercilene Oliveira de; NASCIMENTO, Ana Maria do. Estágio Curricular Supervisionado no curso de Pedagogia/PARFOR da URCA: ressignificação dos saberes docentes. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. 2014. Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: UECE, 2014.

LIMA, Licínio C.. A EJA no contexto de uma educação permanente ou ao longo da vida: mais humanos e livres, ou apenas mais competitivos e úteis? In: NACIF, Paulo Gabriel Soledade et al. (Org.) **Coletânea de textos CONFINTEA Brasil + 6**. Brasília-DF: MEC/SECADI, 2016.

Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002446/244672POR.pdf>. Acesso: 29 ago. 2016.

LUCCHESI, Marco. **Domínios da insônia**: novos poemas reunidos. São Paulo: Patuá, 2019.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LÜDKE, Menga [et al]. **O professor e a pesquisa**. Campinas: Papirus, 2001.

MORORÓ, Leila Pio. A formação de professores em serviço: o PARFOR na Bahia. In: XVI ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO. 2012. Campinas. **Anais...** Campinas: UNICAMP, 2012. Disponível em: <http://endipe.pro.br/ebooks-2012/2629b.pdf>. Acesso: 09 set. 2016.

NASCIMENTO, Ana Virgínia Saraiva do. **A formação dos professores da educação básica**: um estudo sobre o curso de Pedagogia - PARFOR/UEPB, Campus de Campina Grande - PB. 2014. 60f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2014. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/5500>. Acesso: 09 set. 2016.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. In: **Projeto História**. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Karla Roberta Brandão de. Educação e conservadorismo: reflexões a partir dos estudos de memória. In: BAPTISTA, Ana Maria Haddad (org.). **Tempo-memória**: educação, literatura e linguagens. São Paulo: BigTime, 2019a. Edição do Kindle.

_____. O visto, o vivido e o sentido: memória em Marco Lucchesi. In: BAPTISTA, Ana Maria Haddad (org.). **Marco Lucchesi**: Estética do interdisciplinar. São Paulo: Patuá, 2020a.

OLIVEIRA, Karla Roberta Brandão de; BAPTISTA, Ana Maria Haddad. De alguns recortes das memórias. In: BAPTISTA, Ana Maria Haddad (Org.). **Educação, Memória e Temporalidades**. 1ed. Belo Horizonte: Tesseractum Editorial, 2020, p. 59-73.

OLIVEIRA, Romualdo Portela de. Da universalização do ensino fundamental ao desafio da qualidade: uma análise histórica. In: **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 661-690, out. 2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 08 nov. 2020.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez Editora, 1999. (p. 15 a 34)

PLATÃO. **Box Grandes Obras de Platão** (23 diálogos: A República, Fédon, O Banquete, Górgias, Apologia de Sócrates...). Mimética. 2019. Ebook.

_____. **Fedão**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Versão eletrônica digitalizada pelo grupo Acrópolis. Disponível em: <http://br.egroups.com/group/acropolis/>. Acesso em 03 de abril de 2018.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RODRIGUES, Caroline Leite. **Educação no meio rural**: um estudo sobre salas multisseriadas. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. (209p)

SABOURIN, Eric. Que política pública para a agricultura familiar no segundo governo Lula? In: Sociedade e Estado. Brasília, vol. 22, nº 3, set./dez. 2007. **On-line version** ISSN 1980-5462. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922007000300009&script=sci_arttext. Acesso em: 10 nov. 2020.

SANTOS, Maria Flávia Medeiros; PONTES, Rosana Aparecida Ferreira. A Formação inicial de professores em Pedagogia: contribuições do Parfor para a transformação da prática docente. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. 2014. Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: UECE, 2014.

SAUL, Ana Maria. **Avaliação emancipatória**: desafio à teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. Na contramão da lógica do controle em contextos de avaliação: por uma educação democrática e emancipatória. In: **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. especial, p. 1299-1311, dez., 2015. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022015001001299&script=sci_arttext. Acesso em: 08 dez. 2020.

SAVIANI, Dermeval. História da História da educação no Brasil: um balanço prévio e necessário. In: **EccoS – Revista Científica**, São Paulo, v. 10, n. ESPECIAL, p. 147-167, 2008.

_____. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 3ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. (Coleção memória da educação)

_____. **Escola e Democracia**. 42ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2017. (Coleção Educação Contemporânea)

SILVA, Renata Maldonado da. A Trajetória do Programa Telecurso e o monopólio das Organizações Globo no Âmbito do tele-ensino no Brasil. **InterMeio**, PPGE/UFMS, Campo Grande, MS, n.38, p.154-179, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/intm/article/view/2357>. Acesso em: 03 jan. 2021.

SOUZA, Edinilza Magalhães da Costa Sousa. A Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica – PARFOR: O papel dos Fóruns Estaduais Permanente de apoio à formação docente. In: 37ª Reunião Nacional da Anped. 2014. Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ANPED, 2014. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/poster-gt05-4471.pdf>. Acesso: 09 set. 2016.

SUARÉZ, Daniel Hugo. Escribir, leer y conversar entre docentes en torno de relatos de experiencia. In: **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 01, n. 03, p. 480-497, set./dez. 2016

TURA, Maria de Lourdes Rangel; MARCONDES, Maria Inês. O mito do fracasso escolar e o fracasso da aprovação automática. In: **Cadernos de Educação**, FaE/PPGE/UFPel, Pelotas, v.

38, p. 95 - 118, jan./abr., 2011. Disponível em: <http://fae.ufpel.edu.br/caduc/downloads/n38/04.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2020.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Psicologia e pedagogia).

MEMORIAIS

ALENCAR, Ana Lúcia. Relato de experiência formativa. In: **A importância do lúdico na educação infantil**. 2019. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (46p) (pp.12-18)

ALMEIDA, Antônia Olinda de Oliveira. História de vida: quem eu sou?. In: **Refletindo sobre a importância da relação família x escola**. 2019. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (48p) (pp. 13-20)

BRITO, Francisca Tânia Pereira de. Trajetória de uma brava nordestina. In: **Alfabetização e letramento no primeiro ano do ensino fundamental**. 2019. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (61p) (pp. 13-20)

DUARTE, Maria Cristina. Relato de experiência. In: **O trabalho com classes multisseriadas: desafios e dificuldades**. 2019. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (44p) (pp. 13-20)

GONÇALVES, Maria Mônica. Minha trajetória de vida. In: **Refletindo sobre os fatores que levam à evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos-EJA**. 2019. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (48p) (pp. 13-20)

OLIVEIRA, Cícera Saturnino de. Relato de experiência formativa. In: **A importância do lúdico para a educação infantil: o que dizem as professoras da escola Daulia Bringel Olinda**. 2019b. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (46p) (pp. 13-20)

OLIVEIRA, Francisca Fabiana Alexandre de. Desafios de uma vencedora. In: **Jogos e brincadeiras na educação infantil: desafios e possibilidades**. 2019c. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (62p) (pp. 13-20)

OLIVEIRA, Maria Glícia Venâncio de Lima. História de vida e trajetória profissional. In: **O desafio de trabalhar a inclusão na escola no ensino fundamental II: uma relação entre a teoria e a prática**. 2019d. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (50p) (pp. 13-20)

PEREIRA, Inês Silva Braga. História de vida. In: **Avaliação da aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental**. 2019a. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (65p) (pp. 13-20)

PEREIRA, Maria Michele. Itinerário infantil, educacional e formativo. In: **A importância da educação inclusiva e a visão dos profissionais**: desafios e possibilidades 2019b. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (69p) (pp. 13-20)

PLÁCIDO, Antônia Lenira. Caminhos de vida e formação. In: **Educação inclusiva na escola regular**, um estudo de caso em uma escola municipal de Saboeiro/CE. 2019a. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (49p) (pp. 13-20)

PLÁCIDO, Francisca Edivânia. Trajetória da minha vida. In: **O ensino da matemática como ferramenta fundamental para intervir em situações reais do contexto social**. 2019b. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (40p) (pp. 13-20)

SANTOS, Luiza Wanderléia dos. Além dos desafios. In: **A dislexia no contexto educacional contemporâneo**. 2019. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (50p) (pp. 13-20)

SILVA, Antônia Jacira da. Relato de experiência. In: **A importância da parceria família e escola na educação infantil**: o que dizem as professoras da EEIF Maria Linda da Glória. 2019a. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (44p) (pp. 13-20)

SILVA, Eva Nelda Neris da. Eu e o faz de conta. In: **Brincadeira de faz de conta na educação infantil**. 2019b. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (54p) (pp. 13-20)

SILVA, Margarida Bernardo. Relato de experiência formativa. In: **A importância da relação família e escola**: o que dizem os professores da escola José Gonçalves dos Santos. 2019c. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (52p) (pp. 13-20)

SOARES, Antônia Lucilândia de Souza. Memorial docente. In: **Avaliação na educação infantil**. 2019. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (45p) (pp. 13-20)

ANEXOS

ANEXO A – MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE PEDAGOGIA DA URCA

SEM	COD	DISCIPLINA	CR	CH	PRÉ-REQ.
I	ED201	Seminário de Introdução ao Curso de Pedagogia	2	36	-
I	ED202	Fundamentos Históricos da Educação	4	72	-
I	ED203	Filosofia da Educação I	6	108	-
I	ED204	Sociologia da Educação	6	108	-
I	ED205	Pesquisa Educacional I	4	72	-
II	ED207	História da Educação Brasileira	6	108	ED202
II	ED208	Filosofia da Educação II	4	72	-
II	ED209	Psicologia da Educação I	6	108	-
II	ED210	Pesquisa Educacional II	4	72	ED205
II	ED214	Seminário Temático I	1	18	-
III	ED213	Pesquisa Educacional III	2	36	ED210
III	ED225	Seminário Temático II	1	18	-
III	ED600	Políticas Educacionais	4	72	-
III	ED601	Psicologia da Educação II	4	72	ED209
III	ED602	Didática I	6	108	-
III	LL203	Linguística: Pressupostos Teóricos	4	72	-
IV	ED215	Fundamentos Antropológicos da Educação	4	72	-
IV	ED216	Psicomotricidade	4	72	-
IV	ED217	Didática II	6	108	ED602
IV	ED218	Pesquisa Educacional IV	2	36	ED213
IV	ED219	Fundamentos da Educação Infantil I	4	72	-
IV	ED236	Seminário Temático III	1	18	-
V	ED220	Teoria Curricular	4	72	-
V	ED221	História e Fundamentos do Ensino da Arte	4	72	-
V	ED222	Fund. Históricos e Culturais da Educação Especial	4	72	-
V	ED223	Fundamentos da Avaliação Educacional da Educação Básica	4	72	-
V	ED224	Fundamentos da Educação Infantil II	4	72	ED219
V	ED261	Disciplina Optativa	4	72	-
VI	ED226	Gestão da Educação Básica I	4	72	-
VI	ED228	Didática da Linguagem Oral e Escrita na Educação Infantil	4	72	ED217; ED224
VI	ED229	Didática da Matemática na Educação Infantil	4	72	ED217; ED224
VI	ED230	Fundamentos das Séries Iniciais do Ensino Fundamental	4	72	-
VI	ED231	Didática das Ciências Naturais e Sociais na Educação Infantil	4	72	ED217; ED224
VI	ED256	Disciplina Optativa	4	72	-
VII	ED227	Monografia I	4	72	ED218
VII	ED232	Fundamentos Econômicos da Educação	4	72	-
VII	ED233	Didática da Língua Portuguesa nas Séries Iniciais do Ens. Fund.	4	72	ED217; ED230

SEM	COD	DISCIPLINA	CR	CH	PRÉ-REQ.
VII	ED234	Didática da Matemática nas Séries Iniciais do Ens. Fund.	4	72	ED217; ED230
VII	ED235	Gestão da Educação Básica II	4	72	ED226
VII	ED350	Estágio Supervisionado em Educação Infantil	6	108	ED224; ED228; ED229; ED231
VIII	ED237	Didática das Ciências Naturais nas Séries Iniciais do Ens. Fund.	4	72	ED217; ED230
VIII	ED238	Didática da História nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental	4	72	ED217; ED230
VIII	ED239	Monografia II	4	72	ED227
VIII	ED240	Didática da Geografia nas Séries Iniciais do Ensino Fund.	4	72	ED217; ED230
VIII	ED250	Estágio Supervisionado em Gestão da Educação Básica	8	144	ED235
IX	ED242	Seminário de Apresentação de Monografia	2	36	ED239
IX	ED243	Educação de Jovens e Adultos	4	72	-
IX	ED244	Língua Brasileira de Sinais	4	72	-
IX	ED245	Educação e Cultura Afro-descendente	4	72	-
IX	ED246	Educação Popular e Movimentos Sociais	4	72	-
IX	ED351	Estágio Supervisionado nas Séries Iniciais do Ensino Fund.	6	108	ED233; ED234; ED237; ED238; ED240

ANEXO B – ORIENTAÇÃO PARA ESCRITA DA MONOGRAFIA DO PARFOR

MONOGRAFIA

SUGESTÃO PARA ESTRUTURA DA MONOGRAFIA

As alunas do Curso de Pedagogia – PARFOR – URCA já têm experiência na área de magistério e/ou gestão educacional. Essa experiência pode ser utilizada no processo de produção do trabalho monográfico por dois motivos: 1) possibilita uma reflexão acerca da prática exercida à luz dos elementos teóricos incorporados ao longo do curso e na etapa de estudo específico para a composição da monografia; 2) inicia a escrita monográfica por uma produção relativamente mais acessível, explorando sua experiência formativa.

Assim, pensamos numa sugestão para a estrutura da monografia tendo como **primeiro capítulo** um “Relato de experiência formativa”. Nesse capítulo serão apresentados elementos da trajetória de formação docente, as experiências formativas etc. Essa trajetória de formação, invariavelmente, terá um espaço para a inserção do PARFOR, no qual podem ser indicados aspectos legais e operacionais, a experiência própria da estudante, os impasses, as dificuldades, os aspectos positivos, enfim, qual o lugar o Parfor na sua formação.

Em relação ao primeiro capítulo, caberá à orientação sugerir leituras que promovam a fundamentação necessária para caracterizar a produção como texto acadêmico, destacando-se a importância de inserir aspectos referentes ao tema da monografia, com o objetivo de fazer a devida articulação entre os capítulos da monografia.

O **segundo capítulo** seria dedicado ao tema escolhido. Seria o capítulo “mais teórico”, aquele com mais presença de autores e referências teórico-científicas do tema. É a discussão teórica do tema escolhido, com a fundamentação de autores e textos previamente selecionados. Aqui, caberá à orientação, além da indicação de leituras (lembrando que é uma boa alternativa, sempre que possível, utilizar os textos que as alunas já possuam e foram trabalhados em disciplinas já integralizadas), o acompanhamento devido para proporcionar a elaboração de um texto coerente, sem erros conceituais, que expresse o que cada aluna conseguiu sistematizar.

O **terceiro capítulo** seria um diálogo entre a fundamentação teórica desenvolvida no capítulo anterior e a prática docente. A partir da discussão teórica, buscar as implicações desse aprendizado formativo para a atuação docente. Seria um retorno à própria experiência.

Se esse diálogo não for possível, o terceiro capítulo pode ser uma complementação do segundo.

Introdução: pode conter a apresentação do tema, justificativa, problematização, objetivos, referencial teórico, aspectos metodológicos, organização da monografia.

Considerações finais: pode conter uma retomada dos aspectos mais importantes do texto, as conclusões, reflexões etc.

Em todas as etapas do processo de escrita, é fundamental o acompanhamento atento da orientação, tanto para evitar o plágio e a produção não autoral (outra pessoa escrever o texto), quanto contribuir para o cumprimento do prazo para a conclusão da monografia.

Período para produção da monografia: de maio de 2020 a janeiro de 2021.

Orientação presencial (encontros previamente agendados)

Contato por E-mail, Facebook, WhatsApp etc. De acordo com a disponibilidade das professoras orientadoras.

ANEXO C – MEMORIAL DA ESTUDANTE-PROFESSORA ANA LÚCIA ALENCAR

ALENCAR, Ana Lúcia. Relato de experiência formativa. In: *A importância do lúdico na educação infantil*. 2019. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (46p) (pp.12-18)

01 – RELATO DE EXPERIÊNCIA FORMATIVA

Relembrar o passado para mim é bastante significativo, pois tenho lembranças que me fazem voltar com alegria ao meu tempo de criança. E é com esse objetivo que faço uma retrospectiva da minha história.

Sou Ana Lúcia Alencar, nasci no dia 01 de janeiro de 1989 na Cidade de Saboeiro – Ceará. Filha de pais agricultores, éramos um total de cinco irmãos, sendo que infelizmente dois vieram a falecer ainda pequenos. Meus pais não tiveram a oportunidade de estudar e sempre nos aconselhavam e incentivavam a fazer isto, porém, fui a única a concluir o ensino médio, pois minhas irmãs desistiram antes de terminar. Hoje agradeço a Deus por estar concluindo uma faculdade, pois foi um dos maiores incentivos a seguir dado por meus pais, levando em consideração que os mesmos não tinham condições de pagar uma faculdade particular e hoje estou concluindo uma faculdade pública.

1.1 – Infância e início da vida estudantil

Tive uma infância marcada por coisas simples, o pouco que consigo lembrar é que gostava muito de brincar com minhas colegas, nesse tempo as crianças se divertiam e brincavam de várias brincadeiras. A que mais gostávamos era quando o Rio Jaguaribe, que ficava próximo a minha casa estava cheio, pois junta com meus colegas íamos todos tomar banho, era uma festa, brincávamos debaixo de um pé de Cajarana, levávamos bonecas, brinquedos e tirávamos Cajarana para comer.

Não fiz educação infantil e só comecei a estudar no ano de 1996, com sete anos de idade. Fui matriculada na 1ª série do ensino fundamental, em um anexo da Escola Romão de Sousa Romeiro, na mesma localidade onde moro, Sítio Barra. Esse anexo era um prédio bem simples, éramos poucas crianças, e lá estudamos a primeira e a segunda série.

Como nunca tinha estudado, foi lá que comecei a ter gosto pelos materiais escolares, novas aprendizagens, novas brincadeiras e principalmente aprender à escrita e a leitura. Tive uma excelente professora, ela ensinava bem e gostava das crianças e nós também gostávamos dela. As atividades eram somente voltadas para a escrita e leitura, tínhamos apenas um momento para brincar, era após o lanche, uns minutinhos somente, e por nossa conta.

No ano de 1998 fui estudar na sede da EEIEF Romão de Souza Romeiro, eu já cursava a 3ª série do ensino fundamental, nessa escola fiquei até o 4º ano, era um prédio bom, tinha mais espaço, os alunos ficavam mais à vontade para realizarem suas atividades, tinha bons professores e uma boa relação com os novos colegas, a escola era melhor que a anterior.

No 5º ano fui estudar na escola por nome de Olavo Oliveira, na Cidade de Saboeiro – CE, pois no Sítio onde residíamos só atendia a crianças até o até o 4º ano do ensino fundamental. Nessa escola fiz novos amigos, passei a estudar novas disciplinas, era tudo diferente da antiga escola.

Estudar na cidade representava um desafio que exigia muita coragem e determinação. A exemplo cito como obstáculo, o período de chuvas. O rio da minha localidade sempre ficava muito cheio e o transporte escolar não conseguia chegar, então, tínhamos que utilizar-se de motos para chegar até a escola na cidade.

Após o 7º ano do ensino fundamental, mais uma vez foi transferência de escola. Dessa vez para a Escola Manoel Gonçalves dos Santos, na mesma cidade de Saboeiro – CE, nessa escola concluí o ensino fundamental. No Ensino Médio vou estudar na Escola Lídia Bezerra, escola mantida pela rede estadual. Nesta escola conheci um professor que eu admirava muito, sua forma de trabalhar era única, levava apenas um pincel para a sala e conseguia aplicar sua aula, o conteúdo estava gravado na sua memória de tal forma que era como se ele estivesse seguindo o livro, ele era muito bom, e ainda mais ensinando uma disciplina tão difícil como biologia.

Só uma coisa me incomodava, esse professor gostava de passar questionário e isso me deixava muito nervosa, pois sempre tive problemas com timidez, o mesmo seguia a sequência alfabética do Diário de Classe e eu era a primeira a apresentar. Hoje compreendo que essa metodologia me ajudou, pois, com o tempo fui perdendo o medo. Infelizmente não consegui passar de ano, esse professor era muito rígido e não consegui atingir a média, não passando nem na recuperação, para mim foi uma vergonha, mas no ano seguinte estudei bastante e graças a Deus não fiquei reprovada.

1.2 – Experiência profissional

Desde criança sempre tive vontade de ser professora, achava o máximo quando via uma pessoa lecionando, isso ficava no meu pensamento “ainda vou ser professora”. Graças a Deus tive essa oportunidade, posso transmitir meus conhecimentos para outras pessoas. Após a conclusão do ensino médio, fiquei com o mesmo pensamento de quando criança tinha uma enorme vontade de ser professora, dentro de mim sabia que essa oportunidade iria chegar.

Uma professora na Creche da Comunidade em que resido me fez o convite para substituí-la quando necessário, mesmo sem experiência aceitei o desafio! Essa experiência serviu para adquirir mais ainda o gosto pela profissão, às pessoas puderam conhecer meu trabalho e minha dedicação. Então fui convidada não a substituir professores que necessitavam faltar, mas sim a assumir minha própria sala de aula.

Já havia terminado o ensino médio e por isso sempre era convidada a substituir, os professores quando necessitavam faltar. Em 2007 tive a oportunidade de conseguir minha própria sala de aula, agora eu era a professora titular em uma turma de educação infantil. Ao assumir uma sala, ser titular, foi um sonho realizado, pois era tudo que mais queria, foi gratificante para mim, ensinar essas crianças, pois foi com elas que pude transmitir meus conhecimentos e com elas aprender também.

Em 2008 assumir uma turma de 5º ano do ensino fundamental. Foi uma ótima experiência, não tive muitas dificuldades, tive que dá o melhor de mim, pois não tinha formação adequada, somente, tendo concluído o ensino médio recentemente.

Em 2010 trabalhei com turmas de Educação de Jovens e Adultos – EJA. Uma experiência sensacional da qual eu gostei muito. Ao trabalhar com pré-adolescente e depois com jovens e adultos, percebi uma diferença, pois os alunos mais novos possuíam uma maior facilidade em aprender, já os mais adultos, tinha que usar de várias técnicas e atividades diferenciadas como jogos e dinâmicas. Muitos fatores como cansaço e o dia inteiro de trabalho duro, contribuía bastante para essa dificuldade, pois a maioria eram agricultores.

Mesmo assim eu gostei muito de trabalhar com essa modalidade de ensino. Eram pessoas conhecidas e que tinham muita vontade de aprender. Trabalhavam o dia todo e ainda à noite vinham estudar. Eram agricultores e donas de casa, com uma enorme vontade de aprender as letras, o som das palavras, fazer seus nomes. Foi maravilhoso trabalhar com eles. Eu me sentia muito empolgada em poder ajuda-los numa coisa tão boa, eu tinha um prazer de ensinar o EJA, com eles tudo era divertido.

Tínhamos uma boa relação, sempre que um deles aprendia algo novo era muito bom de ver. Eles viam que eram capazes de aprender. Sempre que eu levava para sala de aula uma brincadeira, era mais fácil e prazerosa a aprendizagem. Percebi que com o brincar eles aprendiam mais rápido. A brincadeira passou a fazer parte das nossas aulas. A cada dia percebia o interesse deles com as aulas, sempre vinham para a escola, não eram de faltar, eles sempre tiveram o interesse de estudar.

Isso nos lembra do pensamento de Negrine (2008, p. 91) “o adulto que volta a jogar (brincar) não se torna criança como se costuma dizer, mas vivencia sensações de prazer que desbloqueiam suas resistências. Neste sentindo, suas expressões estão muito mais a serviço do inconsciente do que consciente”. Segundo o autor, quando um adulto joga ou brinca, naquele momento ele não está voltando a ser criança, porém está sentindo um prazer que sendo desbloqueado nesse momento.

Muitos ali não tiveram essa oportunidade quando jovens, e quando viram que podiam retomar o tempo perdido, foi uma chama de esperança na vida de todos. Quando eu fui chamada para ensinar adultos eu pensava comigo, será como vai ser, pois só tinha ensinado antes crianças, era diferente onde eu sempre me dediquei foi com os meus pequenos, mas quando assumi a turma do EJA, amei, era tão diferente da turma da creche, mas eu fiquei bastante satisfeita com o resultado.

Um fato que me marcou bastante aconteceu certa vez durante uma das formações destinadas aos professores de EJA. Um professor falou que só existia EJA por questões políticas, que a gestão que estava assinando queria empregar mais gente. Percebi que ele não gostava de lecionar em turmas de EJA. Nunca deixei as pessoas falar mal dessa modalidade de ensino. Para a maioria daqueles alunos representava a única oportunidade, pois muitos precisaram trabalhar para cedo conseguir sobreviver.

Em 2015 trabalhei com turmas de educação infantil, Creche e Pré- Escola, senti um pouco de dificuldade, pois nunca tinha trabalhado com crianças pequenas. O que me fez sentir mais dificuldades foi o fato de ter sido professora da minha filha, a mesma só queria estar comigo, sentindo ciúmes das outras crianças. Mesmo assim me identifiquei bastante, senti que ali era o lugar onde devia e queria estar, e continuo até hoje.

1.3 – Ingresso no Nível Superior – O PARFOR em minha vida

Em 2015, os professores foram convidados a se inscreverem para fazerem o vestibular concorrendo a uma vaga para cursar pedagogia no Plano Nacional de Formação de Professores para a Educação Básica – PARFOR, ofertado pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Graças a todos os esforços fui agraciada com uma bolsa. Tamanha foi à alegria em me tornar estudante do curso de Pedagogia.

Com a Pedagogia, tive a oportunidade de me aprimorar e superar dificuldades. Com metodologias novas consigo desenvolver um bom trabalho, sempre visando o melhor atendimento para as crianças com as quais

trabalho e me reformando a cada dia como profissional.

Ao iniciar o curso fiquei muito feliz, pois tudo que mais queria era fazer uma faculdade. Porém, eu ainda carregava comigo muita timidez para falar em público, mais ainda quando tinha pessoas que eu não conhecia. A cada aula eu ia perdendo a timidez, as atividades do curso como trabalhos e os seminários para apresentar me ajudavam a perder esse medo.

A cada disciplina eu aprendia mais e mais. Algumas em particular me chamaram bastante atenção, como exemplo, a disciplina de Psicomotricidade. Essa disciplina foi bastante proveitosa para mim, pois eu pude repassar para as minhas crianças as atividades feitas em sala. Outra disciplina que muito me atraiu foi a de Antropologia, não só por ser uma disciplina diferente, como também por nos propiciar atividades de campo, como visitar um museu em um ponto turístico na cidade de Nova Olinda – CE. Além de muito aprendizado foi um momento de muita diversão.

Foram 5 anos e 4 meses de muito estudo e dedicação. Ao terminar o curso de pedagogia pretendo cursar uma Pós-graduação em Educação Infantil, aprofundar meus conhecimentos na área da educação. No início da faculdade tinha como expectativa aprimorar meus conhecimentos e hoje me vejo bem mais diferente do que antes. Tenho outros pensamentos, quero me empenhar mais, pretendo me dedicar sempre e com prazer para com as crianças.

Ao conseguir o diploma é com um prazer imenso, é uma realização de um sonho. Sonhei muito e acreditei e hoje agradeço a Deus por está quase concluindo. Foram muitas batalhas e desafios, mas todos foram superados.

O fim do curso significa para mim uma nova fase na vida. Irei ter um diploma mais não terei a garantia de um emprego. Vou me dedicar o máximo para fazer um concurso.

Quando iniciei meus estudos sentia muita falta de atividades recreativas na sala de aula. Minhas professoras apenas transmitiam conteúdos, sem nenhum jogo ou uma coisa atrativa que nos chamasse a atenção. Esse momento limitava-se apenas ao intervalo.

Somente com as pesquisas na faculdade que entendi o quanto trabalhar com as crianças os diferentes tipos de jogos facilitam a aprendizagem dos pequenos. Pude ver na prática o quanto às crianças ficavam felizes ao realizar brincadeiras e jogos educativos.

A disciplina de Fundamentos da Educação Infantil me ajudou muito bastante nessa compreensão. O importante é estarmos focados, lermos bastante para entendermos como se dá o desenvolvimento da criança, principalmente para quem atua na área da educação infantil.

Outra disciplina que me ajudou bastante nessa compreensão foi à disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Infantil. Tive dificuldades para elaborar o projeto, mas no final foi gratificante o resultado obtido. Realizei o estágio em uma turma com crianças de 5 anos de idade. Tivemos contações de histórias, brincamos de montar quebra-cabeça, pintura com materiais diversos apreciação de filmes, modelagem, escritas, leituras, diversas brincadeiras.

Eu me senti realizada em desenvolver esse projeto. Pude perceber a alegria das crianças. Gostei muito do estágio em educação infantil, pois, é a área que mais me identifico.

Ensinar é criar, é ser criativo para que o aluno possa entender com facilidade tudo que você ensina. Com prazer e criatividade fica mais fácil para obter um bom resultado é construindo que aprendemos, é fazendo que se aprende.

Sobre a escolha da monografia, escolhi esse tema “A importância do lúdico na educação infantil”, porque busco mais conhecimento sobre o assunto. Percebo nas crianças com as quais trabalho, como é importante o brincar, vejo que a aprendizagem se torna mais prazerosa para eles. Busco aprimorar meus conhecimentos e percebo que o brincar desperta esse interesse. Nas brincadeiras que eles adquirem conhecimentos, o brincar faz parte do dia a dia das crianças e é nesse brincar que o professor o ajudará a aprender com mais facilidade.

Segundo Carvalho

(...) o ensino absorvido de maneira lúdica, passa a adquirir um aspecto significativo do curso do desenvolvimento da inteligência da criança, já que ela se modifica de ato puramente transmissor à ato transformado em ludicidade denotando-se portanto o eu jogo.” (1992, p. 28)

Com a ludicidade tudo fica mais fácil de se aprender, de se ensinar, o que é ensinado é absorvido com maior entusiasmo, a pessoa além de aprender, realça sua autoestima, aprende com prazer, para isso adquire conhecimento com mais facilidade.

A criança aprende com o lúdico, ela adquire conhecimento com muito mais facilidades do que repetindo conteúdo de forma mecânica. Por isso busco sempre saber sobre as diversas metodologias. Uma forma de melhor transmitir ensinamentos para meus alunos. Busco ser mais criativas, adquirir mais conhecimento.

ANEXO D – MEMORIAL DA ESTUDANTE-PROFESSORA ANTONIA JACIRA DA SILVA

SILVA, Antônia Jacira da. Relato de experiência. In: *A importância da parceria família e escola na educação infantil: o que dizem as professoras da EEIF Maria Linda da Glória*. 2019a. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (44p) (pp. 13-20)

01 – RELATO DE EXPERIÊNCIA

1.1 MINHA INFÂNCIA

O presente texto tem como objetivo relatar a minha trajetória de vida. Sou Antonia Jacira da Silva, nasci no ano de 1975, no Sítio Cachoeira, Zona Rural da cidade de Saboeiro – CE, filha de agricultores, somos um total de onze irmãos. Meu pai quando casou com a minha mãe era viúvo e tinha seis filhos, com minha mãe teve mais cinco filhos, sendo que dois vieram a óbito ainda recém-nascido. Tive uma infância difícil, meus pais tinham poucas condições financeiras mesmo assim eu era uma criança feliz.

1.2 FORMAÇÃO INICIAL: ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

Iniciei minha vida estudantil nesse mesmo Sítio onde morava. Comecei a estudar na alfabetização aos seis anos de idade. Andávamos bastante a pé, pois não tinha transporte escolar, a escola funcionava em um prédio que fazia parte da casa da professora. A educação era a instrução dirigida à memória e a razão, o aluno era considerado como objeto de ensino, a professora tinha a função de ensinar a matéria ao aluno usando como recurso didático a exposição verbal complementando por livros manuais e o uso do quadro negro.

Conforme Saviani,

Como as iniciativas cabiam ao professor, o essencial era contar com um professor razoavelmente bem preparado. Assim, as escolas eram organizadas em forma de classes, cada uma contando com um professor que expunha as lições que os alunos seguiam atentamente e aplicava os exercícios que os alunos deveriam realizar disciplinadamente. (1991. p.18)

No primeiro ano escolar, mesmo sem ter o acompanhamento em casa por meus pais, pois os mesmos eram analfabetos e não conheciam a importância da educação, aprendi a ler de forma mecânica, que atendia aos padrões exigidos na época, como decodificações de signos, sem nenhuma visão crítica.

A minha primeira professora chamava-se Lucivânia. Era uma professora que tratava a todos de forma educada. Não existia a relação professor-aluno que temos hoje, por ser o estudo tradicional. Podemos ver essa metodologia representada nas palavras de Saviani (2009, p. 6): “[...] A escola organiza-se como uma agência centrada no professor, o qual transmite segundo uma graduação lógica, o acervo cultural aos alunos. A estes cabe assimilar os conhecimentos que lhes são transmitidos”.

A professora não tinha uma formação acadêmica, mas isso não a impedia de realizar com eficiência o seu trabalho. Nos primeiros anos estudantis tive professores que marcaram a minha vida acadêmica, eram pessoas maravilhosas. Mesmo não tendo a formação adequada para a função que ocupavam, se portavam como profissionais e transmitiam a todos o conhecimento que a função exigia mesmo sendo uma época onde o tradicionalismo predominava.

Estudei por mais ou menos três anos neste mesmo sítio e com a mesma professora. Após esse período, meus pais decidiram que iríamos mudar para morar no Flamengo, Distrito de Saboeiro, localidade em que resido até os dias atuais. Essa mudança aconteceu no ano de 1985 e tudo era muito diferente, lá tinha muitos moradores, diferente do sítio em que morávamos que tinha poucas pessoas morando ali.

Comecei a estudar e tudo era estranho, colegas novos, professores novos, porém, logo fiz amizade com todos e tudo ficou mais fácil, na época eu estudava a 2ª série, estudávamos em um prédio a parte, estava na construção da escola, E. E. I. F. Maria Linda da Glória que hoje é a segunda maior escola do município.

A 2ª série foi um ano marcante, tudo era novo e no início fiquei um pouco assustada. A professora que era excelente pessoa conduziu o primeiro dia de aula de uma forma que me fez sentir como se já estudasse ali há muito tempo. Na época a metodologia usada era através de cartilhas que eram livros com leituras restritas, era saber as letras, juntar as sílabas e formar as palavras que se aprendia através da repetição.

No ano seguinte passei para estudar na 3ª série, fui agraciada com uma professora maravilhosa que marcou a minha vida escolar, sempre tratou a todos os alunos com muito carinho e dedicação, estava sempre disponível para nos ajudar. Essa professora chamava-se Delmira, Deus a recolheu no ano de 2014, ela é lembrada por todos os alunos que foram alfabetizados por ela.

Estudei a 4ª série com uma ótima professora. Hoje vejo que não tenho reclamações em relação aos professores, pois todos eram excelentes profissionais sempre tratou a todos os alunos com respeito, exigia também ser respeitada por parte dos mesmos.

De acordo com Cury (2003, p.65) “os educadores, apesar das suas dificuldades, são insubstituíveis, porque a gentileza, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, os sentimentos altruístas, enfim todas as áreas da sensibilidade não podem ser ensinadas por máquinas, e sim por seres humanos”.

No ano de 1991 eu estava cursando a 5ª série, quando no mês de novembro decidi que não ia mais estudar. Meus pais que não davam tanta importância para os estudos como já falei anteriormente, não disseram nada com essa minha decisão, pois para eles, ler e escrever já era o suficiente. Fui trabalhar em casa de família na cidade de Fortaleza. Lá permaneci por oito anos, retornando após esse período.

Decidi que iria terminar meus estudos, era o ano 1999. Porém, algo marcante aconteceu. Estávamos no mês de setembro quando minha mãe veio a óbito, o que para foi muito difícil, fiquei sem chão e mais uma vez parei de estudar. No ano seguinte veio o Telecurso2000, mas não tive a oportunidade de participar, pois o mesmo não oferecia vagas suficientes para a demanda de alunos, então, esperei mais um pouco. Em 2001 iniciei o Telecurso do fundamental II e concluí no final desse mesmo ano. Fiquei muito feliz, pois já tinha desistido por várias vezes.

Em 2003 iniciei o Ensino Médio e em junho de 2004 finalmente concluí com uma linda festa. Eu queria muito trabalhar, mas nunca pensei em ser professora até mesmo pelo lugar ser pequeno e não oferecer oportunidades, também por questões políticas que infelizmente é o que conta mais em cidades pequenas.

1.3 EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS

No ano de 2005 fui beneficiada com uma sala de aula. Fui pega de surpresa, pois não esperava arrumar trabalho tão cedo e principalmente como professora. Fiquei feliz e preocupada, pois ia trabalhar com Jovens e Adultos, no programa “Sesi por um Brasil alfabetizado” da empresa SESI.

Trabalhei duas vezes com turmas que duravam seis meses cada turma. Não foi uma experiência fácil,

pois ensinar adultos exige cuidados, tendo que ser aulas bem atrativas para conseguir manter esse público na sala de aula, levando em conta que são pessoas com experiências de vidas e uma grande bagagem de saberes que precisam ser respeitados.

Conforme Freire,

A alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, somente ajustado pelo educador. Esta é a razão pela qual procuramos um método que fosse capaz de fazer instrumentos também do educando e não só do educador. (1979, p.72).

Infelizmente por questões políticas não foi possível continuar. Após essa experiência, fiquei cinco anos sem trabalhar.

No ano de 2011 fui novamente beneficiada com uma sala de aula. Fiquei muito feliz, sendo que dessa vez eu teria uma nova experiência. Trabalharia com Educação Infantil em uma turma de Creche II com crianças de três anos. Era uma turminha com 18 alunos, sendo somente uma professora sem auxiliar. Não foi fácil, porém, foi uma experiência maravilhosa, pois, sendo essa uma fase essencial para o desenvolvimento da criança, e o papel do professor de Educação Infantil não é só ensinar a ler e escrever é oportunizar a leitura de mundo, pois é de 0 a 5 anos, chamada de primeira infância, é nessa fase que se trabalha com as crianças a identidade e autonomia.

De acordo com as Orientações do PAIC:

O desenvolvimento da criança é assim um processo conjunto, ou seja, feito em parceria com outros seres humanos, e ocorre em diferentes contextos sociais, ao longo de sua experiência nas práticas culturais de sua comunidade, assim como as práticas criadas nas instituições educacionais. E essas situações podem ser muito diversificadas, pode-se dizer que há diferentes infâncias. (2011, p.18)

Conforme consta nos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - RCNEI:

Costumes, valores, crenças, etnias etc., das crianças com as quais trabalha respeitando suas diferenças e ampliando suas pautas de socialização. Nessa perspectiva, o professor é mediador entre as crianças e os objetivos de conhecimento [...]. Na instituição de educação infantil o professor constitui-se, portanto, no parceiro mais exprime, por excelência, cuja função é propiciar e garantir um ambiente rico, prazeroso, saudável e não discriminatório de experiências educativas e sociais variadas. (BRASIL, 1998, p. 30)

Trabalhei quatro anos com turmas de Creche, especificamente com crianças de três anos. No ano de 2015 fui remanejada para uma sala de 2º ano e confesso que fiquei muito preocupada, pois é uma sala acompanhada pelas avaliações externas, tendo uma cobrança muito grande por parte da coordenação, diretoria, secretaria de educação, entre outros órgãos. Mesmo com esse medo, me esforcei ao máximo e no final obtive sucesso.

Em 2016, fui novamente trabalhar com turma de Creche II o que me alegrou bastante, pois gosto de trabalhar com esse público. Infelizmente não demorou muito, novamente fui remanejada, dessa vez fui trabalhar como apoio de sala em uma turma de 2º ano. Fiquei desmotivada pensando até em desistir da faculdade, queria entender o porquê de me tirarem da regência sendo que permaneceram com professores que não tinham nenhuma formação acadêmica e não estavam ingressados em nenhum curso superior, mas tudo estava relacionado a questões políticas.

Em 2018 voltei novamente para regência, agora com uma turma de 4º ano, permanecendo até o mês de

junho. Novamente foi um grande desafio, precisei estudar muito, pois como já relatei, estudei o fundamental II e médio através do Telecurso o que deixou muito a desejar. Em 2018 também veio o concurso para professores, os aprovados assumiram a função e mais uma vez voltei a trabalhar com alunos de creche, o que me deixou muito feliz.

1.4 FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA – PARFOR

Durante o tempo que eu estudava no Ensino Médio nunca pensei que iria ser professora e muito menos que iria cursar uma faculdade, mas no início do ano de 2014 fui informada pela diretora da escola sobre o (Plano Nacional de Formação de Professores), ofertado pela Universidade Regional do Cariri – URCA PARFOR. Fui pega de surpresa, como já trabalhava há três anos com Educação Infantil fiquei com medo de perder a sala de aula, fiz a minha inscrição.

Comecei a faculdade, o que não foi nada fácil, pois moro a 45 quilômetros da cidade de Saboeiro e tenho que percorrer por estradas de difícil acesso. No início tudo era muito difícil, precisava de lugar para dormir, eu e outras colegas que vinham de outras localidades, dormimos por um tempo na escola em que fazíamos a faculdade, mas uma colega me convidou para ficar na casa dela e eu aceitei, continuo na casa dela o que me deixa muito grata. Essa colega de faculdade, a minha amiga Eva Nelda.

Foram muitas dificuldades que enfrentei e as mais difíceis foram os trabalhos que precisava realizar. A compreensão dos textos, a dificuldade de falar em público nas apresentações dos seminários, para mim que fiz dois Telecursos não foi nada fácil, cheguei a pensar em desistir, mas quando pensava o quanto o PARFOR contribuiu e contribui de forma significativa para minha formação docente, principalmente para professores que trabalham com Educação Infantil, pois o foco na pedagogia em geral é a primeira infância, o desenvolvimento de cada fase da criança, cada professor deixa a sua contribuição de aprendizagem e que nos fez com certeza rever a nossa prática diária em sala de aula.

Na formação tive o privilégio de conhecer professores excelentes e preparados, conheci também colegas extraordinárias, mulheres fortes, determinadas, mães guerreiras e professoras dedicadas que assim como eu saem de suas casas mesmo cansadas da luta diária para buscar conhecimentos teóricos para melhorar a prática docente.

Ao término do curso percebo o quanto enriquecedor foi minha trajetória enquanto estudante universitária. Hoje vejo quanto conhecimento e descobertas assimilei através do aprofundamento teórico e prático.

Sinto-me capaz de enfrentar as diversidades por mim encontradas, pois tanto profissional quanto pessoal, ampliou-se minha visão de mundo. Sou capaz de ser sujeito mais atuante na sociedade.

Tenho como meta prestar concurso para área da educação, viabilizando assim uma estabilidade maior e, continuar me especializando nos estudos através de uma pós-graduação, concretizando uma meta por mim iniciada. Continuarei buscando novos conhecimentos para enriquecer cada vez mais minha prática.

Enquanto professora, me deparo muito com a falta de parceria dos pais na Educação Infantil, sendo que o contexto escolar tem sido inserido cada vez mais cedo na vida das crianças, portanto, vi a necessidade de aprofundamento dessa temática. Este motivo me leva a fazer este trabalho de pesquisa com o objetivo de verificar a importância da família no processo educativo dos filhos, onde se pressupõe que trabalhando adequadamente com a educação e os valores familiares, conseguirá transformar em uma sociedade, mas justa e ética.

Diante de episódios vivenciados na minha prática docente vejo a necessidade de conscientizá-los de um

engajamento mais ativo na vida escolar dos seus filhos. No que diz respeito à Educação Infantil. Vivenciei situações em que famílias levavam seus filhos para a escola somente como um passa tempo, ou seja, para que a criança ocupasse seu tempo com alguma coisa sem ter nenhuma importância educacional para os mesmos, então vejo a necessidade de fazê-los repensar suas atitudes em relação à vida estudantil de seus filhos, levando-os a fazer um acompanhamento sistemático.

Percebo que esse tema é de extrema importância, pois a família precisa conhecer o papel que deve exercer dentro do âmbito escolar. Pude observar o quanto o relacionamento entre família e escola muitas vezes torna-se sensível, dificultando assim uma aproximação entre essas duas instituições.

Vejo que a falta de parceria por parte dos pais nos primeiros anos estudantis dos filhos mostra a pouca credibilidade por parte deles para com a instituição. Muitos não dão a devida importância a este ciclo que se inicia por acreditarem que é uma fase que não irá acrescentar na vida dos mesmos, na verdade este primeiro contato com a escola é de extrema importância, pois é o primeiro passo para que sejam inseridos na sociedade.

A relação teoria e prática precisam caminhar juntas, pois o saber docente não é formado apenas da prática, a teoria tem importância fundamental, pois é através da mesma que nos apropriamos dos conhecimentos que nos auxiliam na nossa prática diária de sala, quando há a junção da teoria e prática, o ensino se torna mais eficaz.

Ao longo da faculdade pude perceber o grau de enriquecimento adquirido através da mesma, que tem auxiliado na minha prática em sala de aula, os conhecimentos adquiridos na minha vida acadêmica têm contribuído bastante para diagnosticar os problemas da escola e buscar soluções para as dificuldades encontradas.

ANEXO E – MEMORIAL DA ESTUDANTE-PROFESSORA ANTONIA LENIRA PLÁCIDO

PLÁCIDO, Antônia Lenira. Caminhos de vida e formação. In: *Educação inclusiva na escola regular*, um estudo de caso em uma escola municipal de Saboeiro/CE. 2019a. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (49p) (pp. 13-20)

I. CAMINHOS DE VIDA E FORMAÇÃO

O trabalho de rememoração, que reúne as recordações à escala de uma vida, apresenta-se com uma tentativa de articular as experiências contadas e é feito, principalmente sobre o ângulo do percurso de formação ao longo da vida e de sua dinâmica, evidenciando as práticas formativas inerentes a um itinerário escolar profissional, e a outras aprendizagens (...) (Josso apud Lima, 2015 p.31)

Esta seção trata da minha história de vida e formação. Apresenta um relato de como fui me tornando a pessoa que sou hoje. Josso (2010) revela que a nossa história se evidencia nas experiências vividas ao longo da vida. Isso indica que somos resultados do que vivemos dentro e fora dos espaços escolares. Desse modo, no item 1.1 falo sobre a minha identidade, no 1.2 aponto algumas reflexões sobre o sentimento de angústia de, depois de muito tentar concluir os estudos voltar para casa dos pais sem ter conseguido e, no item 1.3 faço um relato de como consegui ingressar no curso superior, quais mudanças surgiram e a contribuição que os novos conhecimentos trouxeram, tanto para minha formação humana quanto para o meu trabalho.

1.1 Quem sou eu? Relatos de vida.

Os humanos, são seres que ao longo de sua existência, dia após dia, surge a necessidade de explorar o meio em que vive na expectativa de sobrevivência, se adaptar ao meio e à sociedade na qual faz parte. Vive uma busca constante de encontrar melhor recurso para dar melhor sentido à sua vida.

Somos humanos porque somos seres “aprendentes”. Os animais pertencem ao pumado do condicionamento genético, da instrução, do treinamento, do adestramento, e esses são os limites do aprendizado. Nós, os humanos, somos seres disso tudo também. Mas, para além “disso tudo”, somos seres de algo bem mais complexo. Algo que ao longo da história foi recebendo nomes como capacitação, educação, formação humana. (BRANDÃO, 2009. p.12)

O homem busca sempre dar um sentido para a sua existência. Esse sentido muitas das vezes está na força do seu trabalho. É nesse pensamento que começo e registrar por meio da escrita minha história de vida.

Sou Lenira Plácido, nasci no sítio Lagoa de Dentro município de Saboeiro – CE. Na minha família somos seis irmãos. Meus pais Maria Selene Plácido e Francisco Plácido Neto sempre trabalharam na agricultura, tinham uma condição financeira baixa, mas sempre fizeram grandes esforços para que eu e meus irmãos estudássemos.

Minha primeira experiência com a leitura de códigos foi com meu pai. Ele me ensinou a ler, escrever e as quatro operações aritméticas. Os materiais didáticos usados por ele eram: uma cartilha de ABC, tabuada, lápis e caderno. Aprendi a ler e escrever as letras maiúsculas do alfabeto, depois as minúsculas. Depois foi a leitura e

escrita das sílabas simples e em seguida a leitura das palavras. Quando conheci as sílabas canônicas e não-canônicas partimos para a leitura de frases. Foi fascinante a descoberta da leitura.

Depois de aprender a ler e escrever, meus pais pagaram uma professora para continuar o desenvolvimento da minha aprendizagem, e eu fui cursar a primeira série numa sala multisseriada a tendência usada pela professora era a tradicional. O material usado por ela era apenas o caderno, o lápis e o livro didático. No meu caso, minha mãe havia comprado um livro de primeira série, com título Novo Nordeste.

A docente fazia uso da palmatória⁵⁷ quando os conteúdos não eram decorados pelos estudantes, que não podiam falar e havia um clima de tensão. A sala de aula funcionava na casa da professora, ficava longe da minha casa e eu lembro que todos os dias quando chegava a hora de ir para a escola sentia uma tristeza profunda porque eu tinha medo dela. Freire (1987, p. 51) afirma:

Outro saber que não posso duvidar um momento se quer na minha prática educativo - crítico é o de que, como experiência especificamente humana, educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implicam tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só a outra dessas coisas.

Na metodologia usada pela professora não tinha o brincar, nem mesmo as brincadeiras da cultura local. Estudei apenas um ano com esta professora. Meus pais sempre conversavam comigo sobre a importância do saber na vida dos indivíduos. Então me perguntou se eu pretendia continuar os estudos, e comprou uma casa na cidade, para que eu tivesse uma melhor oportunidade de aprendizagem.

No ano seguinte viemos para a cidade. Eu com o irmão mais velho e minha mãe nos acompanhou. Ficávamos a semana na cidade nos finais de semana voltávamos para o sítio. No segundo ano de estudo na cidade minha mãe não pode ficar na cidade conosco por causa do nascimento da minha irmã. E fiquei só com meu irmão.

Fui matriculada em uma escola municipal onde estudei todo o primeiro grau. Exceto um ano que escreverei sobre, mais adiante. Nessa escola tive que repetir a primeira série por falta de documentos que comprovassem que realmente havia estudo. Eu gostei muito da escola e da professora, que era muito calma tranquila e eu tínhamos muitos amigos. A tendência pedagógica usada pela professora tinha características da Liberal Renovada. Havia a pesquisa, atividades expositivas e as aulas de artes davam oportunidade aos estudantes para mostrar suas criatividade, e não havia as manifestações da palmatória. Mas tinha uma grande preocupação na preservação da autoridade na pessoa que estava na direção. Lembro – me que até mesmo os pais a tinha como uma grande autoridade. Sobre essa tendência Libâneo (1985, p.13) descreve as características da Escola renovada da seguinte forma:

Acentua-se nessa tendência o papel da escola na formação de atitude, razão pela qual deve estar mais preocupada com os problemas psicológica do que com os pedagógicos sociais. Todo esforço deve visar a mudança dentro do indivíduo, ou seja, a uma adequação pessoas às solicitações do ambiente. A ênfase que esta tendência põe nos processos de desenvolvimento e da comunicação torna secundária a transmissão dos conteúdos. Os métodos usuais são dispensados, prevalecendo quase que exclusivamente o esforço do professor em desenvolver um estilo próprio para facilitar a aprendizagem dos alunos.

Na proposta desta tendência, mesmo que não tivesse uma preocupação do professor pelo desenvolvimento da aprendizagem, mas já não havia autoritarismo no dia a dia de aluno e mestre. Nessa época,

⁵⁷ Sala de aula que funciona com várias séries/ano juntas.

não tive uma aprendizagem significativa dos conteúdos, como exemplo a gramática, história, ciências naturais e a leitura não tinha muita importância. A escrita e a produção textual não tinham o significado que hoje damos na nossa prática docente. Havia muitas aulas de campo e visitas pontos históricos da cidade, biblioteca pública e fazíamos muitos trabalhos em grupos, voltado para autores da literatura brasileira, que eu lembro bem, Jorge Amado, José de Alencar.

Depois destes dois anos estudando na sede do meu município, meus avós paternos mudaram a residência e foram morar em uma cidade vizinha. Meus pais acharam conveniente que eu fosse morar na casa deles porque já não ficaria só. Consegui fazer minha matrícula numa escola estadual, no terceiro ano. Nesse ano foi um retrocesso para mim, porque era tudo diferente, senti muito a falta da presença dos meus pais que não os via com frequência.

Foi uma época que eu não consegui aprender e apesar de o meu pai visitar a escola para acompanhar o meu desenvolvimento, ele não foi informado que eu não estava com boas notas como um reflexo do ensino tradicional. E nesse ano, para minha tristeza e da minha família fiquei reprovada. Minha mãe não aceitou que eu continuasse a estudar nessa escola e decidiu que eu voltaria para a escola anterior. Como eu já estava atrasada, havia perdido dois anos os professores aconselharam – nos, a fazer minha matricular numa sala, de modalidade chamada Educação Integrada, onde eu concluía terceira e quarta séries em um ano. E deu certo! Consegui concluir esse nível e fui para a quinta série nessa mesma escola. E o melhor foi que recuperei todos os conteúdos com boas notas. Freire (1990, p.56) aponta este ideal quando escreveu:

Não há, nunca houve nem pode haver educação sem conteúdo, não ser que os seres humanos se transformem de tal modo que os processos que hoje conhecemos como processos de conhecer e de formar percam seu sentido atual. O ato de ensinar e aprender, dimensões do processo maior -o de conhecer – fazem na natureza da prática educativa sem ensino sistemático ou não, de certo conteúdo. E ensinar é um verbo transitivo direto. Quem ensina, ensina alguma coisa – conteúdo – a alguém – o aluno.

Para Freire 1990, ensinar os conteúdos para os alunos não é necessariamente seguir à risca a visão mecânica do sistema, mas priorizar a subjetividade de cada indivíduo. o primeiro grau meu irmão não quis mais continuar os estudos. Não tinha possibilidade de eu, morar só. Então, fui morar com uma tia, em Imperatriz - MA, que me convidou para eu morar com ela e continuar a estudar.

Meus pais aceitaram e eu fui. Como diz Cortella (2009⁵⁸) que: “A vida é curta, mas que ela também não seja pequena!” Nós temos que nos empenharmos para dá um sentido à vida. Do contrário vamos viver só por viver. E um dos elementos que contribui para dá sentido a vida é a busca da realização dos nossos objetivos. Meus pais sempre incentivaram, tanto a mim quanto a meus irmãos a estudar. E esse incentivo me fez querer cursar uma faculdade.

Então em Imperatriz eu não consegui uma vaga na escola pública, estudei os três anos do segundo grau em escola privada. O primeiro ano era básico, para todas as áreas e os dois últimos tínhamos a opção de escolher o curso técnico que preferíssemos. Eu nunca tive nenhuma vontade de ser professora optei para o curso de contabilidade. Gostei muito. Nesse tempo consegui um emprego de ajudante de sala numa escolinha infantil, trabalhei apenas um ano. Essa experiência não me fez gostar desta área. Antes de eu terminar segundo grau minha tia mudou para um bairro longe do centro, precisei ficar na casa da cunhada dela até concluir. Quando terminei o

⁵⁸ Essa frase foi retirada do Vídeo espelho da Alma. (2009)

terceiro ano, consegui um trabalho em uma escolinha com apenas uma sala de multisseriada. A escola era construída de madeira com apenas dois espaços que seria uma sala e um almoxarifado.

Para mim foi um enorme desafio. Era um número grande de crianças e uma sala muito pequena para comportá-los. O ambiente era muito quente, sem ventilação. Além disso a prefeitura não supria nenhuma necessidade da escola. O material didático era doado, os livros eram de várias editoras. As mães também conseguiam materiais. A escola funcionava nos dois turnos. Pela manhã primeira e segunda série e à tarde terceira e quarta. A dificuldade maior que eu encontrei é que eu não sabia nada de magistério. Nem que tinham as tendências pedagógicas, a idade certa para as crianças estarem na sala. Mas é verdadeira a afirmação de Freire (1998, p.28) quando diz:

A gente deve se exercitar nesse gosto de conhecimento apaixonado. Vejo isso como um exercício. Um gosto que a gente desenvolve. Não nascemos com isso – a gente se treina a vida toda nisso. Agente pensa, reflete. As coisas, os objetos e as situações passam através de Nós; em seguida a gente faz caber isso tudo dentro de conceitos. É esse o nosso “jeito científico”. Feita essa abstração, objetos e situações guardado no interior de conceitos, a gente olha e apura o método pelo qual esse jeito se faz.

Não tem como não se apaixonar por esses pequenos, que o destino faz com que nos encontremos e vivamos esse relacionamento de afetividade e muita das vezes de dependência de ambos.

Trabalhei dois anos nessa escola. O número de alunos aumentou significativamente e com isso a necessidade de um melhor ambiente para eles estudarem. Então os pais se mobilizaram e a prefeitura construiu um prédio, pequeno, mas que melhorou muito a situação das crianças. A escolinha fechou, surgiu uma vaga de emprego em um escritório de uma transportadora fui trabalhar nessa empresa onde permaneci até voltar para minha cidade.

1.2 O retorno para a família: O recomeço

Quando decidi voltar para morar com meu pai, tive um pensamento que me dizia: vais voltar sem alcançar nenhum dos objetivos que pretendia. Como será recomeçar em um ambiente onde os meios de sobrevivência são tão concorridos! Nessa hora lembrei da fala do Sr. Jesus quando disse: “Não se turbe o vosso coração; crede em Deus crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas; se assim não fosse Eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos um lugar”. (João, 14 – 1).

O Senhor Deus diz aqui nesse trecho que nós não devemos andar preocupados com as coisas do dia a dia, porque as necessidades dos humanos é Ele quem supre. Por necessidades tive que renunciar ao meu trabalho e voltar para a minha cidade. Mesmo sendo o meu lugar foi muito difícil o recomeço. Depois de, dois anos desempregada surgiu uma vaga de emprego de professora, no sítio mesmo onde eu moro. Consegui ser lotada nessa escola onde trabalho até este ano. Foi um outro desafio ainda maior. Desafio esse, me fez lembrar as palavras Freire (1992, p.58-59)

(A escola de que precisamos urgente (dizia eu em 1960), é uma escola que realmente se estude e se trabalhe. Quando criticamos, ao lado de outros educadores o intelectualismo de nossa escola, não pretendemos defender posição para a escola em que se diluíssem disciplina e estudos e uma disciplina de estudar. Talvez nunca tenhamos tido em nossa história necessidade tão grande de ensinar, de estudar, de aprender mais do que hoje. De aprender a ler, a escrever, a contar. De estudar história, geografia. De compreender a situação dos pais.

Para que haja uma aprendizagem significativa para os estudantes, convém que a escola proporcione condições em todos os eixos que a norteiam, que vão da organização do ambiente ao currículo, sem deixar de mencionar a preparação dos professores e toda comunidade escolar.

Quando comecei trabalhar nessa escola, as condições da escola eram infrequentes. A primeira situação de dificuldade enfrentada pelos professores era a questão de não ter um gestor. Então cada professor desenvolvia seu trabalho de maneira individual.

Nessa época não tinha merenda nem transporte escolar. As crianças vinham de uma grande distância, para a idade deles e na escola muitas das vezes não tinha água. A merenda muitas das vezes os professores traziam. Isso contribuía para que as crianças faltassem muito a escola, assim afetava na aprendizagem. Também tinha o problema do material escolar. Era apenas o quadro de giz e o livro didático. Como cada um desenvolvia o seu trabalho de acordo com a cultura da escola, a limpeza da sala muitas vezes era feita pelo professor. E para falar do salário era o mínimo dos mínimos. A gente trabalhava sempre só para esperar um futuro melhor, que se frustrava ano após ano.

Em relação às metodologias usadas por nós professores, fazia uso de muitos jogos, tinha uma professora que gostava de confeccionar. Introduziam nas aulas muitas brincadeiras cantigas da cultura local e as crianças gostavam. Tinha também os pontos altos. Sobre a importância dos jogos e brincadeiras da cultura local BRASIL, (2006 p.12) menciona o seguinte:

Se a origem dos alunos é diversa, naturalmente, o acúmulo e a bagagem cultural também são. Quando falamos em cultura estamos nos referindo a conjunto de ações, elaborações, construções, produções e manifestações de um grupo de pessoas, que se dá por meio de múltiplas linguagens e por ser identificado na forma de falar, atuar, reagir, pensar e expressa de cada pessoa desse grupo. O conjunto cultural formado pelas pessoas que se encontram numa mesma série, numa sala de aula, é, então, extremamente rico. A cultura marca a visão de mundo e é a base aonde a construção de conhecimento vai se dar.

Assim temos convicção de que as ações do dia a dia do professor precisa ser o eixo de ligação entre o percurso e o ponto aonde ele quer chegar, que necessariamente, segundo Freire (1998), a capacidade de refletir.

Mas, no ano de 2008 houve mudança no governo municipal e radicalmente a escola também mudou. Para melhor sim. A estrutura da instituição foi toda modificada, novas salas foram construídas. A escola foi toda mobiliada, com cadeiras adaptada para cada série/ano, os quadros de giz foram abolidos. A instituição foi contemplada com um grande acervo de livros de literatura infantil e dos teóricos da educação para estudo dos professores. A escola teve o privilégio de distribuir para todos os alunos o livro de didático, fardamento escolar, material do aluno como lápis, caderno, borracha cola kit para o trabalho com matemática e muitos jogos educativo para serem trabalhados com todas as disciplinas. Como menciona Piaget (2010, p. 99)

(...) O jogo é, portanto, sob as suas duas formas essenciais de exercícios sensório motor e simbolismo, uma assimilação do real à atividade própria, fornecendo a esta seu alimento necessário e transformando em função das necessidades múltiplas do "eu". Por isso os métodos ativos da educação das crianças exigem que se forneça às crianças todo um material conveniente. A fim de que, jogando, elas cheguem a assimilaras realidades intelectuais que, sem isso permanecem exteriores à inteligência infantil.

Os jogos e brincadeiras são indispensáveis na prática atual do professor, visto ser objeto do seu desenvolvimento nas fases evolutivas e contribuir nas relações interpessoais, na afetividade e até mesmo o

equilíbrio de suas emoções.

Outro fator que se tornou uma realidade foram as formações de professores, que passaram acontecer mensalmente, muitas metodologias com técnicas inovadoras, onde os professores recebiam muito material para desenvolver o trabalho com os alunos. Nessas formações tinham os momentos de estudos em que refletíamos sobre vários teóricos e nos davam uma visão deste novo modelo de educação. Sobre a importância das formações continuadas Ramalho e Beltrán Núñez (2011, p.32) comenta:

[...] é mais que instrução ou aprendizagem de conhecimentos e formação de habilidades e de competências, pois inclui, entre outras coisas, interesses, necessidades, intenções, motivações, caráter, capacidades, condutas, crenças, atitudes e valores. [...] e o tipo de atividade que o professor se apropria da cultura profissional e modifica [...] elementos chave do seu agir profissional de forma a influenciar no desenvolvimento profissional.

Assim, entendemos que as formações continuadas atuam para atender as exigências que o mundo atual solicita e que o professor possa intervir nas atividades dos alunos de maneira específica.

Em 2009, fui lotada em sala de primeiro ano e com muitas expectativas para as novas mudanças. Elas se tornaram uma realidade. Foi uma experiência que, tanto eu quanto os outros professores da rede desejávamos vivenciar. A aprendizagem teve um avanço enorme logo nesse primeiro ano. No ano seguinte fui remanejada para o segundo ano. Nesse tempo o desenvolvimento dos estudantes do município passou a ser acompanhada pelo o Programa de Alfabetização na Idade Certa – PAIC, que era também, muita responsabilidade para os professores inseridos no programa por ser também uma série que se submetia às avaliações externas.

Durante cinco anos lecionei na sala de segundo ano, nós como grupo de professores e alunos conseguimos evoluir a cada ano mais. Tanto na aprendizagem dos docentes quanto dos discentes. Esses resultados foram conquistados graças, a mobilização do grupo. Todos os professores se dispuseram a dar aula de reforço em contra turno duas vezes por semana. Fazíamos visitas domiciliar aos meninos faltosos, e muitas estratégias para despertar em cada criança o gosto pela escola.

Mas o que sempre me deixou intrigada, em relação a aprendizagem é: Por que, nesse novo contexto de educação onde todos tem os mesmos direitos, ainda existem muitas crianças que não conseguem alcançar o nível desejado? Eu tive uma experiência com um estudante com necessidades especiais, não conseguiu desenvolver, as habilidades para cada série/ ano desejadas.

Essa angústia perdurou por dois anos, por isso pretendo pesquisar esse tema para tentar responder ao seguinte questionamento: quais são as principais dificuldades encontradas no ensino para as crianças que precisam de atendimento especializado? Por que essas crianças têm dificuldades de aprendizagens? E quais têm sido as estratégias utilizadas para viabilizar o processo de aprendizagem? Elas têm sido atendidas em suas especificidades?

Depois de cinco anos trabalhando apenas com o segundo ano, pedi ao gestor escolar para mudar de turma e ele me lotou na sala de primeiro ano, mas lecionei apenas um ano nessa série.

No ano seguinte fiquei com a turma de terceiro ano onde permaneci por três anos. E por último, no Fundamental I, no quinto ano. Hoje trabalho na mesma escola, porém, com os estudantes de sexto ao nono, ou seja, Fundamental II.

1.3 O ingresso no PARFOR: o sonho da Universidade chega a Saboeiro.

Os indivíduos humanos estão em constantes transformações, tanto da sua natureza intelectual como nos

objetos do mundo que os cercam. E essas transformações se dão através da aprendizagem. É o que afirma Campos (1976, p.218).

Considera a aprendizagem como um processo de adaptação e, ao mesmo tempo, para um recurso para manter o equilíbrio na luta contra a natureza. Graças a aprendizagem, o indivíduo resolve as tensões internas e externa experimentadas pelo organismo em sua totalidade. Sua função é, portanto, a integração e manutenção do equilíbrio da personalidade e não a aprendizagem. A aprendizagem consiste em um processo de reestruturar o espaço vital.

Escutei falar de PARFOR pela primeira vez foi através dos comerciais da rede globo de televisão. Daí eu entrei em contato com o pessoal do MEC e fui informada de como o programa podia acontecer no município. Nesse momento eu também acreditei ser a oportunidade de cursar uma faculdade. Eu conversei com o pessoal da secretária da época sobre as possibilidades do município entrar nesse programa, trazer o curso para nós, os professores da rede que não eram graduados. Até porque estávamos sujeitos a perder o emprego por falta de habilitação para trabalhar. Não me deram muita esperança. Eu tentei fazer uma faculdade particular, fiz o vestibular e ainda estudei seis meses, mas tornou – se difícil e tranquei a matrícula. Tentei outra vez em outra turma também particular. Foi quando ouvi falar que viria uma turma pelo PARFOR para Saboeiro. Vale salientar que, de acordo com Silveira (2018, p.70) PARFOR é:

(...) é um programa relativamente novo, que faz parte de uma política nacional de Educação e tem, até o presente momento, poucas pesquisas avaliativas a seu respeito. Ainda segundo a autora, o plano foi instituído com o objetivo de atender, professores em exercício, sem possuir o diploma de graduação para a disciplina que lecionam, fato que compromete sobremaneira, a qualidade da atividade educativa.

E ainda, Lima (2015, p. 42) descreve O PARFOR, assim:

O PARFOR é um programa especial de formação de professores que fomenta a oferta de turmas, a saber: licenciatura – para docentes em exercício na rede pública de educação básica que não tenha formação superior ou que mesmo tenha essa formação se disponha a realizar curso de licenciatura na etapa/disciplina em que atua em sala de aula,

Em 2013, a Secretaria (órgão), de Educação do município convidou para dar palestra aos professores na semana pedagógica, um professor da Universidade Regional do Cariri- URCA da cidade do Crato. Gostei muito do discurso dele. Por ser ele amigo do prefeito da época, abordou a ideia de trazer para nós, professores atuantes na rede municipal e sem graduação, a oportunidade da realização desse curso no município. Deu certo e no ano de 2014 um grupo de professores, fizeram a prova de vestibular foram todos aprovados graças a Deus e estamos na tão sonhada faculdade.

1.4.O que mudou com o PARFOR

Para iniciar a este item me reporto a Freire, quando em seu legado revela que a educação transforma pessoas e pessoas podem mudar o mundo. Depois da minha entrada no PARFOR, tudo mudou! Comecei a ter uma visão bem diferente de educação, ensino/aprendizagem, subjetividade, sociedade e mundo.

Desde que eu comecei trabalhar como professora deste município, sempre participei de formação de professor. Os formadores eram todos profissionais de níveis superior, sempre traziam vários modelos de tecnologias, métodos diversos e momentos de estudos sobre os teóricos da educação como Paulo Freire, Vygotsky,

Piaget, Marx, Emília Ferreiro, Libâneo, Saviani, Luckesi e outros. Também nos incentivaram a conhecer a legislação que rege a Educação no Brasil. Antes da Pedagogia eu não tinha muita noção do fazer pedagógico. Ou, o meu suporte era o conhecimento dos outros, era um fazer pedagógico baseado no ativismo sem muita reflexão teórica. Hoje há mais tranquilidade segurança para enfrentar os desafios que assolam a sala de aula. Desse modo, compreendo assim como: Bacherlad (1968, p. 146-148),

[...] o espírito científico é essencialmente uma retificação do saber, um alargamento dos quadros do conhecimento. Julga seu passado histórico, condenando-o. Sua estrutura é a consciência de suas faltas históricas. Cientificamente, pensa-se o verdadeiro como retificação histórica de um longo erro, pensa-se a experiência como a retificação da ilusão comum e primeira. Toda a vida intelectual da ciência move-se dialectal mente sobre esta diferencial do conhecimento, na fronteira do desconhecido. A própria essência da reflexão, é compreender que não se compreenderá.

O conhecimento instiga o homem a se redescobrir e se desenvolver intelectualmente para dá significado a sua existência. O conhecimento científico não é mais importante que o do senso comum, mas é uma forma de explicar os fatos. Ele estabelece relação com a realidade entre sujeito e o objeto de conhecimento. Na área da pedagogia, o conhecimento científico contribui para o entendimento das diversidades do caráter humano e suas múltiplas subjetividades, dos processos cognitivos.

O que me fez refletir de início foi sobre como se reinventar para tratar as diferenças, no meu cotidiano escolar, interferindo nas suas individualidades de forma a atender as minhas crianças nas suas expectativas de forma que não interferisse tanto em si mesmo!? Essa foi a minha reflexão de início. E descobri que isso não acontecia do dia para a noite, mas no dia a dia. A questão do conhecimento também nos dá poder de discernir sobre o que é coerente fazer e o que os outros querem que façamos.

No ano de 2018, final do curso fiquei desempregada e por causa das muitas dificuldades em decorrência do desemprego, tive que tentar transferir o curso para outra instituição na esperança de encontra trabalho. Retornei à Imperatriz, mas não foi possível a transferência por haver uma grande diferença no cronograma de disciplinas. E tive que voltar para não perder o curso.

No retorno à Imperatriz encontrei todos amigos e pessoas que eu tive oportunidade de conhecer. Foi gratificante! Entre muitos passeios, deparei-me com a mãe de um ex aluno, que quase não reconhecia, me cumprimentou e me falou algo que eu jamais esperava ouvir: Lenira lembra do Rony? Então, ele é motorista e tem o seu próprio caminhão, mas o que ele sabe aprendeu com você! Jamais imaginava ter feito algo naquela escolinha para beneficiar e marcar uma família. Ela ainda afirmou ser grata a mim.

Esse relato lembrou o Freire, ao afirmar que o educador sempre marca a vida do aluno, seja positiva ou negativamente. Por fim, me considero uma pessoa melhor como professora, como pessoa e isso se construiu a partir das aprendizagens diversas decorrentes do PARFOR, sou grata.

ANEXO F – MEMORIAL DA ESTUDANTE-PROFESSORA ANTONIA LUCILÂNDIA DE SOUZA SOARES

SOARES, Antônia Lucilândia de Souza. Memorial docente. In: *Avaliação na educação infantil*. 2019. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (45p) (pp. 13-20)

01 – MEMORIAL DOCENTE

Voltar ao passado é algo que me encanta e rememorar as lembranças vividas ao longo deste curso é algo ainda mais estimulador para mim.

Sou Antonia Lucilândia de Sousa Soares, estudante do curso de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores para a Educação Básica – PARFOR, ofertado pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Nasci no ano de 1994 no Sítio Curitiba, Zona Rural do Município de Saboeiro – CE, em uma família de 5 filhos, sendo um adotivo. Nasci meus pais eram muito jovens e inexperientes, minha mãe tinha apenas 17 anos e já com uma filha mais velha um ano e meio do que eu.

Era um tempo de muitas dificuldades, onde a base econômica da família era proveniente da agricultura com o plantio de milho, feijão e fava, cultivavam o suficiente para o subsídio da família e o restante vendiam para adquirir alimentos que a lavoura não dava para cultivar. Com muita dificuldade e rigidez, meus pais educaram a mim e aos meus irmãos.

1.1 – Infância

Na minha infância vivia da casa de meus pais, para a casa de meus avós paternos que moravam em um Sítio próximo chamado Memória, meus avós me mimavam muito, por isso sempre queria estar ao lado deles, no entanto, minha mãe não deixava muito, pois tinha medo que eu fosse morar com minha avó.

Com 5 anos de idade, comecei a frequentar a escola como ouvinte, pois, não era matriculada e somente ia acompanhar minha irmã mais velha. A escola funcionava em uma casa de pau-a-pique, o caminho para a escola ficava a uma distância de 800 metros da minha casa e íamos a pé, o percurso era muito divertido, passávamos horas brincando em uma árvore caída no chão, na nossa imaginação aquele lugar era chamado de parque, era a única forma de nos divertir, pois não tínhamos brinquedos, então qualquer objeto era transformado em um.

Conforme Carvalho:

[...] Desde muito cedo o jogo na vida da criança é de fundamental importância, pois quando ela brinca, explora e manuseia tudo aquilo que está a sua volta, através de esforços físicos se mentais e sem sentir coagida pelo adulto, começa a ter sentimentos de liberdade, portanto, real valor e atenção das atividades vivenciadas naquele instante. (1992, p. 14)

Na escola, minha irmã aprendeu a ler e a escrever antes de mim, como eu era mais nova e pouco acompanhada pelo professor, não conhecia as letras nem sabia ler, nossos pais ficavam comparando nossos conhecimentos, como eu não sabia ler, eles diziam que eu era burra, que só ia servir para a roça, essas foram palavras muito fortes que me marcam até hoje, mas apesar de tudo sempre nos incentivaram a estudar.

1.2 – Vida Estudantil

Em 2001, com 5 anos de idade, tivemos que nos mudar para outra localidade próxima chamada Sítio Lagoa de Dentro, lá passei a estudar na Escola Maria Martins Viana que ficava próximo a minha casa, nessa escola era oferecido um ensino de melhor qualidade, o local tinha uma melhor estrutura e os professores participavam de planejamentos mensais na sede do município.

Ingressei no ensino fundamental com muito entusiasmo e curiosidade para aprender coisas novas, minha primeira professora chamava-se Wanderleia, hoje colega no curso de pedagogia, ela era atenciosa, dinâmica e tratava os alunos com muito carinho, porém como era uma localidade que ficava 18 km de distância do município, a escola apresentava algumas dificuldades com relação a mobiliário, material didático e alimentação, não havia cadeira suficiente para todos os alunos, alguns tinham que sentar no chão, os livros não eram suficientes e sempre faltava merenda, quando se tinha, a merendeira colocava todos os alunos no chão, os alimentos também eram colocados no chão, mandava todos sentarem em círculo e ficava colocando a merenda de um por um, mesmo com as dificuldades.

Durante a 2ª série, estudei com um professor muito inteligente, mas muito rígido, havia casos em que ele estava explicando no quadro e se o aluno não prestasse atenção, ele jogava o giz na testa do aluno, chegando muitas vezes a machucar a criança. No entanto o ensino fundamental proporcionou muitas alegrias como brincadeiras antes das aulas iniciarem, como rouba bandeira, estátua, além de andar nos jumentos que os colegas que moravam mais distantes utilizavam como meio de transporte para chegar até a escola. Durante a 3ª série continuei estudando com o mesmo professor que nos ensinou na série anterior, a forma de ensinar era a mesma, lembro-me de um fato desagradável durante a aula de ciências, ele explicava o conteúdo e pedia para nós resolvermos a atividade de acordo com a explicação que nos foi dada e fazia a correção para posteriormente fazer a avaliação. No entanto, na avaliação tinha uma questão que não estava na atividade, e ele cobrou muito, dizendo que ele tinha falado durante a explicação, falava que nós não dávamos atenção para nada e por isso todos deveriam ficar com zero. Isso me marcou bastante.

Já durante a 4ª série, estudei com uma professora diferente, ela era meiga e afetuosa, eu era colega de minha irmã mais velha, pois ela tinha reprovado de ano, daí sempre havia comparações entre nós com relação à grafia das letras e a aprendizagem, conseguimos concluir o ano letivo com êxito.

Na 5ª série, continuamos colegas de classe e estudando com a mesma professora, que no final do ano nos proporcionou uma festinha de conclusão do ensino fundamental I, com direito a vestido de festa de acordo com nossas condições, diploma e padrinho, o que nos marcou muito.

O ensino fundamental II funcionava no turno da noite na mesma escola que cursei o fundamental I. Durante a antiga 6ª série foram momentos de muitas descobertas, porém, o que me marcou muito foi o fato de ter sido reprovada e até hoje não entendo o motivo, lembro que o professor era o mesmo com que estudei na 2ª série, quando ficamos na recuperação ele fazia questão de dizer “eu quero ver se vocês vão passar”, com um tom de ironia. Na prova tinha justamente as questões que os alunos tinham mais dificuldades e de todos que foram para a recuperação nenhum passou para a série seguinte, então, no ano seguinte cursando a 6ª série novamente, me dediquei um pouco mais e consegui ser aprovada.

Nos anos consecutivos, 7ª e 8ª série, minhas notas sempre eram boas e não sei se por causa do trauma

de ter ficado reprovada em matemática no ano anterior, me dediquei mais a essa disciplina e sempre tirava notas boas.

Na 9ª série éramos uma turma muito boa que cativava os professores e sempre nos elogiavam. No início do ano, surgiu a ideia de comemorarmos o final do ano letivo em outro local, porém, isso só aconteceria se tirássemos boas notas. Nos empenhamos cada vez mais nos estudos, e também fazendo rifas, sorteios de brindes e até leilão para arrecadarmos o dinheiro para a viagem. Conseguimos! Fomos passar um dia no Arajara Park, na cidade de Barbalha. Lembro-me que o dinheiro foi dividido em partes iguais para os alunos, foi um dia inesquecível, pena que naquela época para mim era difícil registrar aquele momento em fotos ou vídeos, ficando apenas as recordações na memória.

Durante o ensino médio tínhamos que nos deslocar até a sede da cidade, porque era o único lugar que oferecia essa modalidade. Saía de casa por volta de 16hs, em um carro pau de arara até a cidade de Saboeiro para e retornávamos para casa por volta da 22hs. Foi um período de muito sofrimento, durante a quadra chuvosa andávamos em um carro com péssimas condições, o mesmo não oferecia proteção contra chuva, às estradas eram ruins, esburacadas e acidentadas, algumas vezes o carro passava por situações adversas durante a viagem.

Tempos depois quando cursava o 2º ano do ensino médio, mudaram para o turno da manhã. Nessa época eu já estava casada (ano de 2010) então ficou melhor e menos perigoso para me deslocar até a cidade. No ano de 2011 concluí o ensino médio com êxito e no ano posterior por indicação política comecei a trabalhar como professora do ensino fundamental II com turmas de 6º ao 9º ano, lecionando as disciplinas de ciências, arte, educação física e inglês. Foram períodos difíceis, pois não sabia que tinha que planejar as aulas em um caderno de plano, ninguém tinha me informado nada, mas com todas as dificuldades me adaptei a rotina de professora.

1.3 – Início da carreira docente

Em 2012, mesmo período em que estava me adaptando como professora do ensino fundamental II, descobri que estava grávida, era uma gravidez de risco, no qual tive que fazer uma cesárea com 6 meses de gestação e a criança vindo a falecer 1 mês depois. Devido a esse acontecimento fiquei seis meses de licença maternidade.

No ano de 2013 voltei para a sala de aula e ingressei no ensino superior, como era o meu sonho, na graduação de pedagogia em uma faculdade privada, as aulas aconteciam somente nos finais de semana, porém eu não estava satisfeita com o ensino, o mesmo acontecia somente dois domingos por mês, nesse período de insatisfação foi então que quando surgiu o Plano Nacional de Professores da Educação Básica – PARFOR, ofertado pela Universidade Regional do Cariri – URCA.

1.4 – O PARFOR em minha vida – Ingresso no Nível Superior

Ao iniciar o PARFOR no ano de 2014 parei de frequentar a outra instituição. No início do curso pude perceber que ali eu iria crescer, não só na profissão, mas também como pessoa, os professores que nos acompanhavam eram muito solidários com nossas causas, pois ser professor nos dias atuais não é uma tarefa muito fácil. Por ser um curso que funcionava na sexta-feira à noite e durante o sábado, os alunos chegavam exaustos na sala, mas sempre com um sorriso no rosto e uma grande parceria entre si. Neste curso pude criar laços de amizades com pessoas muito especiais que mim fizeram ver com alegria a vida se tornar melhor.

O objetivo do curso era proporcionar aos discentes um curso superior que pudesse auxiliar na prática educacional, nos dando a capacidade de sistematizar os conteúdos de forma prática e teórica. Com a mediação dos professores Karla Brandão, Maria Isa, Marcos Eliano e Marteana, sempre escolhendo professores capacitados, nos trazendo informações científicas, de forma dinâmica que nos faz ter prazer de estar naquele ambiente, as informações que eles transmitiam eram de fundamental importância para o aperfeiçoamento da nossa prática pedagógica em sala de aula, despertando nossa criticidade e o desejo de nos informar sempre mais para oferecer aos nossos alunos uma educação de qualidade.

Durante o curso pude refletir sobre minha prática docente que através dos estudos realizados, seminários, estágio e sobre a responsabilidade que devemos ter em formar mentes criativas e críticas na sociedade e especialmente na nossa região.

O ensino superior nos abre espaços que muitas vezes não tínhamos oportunidades de estar desempenhando tal função, a exemplo os estágios, me proporcionaram experiências que estarão sempre em minha memória, como o estágio em educação infantil, como nunca havia trabalhado com crianças de creche e pré-escola. Este momento foi à hora de pôr em prática os conhecimentos teóricos obtidos ao longo do curso, não foi uma tarefa fácil no começo, houve um estranhamento dos alunos, mas logo começaram a me chamar de tia, foram bons momentos que me fazem admirar e respeitar os professores que atuam nessa área, porque é uma tarefa muito difícil.

Já durante o estágio em gestão, senti mais facilidade, essa experiência me ensinou como é importante respeitar a opinião dos outros e o espírito de liderança, é uma área que pretendo me especializar.

O curso me proporcionou conhecer pessoas novas e conviver de forma harmoniosa durante esses anos e que me ensinaram a cultivar cada vez mais o espírito de parceria. Ao final da faculdade, pretendo cursar uma especialização em Gestão Escolar, para aprofundar meus conhecimentos e estudar sobre outras áreas da educação. Ampliar a curiosidade que me move a pesquisar e conhecer mais sobre avaliação na educação.

O interesse inicial para a escolha desse tema monográfico surgiu por meio das vivências durante as atividades realizadas durante o Estágio Supervisionado em Educação Infantil. Nesse período pude vivenciar várias etapas que podem ocorrer em um ambiente escolar, como o planejamento, a rotina, jogos e brincadeiras, porém, o tempo do estágio não permitiu um aprofundamento maior em como se dá o ato de avaliar.

Durante toda a graduação permaneci com essa curiosidade, constante era a vontade de aprofundar meu conhecimento sobre o tem. Outro motivo que também me moveu a pesquisar sobre esse tema foi o fato de eu ter um filho de quatro anos e não receber informações sobre como ocorre seu processo avaliativo. Como mãe, acredito que deveria receber algum documento por escrito, como um relatório ou pelo menos que fosse apresentado o portfólio com as atividades desenvolvidas por ele. Quando muito recebo são informações apresentadas de forma verbal pela professora durante as reuniões bimestrais.

No entanto, sinto a necessidade de ser informada através de um documento, assim poderia ajudar o professor a sanar algumas dificuldades que ele enfrente que eu como mãe possa não ter percebido e conhecer em que aspectos ele já progrediu. Acredito que a parceria entre família e escola é de suma importância pra a evolução do trabalho docente bem como no desenvolvimento, os dois devem andar de mãos dadas em busca de um só objetivo a educação de qualidade para o discente e a busca de um ser que possa ser um agente de transformação para a melhoria da sociedade tornando justa e igualitária.

Concordo com Szymansky quando ele cita que “Ambas as instituições têm em comum o fato de

prepararem os membros jovens para a inserção futura na sociedade e para o desempenho de funções que possibilitem a continuidade da vida social". (2001, p.61).

Quando ocorre a parceria entre essas duas instituições o processo avaliativo torna-se mais fácil para o aluno e com o auxílio da família a criança tende a avançar mais ainda no desempenho do conhecimento sistemático.

O processo avaliativo na educação infantil, não é uma tarefa fácil, requer o olhar atento do professor, que deve observar o educando diariamente para que a avaliação seja feita de maneira coerente, porém, uma das dificuldades que se encontra, é que alguns professores apresentam dificuldades em avaliar com outros métodos que não seja o relatório. Alguns questionamentos me inquietam: será que o professor compreende a importância de avaliar os alunos por outros métodos? E quanto ao relatório, os pais tem acesso aos mesmos? Eles conhecem a maneira pela qual seus filhos são avaliados?

Partindo desses questionamentos, iniciarei minha pesquisa para melhor compreender quais metodologias podem contribuir para melhorar o trabalho docente e refletir como se dá o processo avaliativo na educação infantil, bem como conhecer os instrumentais que são utilizados para avaliar na educação infantil.

ANEXO G – MEMORIAL DA ESTUDANTE-PROFESSORA ANTONIA OLINDA DE OLIVEIRA ALMEIDA

ALMEIDA, Antônia Olinda de Oliveira. História de vida: quem eu sou?. In: *Refletindo sobre a importância da relação família x escola*. 2019. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (48p) (pp. 13-20)

1 HISTÓRIA DE VIDA: QUEM EU SOU?

Eu sou Antônia Olinda de Oliveira Almeida, filha primogênita da família, nascida no sítio Santa Rosa, no município de Saboeiro, no sertão cearense. Sou filha do casal de agricultores Antônio Martins de Oliveira e Maria de Fátima Olinda de Oliveira. Tenho três irmãos, sendo dois homens e uma mulher.

Sou oriunda de uma família humilde, mas que me fez herdeira de muitos valores, assim como a meus irmãos. Meu pai, homem da roça, analfabeto, e minha querida mãe, que também nunca frequentou uma escola, eram doutores da escola da vida. Nosso lar humilde e simples era cheio de amor, e desde cedo aprendemos que deveríamos ser unidos e nos proteger uns aos outros. Nossos pais nos ensinaram a sermos respeitosos com as pessoas, principalmente os mais velhos, a obedecê-los sem reclamar e, a valorizar o trabalho e a honestidade. Não tínhamos tudo, materialmente falando, mas nunca nos faltou comida na mesa e amor.

Aos meus sete anos, experimentei pela primeira vez a dor da perda. Meu pai faleceu e minha mãe, mulher forte e guerreira trabalhou em serviços pesados para que não nos faltasse nada. Sua força foi sempre o nosso maior exemplo. Pela força das circunstâncias, eu, como a filha mais velha, tive que tomar conta dos meus irmãos e também ajudar a minha mãe na roça.

No começo foi muito difícil, visto que eu nunca tinha ido à roça antes, pois meu pai não deixara. Eu sofria com uma alergia nas pernas por causa de alguns tipos de vegetais, surgiam feridas e coçava muito, mas não podíamos nos dar ao luxo de deixar aquele trabalho. Com o passar do tempo fui desenvolvendo resistência a isso também, me sentindo mais forte à medida que meu corpo se adaptava à árdua tarefa e comecei a ganhar dinheiro para comprar minhas coisas e ajudar minha mãe.

Um fato marcou minhas lembranças dos dias mais difíceis: um dia chegou uma mulher na minha casa pedindo para me adotar, já que era difícil para minha mãe trabalhar para sustentar a nós todos. Escondi-me embaixo da cama para não ir com ela. Minha mãe, mulher forte e guerreira como já falei, só a agradeceu pela preocupação e disse que não daria seus filhos a ninguém. Foi reconfortante ouvi-la dizer aquela mulher que se passasse um dia sem comer, seria ao meu lado, mas completou dizendo que se dependesse dela, isso não aconteceria. Ela garantiu que se Deus tirou o pai tão cedo, é porque achou que ela tinha a capacidade de nos criar.

Hoje me dou conta de quão ricos éramos, mesmo com todas as dificuldades que enfrentamos. A gente dialogava, algo tão raro nas famílias de hoje. Uma coisa que meus pais sempre me ensinaram foi a ser honesta e que nunca devemos querer aquilo que não é da gente. Ensinaram ainda que devemos lutar e conquistar o que queremos ter na vida um dia pelos nossos próprios méritos. Eu agradeço a Deus todos os dias por esses ensinamentos que fazem tanta falta na atualidade.

Tive uma infância feliz, apesar da perda do meu pai e da mudança brusca na rotina familiar. Sempre achava um tempinho para brincar com os meus irmãos e algumas coleguinhas da vizinhança.

E fui crescendo consciente de que eu deveria lutar para alcançar meus sonhos, sem prejudicar ninguém, sempre recordando os conselhos que recebia, e sonhando com um bom casamento, uma casa própria, estudar e ter um trabalho, porque sempre associei o sonho romântico de casamento e família à independência financeira.

Posso dizer que sou uma pessoa realizada, porque alcancei os dois maiores objetivos que tracei pra minha vida. Com a conquista do casamento e do trabalho, vieram novos sonhos, que estou buscando realizar.

1.1 O casamento, a formação da família e a experiência de dias difíceis

Casei-me ainda muito jovem, aos dezesseis anos, com uma pessoa maravilhosa, trabalhadora, honesta e que sempre pensa na felicidade da família. Tenho dois presentes que Deus me deu: duas filhas maravilhosas, pelas quais agradeço a Deus todos os dias. São obedientes, carinhosas e nunca nos deram trabalho. São meu tudo.

Tenho agora o novo sonho de ver as duas formadas. Era a herança que eu pretendia deixar para elas, que ninguém jamais iria tirar, mas ainda não realizei este sonho. A mais velha, Maíza, que hoje tem 23 anos, ainda fez até o sétimo semestre do curso de Fisioterapia, mas não quis concluir. A caçula, Taísa, tem 19 anos, concluiu o Ensino Médio, mas desistiu realizar o sonho de ser Policial Civil, optando também por casar muito nova. Fiquei muito triste, frustrada, mas depois entendi que o meu sonho não é o mesmo delas, pois somos livres para fazer escolhas. Deixei-as escolherem o que é melhor para elas, mas ainda tenho esperança de esse sonho se concretizar. Sou uma pessoa feliz, alegre e sou muito família. Gosto de estar junto, dividindo alegrias, conquistas e desafios enfrentados no dia-a-dia.

Como nem só de alegrias e conquistas é feita a vida, quando minhas filhas eram ainda pequenas, tive um problema sério de saúde, um estreitamento no canal renal. Passei três anos fazendo um tratamento para poder depois fazer uma cirurgia. Teve momentos que eu pensei em desistir de tudo e não mais continuar o tratamento, pois foi um tempo muito difícil para mim e minha família. Tinha que tomar um medicamento duas vezes por semana na cidade de Barbalha. Esse medicamento me deixava anestesiada, por assim dizer. Eu não tinha condições de levar um acompanhante todas as vezes que precisei tomar a medicação. As minhas despesas apenas, já eram suficientemente altas. Então eu ia sozinha mesmo, com o poder de Deus. Cada vez que eu ia, chegava mais desanimada, pois não tinha melhoras. Tive quase desistindo, mas com a força do Senhor, eu pedi a Deus que, se fosse da Sua vontade, não me deixasse desistir de tudo, que me desse forças para vencer todas as dificuldades que ainda tivesse pela frente. E continuei o tratamento. Fiz a cirurgia com muitas dificuldades, pois estávamos sem nenhuma condição financeira, mas Deus abriu vários caminhos e encontramos amigos que ajudaram muito. Assim, fiquei boa de saúde e agradeço, todos os dias da minha vida, por ter alcançado essa graça.

1.2 Trajetória estudantil, profissional e acadêmica

Agora é hora de relatar alguns fatos que marcaram minha trajetória estudantil. Quando fui para a escola, já fui alfabetizada. Não estudei na creche, e já fui direto para o primeiro ano, pois na época não tinha escola perto da minha casa. Meu pai, preocupado com nosso futuro, contratou uma professora para alfabetizar-nos em nossa casa, a mim e a meu irmão.

Foi uma experiência de apenas cinco meses, pois sendo meu pai agricultor e os recursos financeiros muito escassos na época, foi com muito sacrifício que, do pouco que ele ganhava, pagasse-nos um professor

particular. Entretanto, foi o suficiente para nós conhecermos o alfabeto, soletrar algumas sílabas e palavras curtas e escrevermos os nossos nomes.

Aos seis anos fui direto para o primeiro ano. Estudei então um ano, onde cursei a Alfabetização e tive que deixar aquela escola, pois meu pai faleceu e com isso não tinha mais quem nos levasse à escola, que ficava muito longe de casa. Era ele quem ia nos levar de bicicleta, todo dia, deixar e buscar na escola, lembrança que aquece meu coração até hoje, pois mesmo sem estudo, meu pai desejou que nós estudássemos. Então, minha mãe me transferiu para estudar o 1º Ano na cidade de Saboeiro, na casa de parentes. Eu ali passava a semana, e no final de semana voltava para minha casa, no sítio.

Recordo que no meu primeiro dia de aula na escola da sede, fui muito bem acolhida pela professora, mas que fiquei com medo quando vi aquele número de alunos, bem diferente da minha primeira escola rural. Medo, timidez e insegurança tomaram conta de mim. A professora perguntou meu nome e eu não sabia. Mandou eu ler o alfabeto, eu também não sabia. Travei, eu não sabia de nada. Eu estava muito assustada. Então, meus colegas de classe falavam para a professora me mandar de volta para a creche, pois eu não sabia de nada. Na época nem se falava em *bullying*, mas aquele momento foi muito ruim. Mas, a doce professora veio perto de mim e disse que eu não tivesse medo, que era só meu primeiro dia de aula, que eu ainda estava em fase de adaptação, que eu não me preocupasse, pois iria dar tudo certo. Assim os dias foram passando e eu superava a cada dia as dificuldades.

Lembro-me que no final do ano, eu era a aluna mais inteligente da sala. Os mesmos colegas que me zoaram, ficaram com ciúmes falando que a professora só me adulava. Ela dizia que não precisava adular ninguém e que reconhecia que eu queria alguma coisa da vida.

Estudei dois anos nessa escola, que se chamava Escola de 1º Grau Olavo Oliveira. Nesse período minha avó ficou viúva e morava sozinha em Catarina, município vizinho a Saboeiro. Então eu quis ir morar com ela para ir estudar por lá também, em uma escola muito boa, de profissionais dedicados. Estudei então mais dois anos na Escola José Mota, e vim embora quando fui cursar a 4ª série em uma escola chamada José dos Santos Silva, no sítio onde morava com minha família. Comecei a gostar de um garoto que eu tinha conhecido ainda criança. Também recebi um convite para trabalhar dando aula e eu aceitei. No outro mês me casei. Parei de estudar e fui ser professora e dona de casa.

Como era uma época em que para ser professor nas escolas rurais bastava ter o chamado Primário, ou seja, o 4º Ano do Ensino Fundamental, eu iniciei minha vida docente ainda mocinha, com muitos sonhos, alegria e apaixonada. Tudo parecia perfeito, e era, pois eu me sentia imensamente feliz.

Comigo não foi diferente das outras adolescentes da época. Também tive aqueles momentos de rebeldia, em que acreditava que podia dominar o mundo e fazer tudo que tivesse vontade. Assim, reclamava quando queria ir a algum lugar e era impedida pela minha mãe.

Casei muito jovem, e com o primeiro namorado da infância, José Itanildo. Ele era o meu príncipe encantado. Era um jovem agricultor, de origem e vida simples como eu, bem como com os mesmos princípios de honestidade que construí com minha família, que também morava no Sítio Santa Fé. Assim, em novembro de 1995 ficamos noivos, e em dezembro do mesmo ano nos casamos. Eu tinha então 16 anos e ele 19 anos.

Passei nove anos parada, sem estudar. Quando foi um dia meu sogro, Francisco Sales, que é meu segundo pai, disse que eu iria voltar a estudar. Fui logo no dia seguinte fazer minha matrícula lá na escola de Jucás. Iria fazer supletivo à distância. Estudaria em casa e iria só fazer as provas naquela cidade. Porém, no dia seguinte,

já matriculada e de posse das apostilas para estudar, ele falou que eu não iria mais fazer o supletivo à distância, e sim Telecurso, em Saboeiro, onde novas turmas tinham sido abertas. Com a mudança de planos, meu sogro que foi para mim o pai que eu havia perdido e meu maior incentivador para o meu retorno aos estudos, mandou logo a irmã dele fazer minha matrícula.

Tive receio pelas dificuldades que enfrentaria. Não seria mais uma experiência de ensino à distância, onde eu só precisaria sair de casa para fazer as provas mensais. Eu tinha que ir diariamente a Saboeiro assistir às aulas. Fiquei pensando no ônibus que levava os estudantes, que passava há uma distância de quatro quilômetros da minha casa, e como eu faria para pegar esse transporte? Falei com ele na dificuldade e que não iria dar muito certo por esse motivo, porém, ele falou que daria certo sim. Foi lá no patrão dele, que na época era o prefeito, e pediu uma ajuda de custo para eu poder estudar. Então, ele combinou e me dava o valor de cinco litros de gasolina por semana. Desse modo, eu ia de moto até onde passava o ônibus escolar.

Foi um grande desafio, pois eu era dona de casa, mãe de família, tinha que sair de casa às três horas da tarde, deixar a janta pronta, as meninas banhadas, mas fui em frente, sempre incentivada pelo meu sogro. Ele me deu tanto apoio e falava que eu não deveria me preocupar com minhas filhas. Elas ficavam lá com ele.

Tinha dias que o ônibus ficava sem combustível no meio do trajeto de volta, e eu ficava na estrada, com os demais alunos. Por essa razão, algumas vezes eu chegava em casa de madrugada, o marido reclamava, porque eu teria que acordar cedo para arrumar as meninas para ir à escola, depois ir trabalhar e ainda fazer comida para trabalhador. Pensei mesmo em desistir, mesmo querendo muito estudar. Até me questionava, se eu queria tanto continuar os estudos, não deveria ter me casado. E ao colocar todas essas questões, novamente meu sogro dizia: “Que conversa é essa? Vai estudar sim, pois estão dizendo por aí que só vai continuar trabalhando quem tiver pelo menos o Ensino Médio completo.” Dessa forma, eu tive que continuar.

E hoje eu vejo como valeu apenas a insistência e o incentivo desse homem que representa tanto na minha vida. Concluí então o Ensino Fundamental e Médio em quatro anos e meio. Depois só vieram coisas boas. O pessoal falava que o Telecurso só servia para ter um certificado, era só por causa de um simples papel, mas para mim não foi. Já conquistei várias coisas, após realizar esse curso, pois eu acredito que quando a gente valoriza as oportunidades, se esforça, estuda para valer e complementa os conhecimentos adquiridos, a gente não fica para trás de quem teve acesso a outras formas de ensino, e que para quem não quer chegar a lugar algum, as oportunidades são desperdiçadas, e o tempo e o investimento são jogados fora.

Após concluir o Telecurso, fiz um curso muito bom – o Proinfantil. Não cheguei a concluir porque quando estava no oitavo módulo, tive um problema de saúde e achei que ia morrer. Hoje me arrependo muito de não ter concluído, pois agora eu teria feito o concurso e poderia até ter passado.

Em 2014, veio outra grande conquista – o Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), uma faculdade que só veio para somar tanto na minha vida pessoal, quanto profissional. Essa foi uma oportunidade que não poderia nem pensar que ia acontecer comigo. Vir para minha cidade, de graça, sem custo. É um sonho de qualquer pessoa. É difícil, mas ninguém consegue nada na vida sem sacrifício.

O PARFOR é um programa que só me fez crescer enquanto profissional. Antes eu tinha a prática e não a teoria. Hoje, posso dizer que estou me apropriando da prática e da teoria. O trabalho desenvolvido em sala de aula, as formas de como aplicá-los, meu planejamento, todos esses aspectos contribuem para que hoje minha forma de ensinar seja diferente. Eu só tenho a agradecer, primeiramente a Deus e segundo, à Universidade Regional do Cariri (URCA), que possibilitou a vinda desse importante programa de formação de professores, que só veio abrir

portas para eu alcançar meus objetivos e realizar sonhos.

No futuro não terei vergonha de falar, que depois de quarenta anos consegui cursar uma faculdade, que valeu a pena esperar. Foi até bom porque me fez pensar que nunca é tarde para alcançar o que tanto almejamos, me fazendo compreender que não é hora de parar, pois ainda tenho muito chão a percorrer em minha trajetória estudantil.

Então aqui eu finalizo a minha história de vida deixando uma mensagem: aqueles que precisam ser motivados, não desistam fácil. Lutem pelos seus objetivos. Só confiem em Deus, que Ele tudo pode.

Considero-me ainda um ser em construção, pois ainda não pretendo colocar um ponto final nas minhas conquistas. Quero ser um exemplo para as minhas próprias filhas, que poderão também um dia retomar os estudos e alcançar novos degraus, se surgir esse desejo em seus corações. Aprendi que nunca é tarde. Nesse processo de autoconstrução, estou atenta a outras coisas importantes, compreendendo melhor o mundo em que vivemos, e o comportamento das pessoas.

Diante de todas as experiências vivenciadas, tem uma coisa com a qual fico muito irritada que é com as injustiças que acontecem. Hoje as pessoas não pensam mais no próximo, só defendem seus próprios interesses. Se estão bem, isso é apenas o que lhes importa.

E também observo a mim mesma, aos detalhes do todo que me compõe. Tenho uma mania com limpeza e organização. Para mim tudo tem que estar rigorosamente disposto em seu lugar e extremamente limpo, e isso é tão intenso que acredito mesmo que seja uma doença. Quando encontro uma coisa fora do lugar ao chegar em casa fico muito estressada, e já começo a averiguar se está tudo certo, assim que atravesso a porta de entrada. Se tiver uma cadeira fora do lugar, eu não consigo me concentrar, enquanto não for lá e arrumar.

Porque encerrei minha história de vida com esse detalhe? Sinceramente não sei. Mas, talvez seja parte de mim importante, que eu preciso rever, e mudar. Talvez porque essa característica seja, em meio às minhas lutas e conquistas a tal cadeira fora do lugar que preciso ir arrumar pra seguir em frente na minha trajetória.

Certamente, as experiências vivenciadas, a princípio, com meu pai, que andava quilômetros para garantir a minha frequência diária e de meu irmão à escola; com minha mãe, que muito trabalhou, para que continuássemos estudando, mesmo depois da partida precoce do meu pai; e com meu sogro, que muito se esforçou e me ajudou para que eu continuasse estudando, até chegar ao nível em que estou, contribuíram para que neste Trabalho de Conclusão de Curso eu optasse por discutir parte das problemáticas e desafios que permeiam a relação família x escola, na educação contemporânea.

Na seção seguinte, tratamos dessa relação, com base em pesquisas anteriores, que já trataram dessa pertinente temática.

ANEXO H – MEMORIAL DA ESTUDANTE-PROFESSORA CÍCERA SATURNINO DE OLIVEIRA

OLIVEIRA, Cícera Saturnino de. Relato de experiência formativa. In: *A importância do lúdico para a educação infantil: o que dizem as professoras da escola Daulia Bringel Olinda*. 2019b. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (46p) (pp. 13-20)

01 – RELATO DE EXPERIÊNCIA FORMATIVA

O presente texto é um relato de minhas experiências estudantis, educacionais e profissionais, aqui descrevo todo o processo pelo qual passei, as dificuldades enquanto criança, bem como durante minha vida estudantil, as superações e a conquista de objetivos profissionais que me impulsionaram e o fazem até hoje para seguir em frente.

Sou Cícera Saturnino de Oliveira, conhecida pelos amigos como “Badá”, nasci no Sítio Lagoa dos Marinheiros, município de Saboeiro – CE. Sou filha de João Saturnino Neto e Maria Cândida de Oliveira, sendo a família formada por 10 irmãos. Meus pais eram agricultores e analfabetos, mesmo com todas as dificuldades nunca mediram esforços para que todos os filhos estudassem.

1.1 – Infância e Vida Estudantil

Iniciei minha vida estudantil aos sete anos de idade. As aulas aconteciam na própria residência da professora, pois na localidade não havia escola. A metodologia era bem tradicional, todos temiam o autoritarismo da professora, que mesmo sem formação dominava bem os conteúdos a serem repassados. Essa postura é representada nas palavras de Saviani (2009, p. 6): “[...] A escola organiza-se como uma agência centrada no professor, o qual transmite, segundo uma graduação lógica, o acervo cultural aos alunos. A estes cabe assimilar os conhecimentos que lhes são transmitidos”.

Era uma turma multisseriada, todas as crianças da localidade estudavam ali, do 1º ano ao 5º Ano, todos na mesma condição, tanto da escola como de suas casas. Adorávamos brincar de bonecas confeccionadas com espigas de milho e carrinhos com caixa de sapatos. Também brincávamos de pular corda, pega-pega e correr. Brincadeiras que não exigiam uma condição financeira para acessá-las, era tudo muito simples e humilde, mas nos proporcionava uma felicidade sem explicação.

Nessa escola estudei até o 5º ano, minha experiência foi de aprendizagem e muita interação com meus amigos, sempre respeitando a todos e a professora, que nos tratava muito bem e dava o melhor de si. Mesmo com a falta de materiais ela sempre nos ajudou, mesmo com suas limitações financeiras. Lembro-me que ela sempre nos incentivava a ter boas atitudes para com o próximo, nos mostrava que mesmo com todas as dificuldades, sempre havia uma saída e que sempre deveríamos enfrentar qualquer dificuldade para conseguir alcançar um bom desempenho e construir nosso caminho afim de chegar a nossos objetivos, essa atitude de nos incentivar me marcou positivamente.

Do 5º ano até o 9º ano estudei no Distrito de Saboeiro chamado Malhada. O mais difícil era enfrentar a distância da minha casa até a escola, pois tínhamos que ir a pé e ainda existiam outros fatores que contribuíam

com essa dificuldade. O horário das aulas era a noite, às vezes enfrentava chuva e noites bastante escuras em estradas carroçais. Sabia que era necessário enfrentar todos esses percalços, pois, o estudo era a única coisa que nossos pais podiam nos oferecer. Com todo esse sofrimento, a cada dia me esforçava mais, respeitava meus professores que até hoje tenho como referência de ser humano, que nos dedicava seu tempo e esforço em busca de nos oferecer um ensino digno.

No fundamental II, foi totalmente diferente. Os professores eram concursados e com formação superior, suas metodologias eram diferenciadas das que já tinha visto, a maneira de repassar os conteúdos eram mais desafiadoras, me colocava a pensar até encontrar respostas, eram aulas criativas, que a cada dia auxiliavam na construção de novos conhecimentos e aprendizagem com maior facilidade.

Após a conclusão do Ensino Fundamental, passei a cursar o Ensino Médio na cidade de Saboeiro concluindo no ano de 2003. Sempre buscando a cada dia crescimento e sabedoria, na esperança que tudo que tinha passado, poderia ser recompensado, buscando cada dia ser melhor, com a perspectiva de ingressar em uma faculdade, pois sabia que com o nível superior, as chances de conseguir um bom emprego, seriam bem maiores, mas, também com a consciência de que minhas condições financeiras iriam dificultar esse processo.

1.2 – Experiência Profissional

Em 2005 fui convidada para trabalhar três meses, como professora substituta. O trabalho era com crianças em turmas de multisseriado durante a tarde, e a noite com turmas de jovens e adultos.

Nesse momento senti medo, pois tudo era novo, não tinha experiência nem o conhecimento acadêmico adequado. A escola estava localizada num sítio distante do meu. Tinha medo de não conseguir dar conta, mas ao mesmo tempo, tinha a certeza de que iria enfrentar o desafio, só tentando é que eu iria saber se daria certo. Enfrentei sol e chuva, mas com o intuito de fazer dá certo, sempre dando o meu melhor.

Sempre busquei atender a necessidade de cada aluno respeitando seus ritmos, suas dificuldades, ajudando-os a enfrentar seus medos. A noite trabalhava com jovens e adultos, eles já vinham para sala de aula cansados dos serviços pesados da roça, porém eles vinham em busca de novos conhecimentos. Cada dia que passava eu aprendia cada vez mais com eles, pois me ensinavam a ser um ser humano diferente do que eu era. Sempre traziam no rosto um sorriso, sem demonstrar o sofrimento com o qual passavam e muito menos vontade de desistir.

Mesmo sem cursar uma faculdade, estava sempre em busca de novos conhecimentos, novas formas para se trabalhar com os alunos, para que eles não desistissem, pelo contrário, sentissem cada vez mais vontade de estar presente naquele ambiente. Pesquisava músicas, dinâmicas criativas, sempre respeitando suas crenças e valores, seus ritmos de aprendizagens e os pensamentos diversificados de cada uma das realidades culturais de cada um.

Como nos apresenta Arbache “Visualizar a educação de jovens e adultos, levando e conta a especificidade e a diversidade cultural dos sujeitos que a elas recorrem. Torna-se, pois um caminho renovado e transformador nessa área educacional”. (2001, p.22).

Convivendo diariamente com esses alunos, aprendi através de seus ensinamentos a mudar minha maneira de ver o mundo, valorizar as conquistas e as pequenas coisas do nosso dia a dia. Atualmente, sou uma pessoa mais experiente, fruto das experiências e dos valores que eles transmitiram para mim, através de seus ensinamentos.

Cresci muito com essas duas experiências. Até nos dias atuais sou admirada por todos da comunidade que lecionei durante esses 02 anos, onde levava e trazia conhecimentos e aprendizagens. A metodologia de trabalho, o trato com o outro mostra todo o diferencial, como nos diz Freire:

A alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo o próprio analfabeto, somente ajustado pelo educador. Esta é a razão, pela qual procuramos um método que fosse capaz de fazer instrumento também do educando e não só do educador. (1979, p.72).

Portanto, a educação de jovens e adultos e qualquer outro tipo de educando que o educador esteja a alfabetizar, deve entender que ambos precisam de um incentivo e apoio, uma vez que não podem ser vistos como uma sobrecarga que deve carregar em si uma nova oportunidade de adquirir novos conhecimentos. Para tanto, é papel do educador, buscar novas formas de intervenção e transformação da realidade vivenciada, problematizando assim, um diálogo construtivo e constante com o educando, a fim de promover um melhor desenvolvimento educacional.

Após esse período de três meses, fui convidada a continuar trabalhando na mesma escola. Nessa época fui contemplada com um curso chamado PROINFANTIL, (Programa de Formação Continuada para Professores em Exercício na Educação Infantil) um curso a distância, em nível médio e na modalidade Normal, para formação de professores de Educação Infantil que atuavam em creches e pré-escolas e que não possuíam a formação exigida pela legislação, sendo realizado pelo MEC em parceria com os estados e os municípios interessados. Aconteceu num período de 2 anos, sendo essa a oportunidade que ganhei para desenvolver um melhor trabalho em sala e adquirir novos conhecimentos que me tornaram uma profissional com uma maior possibilidade de resolver as dificuldades do dia a dia em sala.

O PROINFANTIL utilizava atividades a distância orientadas por meio de material impresso e videográfico, e atividades presenciais que aconteciam no período de férias escolares (Fases Presenciais) e nos sábados (Encontros Quinzenais), éramos acompanhadas por tutores por todo o período letivo. O material era muito rico, os livros abrangiam todos os estudos possíveis sobre educação infantil, filosofias e teorias que nos auxiliavam a melhorar nossa prática diariamente.

Este curso me ajudou na minha prática com novas propostas de metodologias que me auxiliavam no desenvolvimento das atividades em sala e de uma certa forma até na minha vida pessoal, me tornando uma pessoa mais confiante e capaz de desenvolver com segurança o meu trabalho.

Mesmo tendo tido uma experiência de apenas três meses, e já me sentia mais confiante. A docência nas turmas de Educação de Jovens e Adultos representou para mim uma rica experiência, a cada dia aprendia mais e mais, havia uma troca de conhecimentos, era um aprendizado diferente.

O trabalho com crianças sempre foi muito gratificante. Me fazia lembrar da minha primeira professora que não tinha nenhuma formação, mas sempre buscava nos ensinar do jeito dela, usando apenas cartilhas. Eu já dispunha de outros meios de pesquisas para tornar minhas aulas prazerosas, com isso às crianças tinham mais prazer em voltar no outro dia para a aula.

1.3 Ingresso no Nível Superior – O PARFOR em minha vida

Com o passar dos tempos eu sentia cada vez mais a necessidade de uma formação em nível superior

para melhorar a minha prática enquanto docente. No ano de 2013, tive a oportunidade de iniciar o curso de pedagogia em uma instituição privada ficando ainda um ano.

A cada dia sentia a necessidade de renovar os meus conhecimentos e sabia que a graduação iria me proporcionar essa realização. A situação era muito difícil, a questão financeira não contribuía para que eu pudesse continuar o curso, pensando muitas vezes em desistir.

Felizmente no ano de 2014 tive a oportunidade de fazer o vestibular concorrendo a uma vaga para o curso de pedagogia no Plano Nacional de Formação de Professores para a Educação Básica – PARFOR, ofertado pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Era tudo que eu queria, cursar o nível superior, me aperfeiçoar enquanto profissional, auxiliando na criação de metodologias e para atender as necessidades de cada aluno com quem trabalho, visando aprimorar o desenvolvimento e a capacidade de todos.

Meu desejo foi atendido, cursar pedagogia, através do PARFOR, de graça e em uma instituição de peso como a URCA, graças a Deus a cada dia minhas expectativas são atendidas, melhorando ao passar dos anos.

Com a chegada do PARFOR minhas habilidades estão sendo aprimoradas, sinto segurança para trabalhar na certeza de que estou fazendo a coisa certa, que estou contribuindo de maneira útil para a formação dos educandos com os quais trabalho. A cada dia estou me superando, principalmente nos trabalhos em sala, seminários, com o apoio dos professores sempre me mostrando que sou capaz, que tenho que enfrentar meus desafios.

A cada aula temos um aprendizado diferente, desafios, conhecimentos que me proporcionam ser melhor, a trabalhar com a certeza que estou fazendo a coisa certa, em teoria e em prática, ter iniciativa e confiança no que diz respeito ao meu trabalho, construindo meus próprios ideais e formando minha opinião, valorizando os meus conhecimentos, é assim que me sinto depois do PARFOR. Conforme Campos,

O ensino atual pragmático em excesso, e tendo em vista a urgência e os resultados contábeis, equipa mal a uns meninos e meninas, jovens e que, daqui a pouco terão de começar a mover as peças da própria existência e da alheia. Só uma educação que saiba evitar as exigências... mas também mais perduráveis do nosso tempo, conseguirá alcançar seus objetivos básico: ensinar a viver bem. (1994, p. 132).

Com aprendizado diferenciado, desenvolvendo estratégias e a cada dia renovando as minhas aulas, colocando em prática o que eu tenho aprendido com o compromisso de ajudar a cada dia aos educandos com os quais trabalho a serem capazes de construir seus próprios aprendizados e conhecimentos.

Minhas expectativas quando terminar este curso é ingressar em um curso de pós-graduação, pois sei que sempre temos que estar buscando novos desafios, que nos permita melhorar nosso trabalho, com novos conhecimentos, com uma bagagem de informações. Com isso, irei aprimorando a minha aprendizagem e tornando-me um profissional melhor e sala de aula, buscando a cada dia um bom crescimento com reconhecimento do meu trabalho. Ter mais confiança no que irei falar, com maior autonomia, sem medo de errar, porque quem estuda adquire mais conhecimento.

A escolha por esse tema monográfico parte de minha experiência enquanto professora de educação infantil, e vejo muito o brincar presente nesta fase do desenvolvimento. Através do lúdico as crianças aprendem mais, compartilham com os outros, se envolvem na interação com os outros. Através do lúdico eles despertam a criatividade dos seus desejos, criam histórias no seu mundo imaginário, onde eles vão desenvolver seu emocional. E é por meio das brincadeiras que se tornam melhores com os outros.

Nesse sentido, o brincar é a atividade mais importante para as crianças, elas ficam mais compreensivas

compreendendo o mundo melhor, torna-se uma criança melhor em seu convívio. O resgate das brincadeiras tradicionais é também muito importante, para que assim as crianças tenham oportunidades de conhecer e ouvir músicas, brincadeiras e jogos do passado, visto que devemos como educadores está sempre resgatando. Portanto, é através dos jogos e brincadeiras com o outro que as crianças buscam alternativas para solucionar dificuldades que forem surgindo e encontrando ao meio que estão inseridos.

Outro ponto relevante para a escolha desse tema deu-se a partir da minha experiência com o Estágio em Educação Infantil. Foi desenvolvido um Projeto sobre leitura e escrita através dos jogos. Ao observar a metodologia utilizada pela professora, senti a necessidade de brincadeiras e de jogos com aquela turma.

Ao realizar as atividades senti as crianças irem se envolvendo, interagindo, perguntando, isso me deixou feliz, pois com isso o meu trabalho proporcionou alegria, interesses e principalmente a participação delas.

A criança procura o jogo como uma necessidade e não como distração [...] é pelo jogo que a criança se revela, as suas inclinações boas ou más. A sua vocação, as suas habilidades, o seu carácter, tudo que ela traz latente no seu eu em formação torna visível pelo o jogo e pelos brinquedos, que ela executa. (KISHIMOTO, 1993, p. 106)

Portanto, o brincar é a essência da criança, onde oportuniza a criança a desenvolver seu saber, seu conhecimento e seu saber no mundo. Quando os mesmos procuram os jogos ou lhes são favorecidos, vivenciam assim sua vivência real e imaginária proporcionando a criança o desafio de solucionar situações que apresenta no jogo de forma que leve a criança a raciocinar, trocar ideias e tomar decisões. Então a criança ao escolher um jogo não é apenas por distração, mas ao necessitar e tornar de forma visível suas habilidades e conhecimentos sobre o mundo que a cerca.

ANEXO I – MEMORIAL DA ESTUDANTE-PROFESSORA EVA NELDA NERIS DA SILVA

SILVA, Eva Nelda Neris da. Eu e o faz de conta. In: *Brincadeira de faz de conta na educação infantil*. 2019b. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (54p) (pp. 13-20)

1 EU E O FAZ DE CONTA

Eu sou Eva Nelda Neris da Silva, nasci na zona rural, Sítio Jurema, município de Saboeiro CE, em uma sexta-feira, no dia 11 de outubro de 1974. Sou filha adotiva de uma família com onze irmãos, da qual sou a mais nova. Fui criada por pais excelentes, de classe baixa, agricultores, e tenho um enorme orgulho por ter sido criada por eles, não me considero de outra família, mas sinto-me revoltada desde a infância até hoje pelo motivo de rejeição dos meus pais biológicos. Isso me deixou com trauma minha vida toda.

Resumindo minha história de vida: sou contra qualquer mãe que dá o primeiro filho e cria o restante. Mesmo assim, sinto-me privilegiada por ter os pais que tenho. Em minha memória eles permanecerão sempre como meus pais legítimos. É uma honra tê-los como meus pais, porque foi através deles que me tornei o que sou hoje. Educaram-me na medida de suas condições financeiras, mesmo tendo grandes dificuldades.

Com seis anos de idade, meus pais me trouxeram para a cidade, alugaram uma casa para que minhas irmãs e eu pudéssemos estudar, sempre na responsabilidade de outra irmã mais velha que nós. Aos finais de semana, íamos para o sítio onde meus pais moravam.

Foi muito difícil para minha mãe dar educação a todos nós, sendo que para manter os nossos estudos, ela fazia canteiros de verduras e tomates, para vender e comprarmos nossos materiais. Quando já estava no ponto de colher, ia ao canteiro às cinco horas da tarde, colhia, arrumava em uma cesta de madeira para que no dia seguinte, de madrugada, no ônibus Jaguaribe, ela saísse para vender. Quando chegava à cidade, vendia toda a verdura e deixava o dinheiro conosco para comprarmos o material escolar e todas as outras pequenas coisas que precisássemos.

Quando vim estudar na escola, já estava alfabetizada, sendo que entrei logo para a primeira série, pois minha mãe colocou uma pessoa para me ensinar particular para que, quando chegasse à escola, não tivesse tanta dificuldade.

Lembro-me até hoje da minha primeira professora, o nome dela era Miza, era muito carrasca, não deixava nem me mexer. Eu tinha tanto medo dela, porque ela gritava muito com os alunos, de modo que eu ficava assustada. Quando fui cursar a segunda série, foi uma alegria total. Meus pais vieram embora para a cidade, e nos sentimos com uma segurança total.

Cursei da primeira à quarta série na Escola Municipal Olavo Oliveira, participava de todos os eventos, como datas comemorativas, fazendo dramatização. Isso para minha mãe era uma satisfação enorme. A maior alegria dela era quando chegava o final do ano porque recebia o boletim preenchido de nota dez.

Durante o percurso de escolaridade nunca repeti um ano, lembro que nas séries iniciais não tive dificuldades em nenhuma disciplina, principalmente nas decorativas de Estudos Sociais; gostava mais de conteúdos como pontos cardeais, o estudo das bússolas; identificava-me ainda com o uso de experiências, como ampola de injeção, agulha, gilete, tampa de cortiça, as letras N, S, L e O, que significam respectivamente Norte,

Sul, Leste e Oeste. Lembro-me que decorava os mapas da região Nordeste, as capitais, as gravuras do sertão, as caatingas, vaquejadas, dentre outros conteúdos.

Ingressando no ensino fundamental da Escola Municipal Lídia Bezerra, cursei da quinta à oitava série, por funcionar somente durante esse período. Essa mudança de espaço, de uma escola para outra foi de grande desafio até me adaptar tanto aos novos professores, quanto aos novos colegas.

Com um devido tempo me acostumei, já estava gostando demais da escola, mas tive que me deslocar para outra escola de ensino médio, que tinha como nome Escola Estadual Narcisa Ferreira Braga, onde concluí o Magistério em nível Pedagógico.

No ano de 1993 finalizei minha carreira estudantil ao concluir o ensino médio, sendo que não foi possível dar continuidade aos estudos por falta de condição financeira. Por isso, deixei de seguir meu maior sonho, que era estudar Direito. Foi a partir daí que me desmotivei e mudei todo meu percurso de vida, mas Deus mostrou outra forma de sobreviver, e outros objetivos.

Durante todo esse período fiquei na expectativa que em 1994, com uma nova administração, pudesse adquirir um emprego, mas infelizmente não foi possível. O mais doloroso é que meus colegas, a maioria, conseguiram cargos na prefeitura, menos eu, pois fazia parte da oposição à gestão em curso.

Então fui me desmotivando, pois no meu pensar, naquele momento, conhecimento não tinha valor, mas sim pessoas que eram fanáticas por políticos. Isso nunca saiu de minha mente, mas tenho comigo que se tiver de conseguir algo na minha vida através de paparico não terei, porque não faz meu tipo.

Então surgiu um romance, fui embora para o Rio de Janeiro, e lá engravidei, com seis meses de grávida vim embora, tive bebê aqui ao lado de minha mãe, que cuidou de mim, por isso que vim ter minha filha na minha cidade, porque confiava primeiro em Deus, depois em minha mãe.

Quando minha filha Camila fez seis meses, meu marido mandou nos buscar para morarmos em Belo Horizonte. Após oito meses vim embora, por motivo de dificuldades no trabalho e com criança estava difícil, e viver com minha família seria melhor. Só havia três meses que eu tinha chegado, meu marido mandou me buscar de volta, passei quatro meses e retornei para minha cidade.

Passaram-se seis meses após eu ter chegado, e ele também veio embora. Ficamos determinado tempo, vários anos em minha cidade, mas ele de vez em quando viajava para trabalhar, eu ficava fazendo bicos, realizando faxina, lavando e passando roupas para algumas pessoas. Lembro que recebia na época oitenta reais do Programa Bolsa Família que usava para pagar o aluguel. Ajudava na casa do meu pai de vez em quando, porque minha mãe tinha problema de Alzheimer e precisava de ajuda. Contando com meu pai e onze filhos, a que ajudava mais era eu e uma neta. Depois de um tempo, levei para minha casa para cuidar só, mas passaram-se apenas oito dias meu pai levou-a de volta para a casa dele.

Em 2002, eu tive minha segunda filha, Laysla Syang. Tudo se tornou mais difícil para mim, pois minha primeira filha teve de ser cuidada pela minha mãe. Foi muito difícil ter que encarar esse momento, sentia-me sozinha, desprotegida. Sem aquele aconchego, apoio de mãe. Como isso me abalou, só de saber que minha mãe não sabia mais de nada...

Após sete anos que tinha vindo do Rio de Janeiro, voltei novamente para lá, meu marido foi na frente, e quando estava com três meses que estava lá, mandou me buscar. Foi tão difícil deixar meus pais já velhos, mas em busca da sobrevivência, tive que ir acompanhar o marido.

Embora com o coração partido de saudades, deixei meus queridos e amados velhos, fui para o Rio de

Janeiro mais uma vez. Chegando lá, em um mês engravidei do meu terceiro filho, no período dos oito meses de gravidez recebi uma notícia péssima, de que minha mãe tinha falecido. Foi a pior fase daquela época, quase enlouqueço, pois não tinha como vê-la.

Todos os dias não via a hora de chegar à data de meu filho nascer para partir para minha cidade e ficar ao lado do meu paizinho. Ainda demorou, e com seis meses de idade de meu filho, viemos embora.

Quando cheguei foi momento de alegria, mas ao mesmo tempo de tristeza, por não encontrar minha mãe mais aqui. Desde então, fixei-me em Saboeiro CE, onde hoje permaneço, não saí mais. É nessa terra que tenho enfrentado muitas muralhas.

Como a vida está permeada por alegrias e reflexões, em 2009, fui convocada a trabalhar na Escola de Ensino Infantil Dáulia Bringel Olinda, no cargo de professora. Embora não tivesse experiência, abracei a proposta por carência de emprego. Gostei do trabalho porque era com crianças, mas tudo que é realizado pela primeira vez deixa dentro de si uma impressão, um medo, que provoca um sentimento de insegurança, incerteza, ou seja, dúvida de que aquilo esteja acontecendo incorretamente.

Mas por uma justa causa, pensei em minha situação financeira, em meus filhos, eu sem ter como mantê-los, então me dediquei ao trabalho, pois assim poderia dar o melhor a eles. Foi assim que resolvi encarar todos os obstáculos que estavam a minha volta, foi aí que tive um olhar de certeza e busquei extravasar e vencer todos os desafios, e com minha força de vontade, venci o medo de errar e superei a insegurança, que se tornou firmeza diante das barreiras. Logo obtive um bom resultado, que foi para mim, uma grande realização.

Ao longo da minha carreira profissional, me deparei com muitas dificuldades, uma delas foi a falta de experiência. Ao longo do tempo, fui contando com a ajuda de outros, o que me ajudou a vivenciar experiências significativas. Então isso facilitou um pouco meu trabalho. Quando comecei a exercer minha profissão, no primeiro dia de aula procurei dar o meu melhor, com nervosismo em não atender a clientela, pensei que não teria planejado uma aula boa. Mas, que nada! Foi tudo engano meu, pois dei conta do recado com trinta e oito crianças na faixa etária de três anos.

Apresentei-me para elas, de maneira que buscasse afetividade em todos e consegui. A partir daí, desempenhei o meu papel de educadora de acordo com a minha capacidade e aos poucos fui desenvolvendo minhas metas, segundo a troca de experiências com os demais colegas de trabalho e toquei o barco para frente. Uma vez ou outra surgia uma maré, mas jamais desisti, tentava remar e levar o barco adiante, e com isso ultrapassava as grandes muralhas que a vida se encarregava de impor em meu caminho.

O meu primeiro ano de trabalho serviu de experiência, que me propôs a capacitação de conhecimento para minha área profissional. No ano seguinte, já me senti com novas ideias, mais preparada, com uma bagagem baseada em tudo que vivenciei anteriormente. Com isso, pude perceber que as minhas expectativas se tornaram diversificadas, com algumas dinâmicas procedidas nas formações que eram dadas para enfatizar a construção do conhecimento, e por meios de construções, tendo como base as orientações curriculares, cujo objetivo foi sempre ampliar os conhecimentos para atender e possibilitar a aprendizagem das crianças.

Uma das maiores preocupações que me abalou, ainda como novata, foi se a minha estratégia estava correspondendo a aprendizagem das crianças ao nível de sua faixa etária. Abordava com elas atividades lúdicas, com brincadeiras diversificadas, tentando dar o melhor daquilo que foi construído particularmente com meus esforços.

Tendo essa oportunidade ofertada em minhas mãos, que é o meu trabalho, desde já reconheço o valor e

a importância de lidar com ele, embora sabendo que terei em mente por ser um trabalho árduo ser educador, com muitas exigências, responsabilidades, dedicação, enfim, considero ser desafiador e complexo.

Quero dizer que nada em minha vida foi por acaso. Se eu tive a oportunidade de chegar até aqui e ainda permanecer, sem dúvida dias melhores virão, e as provas existirão para serem realizadas.

Minha trajetória não parou por aqui. Dando continuidade, para melhorar meu trabalho e exercê-lo com mais qualidade, surgiu em 2013 o Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), ofertado pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Sinto-me privilegiada por conquistar uma vaga. Iniciamos o curso de Pedagogia no mês de agosto, de 2013, sendo tudo desenvolvido com muita qualidade, com bons professores, direito a apostila. Através desse curso, afirmo que a meta de ensino é capacitar para o trabalho no meio no qual estou inserida, ou seja, no ambiente escolar.

O PARFOR veio facilitar a resolução das dificuldades vivenciadas na vida profissional no cotidiano. Mesmo com tantas lutas e sem contar com os problemas diários e os estresses que vida me oferece, tantas vezes tentei desistir e ao mesmo tempo pensava que uma faculdade de qualidade veio até mim, sem eu precisar me deslocar da minha cidade para outra. Então acreditei e segurei firme, agarrei e abracei o que conquistei, porque é por meio disso que irei conseguir meu sucesso.

Durante todo o curso do PARFOR vivenciei várias disciplinas, em cada uma delas aprendi um pouco, o que está contribuindo para que eu amplie e melhore as experiências em sala de aula, dando prioridade e capacitando meus conhecimentos no cotidiano. Em cada disciplina estudada, lembro que vivenciamos inúmeras atividades dinâmicas e metas que foram abordadas e que hoje executo em sala. De todas as formações realizadas, de tudo que vimos, contribuiu para conhecermos autores e filósofos que fundamentam o nosso trabalho como docentes. Portanto, tenho que dizer que o PARFOR enriqueceu minhas ideias com imenso conhecimento adquirido através de uma bagagem completa, com inúmeras qualificações dadas.

Durante todo o percurso desse curso, foi com muitas lutas e dificuldades que até cheguei a pensar em desistir por conta de questões financeiras, perdas de familiares, enfim, muitos problemas aconteceram, mas fui forte e pedi força a Deus para não desistir, que interviesse em meu caminhar e me fortalecesse na determinação, persistência de lutar por meu objetivo, que era finalizar esse curso. Venci muitos obstáculos e estou aqui ainda com muito desânimo, mas querendo vencer e chegar ao fim, junto aos demais.

Quando fez três anos que estava inovando meus conhecimentos no curso, perdi meu pai e senti como se o mundo estivesse desabando, não tendo mais vontade de concluir o curso. Porém, o meu Deus me deu firmeza para continuar, então foram muitas batalhas que encarei ano após ano. Um fato que veio para me desestimular foi o falecimento de irmã, quando faltavam apenas quatro meses para completar quatro de faculdade. Foi difícil superar tudo isso, até porque fazia apenas seis meses que tinha perdido meu pai.

Aproveito para agradecer a Deus por estar presente em cada momento da minha vida, sabendo de tudo que passei e continuo passando, por ser meu alicerce quando estou a ponto de desmoronar. Tenho a honra de ser privilegiada com todos os professores do PARFOR, que acompanharam e estão atuando conosco, também os coordenadores que estiveram do início até certo período, como Marcos, Eliano, Edilma, Karla e a que agora atua ao fim do curso, Marteana. Tenho somente a agradecer pelo apoio e o companheirismo vivenciado com êxito em toda nossa jornada. Com todos que fizeram parte dessa equipe, a certeza é que ficarão como marcas registradas em minha vida, por cada um que prestou seu trabalho junto a turma.

Eu vivenciei experiências e me apropriei de conhecimentos que deverão ser abordados em meu convívio

profissional e social. Tenho receio de que as experiências comentadas sobre tudo que vivenciei em minha vida não sejam enriquecidas o suficiente para a construção de um bom Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), e isso me incomoda, pois tudo depende de como desenvolvi o enredo, que foi muito complicado, mas mesmo com toda essa bagagem pesada, estou aqui tentando dar um pouco do meu melhor.

Então o meu objetivo ao escolher o tema “Brincadeira de faz de conta na Educação Infantil” se deve ao fato da necessidade de discutirmos características de muitas crianças que chegam a focar seu olhar no mundo do adulto, sendo que para elas essa experiência se transforma no retrato ou mesmo espelho de suas vivências.

Como trabalho em Educação Infantil foi interessante escolher esse tema, porque observo que as crianças gostam de fazer o papel de um adulto nas brincadeiras realizadas na escola, quando percebo o comportamento de cada uma delas e a forma de se retratar como se fosse a mãe, a professora, o pai, o vigia, o servente, a cozinheira, o médico, entre outros.

Quando acontecem os momentos do faz de conta nas minhas turmas formadas por alunos de três anos, sempre se realiza um dos momentos mais produtivos do dia, pois as crianças que não gostam de participar, quando menos espero, já estão interagindo com os outros, porque esse momento é muito prazeroso. O envolvimento na atividade é tão expressivo que até em mim dá vontade de ser criança e entrar na brincadeira com elas.

Em cada momento na semana, o faz de conta é sempre realizado de modo diferente, sendo que um dia o médico é o personagem principal, com todos os equipamentos; em outro dia exploramos o restaurante, o salão de beleza, a rotina de uma doméstica, entre outros. Isso para mim é sempre de grande importância e novidade, porque na verdade eu não sabia nem o que era faz de conta é uma prática pedagógica. Foi a partir das aulas realizadas no PARFOR que fiquei sabendo o que significava.

Em minha atividade profissional, observo sempre que muitas crianças, no início, não se empolgam, mas com um devido tempo começam a participar e interagir na brincadeira e todos os dias querem que realizemos o cantinho do faz de conta. Em novas décadas, desde que estudiosos e filósofos aprofundaram e ampliaram a discussão sobre o faz de conta no ensino na Educação Infantil, compreendemos que sua importância reside na ênfase que essa atividade possibilita, ao permitir que os educandos sejam protagonistas. Através do faz de conta, a criança descobre sua capacidade intelectual e emocional, juntamente com as outras crianças, desenvolvendo sua aprendizagem no brincar, o qual será abordado, contribuído no meio em que ela estiver inserida.

Apresento esse tema como significativo, pois no decorrer de tudo que vivenciei e das experiências relatadas, compreendo essa investigação como importante. Recordo a infância que vivi, baseada na cultura familiar, onde não havia recursos materiais, mas tinha o melhor: a humildade, simplicidade e honestidade, sendo que as orientações de costumes e culturas que meus pais repassavam na minha infância, me são caras até hoje.

Lembro que os meus brinquedos eram panelinhas, cuscuzeira de barro e tachos de barro, as bonecas de sabugo, as casas eram de pedaço de tijolos, devido vermos a casa de nossos pais. Na construção dessas casas, empilhávamos tijolo um em cima do outro, para fazermos as casas; muitas vezes pegávamos um tijolo, enrolávamos com um pano, enfeitávamos e ali para nós eram bonecas. Comparando as vivências dos antepassados com os dias atuais, observamos que é grande a diferença, pois tudo se tornava mais difícil, pois não tinha essa evolução, com o mundo moderno, dominado pela tecnologia avançada. Compreendo que eu era feliz e não sabia, estando o faz de conta presente em tudo.

Tendo desenvolvido meu olhar crítico com base nessa realidade que vivenciei, embasada em grandes mudanças que a Constituição Federal nos aponta, além de leis como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Nacional (LDB), que orientam que devemos ofertar novas metas para alcançarmos conhecimentos com facilidade, pesquisas gerenciadas sobre o uso de internet apontam que graças à criação da tecnologia para facilitar a vida em sociedade, está sendo aprovada nas descobertas e desaprovada na comunicação humana com o próximo, que deixa de se manter atento com o próximo por estar interligado no mundo da internet.

Logo nosso tema trata das brincadeiras que permeiam o imaginário infantil, remetendo à infância sem a presença das novas tecnologias, quando as crianças não tinham brinquedos, mas os construíam na prática ou na imaginação, dando mais valor às suas produções.

Elas sabiam brincar de verdade com brincadeiras culturais, tais como: cantigas de roda, o trisca, bandeira do meu tijolo, o mapa, xibiu, macaca, elástico, pula corda, cabra cega, passar o anel, cavalo de pau, fiupa, pião, bolinha de gude, brincadeira de casinha, de ser dona de casa, de fazer suas próprias bonecas, das quais eram mães, sendo tudo permeado pelo faz de conta. A perspectiva da presente pesquisa é investigar como as vivências do faz de conta podem contribuir com a construção de uma infância mais equilibrada, marcada pelo resgate de brincadeiras que promovem a interação e fortalecem a convivência das crianças.

Mesmo com os recursos que hoje a mídia oferece, além de brinquedos caríssimos, as crianças atuais não sabem o quanto é gostoso ser criança no tempo certo, desconhecem a importância de mergulhar no mundo da imaginação com as vivências que hoje a Educação Infantil oferece. Logo o nosso propósito é investigar a importância das vivências do faz de conta na Educação Infantil para a construção de uma infância saudável e produtiva no campo das experiências significativas.

As contribuições dos teóricos oferecem informações importantes sobre o apoio que a escola pode oferecer à criança para ela se desenvolver por meio de vivências interativas, sendo que no ambiente escolar nessa etapa é possível aprender brincando.

Lembrando que o pensamento da criança é aberto, de maneira que ela absorve tudo, e como diz Freire, não existe um saber maior que o outro, e sim saberes diferentes. Logo não devemos nos prendermos ao que sabemos para não sermos oprimidos, nem oprimirmos os outros.

ANEXO J – MEMORIAL DA ESTUDANTE-PROFESSORA FRANCISCA EDIVÂNIA PLÁCIDO

PLÁCIDO, Francisca Edivânia. Trajetória da minha vida. In: *O ensino da matemática como ferramenta fundamental para intervir em situações reais do contexto social*. 2019b. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (40p) (pp. 13-20)

1 – TRAJETÓRIA DA MINHA VIDA

Nessa primeira seção vou relatar toda essa minha trajetória de vida de muitos acontecimentos marcantes na minha história de vida.

O percurso da vida se apresenta como uma longa transação ao longo da qual a pessoa age sobre o seu meio ambiente (JOSSO, 2007 p.10)

Os seres humanos, assim como racionais são seres sociais, isso porque precisam de se socializar com os outros. Durante a trajetória de sua existência, buscam adaptação mútua, também com o ambiente. Daí a importância da história de vida.

Eu me chamo Francisca Edivania Plácido, nasci em 23 de fevereiro do ano de 1983 no sítio lagoa de dentro no município de Saboeiro. Sempre me empenhei na busca do conhecimento formal por incentivo dos meus pais que sempre batalharam pra que eu tivesse acesso à escola para no futuro ter uma melhor estrutura na vida. Hoje, também me apoio na sabedoria dos grandes estudiosos, entre eles cito Fröbel quando diz:

Aplicação desse conhecimento, desse saber, para a educação, consiste na livre formação, dessa reflexão, o desenvolvimento imediato de seres racionais, porque os prepara para realizar seu destino. (BRASIL, p.46).

Concordo com o autor quando afirma que a educação trás liberdade para quem a busca, no que diz respeito de ele mesmo se realizar dando forma e sentido sua vida e viver a sua própria essência e conflitos com a natureza que nesse processo homem natureza percebe-se a realização de Deus o Divino. Para ele a educação é a força que move o interior para a sua manifestação exterior através do que ele, o próprio homem, produz e executa.

Assim comecei a escrever minha trajetória de vida. Sou filha de Maria Selene Plácido e Francisco Plácido Neto, ambos os agricultores de onde sempre tiraram o sustento para criar seus filhos. A renda do pequeno agricultor é sempre baixa. Com eles não foi diferente, mas sempre fizeram esforços e economia para que, daquilo que eles conseguiam ganhar para o sustento da família, pudesse sobrar para colocar os filhos para estudar.

1.1. Experiência Escolar na Infância

Comecei a estudar pela primeira vez numa escola residência, ou seja, na casa da professora. Levava apenas um caderno e um lápis e a aprendizagem acontecia nesse processo em que se aprende a ler e escrever letras, sílabas palavras e frases. O professor não tinha nenhuma formação docente para ensinar. Eram poucas crianças o que facilitou para eu aprender a soletrar palavras.

Depois fui estudar numa escola no mesmo sítio onde morava. Lá aprendi pela primeira vez escrever palavras e o meu nome completo e aquilo foi incrível pra mim. A tendência usada pela professora era a tradicional

Escola Novista porque na sua metodologia usava de muita autoridade, o ensino era apenas verbal. Não se falava de jogos e brincadeiras na escola naquele tempo. Os conteúdos eram aqueles do livro elaborado para aquela série sem interferência de nem outro conhecimento. Sobre isso TURRA vai dizer que:

O conteúdo é parte integrante da matéria-prima: é o que está contido em um campo de conhecimento. Envolve informações, dados, fatos, conceitos, princípios e generalizações acumuladas pela experiência do homem, em relação a um âmbito ou setor da vida humana. (...) Os bens culturais, quando adaptados, elaborados e organizados pedagogicamente, compõem os conteúdos programáticos. Este constitui a fonte de onde o professor seleciona o conteúdo, junto de informações que trabalhará com seus alunos. (TURRA *et alii*, 1975)

Como diz o autor as metodologias e os conteúdo era aqueles que eram repassados e aprendidos nas gerações. Não havia pesquisa e nem outro fator pra nortear o trabalho do professor. Até mesmo porque o ensino para a classe baixa sempre não teve outro objetivo a não ser o controle de classe. Até minha mãe tinha esta visão, de que o que realmente seria necessário seria decorar os conteúdos. Mas ela sempre foi o meu incentivo no sentido de priorizar os estudos a pesar de terem pouco estudo.

Nesse período estudei até a sexta série nessa escola no lugar mesmo onde eu moro. Porém, por decisão dos meus pais fui estudar na cidade para concluir o ensino fundamenta numa escola de melhor qualidade, mas também do município. Eu ficava a semana na casa de familiar isso durante a semana, final de semana e feriados voltava para a minha casa. Eu estava na fase da adolescência e com ela veio o primeiro namorado, e eu que sempre fui dedicada aos meus estudos até então nunca tinha ficado reprovada, este ano por causa do envolvimento com ele me desinteressei, o ano passou e no final quando dei conta estava reprovada.

Isso me trouxe um arrependimento profundo, até mesmo porque minha mãe resolveu me tirar da escola e trazer de volta para o sítio. Então repeti a sétima série no sítio mesmo onde morava, mas no final consegui passar de ano, para minha alegria e da minha mãe.

A série seguinte não tinha nessa escola somente na sede. Mas já estávamos nos anos 2000 e existia o transporte escolar. Não era um transporte muito adequado, porque tinha dia que estava com defeitos e não podia parar. Os alunos desciam com ele em movimento. Mas supria a nossa necessidade, não estava na casa alheia. Nesse ritmo concluí o ensino médio. Porém mesmo no ensino médio encontrei dificuldades com professores tradicionais, que muito nos desmotivava com suas práticas tão difíceis de acatar.

Quando concluí o ensino médio, tinha muita vontade de cursar uma faculdade, mas não surgiu oportunidade. Só havia em Saboeiro, faculdade particular e para pedagogia. O meu sonho mesmo era fazer direito e para arcar com todas as despesas pra eu ir estudar fora, meus pais não tinham condições. Então uma instituição da cidade de Orós trouxe pra cidade o curso de pedagogia. Minha mãe ficou com muita vontade que eu fizesse o curso que ela pagaria. Então eu aceitei, fiz vestibular e passei. Estudei dois anos, porém foi ficando difícil pagar as mensalidades porque ela tinha outros compromissos, então fechei a matrícula.

Os seres humanos são os únicos seres que estão sempre em constantes mudanças e sempre em busca de transformações. Por sermos seres sociais precisamos estar em interação mutua com outros seres da mesma espécie o que nos leva a nos apropriarmos de elementos cognitivos e materiais que garanta o suprimento de todas as nossas necessidades.

Tanto no âmbito afetivo, econômico como no sociocultural. Somos os únicos animais existentes com um cérebro altamente desenvolvido capaz de raciocinar o que nos torna capazes de desvendar o mundo, que atribuímos a esse “desvendar” de conhecimento. Fröbel (BRASIL, 2014):

Deus, o divino, é onipresente sua influência governa todas as coisas(...) que só existe pelo princípio divino que age nelas. Princípio divino em ação em todas as coisas constitui sua própria essência. A destinação a vocação de todas as coisas é desenvolver sua essência, que é sua natureza divina e o princípio divino em si, de tal modo que Deus seja proclamado e revelado por suas manifestações exteriores e efêmeras. A destinação, a vocação particular do homem enquanto ser dotado de sentimento e de razão é chegar tomada de consciência de sua essência, e de sua natureza divina e, portanto, de Deus, para que se torne uma realidade viva e claramente percebida, manifesta e proclamada na vida do indivíduo. (BRASIL, 2014)

O homem tem na sua essência as características de Deus, o que não há outros animais. O nosso destino aqui nesse universo está intimamente em conexão com a natureza, e com o divino por ele ter planejado o homem dentro desta estrutura relacional entre Ele e a natureza. Assim o homem, ser racional é capaz de inventar mecanismos para suprir todas as suas necessidades. Por isso a existência humana só terá sentido quando o indivíduo torna – se capaz de solucionar os seus próprios problemas e contribuir na construção de uma sociedade justa.

É com esse pensamento, que o senhor Deus sempre está por perto que eu começo a escrever a minha trajetória de vida. Eu me chamo Francisca Edivânia Plácido, nasci no dia 23 de Fevereiro de 1983, no sítio Lagoa de Dentro município de Saboeiro – CE. Sou filha de Francisco Plácido Neto e Maria Selene Plácido ambos agricultores. Da agricultura foi de onde retiraram o sustento para criar os seus seis filhos. A renda financeira dos meus pais era baixa mais nunca foi o motivo para que nos deixasse fora da escola.

Comecei a estudar aos oito anos de idade, não existia escola municipal na época no sítio onde eu morava, eu estudava em casa residencial, ou seja, na casa do próprio professor. Levava apenas um caderno pequeno e um lápis e com apenas este material aprendia ler e escrever.

O professor não tinha formação acadêmica, o que na época não era exigido pelo o poder público. Ele era encaminhado às localidades do município pelo o gestor municipal. Sobre a formação acadêmica do professor a LDB de 1996 em seu art. 62 assegura que ele deve ser preparado em nível superior. No entanto, Nóvoa comenta:

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dá um estatuto ao saber da experiência(...). Práticas de formação que tomem como referência as dimensões coletivas contribuem para a emancipação profissional e para consolidação de uma profissão que é autonomia na produção dos seus saberes e dos seus valores. (Nóvoa 1995 p.25).

O que o autor diz, é que mesmo que o professor esteja muito bem preparado, esteja com uma ampla lista de certificados no seu currículo, se não tiver consciência do seu papel, tudo isso não vai ter muito valor diante da realidade das crianças. Aí está a dimensão da valorização do currículo que privilegia as culturas, a efetividade e a sensibilidade do professor para notar as necessidades da sua clientela que muitas vezes estão à margem de todas as formas de culturas.

O professor deve ser um profissional que leva transformação na vida pessoal e social dos seus alunos. Para que haja transformação é importante criar um cenário onde ensinar e aprender tenha um sentido que devem estar atrelado aos elementos da cultura onde os discentes estão inseridos por ser estes considerados valiosos na formação dos estudantes.

Lembro claramente de quando estudava já na escola e escrevi sozinho o meu próprio nome e aquilo foi inesquecível para mim e me instigou a busca pela leitura fluente. Uma situação que contribuiu para a leitura com fluência foi um desafio que minha prima me fez: escolheu um texto, a fábula A Coruja e a Águia, no outro dia

quem lesse o texto com mais rapidez venceria o desafio e ganhava o direito de andar na bicicleta que todos, primos e irmãos disputavam sempre. Eu ganhei. Depois desse fato consegui leitura fluente.

Hoje eu sou muito grata aos meus pais, porque foram os meus maiores incentivadores pra que eu não desistisse de estudar, e sempre valorizaram o conhecimento. Eu vejo, hoje, essa valorização que ele deu e dão a educação como um referencial único, para que se vá muito além das nossas limitações. Eles não tinham muita condição financeira mas sempre se esforçaram para manter os filhos na escola.

Depois de alguns anos que comecei a estudar o prefeito da época mandou construir um prédio para a escola e as crianças não terem que estudar na residência e que as outras que teriam que se deslocar para a cidade, para morar de favor em troca de abrigo para dar continuidade aos estudos. Então foi edificada a Escola Maria Martins Viana.

Nesta escola estudei até a 6ª série por decisão dos meus pais, a 7ª série foi estudar na cidade para concluir os anos finais do fundamental II, porque a escola não ofertava essa série devida o número de aluno ser pequeno e não formar a sala. Então passei a estudar na cidade de Saboeiro, ficava em casa de familiares e fim de semana voltava para casa dos meus pais. Estava entrando na fase da adolescência veio o primeiro namorado e os estudos ficaram em segundo plano e eu que sempre fui dedicada aos estudos nunca tinha sido até então, reprovada nas series anteriores. O ano foi passando pouco estava interessado nos estudos ao chegar ao final do ano letivo fiquei reprovada. Sobre essa questão Martins afirma:

A apropriação de conceitos científicos dá-se dessa forma, por meio de uma atividade humana consciente, na qual as ações realizadas pelo sujeito são repletas de sentido, de modo que a interação não é resultado mecânico de atividade externa em detrimento de seus componentes psíquicos internos. (MARTINS, 2007, p.70)

Percebe-se com a fala do autor, que para que haja aprendizado é necessário a interação das ações externas com o interno. Isto é, deve haver uma disponibilidade intelectual do estudante para favorecer a aprendizagem.

Como agora eu era aluna repente o meu pai resolveu me trazer de volta para estudar novamente na escola da localidade em que eu morava.

Por volta do ano 2000 já existia o transporte escolar que nos deu acesso à escola sem que precisasse estudar na casa de terceiros. Portanto voltei a estudar novamente na cidade até concluir o ensino médio.

Concluído o ensino médio, não tive como cursar faculdade por falta de oportunidade, só havia na época instituição particular e meu pai não tinha condição financeira para pagar um curso superior pra mim. Então terminei meus estudos, fiquei sem estudar e trabalhar por muito tempo. Já namorava o meu atual esposo havia quatro anos, com isso decidimos oficializar a nossa união, no dia 21 de fevereiro de 2004 nos casamos. Logo tive meus filhos, são três filhos maravilhosos e com isso ficou ainda mais difícil de pensar em trabalhar e sem nenhuma perspectiva de cursar uma faculdade.

1.2 Experiência Profissional

Alguns anos se passaram e no ano de 2010 comecei a trabalhar como professora temporária foi minha primeira experiência como professora. Comecei com o desafio de lecionar com a disciplina de matemática nas turmas de 6º ao 9º ano. De início foi um pouco complicado, porque a experiência era a mínima possível e não tinha

as formações para professores que temos hoje. Heller afirma que

A liberdade é sempre liberdade para algo e não apenas liberdade de algo. Se interpretarmos a liberdade apenas como o fato de sermos livres de alguma coisa, encontramos – nos no estado de arbítrio, definimos – nos de modo negativo. A liberdade é uma relação e, como tal deve ser continuamente ampliada. O próprio conceito de liberdade contém o conceito de regra, de reconhecimento, de intervenção recíproca. Com efeito, ninguém pode ser livre se, em volta dele, há outros que não são (HELLER, 1982, p.155)

Apesar da pouca experiência como professora e as dificuldades da época, ensinar matemática pra mim nunca foi algo difícil. Foi bastante interessante, não vejo a matemática como uma disciplina difícil de ser compreendida ou como um bicho de sete cabeças como muitos dizem.

Ensinar essa disciplina para mim não se resume apenas em efetuar cálculos, mas mostrar que a matemática está presente em tudo e a partir daí através das novas técnicas nas tendências atuais é possível desfazer esses conceitos de que a matemática é difícil de ser entendida. (...) apesar de na sua origem histórica a matemática apresentar vínculos direta com as necessidades práticas, mais tarde evoluiu sobre proposições abstratas que, com ajuda da lógica formal, culminaram em sistema dedutivo como, ocorre, por exemplo, com os conceitos geométricos euclidianos que segundo Sánchez Vásquez (2007).tem suas origens nos objetos reais sobre os quais se exercia suas atividades prática objetos cujas propriedades reais foram submetidos a um processo de generalização e abstração.

Assim penso que ensinar matemática de forma prática é mais prazerosa para os alunos, e se torna mais fácil para eles compreenderem e assim desmistificarem o velho significado do que é matemática. Por isso me identifico tanto com essa área do conhecimento e sou grata por estar trabalhando com ela, porque eu também estou sendo contemplada com a aprendizagem dessa disciplina.

Na busca de aprimoramento dos conteúdos para eu repassar para meus alunos tenho aprendido bastante e fazer com que os alunos compreendam, aprendam a gostar de estudar os conteúdos e perceberem a imensa possibilidade de compreensão que há nesse universo matemático.

No ensino da matemática, o conhecimento sobre a história da produção do conceito (as necessidades que o motivaram, as soluções encontradas para responder a essa necessidade, suas contradições e seus impasses) permite que os professores proponham situações de ensino que coloquem para as crianças necessidades análogas, o que não significa reproduzir o seu contexto histórico de produção. As mediações feitas pelos educadores no sentido da explicitação do conceito matemático para a criança precisam considerar que cada conhecimento tem uma história um desenvolvimento que se fez dentro de certas lógicas (...) o modo de se conhecer certos conteúdos é quase que perseguir um modo de construí-los (MOURA, 2001, p.159)

É com esse pensamento que concluirei a minha ideia sobre o ensino da matemática e assim poder desmistificar a velha ideia de que a matemática é um bicho de sete cabeças.

1.3. Experiência no PARFOR

A aprendizagem é, afinal, um processo fundamental da vida. Todo indivíduo aprende e, através da aprendizagem, desenvolve os comportamentos que os possibilitam viver. Todas as atividades e realizações humanas exibem os resultados da aprendizagem. Quando se considera a vida em termos de povo, da comunidade, ou do indivíduo, por todos os lados são encontrados os efeitos da aprendizagem.

Eu ouvi falar do PARFOR pela primeira vez, por comentários de alguns professores da escola que eu

trabalho e nesse momento mencionamos que seria muito se viesse essa oportunidade para nós. Porque aqui, por ser o nosso município uma região onde o poder econômico é pequeno um curso como esse nos ajudaria bastante.

Pouco tempo depois fui informada pelo diretor da escola que trabalho, que havia uma proposta para que vir o curso de pedagogia através desse programa, e fomos torcer para desse certo mesmo. Pelas condições exigidas pelo programa eu estaria apita a ingressar no curso. Ficamos aguardando e no final de 2013, início de 2014 fomos convidados a nos preparar para o vestibular. Consegui passar e em agosto de 2014 comecei a estudar e foi algo que me deixou realizada. Sobre conhecimento Severino menciona:

O conhecimento é o referencial diferenciador do agir humano em relação ao agir de outras espécies. O conhecimento é a grande estratégia da espécie. Sem dúvida, refiro – me aqui ao conhecimento ainda em sua generalidade, antecipando-me assim a uma crítica que levantasse a efetiva determinação do nosso agir a partir de formas ambíguas e de inter-colonizações deficientes e precárias, como ocorre nos casos do censo comum, da ideologia etc. (SEVERINO, 1941, p.27)

O conhecimento é a ferramenta conveniente para compreendermos o mundo e a razão do nosso existir, surge também como meio para se adquirir uma lógica para análise crítica do fundamento das coisas que nos cercam e abolindo todas as formas de ideologias já ultrapassadas. A intenção do conhecimento é trabalhar em favor da educação, com o objetivo de mudar as estruturas sociais, pensar as concepções de aprendizagem e do ensino, e a forma como lidamos e como construímos o conhecimento.

Quando comecei a cursar pedagogia as primeiras disciplinas já me deram uma nova visão de, qual o verdadeiro significado da instituição/escola, de ensino/aprendizagem e qual o papel do professor não só como aquele que ensina, mas, como educador, a função de mediador do conhecimento para o meu aluno.

Os conhecimentos científicos além de me dar muitas expectativas no sentido de contribuir como auxílio no meu trabalho me deram muita segurança na minha prática pedagógica. Esse mundo acadêmico despertar em nós estudantes, o desejo e sentimento da necessidade de continuar. Sobre isso Freire 1996, comentou:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino**. Esses que – fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino e continuo buscando, procurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar novidade. (FREIRE, 1996 p.16)

Na atualidade, atuar como professor requer que recorramos aos conhecimentos dos filósofos e estudiosos que se preocuparam em mudar o mundo para melhor. E esse conhecimento só pode encontrar com a pesquisa e ela que contribui para abolir as ideologias tradicionais. Freire (1996) faz menção disso escrevendo que (...) O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo. O educador que tem conhecimento faz a diferença na escola e na vida dos educandos. E, além disso, defende as discussões de paradigmas que supõe o conhecimento veredas neutras.

Mas nessa caminhada rumo à universidade, o estudante encontra muitas dificuldades. Faço faculdade na sede do município e moro na zona rural. Desde o ano de 2014, eu e outras colegas fazemos um trajeto de setenta e dois quilômetros todos os finais de semana.

Nesse trajeto que fazemos de moto, enfrentamos o perigo de andarmos só mulheres e tememos porque é rotina. No inverno enfrentamos chuva, por consequência lama e riachos de cheia, que nos pega de surpresa.

Porem entendo que para conseguir algo de bom para a vida precisamos pagar um preço. Paulo Freire nos instiga a ir além quando afirma:

Não quero dizer, porém, que, porque esperançoso, atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade e, assim convencido, parto para o embate sem levar em consideração os dados concretos, materiais, afirmando que minha esperança basta. Minha esperança é necessária mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja, titubeia. Precisamos da herança crítica, como o peixe precisa da água despoluída. (FREIRE, 1997 p.5)

Para o autor, concordo com ele, a transformação da realidade em que nos encontramos, só mudará quando nos posicionamos e buscamos referenciais que através dos quais as mudanças aconteçam. Elas virão depois das lutas e intenções com novas análises e novas propostas, e que esta, por sua vez, converta os paradigmas já definidos, mas que são empecidos para as novas propostas avançar (Koker, 2009 p.89)

[...] define que: Ter um espírito científica é estar exercendo essa constante crítica e criatividade em busca permanente da verdade, propondo novas e audaciosas hipóteses e teorias expondo – as à crítica intersubjetiva. Apoti. Pesq. 1

A graduação tem esse poder característico de crítica e autonomia. Deu - se em mim acredito que, em todos que tem acesso ao curso. Porque hoje me percebo com mais poder de crítica, subsidio para estruturar minhas práticas e metodologias para desenvolver meu trabalho. Além disso, em relação a didática, foi algo fundamental ter acesso esses preceitos, enriqueceu o meu trabalho e a autoestima em relação a profissão, e tem ajudado na análise dos métodos a serem aplicados e no produto final que é a aprendizagem dos discentes.

ANEXO K – MEMORIAL DA ESTUDANTE-PROFESSORA FRANCISCA FABIANA ALEXANDRE DE OLIVEIRA (SUZIANE)

OLIVEIRA, Francisca Fabiana Alexandre de. Desafios de uma vencedora. In: *Jogos e brincadeiras na educação infantil: desafios e possibilidades*. 2019c. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (62p) (pp. 13-20)

1 DESAFIOS DE UMA VENCEDORA

Eu me chamo Francisca Fabiana Alexandre de Oliveira, no mês de agosto deste ano fiz meus 35 anos. Sou casada e mãe de dois meninos, com idade de 11 e 4 anos. Moro na cidade de Saboeiro CE e resido em casa própria, situada à rua José Augusto Batista Vieira, nº 35. Nasci na cidade de Iguatu CE, onde vivi três anos da minha vida com a minha família biológica, formada por meus pais e mais três irmãos, sendo 2 meninos e 2 meninas, de modo que dessa família eu era a caçula. Poucas recordações trago na memória desse tempo vivido com eles.

Não sei o motivo, razão ou circunstância, mas ocorreu que a vida estava me separando de todos. Lembro-me de ser acolhida por pessoas que eu não conhecia, mas que me tratavam muito bem e com todos os cuidados possíveis e que, no outro dia, fizemos uma grande viagem. Era impossível para uma criança de três anos imaginar o que estava acontecendo e que a sua vida a cada quilômetro era deixada para trás, que mudaria totalmente.

Lembro-me que quando cheguei em meu novo lar, todos me olhavam e falavam, claro que não entendia nada, mas me recordo bem como fui acolhida e abraçada por um senhor que eu passaria a chamá-lo de pai, a senhora mostrou um pouco de rejeição pela minha cor, parecia que não a agradava muito.

Sei que fui crescendo e cada dia mais, e via nele um amor que acima de tudo me fortalecia, para que todo preconceito e indiferença fossem superados. Com o passar dos anos fui entendendo que não pertencia àquela família. É como se eu soubesse que aquela viagem poderia ter um retorno, coisa que eu não desejava muito, pois me sentia muito bem ali, onde era muito bem acolhida por meu pai. Recordo-me de ouvir a família escolhendo nomes, mas nem me tocava que seria o meu nome e como eles queriam me chamar, até que ouvi um não bem firme em todos os sentidos da palavra, mas que também não iria fazer tanta diferença assim no que ainda estava por vir.

Engraçado, eu era um ser humano com sua vida decidida por pessoas, e eu não estava nem um pouco preocupada, afinal era só uma criança mesmo na sua inocência, que me ocupava em rir, brincar e distribuir sorrisos, como se nada tivesse acontecendo. Hoje não consigo nem imaginar meus filhos longe de mim, muito menos outros decidindo o futuro deles jamais. Oro e entrego a vida deles na mão Deus e peço a ele a chance de viver e acompanhá-los em todos os momentos de suas vidas.

Então voltando para a minha história, ouvia muitos dizerem:

- Ela é registrada, o pai dela vai mandar o registro?

Interessante, o que era que meu pai ia mandar, se ele estava todo tempo ali comigo? Assim eu pensava. Ficava me perguntando também o que era registro. Por um instante essas indagações. Do nada, tudo não passava de conversas na calçada, com a família reunida. O tempo passou e não sei dizer ao certo quanto tempo, se foram meses ou pouco mais de um ano e novamente o assunto do registro voltou a fazer parte das conversas da família.

Após um tempo, os rumos da conversa mudaram, após o anúncio da chegada do registro. O senhor não vai gostar, mas ela tem o nome que eu escolhi, que o senhor não gostou, disse uma de suas netas, que estava resolvendo todo o processo de adoção, chegou com a notícia de que infelizmente não seria possível me adotar, pois meus pais biológicos já tinham me registrado.

Meu pai adotivo, a quem eu amava tanto, respondeu:

- Não quero! É registrada assim, mas vou chamá-la como quero. Afinal, eu quem sou o pai, pois pai é o que cuida.

Resumindo, é por isso que tenho dois nomes. O engraçado é que Fabiana foi o primeiro nome sugerido aos meus pais adotivos, só que não gostaram e passaram a me chamar de Suziane, que foi meu pai quem escolheu de todo coração, com a esperança de poder me registrar como filha dele, mas que infelizmente não deu certo. Por ironia do destino, eu já era registrada e com o nome que ele não gostou. Não sei dizer se é pelas circunstâncias da vida ou por a vida que vivi. Não sei, só sei que não me identifico muito com o nome Fabiana. É como se eu fosse outra pessoa, me sinto como alguém de dupla personalidade, duas vidas, uma com experiências marcantes e a outra como se estivesse parada no vácuo.

As pessoas não entendem muito quando falo que gosto de ser chamada de Suziane, mas eu sei, é de mim, sem contar que me identifico com o mesmo por conta do grande amor, dedicação e carinho que meu pai adotivo mostrou por mim, embora tenha sido por muito pouco tempo, pois quando fiz meus 5 anos ele faleceu, mas o pouco tempo vivido deixou boas lembranças e me senti muito amada. Recordo-me que uma das coisas que ele muito se preocupava era com meus estudos, por motivos ímpares com meu registro e processo de adoção eu não frequentava a escola, somente com 7 anos de idade que iniciei meus estudos na sala que era conhecida como Alfabetização, até hoje lembro-me do primeiro desenho que a professora fez pra mim, um patinho, usei uma cor de cada para pintá-lo.

Na escola, uma das coisas que eu achava mais bonito era quando cantávamos e íamos na sexta-feira para o Hotel Municipal, lá tinha um parquinho e as professoras nos levavam para um dia de recreação, tinha somente um escorregador e uma gangorra, mas brincávamos tanto que era como se tivesse vários brinquedos, músicas, danças também não faltavam, chegando até a me emocionar recordando esses momentos.

Chegou o tempo que esses momentos desapareceram, e agora entendo como nossas crianças se sentem ao sair da Educação Infantil e os desafios enfrentados ao ingressarem no Ensino Fundamental.

Ao chegar ao Ensino Fundamental eu estava no auge da satisfação e do encantamento pela escola, pois foram muitas descobertas, os primeiros livros. Eu ficava maravilhada e ainda hoje lembro-me da primeira cartilha, Caminho Suave, da autora Branca Alves Lima. Quantas saudades, eu queria ter toda coleção, pois além das recordações, trazem atividades, que em meu parecer são maravilhosas, apesar de Paulo Freire criticar a cartilha como ferramenta central da didática para o ensino da leitura e escrita, dá para conciliar algumas e contextualizá-las ao método Freire.

Retomando a descrição da minha jornada estudantil, lembro-me que admirava minhas professoras e tratava todas com muito respeito. Apreciava atividades que envolvessem artes, gostava muito de pintar, as professoras sempre pediam para eu colorir, elogiavam e diziam que eu tinha muita habilidade na pintura, ressaltando que eu sabia combinar as cores, sempre detalhista e caprichava mesmo.

Meu ingresso nos anos finais do Ensino Fundamental veio com muita expectativa e também com muitos conflitos, desde o turno até os conteúdos, pois eu estava na fase da adolescência e minha mãe tinha uma

preocupação com o horário das minhas aulas, já que para ela estudar à noite, jamais, era mais fácil deixar os estudos do que isso acontecer, será porque hein?

Na verdade ela sabia, eu estava naquela fase de descobertas, interessada demais ao ponto de não querer perder o horário das aulas, coleguinhas passando em frente da minha casa, cochichos e trabalhos de equipe suspeitos.

Nossa como foi bom esse tempo, mas também teve seu lado ruim, por alguns meses eu estava no turno da noite, e depois no turno da tarde, e pouco tempo depois já estava no turno da manhã, sem entender minha mãezinha complicada, que foi persistente o tanto que pode, mas na verdade o mais difícil para mim em todos esses momentos foi a minha timidez, eu não assim como hoje, dada com todo mundo, expressiva e brincalhona. Que nada, era sonsa mesmo, procurava só uma pessoa para me comunicar o tempo todo, tinha o maior medo dos professores e de me expressar, jamais perguntava ou tirava dúvidas dos conteúdos, pois sempre achei que todos sabiam e eram mais inteligentes do que eu, e assim consegui com esse ritmo nadar tranquila até a 6ª série, quando fiquei reprovada. Foi uma grande decepção, ser reprovada por uma pessoa da família, de casa, por décimos, mas não havia nada que pudesse fazer, apenas chorei bastante.

Ficava pensando como ia ser difícil para mim, não está mais com meus colegas e na mesma turma que há 5 anos convivíamos juntos. Era desesperador, vieram as indagações, o medo do novo, das novas amizades.

Depois do resultado, ficava pensando como ia ser difícil para mim, não estar mais com meus colegas e na mesma turma que há 5 anos convivíamos juntos. Era desesperador, vieram as indagações, o medo do novo, das novas amizades.

No ano de 1997, surgiu o Telecurso, que foi muito comentado como um ensino inovador e que traria muitos pontos inovadores para a educação, tornando os jovens mais capacitados com seus conteúdos e com o seu método de telensino, por meio de conteúdos assistidos na sala, chamadas de teleaulas. Como eu tinha sido reprovada no ano anterior, a direção achou melhor me colocar nesse método de ensino. O bom para mim era que eu ia terminar o Ensino Fundamental com a idade estabelecida pelo Ministério da Educação - MEC.

Não gostei, achei tudo muito estranho, pois todos os meus colegas eram mais velhos do que eu e falavam com tanto agradecimento a oportunidade que tinha surgido para eles, e eu estava lá também. Tinha uma admiração pela professora e tenho até hoje, de todas que tive, essa foi a que mais deixou marcas positivas para minha construção pessoal e profissional. Vi nela uma transmissão de conhecimentos com amor, dedicação e preocupação. Ouvi muitos relatos da mesma, isso nos fazia refletir sobre o amanhã, para a mesma tiro o meu chapéu. Hoje é professora aposentada, mas deixou o seu legado na educação, formando cidadãos de bem.

Interessante é que de tantos professores, uma marca positivamente e outro negativamente. Hoje com os meus conhecimentos adquiridos no Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR entendo como as tendências pedagógicas eram e são fortes nesse processo de construção do cidadão. Vejo aqui, lembrando minha caminhada estudantil, o método tradicional como a maior tendência no processo de construção e formação, como também o interacionista, pois quando lembro da minha professora no Telecurso compreendo a importância desse contato, dessa troca de experiência, dessa relação professor-aluno, aluno-professor, aluno-aluno, pois retomando o que já coloquei, foi nesse período que mais cresci.

Não estou aqui dizendo que os outros não fizeram parte dessa construção, fizeram sim, mas devo dizer que foi mais como transmissor de conhecimentos, do que construídos juntos. Nesse contexto vem a reflexão sobre os que vinham antes de nós, eles mesmos, nossos professores.

Voltando para a minha vida estudantil no Ensino Fundamental, destaco que o surgimento de outras tendências contribuiu para que eu o concluísse, sem mais reprovação. Ingressei no Ensino Médio no ano de 2000. O fato é que me deu uma vontade enorme de desistir só em ver o nome das disciplinas, mas eu era muito incentivada por minha mãe, ela dizia que eu procurasse me formar, pois o que era mais valioso que ela poderia me dar era o estudo e sempre chorava, pois ela por ser cega me impulsionava, porque fechava os meus olhos e me imaginava ali diante de um mundo cheio de desafios e não sabia como enfrentá-los.

Ela sempre teve razão, pois de fato o conhecimento é a maior arma que a gente tem, que nos leva ao longe e que ninguém nos tira. De verdade ela me deu o maior bem, esse sim, ninguém vai tomar. Acredito que ela partiu com a consciência tranquila, pois a maior riqueza da vida ela me deu, de modo que dela tenho saudades eternas.

Meus estudos no Ensino Médio foram tranquilos, pois me esforçava o máximo para atingir a nota média de cada disciplina, quase reprovei no primeiro ano, mas conseguir passar na recuperação, o restante foi bem tranquilo, chegando a concluir o nível médio de escolaridade. Cheguei bem perto de atingir a nota máxima no Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, mas isso não me impulsionou muito para continuar estudando, já que tudo que eu queria mesmo era me livrar de livros, estudos, professores e escola.

Na minha concepção de vida, já tinha terminado minha carreira e cumprido com todas as minhas responsabilidades. Com os meus 18 anos, ainda não pensava no futuro e também eu estava passando por muitas coisas que não levavam a ver diferente, naquele momento. Queria somente me encontrar no espaço onde eu mesma estava perdida. Como no começo da minha história tudo foi muito complicado e difícil e isso estava me afetando, não vou aqui relatar os fatos, pois os mesmos me afetam até hoje e há coisas que não é bom lembrar, tomei decisões difíceis e percebi que palavras tão pequenas como um sim e não tem um poder inexplicável na vida das pessoas e como podem mudar toda uma história.

A educação é um campo de conhecimento que dá ao ser humano a capacidade de desvendar e desbravar o mundo em todas as suas concepções, e em momento algum me imaginava como educadora, muito nas minhas brincadeiras de infância. Mas a vida é cheia de surpresas e lá estava eu no ano de 2005, assumindo uma licença no anexo da Escola de Ensino Infantil Olavo Oliveira, com a disciplina de História, nas séries de 5º ano e 9º ano, nos turnos da manhã, tarde e noite. Era tanta garra, dedicação e entusiasmo por ser meu primeiro emprego, que não me dei conta do tamanho do desafio e das responsabilidades que estavam em minhas mãos e dessa oportunidade surgiram outras e em cada uma delas surgiram novas expectativas, medos e desafios. Como sempre levava comigo entusiasmo e a minha coragem de vencer, já que estava inserida no campo da educação, me veio o desejo de assumir uma sala de aula, queria ser uma professora titular e não mais uma substituta.

No ano de 2006 me casei e continuei trabalhando na educação. Minha situação era a mesma e eu até enfrentava, até porque no primeiro ano de casamento só eu tinha emprego fixo, meu esposo só fazia bicos, e assim foi o nosso começo de vida. Com um ano de casada engravidei do meu primeiro filho Oseias, ficamos muito felizes.

Nesse momento especial, a coragem e determinação não podiam faltar, sendo que meu esposo, muito esforçado sempre buscava fazer o seu melhor no que lhe era entregue, então oportunidades não lhe faltavam, mas seu desejo de um emprego fixo. Era o que mais almejava e em alguns meses ele também foi professor substituto, mas logo percebeu que não se identificava com a profissão.

Voltando para as minhas experiências profissionais, gostaria de destacar que em um dia, sem menos

esperar, surgiu a possibilidade de participar de um curso de formação e capacitação para a Educação Infantil. Fui matriculada no mesmo, não era titular da sala, mas o fato de estar na folha de professores contribuiu muito e fui uma das selecionadas para fazer o curso PROINFANTIL, que é um curso de formação em nível médio, na modalidade Normal. O curso aconteceu na cidade do Crato-CE, sendo que eu estava no mês previsto para ganhar meu bebê e por esse motivo quase desisti, mas como Deus é grande e usa pessoas na terra como anjos para nos abençoar, uma das professoras que trabalhava na secretaria de educação, me deu a maior força, me orientou com os possíveis acordos que eu poderia fazer com a direção do curso, pois o meu estado me favorecia e então me agarrei a essa possibilidade.

Jamais imaginei que através de um curso, minha vida mudaria tanto, no sentido de me descobrir profissionalmente, pois foi o PROINFANTIL que me mostrou realmente onde eu deveria atuar. Compreendi que meu campo de atuação é a Educação Infantil, para mim não faltava nada, até minha primeira sala de aula ganhei, tinha 22 crianças com idade de 4 anos.

Esse curso me proporcionou uma bagagem rica em conhecimentos, métodos e atividades para serem trabalhadas com as crianças, sem contar em mais uma conquista, pois tive a oportunidade de trabalhar como titular da sala. Devo dizer que não faltava garra, entusiasmo e energia para o momento o qual vivia. O curso aconteceu no período de dois anos e concluímos o mesmo com sucesso e estávamos habilitados na Educação Infantil como professores capacitados na construção de conhecimentos das crianças. Foram dois anos de novas descobertas, marcados pela construção de conhecimentos. Foi o momento de nos descobrirmos, descobri que eu tinha um enorme medo de falar ao público, timidez até parece que não, mas é verdade já que fui muito tímida, e o curso me ensinou a vencer esse medo, a timidez. Hoje ao encarar o público, já não é mais tão difícil, apenas fico um pouco nervosa, mas é normal e realizo a exposição tranquilamente.

A decisão de ingressar no nível superior ocorreu em meio a uma roda de conversa com meus colegas de trabalho, onde surgiu a ideia de aprofundar os nossos conhecimentos, pensávamos como seria bom termos uma formação acadêmica em nosso currículo. Reconhecíamos que era necessário, só que a última coisa que eu queria saber, era de passar anos estudando, investindo em algo que para mim não ia valer a pena.

Minha visão naquele período era a de que uma faculdade não ia contribuir muito para eu ter uma vida com estabilidade, já que eu conhecia pessoas no meu meio que eram formadas, mas que se encontravam desempregadas. Isso desenvolveu em mim uma certa resistência, só que anos se passaram e as conversas com os meus colegas foram me despertando para esse meio acadêmico. Os relatos e experiências me fizeram ver as coisas de outra forma e refletir sobre a importância de fazer uma faculdade e no momento que um instituto chamado PROEX estava formando na nossa cidade novas turmas de Pedagogia, fiz minha inscrição, prova de vestibular e ingressei nessa turma.

No entanto, com a experiência vi aos poucos as ações frustrando minhas expectativas, pois pensei algo e foi de outra forma. As estratégias estavam muito voltadas para a teoria e as indagações do porque não era ensinado conteúdo, atividades e métodos para se trabalhar em sala e melhorar a qualidade do ensino não surtiam efeitos, e eu lá, tão leiga da realidade de que estava inserida. Não me interessava por autores, estudiosos, citações, considerava tudo aquilo um saco, eu lá queria saber sobre isso.

O bom é que as disciplinas eram concluídas em um prazo de trinta dias, no começo do mês, no primeiro final de semana, mais precisamente no domingo tínhamos os estudos do conteúdo, os trabalhos eram repassados, fazíamos e apresentávamos no último final de semana e pronto, concluída a disciplina. Reconheço que era um

estudo vago e que não nos favorecia tanto aprendizado, mas continuei no instituto por um período aproximado de seis meses.

Nesse tempo também engravidei do meu segundo filho - o Raphael, e nas conversas com outros colegas comentavam sobre um curso de formação continuada que a Universidade Regional do Cariri - URCA iria proporcionar para os professores do município e o melhor, sem custo mensal, e ainda ganhariam uma bolsa. Desacreditei dos boatos, mas em cada encontro eram contadas de uma a três desistências e o assunto da URCA proporcionar essa formação foi criando credibilidade.

Então também não pensei muito e acabei desistindo. Fiquei aguardando essa nova oportunidade, também não me preocupei muito com a minha desistência, até porque não era muito o que eu queria, já que estava curtindo os meus primeiros meses de gestação, menos preocupação era do que eu estava precisando.

Um dia fui convocada à Secretaria de Educação para fazer minha inscrição no PARFOR e em pouco tempo estávamos sendo selecionados. Em maio de 2014 realizamos o vestibular na URCA, na cidade do Crato-CE, foi mais uma conquista. No mês de agosto, mais especificamente no dia 15, iniciamos as aulas. Foram grandes as expectativas e também a certeza que não seria fácil. Do conjunto de desafios destacaria as disciplinas, as renúncias, a família, o tempo que tinha que ser priorizado em estudo. Só ao mesmo tempo, algo nos impulsionava e nos dava força e coragem para estar ali, nos finais de semana, realizando estudos, aprimorando nossos conhecimentos.

Não posso deixar de falar aqui dos nossos professores que foram colunas nessa formação, com palavras de encorajamento, entusiasmo e otimismo, que nos impulsionava muitas das vezes de maneira informal a não desistir, sempre com a frase:

- Não desistam, é a vez de vocês!
- Agarrem a oportunidade, vocês conseguem!

Construímos uma grande família, com cada um cuidando do outro, preocupando-nos com aquele que dizia:

- Eu não aguento, vou desistir. A torcida era para que isso não acontecesse, não era o suficiente e lamentávamos a desistência dos amigos e o quanto os mesmos estavam perdendo.

Reconheço que estava sendo difícil, estávamos crescendo, mas nem sempre é como queremos e que o inevitável acontece. Da experiência destacaria ainda as condições que foram impostas ao que não conseguiram chegar até aqui, que não conseguiram resistir.

O PARFOR me proporcionou muitos conhecimentos, por meio da abordagem de teorias e dos teóricos, principalmente Paulo Freire, que me fez crescer profissionalmente. Hoje tenho um olhar voltado para as interações das crianças e sua formação, sobre o que ela é no meio em que vive, observando que a relação professor- aluno e aluno-aluno proporcionou um campo de experiências com resultados positivos, possibilitando-lhes ser então os protagonistas de sua própria história.

Percebendo a importância do envolvimento das crianças e das interações que elas vivenciam umas com as outras, escolhi o tema “Jogos e brincadeiras na educação infantil: desafios e possibilidades”. Meu estudo consiste em verificar em que medida o aspecto lúdico favorece a aprendizagem da criança, e como as brincadeiras podem contribuir para o letramento matemático, com foco nos recursos adequados ao trabalho do professor, que pode favorecer nesse processo de ensino e de aprendizagem.

ANEXO L – MEMORIAL DA ESTUDANTE-PROFESSORA FRANCISCA TÂNIA PEREIRA DE BRITO

BRITO, Francisca Tânia Pereira de. Trajetória de uma brava nordestina. In: *Alfabetização e letramento no primeiro ano do ensino fundamental*. 2019. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (61p) (pp. 13-20)

1 TRAJETÓRIA DE UMA BRAVA NORDESTINA

Eu, Francisca Tânia Pereira de Brito, sou filha de Ana Pereira da Silva, nasci na cidade de Iguatu-Ceará. Fui criada em Saboeiro-Ceará, visto que meus avós maternos foram me buscar em Iguatu para me criarem, pelo fato do meu pai não ter assumido minha paternidade. A família de meu pai só queria algum envolvimento comigo, se eu fosse um menino. Vieram me ver para me levarem com eles, mas mudaram de ideia ao saberem que eu era menina.

Fui criada em um ambiente bem pobre, mas com muito amor e afeto. Minha mãe (avó) era lavadeira de roupa, e meu pai (avô) era pescador. Uma das coisas que eu mais gostava na minha infância era brincar de boneca, que era sempre feita de pano. Brincava também de peteca, brincadeiras de roda, de casinha de barro, entre outras. Isso era muito importante para mim, pois fazia me sentir bem e alegre. O que mais me deixava triste, na minha infância, era o medo que me acontecia, quando era época de vacinas, que vinham pessoas estranhas para vacinar todas as crianças, tinha medo também das histórias contadas que aparecia lobisomem e pessoas que morriam, e dos Caretas que se vestiam com trajes estranhos e chicotes para bater nas pessoas.

O que me marcou muito foi quando foram me colocar na escola. Eu não tinha certidão de nascimento, e para ser matriculada eu precisaria ter esse registro legal. Meu pai (avô) queria me registrar como filha dele e de sua esposa (minha avó), mas o profissional do cartório não aceitou, disse que isso não era permitido, já que eles eram idosos. Então voltamos para casa e decidimos que minha tia e seu marido seriam registrados como meus pais. Mas novamente não foi possível. Então fui registrada constando na minha certidão de nascimento apenas o nome de minha mãe biológica, sem o nome do pai. No campo para o nome do pai consta a seguinte informação: filha ignorada. Isso foi muito marcante para mim de uma forma negativa. Até hoje me sinto mal, quando preencho algum tipo de cadastro/documento e tenho que colocar na informação do pai: filha ignorada.

Mas o objetivo foi alcançado. Consegui ter uma matrícula junto à escola para poder continuar estudando. Naquela época, minhas amigas percebiam meu mal-estar pelos fatos relacionados à minha certidão de nascimento e tentavam me consolar. Outras quando queriam me xingar quando brigávamos usavam isso para me magoar. Eu ficava muito afetada e desgostosa.

Outra coisa frustrante era o alto custo da escola para meus avós que eram muito pobres. Quando eles não tinham o dinheiro para pagar as taxas escolares no dia certo, eu não podia entrar na escola e por isso ficava vários dias sem assistir aula até quando conseguissem pagar. A farda tinha que ser dentro dos padrões fornecidos pelo Estado na época, nos mínimos detalhes. Cor do tecido, tipo de tecido, um bolso bordado para a camisa, tamanho das peças e marca dos sapatos, sendo que tudo era muito caro. Meus pais não podiam comprar todo ano. Era muito desafiador para uma criança pobre estudar em uma escola estadual. Por isso precisei de muita ajuda para poder estudar nessa escola – a única na cidade. Mas eu queria tanto estudar que resolvi começar a trabalhar para

ter algum dinheiro. Fui trabalhar nas casas de minhas amigas e de outras pessoas ricas. Acabei me tornando amiga dessas pessoas. De algumas, sou amiga até hoje.

Minha madrinha de batismo me ajudou na infância, contribuindo significativamente na minha alimentação e durante a vida estudantil, que iniciei aos sete anos de idade. Na primeira série foi muito complicado me manter na escola, porque eu ainda não era registrada e, por isso, não possuía certidão de nascimento para apresentar junto a matrícula na escola. A diretora ficava sempre cobrando essa certidão e me colocava sob a ameaça de eu ter que sair da escola, até que finalmente a certidão foi feita, como já relatei anteriormente. Porém, eu era muito querida pela minha professora. Logo fui ajudada a aprender ler e escrever. No entanto, em Matemática eu me saía sempre mal. Mesmo assim, eu desenvolvia cada vez mais gosto pelos estudos e pela aprendizagem de coisas novas. O tempo foi passando e eu sempre sendo uma aluna que gostava da escola. Por isso meus professores sempre me elogiavam e falavam para minha família que eu era uma boa aluna.

Mas a situação começou a mudar a partir da 5ª série, sendo que a situação se agravou até a 8ª série. Não desenvolvia as habilidades necessárias nas disciplinas de modo geral, embora eu fosse uma aluna interessada. Ao cursar essas séries, eu tinha dificuldades em compreender bem os conteúdos de Matemática com relação a fração, cálculo, raciocínio lógico e outros. O que me ajudou a melhorar nesses conteúdos, foi um grande amigo meu que era professor e ainda hoje é professor. Ele tirava tempo para me ensinar as atividades propostas pela minha professora. No ensino de Língua Portuguesa, tinha muita dificuldade na gramática que apresentava o conteúdo de verbos, de ortografia, com os sons e também relacionados a frases e classificação do predicado verbal e nominal. Isso me deixava angustiada, eu ia para casa de algumas colegas que entendiam melhor e elas me ajudaram muito. Com o tempo fui procurando exercer muitas atividades relacionadas aos conteúdos. Isso me foi de grande ajuda. Uma outra ajuda recebi de um professor de Português, que veio morar aqui na cidade, pois sempre que percebia minha dificuldade chegava perto de minha carteira e me explicava, fazendo isso em várias aulas. Hoje sou grata por isso. Com o passar dos anos fui estudando livros e tentando entender esses conteúdos que já falei.

O fator que mais contribuiu para isso foi a falta de material escolar e a falta de livros, que eram sempre muito caros. Eu tentava remediar a situação fazendo, à mão, extensas cópias do conteúdo do livro das minhas colegas. Naquela época, tudo era muito caro e difícil para quem era pobre. Contudo, não desisti. Recordo-me de uma vez em que uma de minhas colegas ricas adoeceu e eu fiquei uma semana escrevendo as atividades dela e ela me pagou com caderno e lápis. Assim eu ia conseguindo meu material escolar – sempre fazendo as tarefas das minhas colegas ricas, quando elas não podiam.

Algo que devo lembrar é que houve uma influência muito negativa em minha vida estudantil. Foi uma professora de História. Ela utilizava métodos que dificilmente resultariam em uma aprendizagem satisfatória. Métodos que amedrontavam eram muitos utilizados por ela, como por exemplo, a imposição da voz de uma forma autoritária e cruel que causava muito espanto em todos nós alunos. As ameaças também eram muito frequentes, causando um forte temor nos alunos, o que me inibia e desmotivava a aprendizagem. Embora a professora apresentasse grande domínio dos conteúdos, a boa explicação por parte dela era imposta como verdade absoluta, ficando nós alunos limitados apenas a ouvir e repetir o que estava sendo transmitido.

Sentia pânico em períodos de provas e atividades de avaliação. Isso afetava muito negativamente meu desenvolvimento cognitivo e pessoal. O clima de medo e ameaças gerava um intenso desgaste e estresse mental. Hoje entendo que embora os métodos usados pela professora mantivessem a ordem e uma boa disciplina na sala de aula, a aprendizagem era forçada, não fluía de modo natural e favorável. Esses me faziam sentir pressionada e

amedrontada. A professora me causava desânimo em relação aos estudos.

No entanto, tive também uma influência positiva: a contribuição de uma professora que marcou positivamente minha carreira escolar. Foi uma professora da disciplina de Língua Portuguesa. Era a época de minha adolescência em que eu não possuía muito aprofundamento de muitos assuntos e, portanto, expressava pouca segurança em relação aos meus conhecimentos escolares. Eu apresentava ainda algumas dificuldades na escrita e na leitura, o que me desmotivava muito. Além disso, eu não desfrutava de um acompanhamento escolar em casa, visto serem meus pais muito humildes. Somando-se a isso, ainda havia o fato de que a necessidade de livros era raramente suprida.

Assim, uma professora que pudesse apresentar alternativas ou subsídios para todos esses meus problemas, visando meu desenvolvimento escolar, se fazia por demais necessário. E, felizmente, foi isso o que aconteceu. A professora de Português tentava me ajudar por explicar os assuntos com paciência e vagareza, favorecendo a minha compreensão. Ela também se colocava a disposição para tirar minhas dúvidas e, de fato, fazia isso me dando uma assistência individual na minha carteira. Esse auxílio individualizado foi fundamental para que eu pudesse resgatar o gosto pela aprendizagem e, conseqüentemente, para o meu progresso escolar. Ela conseguiu criar em mim o estímulo necessário que me fizesse dar continuidade aos meus estudos.

Passei a me interessar mais pelas aulas, desenvolvi mais gosto pelo que aprendia, passei a ver os conteúdos com mais satisfação e motivação. Sentia que as aulas estavam sendo mais produtivas para mim e que todos aqueles conhecimentos eram importantes para meu desenvolvimento como pessoa. A minha motivação aumentava ao desenvolver o sentimento de que eu era capaz de agir em prol das minhas metas pessoais.

Felizmente minha disposição em aprender foi resgatada e valorizada graças à uma configuração de ensino voltada a me transformar psicologicamente e a me dar satisfação pessoal.

Uma outra experiência da minha vida escolar na infância, cômica, porém trágica, foi com a professora de Ciências. Fiquei reprovada nesta disciplina porque cheguei a dizer para a professora que os livros que ela usava eram do tempo da sua avó. Todos riram e isso causou um grave descontentamento por parte dela que levou o caso para a diretoria. Eu iria ser expulsa da escola nessa época por causa disso. Mas, felizmente, graças a uma senhora de Fortaleza, que vinha periodicamente resolver alguns problemas da escola, eu não fui expulsa. Isso me frustrou muito. A professora e a diretora ficaram com ressentimentos de mim e se tornaram excessivamente rígidas comigo. Foi difícil, mas consegui continuar na escola.

Continuei os meus estudos até a 8ª série. Não tive como ingressar no ensino médio. Apenas os filhos dos ricos conseguiam isso, pois era necessário se deslocar para outra cidade que oferecesse o ensino médio em alguma escola.

Depois de vários anos, surgiu na minha cidade a oportunidade de cursar um tipo de ensino que preparava as pessoas para se tornarem professores – o ensino pedagógico. Foi quando fui me aprimorando na arte de ensinar o que eu sabia e poderia arcar com uma proposta de emprego como professora. Isso me deixou ainda mais motivada. Esforcei-me muito para fazer um bom estágio quando estava no último ano (3º ano). Procurei logo uma das mais bem aclamadas professoras para ministrar meu estágio na sala de aula dela. Dessa forma, aprendi muito com ela e ela me ajudou muito também. Ela contribuiu para que eu me tornasse uma profissional responsável, e me preparou para enfrentar os desafios de uma sala de aula.

Quando terminei esse curso no ano de 1995, logo fui contratada para ensinar em turma de 1ª série, e isso foi muito bom para mim, uma vez que agora eu poderia ganhar meu próprio sustento como uma profissional.

Na continuação do tempo, já por dezessete anos de trabalho na sala de aula como professora de 1º a 5º ano do ensino fundamental, fui designada para cursar a faculdade de Pedagogia aqui mesmo na cidade de Saboeiro, Ceará. Fiquei feliz com isso. Sempre tive vontade de cursar uma faculdade. Mas sempre foi algo irrealista para mim, por dificuldades financeiras, familiares e pessoais. Hoje, já com meus filhos crescidos e também formados, ficou mais fácil para eu ingressar no ensino superior.

Para fazer este curso no Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR recebi o incentivo de vários colegas de trabalho, principalmente do Secretário Municipal da Educação, Rosemir do Carmo, e de minha filha. Sempre reconheci que havia também a necessidade de conhecimento teórico para aprimorar meu ensino. Embora eu não tivesse esse conhecimento teórico, minha coordenadora da época, Erica Fernandes, sempre elogiava meu trabalho. Porém, ela sempre ressaltava a importância do entendimento teórico da minha prática pedagógica. De modo que, quando surgiu o Programa de Alfabetização na Idade Certa - PAIC e o Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa - PNAIC, ela logo cuidou de me incluir na turma que iria ser atendida por esses programas. Assim, vi a imperatividade de eu cursar o ensino superior e adquirir formação acadêmica.

Sobre as formações do PAIC e PNAIC, acho importante lembrar de uma experiência que tive ao apresentar um seminário em 2014. Nessa apresentação incluía a participação de uma das minhas alunas que fez uma peça com a contação de uma história. Todos elogiaram e aplaudiram muito.

Eu tinha medo, ou um certo temor, de assumir a responsabilidade de turmas de 2º ano, por isso sempre pedia para me deixarem nas turmas de 1º ano. Mas com o tempo, fui gostando da formação oferecida pelos programas do PAIC e PNAIC e já não sentia mais medo de assumir turmas de 2º ano, nem de 3º ano. Mas na primeira vez que fui indicada para lecionar uma turma de 3º ano, quase entrei em choque. Até chorei muito na escola, mas tive que aceitar de bom grado. Por não ser professora efetiva, apenas contratada, não tinha escolha. Tive que assumir essa responsabilidade, na qual eu logo descobriria que daria conta.

Foi um desafio enorme para mim, visto que, nessas turmas, o professor deveria trabalhar para consolidar no aluno todas as habilidades da proposta didática utilizada na época. Mas a faculdade veio a calhar bem nessa época. Foi-me de grande ajuda as disciplinas de contação de história, de psicologia, de motricidade, e muitas outras. Na verdade, todas as disciplinas caíam como uma luva. Eu aplicava as orientações novas aprendidas na faculdade na sala de aula, juntamente com minha experiência já de décadas de ensino e, assim, via muitos resultados cada vez melhores em meu trabalho. Autores como Luckesi, Libâneo, Saviani, Vigotsky, Teberosky e Dockell se tornaram grandes aliados no meu trabalho como pedagoga. As disciplinas que discutiam as contribuições desses teóricos para a educação me ajudaram muito, favorecendo a aplicação dessas orientações à minha prática didática.

Como atuo na condição de professora alfabetizadora, muitas das contribuições de Luckesi (2004) são importantes para fundamentar minha práxis pedagógica, pois com base no autor "dados essenciais são aqueles que estão definidos nos planejamentos de ensino, a partir de uma teoria pedagógica, e que foram traduzidos em práticas educativas nas aulas."

Com base nessa declaração do autor, constante em uma entrevista, ele fala sobre a repetência na fase da alfabetização. Isso foi o que sempre me preocupou, porque embora as crianças de primeiro ano tenham por garantia a aprovação de ano, ela precisa alfabetizar-se bem, ou seja, ela precisa de um ensino de qualidade. Isso também me fez perceber o quanto é necessário ter um apoio para as turmas de primeiro ano e assim poder realizar esse

trabalho com sucesso na alfabetização de crianças seis e sete anos. Com base na teoria e na prática compreendi que não basta aprovar o aluno, mas orientá-lo e ajudá-lo para que seu processo de alfabetização se consolide na idade adequada, evitando distorção, reprovação e possível abandono.

As conexões entre os conteúdos que a escola trabalha e a vida do estudante foi tratada por Libâneo (1994), ao apresentar a seguinte contribuição:

A atuação da escola consiste na preparação do aluno para o mundo adulto e suas contradições, fornecendo-lhe um instrumental, por meio da aquisição de conteúdos e da socialização, [...] para uma participação organizada e ativa na democratização da sociedade”. (LIBÂNEO, 1994, p. 70).

Libâneo fala da didática como algo muito importante, sendo que isso me faz entender que o ensino pedagógico, ou seja, quando associamos o trabalho de uso sistematizado, que são os conteúdos e os métodos em favor dos processos de ensino e de aprendizagem, através do desenvolvimento intelectual, favorecemos a construção do conhecimento por parte do estudante. Com isso, compreendo que os alunos precisam de uma prática pedagógica de qualidade, sendo que essa deve fazer parte do planejamento e prática, mediada pelo docente.

As contribuições de Vigotsky (1998) me ajudaram a compreender que na escola o processo de aprendizagem é constante, mesmo com a criança ainda se encontrando na educação infantil, conforme ele destaca na seguinte contribuição:

“Assim como no brinquedo, também no desenho o significado surge, inicialmente, como um simbolismo de primeira ordem. Como já dissemos, os primeiros desenhos surgem como resultados de gestos manuais (gestos de mãos adequadamente equipadas com lápis); e o gesto, como vimos, constitui a primeira representação do significado. É somente mais tarde que, independentemente, a representação gráfica começa a designar algum objeto. A natureza dessa relação é que aos rabiscos já feitos no papel dá-se um nome apropriado”. (Vygotsky, 1998, p. 146)

A observação que Vigotsky (1998) apresenta me fez compreender o processo de desenvolvimento infantil em uma perspectiva contínua, mostrando uma luz para a criança que inicia sua trajetória escolar tendo o brinquedo, desenhos, gestos e outros como meio de representação das aprendizagens construídas nessa importante etapa, evidenciando como o desenvolvimento é fundamental para o crescimento estudantil do discente.

Todos os profissionais da escola na qual trabalho são concursados, efetivos, com graduação ou especialização, e assim por diante. Por isso, às vezes, me sentia desconfortável por ser funcionária apenas contratada e sem graduação nenhuma. Mas sei que foi uma grande conquista eu poder dar continuidade ao meu trabalho na qualidade de professora em formação e, agora, já praticamente formada, tornando-me, assim, uma profissional respeitada e exemplar. Mesmo sendo apenas contratada, sempre sou convocada para ensinar. Embora por aqui ainda exista questões políticas que regem o fornecimento dos empregos de professores, sei que meu trabalho é importante na escola e que todos aprovam. Eu considero isso algo muito importante, como uma grande conquista.

No decorrer do curso do PARFOR, fui percebendo um pouco meu desenvolvimento. Outras vezes era frustrante, parecia que eu não iria conseguir. Mas hoje posso dizer que sei defender questões e abordagens sobre educação e sala de aula. Nos momentos de planejamento com meus colegas, debatemos os assuntos, buscando maneiras de nos ajudarmos mutuamente e tornar nossa clientela escolar cidadãos críticos e conhecedores de seus direitos, entre outras habilidades importantes.

Não posso deixar de ressaltar que todos os professores do curso me ajudaram muito a adquirir mais compreensão dos assuntos e melhorar a qualidade do meu ensino. Foram muitos debates, discussões, muitas leituras, seminários, experiências, teorias, estudos científicos. Tudo pautado em definições e compreensão científica.

Infelizmente, nessa reta final do curso adquiri sérios problemas de saúde que me fizeram querer parar de estudar. Até desisti por um mês inteiro. Mas acabei retomando meu lugar junto à classe após extensivos pedidos e conselhos de colegas e dois grandes amigos. Reconheci a necessidade de terminar este curso que já havia tido mais de 70% de andamento, mesmo porque continuo exercendo a função de professora das séries iniciais do ensino fundamental.

Ajudar aquelas crianças com dificuldade de aprendizagem e de leitura é primordial para mim. Mesmo cansada e me aproximando de uma possível aposentadoria, ainda me esforço vigorosamente para desenvolver suas habilidades, para que possam, assim como eu, dar continuidade a sua tão preciosa vida estudantil.

Compreendo que nos meus anos escolares me foram dadas muitas oportunidades para eu levar a sério meus estudos. Mesmo sendo desmotivada vez por outra por alguns aspectos, aprendi que quando diante de uma situação de carência ou poucos recursos, nesse momento já é imposta a motivação necessária para a busca da mudança. Ter em mente a importância de dar continuidade aos meus estudos foi a força motivadora necessária para me fazer continuar com perseverança na busca do meu crescimento.

ANEXO M – MEMORIAL DA ESTUDANTE-PROFESSORA INÊS SILVA BRAGA PEREIRA

PEREIRA, Inês Silva Braga. História de vida. In: *Avaliação da aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental*. 2019a. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (65p) (pp. 13-20)

1 HISTÓRIA DE VIDA

A presente seção traz um apanhado geral de fatos e conquistas que marcaram minha vida pessoal, estudantil e profissional, bem como uma breve apresentação do tema da pesquisa.

1.1 Minha Infância

Se queremos progredir, não devemos repetir a história, mas fazer uma história nova.

Mahatma Gandhi

Eu me chamo Inês Silva Braga Pereira, nasci no dia 24 de março de 1980, no Sítio Lagoa de Dentro, localizado no Município de Saboeiro – CE, aproximadamente a 17 km da sede. Nasci na minha própria residência, parto feito pela minha avó paterna Inês Araújo Benício, que era a parteira daquela comunidade. Minha família é constituída por 04 irmãos, sendo dois homens e duas mulheres. Sou filha de Antonio Benicio Braga e Maria de Fátima Silva Braga.

Passei toda a minha infância na zona rural, em contato direto com a natureza, participando de brincadeiras populares com os meus irmãos e primos. Foi nesse lugar que aprendi a amar a vida, conduzida por histórias contadas por meu pai em noites enluaradas. Nas noites chuvosas de inverno pode – se escutar o ronco barulhento de grotas e riachos. Minha infância foi marcada e compartilhada com irmãos, primos nas mais diversas brincadeiras como: bandeira, trisca, futebol etc.

Quando tinha dois anos de idade, meu pai sempre ia ao campo de futebol montado em um cavalo. Ao cair da tarde, meu pai chegou do campo e deixou o cavalo perto do alpendre solto, quando segurei sua rédea o animal puxou – me caindo sobre uma pedra cortando o supercílio a ponto de levar alguns pontos. Foi aquele desespero por parte dos meus pais, para fazer com que estancasse o sangue. Visto que, a falta de transporte na comunidade ficaria impossível o deslocamento para ser atendida. Minha mãe usou conhecimento popular e remédio caseiro para estancar o sangue. Meus pais ensinaram – me a respeitar o próximo, a ser justa verdadeira e honesta em tudo que fizer independentemente da consequência. Guardo na lembrança a minha primeira vez que andei a cavalo, em um domingo pela manhã fui para casa da minha avó com minha mãe, primas foi aquela diversão e uma experiência impar naquele momento por experimentar a sensação de ter um contato maior com animais.

1.2 Minha Adolescência

Ser feliz não é ter uma vida perfeita. Mas usar as lágrimas para irrigar a tolerância. Usar as perdas para refinar a paciência. Usar as falhas para esculpir a serenidade. Usar a dor para lapidar o prazer. Usar os obstáculos para abrir as janelas da inteligência.

Augusto Cury

Já minha adolescência também foi partilhada com meus amigos, período em que íamos com meus amigos para ensaios de quadrilhas montados em jumentos, gostava ainda de passear na casa de meus tios para brincar com meus primos. Recordo-me de um fato muito desesperador, que aconteceu quando meu pai, minha irmã e eu fomos tomar banho no açude. Chegando lá, meu pai foi atravessar o açude nadando e disse para eu e minha irmã não ultrapassar de uma estaca, pois a partir dali a profundidade era maior. Minha irmã tentou nadar com o rosto mergulhado na água e acabou passando da marcação. Quando levantou, não encontrou chão e começou a afogar – se. Aflita, tentei puxá-la e acabei empurrando-a mais para o fundo. Desesperada, comecei a gritar pelo meu pai que veio a tempo de salvá-la.

No ano de 1995 conheci Raimundo Souza, em uma festa. Começamos a conversar e nos tornamos amigos, e algum tempo depois passamos a namorar. Após seis meses de namoro, decidimos ficarmos noivos, o sentimento cada vez mais forte e a certeza que queríamos dividir uma vida juntos, formar uma família. Mais seis meses se passaram e nos casamos, em dezembro de 1996. Estamos juntos até hoje, temos um casamento harmonioso e construímos uma família maravilhosa.

Tivemos três filhos, sendo dois homens e uma mulher. Eles são as maiores dádivas que recebi na minha vida. Não há nada que dê mais sentido aos meus dias do que receber o carinho de cada um. O amor que tenho por eles é incomparável e incondicional.

1.3 Trajetória estudantil

A educação faz sentido porque as mulheres e homens aprendem que através da aprendizagem podem fazerem-se e refazerem-se, porque mulheres e homens são capazes de assumirem a responsabilidade sobre si mesmos como seres capazes de conhecerem.

Paulo Freire

No ano de 1986, meus pais foram morar na cidade de Saboeiro-CE. Nesse mesmo ano comecei a estudar a alfabetização, na Escola Municipal Olavo Oliveira, com a professora Nereusa. No primeiro dia de aula, fui ao colégio em companhia da minha mãe. Foi um dos piores dias da minha vida, pois senti muito medo. Porém, foi aos poucos passando, visto que a vontade de aprender era maior.

Lembro-me que naquele contexto, a professora sempre era a dona da razão, não admitia ser contrariada em suas ideias. O aluno era simplesmente um mero receptor de mensagens e informações. Tudo foi tão intenso que a lembrança de suas atitudes ainda permanece fixa na minha memória. Estudei a primeira e segunda série na referida escola, onde os métodos de ensino e o autoritarismo foram aos poucos tornando – se mais flexível por parte dos professores.

No ano de 1989, meus pais retornaram para o mesmo sítio. Lá cursei a terceira e quarta série na Escola Municipal Maria Martins Viana. Recordo-me que a professora tinha apenas o primeiro grau, mas era bastante esforçada, fazendo com que todos aprendessem. Era uma escola com poucos alunos, e não tinha sala disponível

para todas as séries. Por conta disso, fazia – se necessário a multisseriação dos alunos nas mais diversas etapas de ensino.

O mais divertido naquela época era o percurso feito por todos os alunos montados em jumentos rumo à escola. No ano seguinte, retornei à cidade para cursar a quinta série, sendo que fui matriculada na Escola Municipal Lídia Bezerra. Foi um ano marcante e difícil por ter mais de um professor, muitos com arrogância e prepotência, sentindo – se realizado ao menosprezar os alunos com atitudes e palavras grosseiras. A sala de aula era um local de sujeição e castigos absurdos como: escrever cem vezes uma palavra, tomavam o chinelo dos alunos se tirassem do pé etc.

Nesse ano, fiquei em recuperação em duas disciplinas, consegui passar em uma e ficar retida em outra por ter olhado para o lado, de modo que a professora tomou minha prova. Fiquei traumatizada, pedi a meus pais que me transferissem para outra escola onde fiz os meus primeiros anos. Retornei à Escola Municipal Maria Martins Viana estudei até a oitava série, parando no segundo semestre, visto que decidi me casar.

No ano de 1999 recebi uma proposta de trabalho. Foi então que a Secretaria Municipal de Educação solicitou que todos os professores leigos, inclusive eu, participasse do Programa de Formação de Professores (PROFORMAÇÃO).

Ingressei no PROFORMAÇÃO em janeiro de 2000, na Escola Wilson Gonçalves, colégio estadual do Crato – CE. No momento inicial, o coordenador Francisco Eliomar Ribeiro apresentou o curso aos professores e as disciplinas de cada docente iam ministrar. As aulas se deram por um período de quinze dias, as professoras eram muito capacitadas e suas aulas inovadoras.

O programa visava aumentar o nível de conhecimentos e competência dos professores e com isso, contribuir com o processo ensino aprendizagem e o desempenho escolar do educando. O tempo de conclusão do curso era de dois anos, de modo que durante todo o curso o aluno deveria estar atuando nas turmas de séries iniciais como titular da turma, sendo devidamente acompanhado por uma tutora educacional com formação adequada. A programação do curso se fazia de aulas presenciais quinzenalmente, e durante as férias os nossos encontros eram no Crato CE.

Além de estudarmos as disciplinas do currículo, apresentávamos um relatório de tudo o que havia trabalhado em sala de aula. Esse relatório era chamado de memorial, e entregue por escrito para a tutora que acompanhava o processo de formação do aluno, e uma vez por mês o tutor agendava uma visita e acompanhava toda a aula, analisando também o plano e no final de cada semestre desenvolvia um projeto com tema relevante na área educacional.

Todos os trabalhos desenvolvidos eram avaliados e atribuídos notas. Foi um período marcante e diferencial na minha trajetória de formação e crescimento pessoal e profissional, visto que passava de quinze dias fora de casa, alojada em uma escola no Crato, estudando os mais diversos conhecimentos na parte pedagógica de conhecimento, no fazer diário e, principalmente, na legislação educacional.

Vale ressaltar a relevância desse curso para mim, pois ajudou na minha prática pedagógica e na aquisição de conhecimentos específicos e, sobretudo, na percepção do ensino-aprendizagem, proporcionando ao aluno conhecimentos novos e desafiadores para o qual tudo se concentra. Tudo que aprendi nas reuniões como jogos e atividades de grupo, aplicava em sala de acordo com a realidade, fazendo adaptações, tornando a prática mais efetiva em sala.

Meu acesso ao ensino superior se deu através do Plano Nacional de Formação de Professores da

Educação Básica - PARFOR, que foi instituído pelo Decreto nº 6.755 de 29 de janeiro de 2009, do Ministério da Educação. O programa tem como objetivo principal garantir que os professores em exercício na rede pública de educação básica obtenham a formação exigida pela Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional 9.394/96, por meio de cursos superiores públicos, gratuito e de qualidade.

O princípio desse curso abalou toda a minha estrutura construída ao longo de 33 anos. Inicie sabendo que a batalha não seria nada fácil, de modo que o curso teve início em agosto de 2013 com aula inaugural bastante proveitosa e desse dia para cá foi uma jornada de muita luta e muitas noites indo dormir tarde para dar conta de atividades e tarefas nas mais diversas disciplinas. Mas agradeço o privilégio e a oportunidade que tenho em participar de um curso em nível superior, curso que veio trazer inovações e mudanças na minha formação profissional.

O curso funciona no município de Saboeiro – CE, na Secretaria Municipal de Educação. As aulas acontecem nas sextas feiras à noite e nos sábados durante o dia com carga horária de 12 horas semanais. Mesmo tendo ocorrido alguns contratemplos no seu decorrer, a coordenação do curso sempre se preocupou com o funcionamento e principalmente na escolha dos profissionais altamente qualificados para ministrar as aulas. Os referidos profissionais sempre se preocupavam em aplicar métodos inovadores e dinâmicos na prática de ensino, mudando o senso crítico, a forma de pensar, agir e lutar em busca dos ideais.

Vale destacar, que os seminários foram fundamentais na minha desenvoltura, pois deram-me a oportunidade de expressar o meu pensamento, quebrando barreiras que dificultavam a aprendizagem e impossibilitavam o crescimento não só como educadora, mas como pessoa que tem a real participação dentro de uma sociedade que de certo modo, não há igualdade entre seus membros. Ao longo desse novo projeto de vida, fui incluindo na minha formação profissional novas expressões, novas situações e olhares que me fizeram perceber e descobrir um novo mundo. Ser uma profissional qualificada com uma boa formação, sempre foi a minha meta. Sempre tive o interesse de me aperfeiçoar profissionalmente e inovar meus conhecimentos. Por isso, vou vencendo as dificuldades apresentadas no dia a dia.

O curso despertou em mim um processo seletivo de mudança e transformação, na busca de conquista e maturidade, tornando – se cada vez constante. Ele foi um divisor de águas tanto pessoal quanto profissional, pois me fez compreender que a formação provoca ações e contribui para as mudanças tanto na maneira de agir e pensar, possibilitando refletir minhas atitudes e posicionamento.

Entretanto, o curso contribuiu satisfatoriamente dando uma visão mais clara e crítica da realidade e de como educar. Sem fugir dos aspectos a serem alcançados, buscando ser o mais simples possível e objetivo em minhas ações na formação de cidadãos críticos, participativos e com responsabilidade social.

1.4 Trajetória profissional

Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.

Paulo Freire

No ano de 1997, com apenas 17 anos, recebi da Senhora Ivan Secundo, uma proposta para trabalhar como professora na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Joana Perpétua dos Santos, no Sítio

Paraná, localizado no município de Saboeiro – Ceará. No início, relutei em aceitar, mas a Senhora Ivan Secunda e minha cunhada que estava presente, insistiram bastante, de modo que eu, necessitando de um trabalho, pois tinha acabado de casar, acabei aceitando o desafio, mesmo tendo apenas o ensino fundamental incompleto. Naquela época, grande parte dos profissionais do município não tinha o fundamental completo sem nenhuma formação para ministrar aulas, porém o município necessitava da mão de obra para alfabetizar as crianças carentes e de difícil acesso à escola, e na maioria das vezes usavam casas de famílias para tal atividade.

Inicie minha trajetória profissional no dia 05 de maio de 1997, em uma turma multisseriada. Em meu primeiro contato com a turma, dei-me conta que o desafio era enorme, pois estava diante de uma turma heterogênea de conhecimento e, principalmente, por ser múltipla de etapa. O único recurso que tínhamos era o quadro negro, giz e livro didático e, principalmente, o desejo de ajudar aquelas crianças. Foi um ano de muitas dificuldades, onde os obstáculos eram frequentes e de difícil solução, por conta de não saber lidar com certas situações que ocorriam em sala. Na tentativa de fazer com que os alunos aprendessem pratiquei a educação bancária, pois desprovida de conhecimento teórico e principalmente da prática, repetia o que aprendi com meus professores.

No ano seguinte, continuei na mesma escola e com o mesmo alunado. Nesse ano, tive a oportunidade de participar de um curso de capacitação realizado na cidade de Assaré – CE, que veio como suporte para ajudar – me no meu fazer pedagógico. De certo modo, as dificuldades eram gigantes, mas, o curso foi um alento para melhorar a minha prática pedagógica em sala. Trabalhei nessa escola por seis anos consecutivos, foi nesse período que consegui concluir o magistério através do PROFORMAÇÃO.

No ano de 2003, a Escola Municipal Joana Perpétua dos Santos foi extinta, por conta do número de alunos ter sido reduzido, transferindo os que continuavam para a Escola Municipal Olavo Bilac, no Sítio Mangá, do mesmo município, no qual fui trabalhar juntando-me a uma professora concursada que lecionava em uma turma multisseriada da alfabetização a 4ª série. Com a minha chegada, a turma foi dividida, sendo que a professora concursada ficou com as turmas de alfabetização a 2ª série, ficando eu com 3ª e 4ª série. Lecionei por 06 anos. No ano de 2009, a educação do município passou por uma verdadeira revolução com uma nova gestão municipal, no qual foi realizada uma reordenação na rede com a nucleação de várias escolas polo, por meio do qual algumas escolas se tornaram anexas migrando alunos para escola mãe, melhorando o fluxo do transporte e principalmente a qualidade na educação. A Escola Municipal Olavo Bilac se tornou um anexo da Escola de Ensino Infantil e Fundamental São José, localizada no Sítio São José, para onde fui remanejada, juntamente com alguns alunos para a escola polo. Nesse ano, colocaram – me para trabalhar na turma de 1º ano, no ano seguinte a gestão escolar para sequenciar o trabalho fui lecionar na turma do 2º ano. Uma turma bastante participativa, que demonstrava interesse nas atividades propostas. Quando solicitados a fazerem alguma tarefa em grupos, eram solidários uns com os outros, além de darem suas opiniões.

Nesse ano, a Secretaria Municipal de Educação, juntamente com o gestor municipal incentivaram os profissionais da educação do município a alfabetizar os alunos na idade certa, criando um projeto municipal para premiar as melhores escolas e professores que obtivessem um padrão de desempenho desejável na turma do 2º ano. Quando saiu o resultado fiquei muito feliz, pois minha turma tinha sido nota dez, ficando em primeiro lugar no município. No ano de 2011, continuei lecionando no 2º ano e novamente minha turma se destacou entre as demais, recebendo mais uma vez a premiação. Trabalhei mais 06 anos seguidos nas turmas do 2º ano e as minhas turmas sempre obtiveram médias dentro dos padrões de desempenho, uma proficiência desejável, ficando constantemente entre as melhores do município. Mesmo, sempre estando com uma proficiência desejável, nunca

conseguimos ser premiada escola nota dez no estado, visto que o número de alunos não atende os critérios exigidos pelo o programa.

No ano de 2018, fui contemplada para lecionar na Escola Municipal Maria Martins Viana, localizada no Sítio Lagoa de Dentro Saboeiro – Ceará, visto que moro na localidade. Fui lotada na turma do 4º ano, foi nesse mesmo ano que surgiu o concurso público municipal para docentes, no qual fui aprovada, estando no estágio probatório. Agradeço a Deus todos os dias por me proporcionar estabilidade de trabalho após muitos anos de contrato temporário. Agradeço também ao curso de Pedagogia do PARFOR, que vem contribuindo com conhecimentos teóricos e práticos. Nesse ano, estou com uma turma multisseriada de 1º e 2º ano.

1.5 Preâmbulos da pesquisa sobre avaliação

A avaliação é um processo de elaboração, composto por elementos entrelaçados e permanentes com o intuito de revelar o processo de aprendizagem dos discentes, uma vez que deve ser respeitado não só os avanços alcançados pelos alunos, mas também a forma pelo qual se deu o aprendizado.

Segundo Garcia (1998, *apud* DILIGENTI, 2003, p. 21) o:

Termo avaliação é de utilização recente, já que a palavra “exame” era mais frequentemente utilizada para designar provas de conhecimento. Datam aos remotos 1.200 a.C. as primeiras práticas de avaliação/exame de que temos notícia. Esses exames eram realizados pela burocracia chinesa com intuito de selecionar (somente junto aos homens) aqueles que deveriam ocupar cargos públicos. Desde seus primórdios, portanto, verificamos na avaliação a predominância de um componente seletivo em detrimento a qualquer aspecto educativo.

A finalidade da avaliação escolar não deve ser meramente para medir o aprendizado adquirido pelos alunos, mas deve ser utilizada como meio para a sua formação pedagógica. Além disso, é preciso ter clareza em relação aos procedimentos metodológicos envolvidos. A avaliação precisa ser inovadora, eficiente e acima de tudo coerente no julgamento da aprendizagem. Contudo, avaliar o rendimento escolar implica levar em considerações dois aspectos importantes: avaliação do processo pelo qual foi submetido e a avaliação de desenvolvimento de acordo com o propósito que foi proposto.

Diante disso, a iniciativa da pesquisa sobre a avaliação da aprendizagem, busca compreender melhor a forma como a mesma vem ocorrendo no ciclo da alfabetização, visto que, uma das grandes dificuldades encontradas atualmente no campo educacional é a capacidade de avaliar. Apesar de ser bastante debatida, ainda é muito problemática nas escolas por parte dos profissionais da educação. Assim sendo, a avaliação também é algo que deve ser analisado para verificar com melhor eficácia o desenvolvimento da aprendizagem do aluno.

Dessa forma, se faz necessário que o educador faça uma reflexão sobre o que foi obtido com a avaliação, para que possa então planejar suas práticas pedagógicas, com o intuito de definir caminhos e conduzi-los a aprendizagem.

A avaliação não deve ser um mecanismo para punir o aluno, mas de ser um mecanismo que ajude o professor a detectar lacunas no processo, ajudando no aprimoramento do ensino. O ato de avaliar não deve ocorrer somente no momento da prova, como ato de punição, mas como o divisor entre o ensinar e aprender, levando ambos a refletir sobre o processo, tanto professor quanto aluno.

ANEXO N – MEMORIAL DA ESTUDANTE-PROFESSORA LUZIA WANDERLÉIA DOS SANTOS

SANTOS, Luiza Wanderléia dos. Além dos desafios. In: *A dislexia no contexto educacional contemporâneo*. 2019. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (50p) (pp. 13-20)

1 ALÉM DOS DESAFIOS

Eu sou Luiza Wanderléia dos Santos, nasci na cidade de Iguatu Ceará, mais precisamente no horário de 1h 40min, na Maternidade Santo Antônio, do dia 26 de julho de 1982. Meu pai se chama João Alves da Silva e minha mãe Marioza Felicio dos Santos, ambos são filhos naturais de Saboeiro/CE.

Na condição de filha de mãe solteira, enfrentei muitos desafios, desde o momento em que nasci. Isso aconteceu porque minha mãe morava com os pais na cidade de Iguatu Ceará e tinha apenas 17 anos quando engravidou. Oriunda de uma família pobre, os pais dela não tinham condições financeiras, para me dar o necessário. Ela enfrentou um desafio grande, pois teve que ficar muitas vezes dependendo do meu pai, sendo que naquela época, década de 80, não era muito comum engravidar sem casar. Então minha mãe sofreu muito com as agressões verbais do meu avô. Ele dizia que minha devia abortar, que não era para acriança vir ao mundo por causa das dificuldades de criar, sem a figura do pai.

Muitas vezes as cobranças foram feitas com declarações fortes e diretas, pois na compreensão do meu avô, minha mãe deveria se casar. As cobranças aconteciam porque ela foi se envolver com uma pessoa sem responsabilidades. Ele sempre dizia que não queria vê-la com aquela barriga, alegando que estava sentindo vergonha dela. Ele ainda proibiu minha mãe de sair de casa. E assim por diante... Foram muitos os constrangimentos vividos por minha mãe no período da gravidez.

Nesses momentos críticos só quem entendia minha mãe era minha avó, que sempre a apoiava, e enfrentava o meu avô. Finalmente eu vim ao mundo e minha mãe continuava da mesma forma dentro, vivendo dentro da casa dos meus avós. Eventualmente, quando dava certo ela e meu pai se encontravam. De acordo com a decisão do meu avô, meu pai não poderia ver a minha mãe, uma vez que ele não queria casar. Mesmo que meu pai fosse boa gente, mas não tinha essa pretensão. Com isso minha mãe só podia vê-lo às escondidas.

Deste modo, meus avós foram aceitando a gente viver com eles no mesmo lar, dividindo as mesmas coisas e me dando o mínimo que podiam. De modo que quando não podiam, recorriam ao meu pai de forma indireta. Mediante o exposto, minha mãe sempre vendia produtos do AVON para comprar algumas coisas para mim. Dessa maneira eu fui criada e vivi na cidade de Iguatu até os 2 anos.

Depois mudamos de lá e viemos morar em Saboeiro Ceará, mais precisamente em uma vila chamada Felipe. Nessa mudança veio eu, minha mãe, meus avós e meus tios. Cresci, vivendo nessa vila até a idade de 5 anos. Lá eu iniciei minha vida escolar, estudando o Jardim I, Jardim II e Jardim III, como era chamado na época. Estudei em uma escola simples, onde as crianças eram matriculadas mais com o intuito de brincar e não para serem educadas. Logo depois, quando completei 5 anos, mudamos da vila, exatamente no dia 12 de outubro de 1989. Fomos morar em uma vila chamada Lagoa de Dentro, no mesmo município, só que a uma distância maior que a anterior, que somava exatamente 20 km da sede. Um lugar ainda mais simples do que o anterior, totalmente desprovido de patrimônio público como serviço de telefone, energia elétrica, abastecimento de água, praça, quadra

de futebol etc.

Em contrapartida, era um lugar bastante pacato, com um pouco mais de 50 famílias, sendo que todas viviam da agricultura e da pecuária. Os moradores não tinham basicamente nada para o sustento, a não ser da agricultura, pois tudo o que se tinha era tirado da roça, sobretudo o sustento familiar.

O povo desse lugar era bastante humilde, sofrido, enfim... Na hora que um sentia uma necessidade de algo, todos se ajudavam. Sendo assim todos dependiam uns dos outros para sobreviver. Lembro - me bem que lá não tinha açude que pudesse abastecer todas as casas. Então a comunidade era obrigada a esperar o carro pipa que vinha da cidade, ou pegar água em jumento, em açudes de comunidades próximas. O meio de comunicação era somente o rádio a pilha. As casas eram iluminadas por lamparinas e quem podia comprar um lampião funcionava a gás de cozinha.

Sendo assim, minha mãe resolveu morar na cidade comigo e minhas duas tias. Eu e minhas tias tínhamos a mesma idade, obviamente fomos estudar na mesma escola, porém em séries diferentes. Então fui matriculada na 1ª série do ensino fundamental, na Escola Municipal Olavo Oliveira. Eu tinha 7 anos de idade, coisa bem peculiar da época. Bem diferente das crianças de hoje, que são obrigadas a ingressar na escola com a idade de 6 anos. Logo que comecei a estudar, as professoras gostaram muito de mim da mesma forma que também gostava de todas elas.

Lembro – me bem de uma cena na minha sala, bem sinistra por sinal. Um dia eu pedir a minha professora para ir ao banheiro e ela não permitiu. Pois bem, eu fiz o número dois na roupa. Essa cena nunca saiu de minha cabeça. Eu fui para casa toda suja não tive coragem de olhar quem ao meu redor e todos riam de mim. Não é que me bloqueou de alguma coisa, mas me deixou uma lembrança forte. Ainda hoje olho para essa professora com um olhar de vergonha.

Nesse meio tempo sinto que apesar de o ensino na época ser bem tradicional, essa professora não podia de forma alguma me impedir de algo involuntário. Além disso, eu que me achava uma aluna estudiosa, esforçada e quieta, logo não aceitaria de jeito nenhum um fato desse tipo. Passei calada porque não tinha maturidade para me defender, porém esse fato até hoje foi algo marcante. Como professora que sou hoje, jamais permitiria um fato dessa natureza. Então continuei estudando nessa escola até a minha 3ª série.

Em seguida minha mãe foi morar de novo no sítio. Lá eu fui cursar a 4ª série na escola que trabalho hoje. Achei tudo muito estranho, afinal a escola era bem pequena, não tinha salas grandes. Era composta apenas de uma sala, dois banheiros e uma cantina. Melhor, nem de escola era chamada, pois era um grupo escolar. Não possuía Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica - CNPJ. Lá também não tinha professor, ou seja, os professores iam da cidade para lá trabalhar, sendo apenas um. Inclusive, esse professor que estava lecionando era da cidade e se hospedava na casa do meu avô, ou seja, em minha casa. Eu criei um vínculo de amizade muito grande com ele. Na escola eu era a aluna mais cativada por ele e pelos colegas. Nos trabalhos de casa ele sempre estava me ajudando.

Contudo, no ano seguinte, voltei de novo para a cidade. Dessa vez não foi minha mãe que foi morar com a gente, e sim a minha avó. Fui estudar agora na 4ª série, porém não fui aceita porque os professores que me conheciam, e junto com a diretora diziam que eu precisava reforçar o ano, porque não davam valor à educação do sítio. Repeti novamente a série.

Em seguida estudei a 5ª série em outra escola da cidade chamada Escola Municipal Lídia Bezerra. Lá tudo era muito diferente, pois a escola era grande e os professores bastante qualificados, mas com um ensino tradicional bem marcante. Lembro- me bem de uma professora de História extremamente tradicional, sendo que

vez ou outra ela jogava o chinelo da gente na lixeira porque não admitia o aluno abrir a boca. Assim ficávamos impedidos de levantar da cadeira para ir a qualquer lugar. No ano seguinte minha avó já não queria ficar mais na cidade, e tive que agora apelar para alguém ou uma amiga me hospedar e puder estudar. Essa pessoa não era parente, apenas conhecida, mas aceitou que eu fosse morar com ela, já que íamos ficar morando na casa do meu avô.

Vou agora relatar que nessa casa passei por momentos difíceis que não gosto de lembrar. No período em que morei com essa família vivenciei o desafio de ser perseguida pelo irmão da mulher que me acolhia em sua casa, todas as vezes que íamos à casa de sua mãe para dormir. Vivenciei noites de terror, pois ele era mais velho do que eu e me assediava. Embora nunca tenha contado isso a ninguém, pois não queria ficar sem estudar, passei a procurar outra pessoa que pudesse me acolher em sua casa, onde eu pudesse viver livre desse transtorno.

Foi quando conheci uma mulher muito boa, doidinha para encontrar alguém que aceitasse morar na casa dela, já que ela tinha uma filhinha pequena e sua mãe era velhinha. Eu fui. Nunca precisei trabalhar forçado, apenas ajudava nas atividades de casa. Morei por dois anos e continuei meus estudos na Escola Municipal Lídia Bezerra. Vale ressaltar que na época estudei por meio da pedagogia tecnicista, em uma transmissão de aulas pela TV, em um sistema de aulas programadas para passar em um canal chamado CULTURA, sendo que os professores que a gente tinha deveriam só fazer o complemento da aula com mais ênfase. Tinha aula de todas as disciplinas e eu gostava porque tinha uma relação muito forte com o cotidiano, a exemplo de Matemática. Nesse formato cursei basicamente os 4 anos do Fundamental II. Devo reconhecer que o sistema TVC me ajudou muito. Fiquei durante quatro anos nesta mesma escola.

Em seguida fui transferida para outra escola porque eu já fui morar novamente no sítio com minha mãe, meus avós e meus tios. Acontece que eu já tinha entrado na fase de namoricos. A primeira vez que dei o primeiro beijo foi com 12 anos, mas nada sério. Fiz de conta que não foi nada, não dei importância, pois nada poderia me convencer de que estudar era a melhor fase de minha vida. Mas o tempo foi passando e eu ficando mocinha, quando conheci um menino não muito agradável aos olhos da minha família.

Então resolvi namorar às escondidas, até porque eu não tinha idade. Com meu primeiro namorado vivenciei a experiência de uma paixão avassaladora. Ficamos juntos por um ano, eu já estava bem apaixonada a ponto de esquecer os meus livros, da escola, enfim. Embora estivesse envolvida por aquela paixão, abandonei-o logo que entendi que suas intenções comigo não eram as melhores. Como acompanhei os desafios vivenciados por minha mãe, que encarou todos os preconceitos vivenciados por uma mãe solteira, sempre tive o cuidado para não me envolver mais sério com alguém e depois correr o risco de ser abandonada, repetindo o triste feito da minha guerreira, que enfrentou muitos desafios para me criar e educar.

Retomando a minha trajetória estudantil, antes de terminar o Ensino Médio, eu estudava na escola Manoel Gonçalves dos Santos e vinha todos os dias do sítio, pois já morava lá novamente. Eu consegui, junto à prefeitura, um emprego de professora cedida de uma amiga que estava indo embora para São Paulo e me perguntou se eu queria ficar em sua vaga onde eu morava, só um pouquinho mais distante de minha casa em uma casa de pau a pique, onde ganhava na época 45 reais por 4 horas diárias de trabalho.

Fiquei muito feliz pelo salário, afinal eu não tinha nenhuma renda, porém com muitos desafios, já que não tinha nenhuma experiência e por ser em um lugar bastante carente, tive que buscar ajuda de colegas. Eu andava de bicicleta todos os dias para chegar até essa escola, que funcionava em uma casinha sem piso, sem banheiro enfim... Eu era professora e auxiliar de serviço, pois tinha que varrer todos os dias a sala com aquela poeira de

chão sem piso. Mas a minha esperança sempre foi grande e a vontade de ajudar minha mãe.

Estava tudo fluindo, com muitas dificuldades eu seguia com minhas aulas. Todavia a Secretaria de Educação me fez o convite para ingressar em um curso que estava disponível, que tinha o propósito de habilitar os professores do município já que tinha bastante experiência, sem formação básica, muitos apenas com a 4ª série e assim por diante.

Naquele período, tamanha foi minha felicidade com aquele convite. Pensei que naquele período me aprimoraria para dar aula e ainda terminaria meu Ensino Médio de uma maneira mais fácil, já que estava sofrendo muito em um carro pau de arara para ir todos os dias a cidade estudar. Além disso, bem cedo tinha que andar 5 km para trabalhar. Com isso, não dormia nem me alimentava direito. Depois de tudo que havia passado, agora poder cursar um curso que me habilitasse no magistério era muito bom. Desde então fui matriculada e comecei a estudar duas vezes no mês nos finais de semana, intermediada por tutores, porque o estudo era mais domiciliar.

As unidades estavam divididas em módulos, sendo que tinha Matemática e Lógica, Identidade Sociedade e Cultura, Linguagens e Códigos, Fundamentos da Educação e Organização do Trabalho Pedagógico. Cada vez que terminava um módulo, que equivalia a um semestre, a gente ia até a cidade do Crato Ceará para receber orientações dos professores, onde ficávamos até quinze dias. Esse curso, que foi muito rico em projetos e oficinas para a prática pedagógica se chamava de Programa de Formação de Professores em Exercício - PROFORMAÇÃO, um Programa da Secretaria de Educação a Distância, em nível médio, com habilitação para o magistério na modalidade Normal, realizado pelo Ministério da Educação – MEC, em parceria com estados e municípios.

Passei dois anos cursando o PROFORMAÇÃO, que valeu por três do nível médio. Na sequência eu saí do sítio onde estava para a minha localidade, pois a mulher que tinha cedido a vaga dela não voltou, mas sua mãe tinha uma outra filha e queria que ela trabalhasse. Logo eu fui trabalhar na escola onde até hoje trabalho. Lá eu trabalhei somente seis meses, de modo que a turma era de multisseriada, bastante difícil principalmente para uma pessoa sem experiência.

O ano de 1998 foi marcado por uma nova experiência, começando mais precisamente no dia 12 de agosto. A nova escola onde passei a trabalhar me fez realizar muitas vivências. Iniciei com uma turma de 1ª série na Escola Municipal Maria Martins Viana, onde somente trabalhava eu e mais dois professores. Lá a gente se ajudava na hora de planejar e construir o conhecimento. Porém a escola não tinha acervo de livros, não tinha computador, não tinha televisão por causa da falta de energia elétrica. Foi quando começaram as capacitações oferecidas pela a secretaria de educação, sendo que eu participava de todas.

Além do curso que fazia, não perdi sequer um curso de formação continuada. Pouco tempo depois, eu participei de uma seleção para professor de jovens e adultos com prova escrita e passei. Era a antiga Alfabetização Solidária. Fui para uma formação em Fortaleza. Enquanto isso estava trabalhando no turno da manhã com meus pequenos. A sala de jovens e adultos era bastante cheia, pois consegui matricular 22 alunos. O curioso é que naquela época, em 2001, ainda não tinha energia elétrica e mesmo assim os alunos iam. Era uma forma de distração, diziam eles, já que o lugar só tinha a escola, sendo o estudo a ocupação para não dormir tão cedo. Além do mais, estavam aprendendo. Era uma turma bastante dinâmica, que fazia a gente trabalhar com muito mais vontade e eu que já conhecia a todos foi mais fácil ainda para levar o conhecimento de forma dinâmica. Era uma maneira de aliviar o cansaço que eles vinham da roça. Eu preparava muitas dinâmicas, jogos, oficinas, bingos e competições. Tinha duração de seis meses, mas muitos concluíram a etapa, fazendo muito além do que já sabiam,

tem um que até hoje me agradece, porque já viajou, fez empréstimo em banco dentre tantas outras coisas que antes não conseguia, sem falar na vergonha que passavam.

No ano seguinte trabalhei com outra turma em outro sítio, para onde eu tinha que me deslocar andando uns 10 km de carro e uns 5 km a pé ou de bicicleta, tudo isso noite por sinal, mas nesse sítio já tinha energia elétrica. Essa turma era de apenas 16 alunos, mas todos com experiência de vida que me ensinou muito. Então no semestre seguinte fui trabalhar novamente em minha localidade, porém com outros alunos, só que alguns preferiram repetir, por ter gostado tanto, já que era só alfabetização, pois não tinha a continuação.

Nesse meio tempo eu já estava habilitada a ensinar. Em 2004, me casei com um rapaz que tinha sido meu aluno nessa sala de alfabetização, logo engravidei de minha primeira filha e passei a morar bem mais distante da escola, já não era mais como quando estava com a minha mãe, que morava tão pertinho da escola. Agora residia a uma distância de 3 km, sendo que eu vinha a pé todos os dias. Era muito sofrimento para eu chegar à escola, sendo que sempre chegava em cima da hora, mesmo tendo que sair cedinho de casa. Segui todos os anos sem estudar mais, só participando das formações que a Secretaria oferecia.

Em 2011 eu fiz o vestibular para educadora física em um instituto desses que vem para as cidades pequenas, em que as aulas acontecem duas vezes ao mês, em dias de domingo. Ainda estudei um ano e pouco, mas fui logo desistindo, porque não estava conseguindo pagar. Em 2013 fiz outro vestibular para um curso de Pedagogia no mesmo formato, com aulas duas vezes ao mês. Não fui muito longe, pois surgiu o Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR.

Antes mesmo de detalhar um pouco da minha ampla experiência no PARFOR, vou falar um pouco do meu casamento, que não era nada bom, pois eu era agredida, trabalhava sozinha para o sustento da casa, meu esposo não andava comigo, sendo que eu me considerava uma viúva de marido vivo. Mas veio a minha segunda filha em janeiro de 2011, em um ambiente marcado por muita rejeição do meu marido, pois eu me doava sozinha para sustentar um casamento que já durava anos, e construir minha família, vivendo ao seu lado. Essa pessoa era muito bruta e me fez sofrer demais. Em 2014, que foi justamente o ano em que ingressei no PARFOR, eu me separei. Eu estava muito apreensiva com tudo. Nunca esperava acontecer simultaneamente minha separação e o curso, pois eu era louca que aparecesse um curso grátis porque os dois que tinha começado não tive condições de terminar.

Fomos prestar o vestibular na cidade do Crato, sendo que depois de alguns dias, já iniciamos o curso. Quando as aulas começaram, o meu casamento estava já para desmoronar. Foi o que aconteceu pouco depois, pois eu me separei e minha vida tomou outro rumo. Parece que o mundo estava caindo em minha cabeça, pois acreditava que tudo que eu sofri sem um pai, eu agora ia ver minhas filhas sofrerem. Mas para mim era o momento de dar um basta, além de ter motivos de sobra, eu não tinha a coragem, e quando veio a traição, entendi que era a única coisa que faltava. Foi a gota d'água. Lembro – me bem que na aula de Introdução a Pedagogia eu estava voando. Com o meu pensamento totalmente voltado para a minha vida, os meus problemas. Com a guarda de minhas duas filhas, eu tinha que trabalhar sozinha, mas para mim não era novidade, já era bem acostumada.

Contudo, meu Deus vem sendo maravilhoso comigo até hoje. Eu continuei minha vida, voltei a morar com minha mãe, já que ela morava agora em sua própria casinha. Agora mais perto do meu trabalho, o lugar já tinha energia elétrica, bem diferente dos tempos em que estudei o outro curso a distância que era à luz de lamparina, estragando a visão. Outra coisa boa era que minha mãe ficava com minhas filhas para eu estudar e como o PARFOR acontecia todos os finais de semana, ainda se tornava mais difícil pra mim.

Compreendo que esse curso veio qualificar a minha prática, pois com a junção da teoria me fez entender que a vida da gente é feita de oportunidades e que não tem idade para aprender. O PARFOR já me fez uma nova pessoa em todos os aspectos. Hoje eu dou aula de forma diferente, pois a orientação teórica me atribui um novo olhar com mais firmeza no que falo. Não fico mais só no achismo hoje tenho certeza no que faço e falo. Os professores ajudam muito na compreensão dos textos das apostilas que trazem. Tem muitas vezes uma linguagem bem científica, porém a gente não fica sem entender. Em outubro de 2016 conheci uma pessoa e comecei a me relacionar com ele, sendo que ele me ajudou muito, pois me incentiva muito para investir na conclusão do curso e ainda estudar mais e mais. Eu como já gosto de estudar, deu certo. Se eu tivesse tido a oportunidade de estudar mais cedo, já teria feito vários cursos.

Outra coisa curiosa é que gosto de trabalhar com o público infantil, sendo que durante a minha trajetória profissional passei por todas as etapas: Educação Infantil, 1º ano, 2º ano, 3º ano, 4º ano, 5º ano, 6º ano, 7º ano, 8º ano, 9º ano e Educação de Jovens e Adultos. Foram tantos os conhecimentos adquiridos, que não sei descrever. Mas um fato interessante é que mediando o ensino agora no Fundamental II, um menino me inquietou a fazer um curso para me aprimorar em relação às deficiências que ocasionam o fracasso escolar, já que muitas vezes usava termos pejorativos para qualificar certas deficiências em sala de aula, sem saber que essas se encontram associadas a dificuldades de aprendizagem ou distúrbio mental.

Há cerca de dez anos eu já vinha alimentando essa vontade imensa de aprender especificamente sobre a Dislexia, visto que tinha um aluno que apresentava características, que hoje eu reconheço que podem se encontrar associadas a esse transtorno, mas na época era tudo desconhecido, até mesmo a palavra. Esse estudante, que era do 1º ano do Ensino Fundamental, hoje já é um rapaz e teve muitas reprovações por conta da dislexia e eu não sabia o que fazer, por falta de conhecimento. Foi quando surgiu em mim a vontade de descobrir, mas não tive oportunidades. Então surgiu a Especialização em Pedagogia, através do Instituto Nossa Senhora de Lourdes, vinculada a Faculdade FACETE. Hoje em minha cidade faço a especialização aos domingos, duas vezes ao mês, durante o período de um ano e meio. É um curso pago, em um valor bem razoável.

Estou amando a experiência, pois a turma é bastante comunicativa e os professores muito bons. Escolhi esse tema por causa da minha profissão, porque sei que vai me ajudar muito a lidar com casos como esse que enfrentei há anos e não soube como trabalhar com o aluno. Como já estou cursando a especialização, vale ressaltar que um vai complementar o outro. Nessa perspectiva de estudo pretendo fazer o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da graduação do PARFOR e da especialização, abordando o mesmo tema, por entender que a cada dia surge a necessidade desse profissional, que quanto mais estudo mais compreendo que a aprendizagem é um processo contínuo, e que as escolas atendem em seu público um histórico bastante alto de alunos com transtornos ou dificuldades de aprendizagem. Portanto, na função de professora, compreendo que é preciso me qualificar para lidar com esses desafios.

Ressalto ainda que o PARFOR também está me ajudando muito, pois o curso me trouxe uma clareza na realização das minhas atividades em sala de aula. Hoje consigo distribuir melhor os conteúdos, fazendo uma relação com o cotidiano dos alunos, o que me fez pensar que na prática, sempre na perspectiva de que meus alunos vão aprender de forma mais fácil.

Quando concluir a graduação, vou com certeza ficar capacitada para trabalhar com crianças em várias instituições. Por ser pedagoga vou poder além de ser professora, puder atuar como diretora ou coordenadora. No mês de dezembro estarei terminando minha graduação se Deus quiser. Já a minha especialização estarei

terminando no mês de setembro deste ano. Meu objetivo é simplesmente trabalhar em escolas da rede municipal, assegurando que as crianças tenham rendimento escolar satisfatório, por conta do meu trabalho.

Já leciono há 21 anos e amo que faço. Estou morando na cidade e trabalho no sítio, a uma distância de 20 km, mas gosto do meu trabalho. A escola é meu segundo lar, e os meus alunos minha segunda família. Confesso que quando recebi a proposta de emprego aceitei pelo fator financeiro, porém depois, com o tempo, fui ganhando uma paixão muito forte pelo que faço. Hoje estou em uma sala de Fundamental II, com as disciplinas de História e Geografia. Esse fato ocorre porque no meu município os professores dessas áreas não têm formação adequada e Secretaria Municipal de Educação acaba contratando professores com formação pedagógica.

Minhas duas filhas moram comigo e minha mãe. Um tempo comigo, outro com minha mãe, porque ela mora sozinha. Eu moro com a pessoa com quem me relaciono desde 2016. Não casei mais, porque acho que preciso conhecer mais. Pretendo num futuro bem próximo, quem sabe no dia da minha formatura selar essa união em uma perspectiva formal.

No capítulo seguinte discutiremos a Dislexia e suas implicações para o processo de ensino e de aprendizagem.

ANEXO O – MEMORIAL DA ESTUDANTE-PROFESSORA MARGARIDA BERNARDO SILVA

SILVA, Margarida Bernardo. Relato de experiência formativa. In: *A importância da relação família e escola: o que dizem os professores da escola José Gonçalves dos Santos*. 2019c. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (52p) (pp. 13-20)

I – RELATO DE EXPERIÊNCIA FORMATIVA

1.1 INFÂNCIA

A ideia de trajetória de vida constitui-se a uma essência de momentos que a vida nos proporciona e que vão consubstanciando na medida em que vamos produzindo novos sentidos e conhecimentos para cada momento vivido. O que somos hoje e o que seremos amanhã só dependem de nós mesmo.

É pautado nessa ideia que discorro sobre minha trajetória de vida. Sou Margarida Bernardo Silva, natural de Antonina do Norte – CE, porém desde que nasci resíduo em um Sítio por nome Lagoa das Porteiras, município de Saboeiro – CE. Sou a mais velha entre os quatro filhos, do matrimônio de Pedro Bernardo da Silva e Francisca Francimar Gomes da Silva.

Relembrar sobre a minha infância, me faz sentir a leveza da doce fase de minha vida. Ah, quem me dera voltar a ser criança! Quem não gostaria, não mesmo? Momento marcante na vida de qualquer pessoa, onde é vivenciado o período das traquinagens, emoções, alegrias, aventuras e descobertas. Posso dizer que minha infância foi ótima, onde vivi momentos felizes, visto que fui criada no âmago de uma família, cujos valores mais relevantes sempre foram o respeito ao próximo e a honestidade. Meus pais sempre me deixaram livre para viver uma infância recheada de momentos marcantes, que ficaram em mim cicatrizes de uma infância feliz.

Recordo que uma das coisas que mais adorava fazer era brincar nos arredores da minha casa, nos riachos na época de inverno ou na casa dos meus amigos, que grande parte eram primos, vizinhos e minha irmã. Todos os dias nos encontravam para brincar, na maioria das vezes na calçada da casa dos meus avós ou até mesmo em nossas casas, seja lá onde eram, era sempre uma animação quando chegava esse momento.

Naquela época, não tínhamos muitos brinquedos, mas isso não era empecilho para que deixarmos de brincar, pelo contrário, usávamos da nossa imaginação e confeccionávamos bonecas de pano ou de sabugo de milho, fazíamos de conta que as árvores, principalmente os de cajarana, no quintal de minha avó, eram grandes casarões e assim por diante.

De acordo com Lameirão:

A criança ao interiorizar algo do mundo já pode estabelecer troca com ele: ela passa a imaginar: a aprender o ambiente não apenas a partir de sua movimentação ou percepção. Ela interage com o mundo por meio da imaginação que como a palavra diz, é imagem em ação, em movimento! (2007, p.17)

Além disso, tinham os banhos no rio, no riacho de meu avô e ainda umas das coisas mais marcantes dessa fase era a ida para roça com meu avô, ele adorava levar os netos para comer melancia e colher cajá, assim que chegávamos na roça ele nos mandava ficar a sobra da árvore de cajá. Enquanto isso, ele ia colher as melancias,

eu, esperta, corria até encontra-lo no meio da roça, que era uma coisa fácil de conseguir, pois seguia-o através do seu lindo tom de voz cantando Luiz Gonzaga, então ao colher as melancias voltávamos para junto dos outros, para comermos ouvindo diversas histórias contadas por ele. Foram tempos imprescindíveis e de extrema significância em minha vida, onde vivi momentos felizes, levados pela inocência de uma criança. Por fim, posso dizer, então que tive uma infância maravilhosa, tanto que bate saudades quando paro para rememorar-la.

1.2 VIDA ESTUDANTIL

Reporto-me agora, para o meu ingresso nos estudos, a princípio comecei a estudar quando tinha 06 anos de idade, na escola do sítio que até hoje moro, citado anteriormente, a escola era nomeada por Edmundo Lima Mota, atualmente se encontra fechada, mas estudei nessa referida instituição até a 3ª série do Ensino Fundamental. Por sua vez era uma escola simples, tinha apenas duas salas de aula que atendia todas as crianças da comunidade até a 3ª série do fundamental, nos períodos matutino e vespertino.

Naquela época não tinha no sítio creches, as crianças só podiam começar a estudar a partir dos 06 anos, que seria a alfabetização, por sua vez eu completava aos 06 anos apenas no mês de abril e a escola só aceitava quando completasse essa idade, então foi que entrei quase no meio do ano, só que já fui para escola conhecendo todas as letras e números, escrevia meu nome completo e lia palavras com sílabas canônicas.

Nesse interim cabe aqui mencionar que devido a minha mãe ter sido professora, ela me alfabetizou em casa, sempre me incentivou nos estudos, mesmo diante de todas as dificuldades que meus pais passavam sempre me mostrou que o melhor caminho a seguir era a Educação e ao contarem suas histórias de vida me deixam orgulhosa por ser filha deles e me fazem sentir mais motivada ainda.

Nessa perspectiva, a professora ao perceber todo meu desenvolvimento, decidiu chamar meus pais juntamente com o pessoal da Secretaria de Educação para apresentar que eu não estava mais no nível de alfabetização e sim da 1ª série, em conjunto decidiram que eu seria remanejada para a 1ª série do Ensino Fundamental. Com isso estudei nessa escola até a 3ª série do fundamental.

Ao longo desses anos, houve momentos muito marcantes, porém o que mais ficou memorável foi à hora do recreio, onde ficávamos no pátio da escola para brincarmos de “Bandeirinha”, uma brincadeira muito conhecida e apreciada na época por todas as crianças, outra brincadeira que gostávamos de brincar era “Cinco Marias”, e o bom de tudo isso era nossa professora que brincava junto com a gente. Além disso, também é bastante memorável a sopa servida na escola, que sopa deliciosa que até hoje sinto o sabor na boca ao lembrar. Em se tratando das aulas eram totalmente tradicionais, tínhamos que aceitar tudo que os professores nos passavam.

Nesse sentido, ao concluir a 3ª série, fui estudar a 4ª série no Distrito de Malhada, município de Saboeiro, na Escola José Gonçalves dos Santos, onde fiz até a 8ª série, conhecida atualmente por 9º ano. Começava naquele instante tudo novo para mim, conhecer novas pessoas, lidar com a dificuldade de locomoção, uma vez que tinha de percorrer 3 km a pé para chegar à escola e ainda tinha o rio que na época do inverno quase não se podia atravessar, só ia para a escola se tivesse alguém para passar na balsa, cavaletes ou quem tinha coragem e sabia nadar, atravessava nadando, sem contar que muitas vezes tinha que dormir nas casas de outras pessoas, porque o rio não dava passagem.

É pertinente fomentar que toda essa trajetória até se chegar à escola, também aconteceu no período de estudo no Ensino Médio, dado que ao terminar a 8ª série fui matriculada na escola do Estado, nomeada por Lídia

Bezerra, situada na cidade de Saboeiro – CE, com isso mais dificuldades e novidades surgiam, pois teria além de fazer todo percurso a pé até o Distrito da Malhada, teria que ao chegar lá, pegar um transporte as 16 h da tarde e voltar somente as 23 h.

Nesse segmento é imprescindível ressaltar que todos os professores seguiam uma tendência totalmente tradicional, tudo voltado para a “decoreba”, questionários, provas, trabalhos, entre outros métodos, mas que foram relevantes para a minha formação educacional. Diversos professores me marcaram bastante, mas como sempre alguns bem mais, foi o caso de minha professora da alfabetização e 1ª série, que com o seu jeito meigo e divertido, me deixou exemplos educacionais que carrego até hoje.

Em consonância de tudo que até aqui foi evidenciado é pertinente explicitar sobre minha trajetória docente e universitária, no qual me atribui uma adesão reflexiva, articuladora, concatenando a teoria e a prática, possibilitando-me a circundar caminhos, interpretando fatos e ressignificando vivências sobre um olhar desafiador, levando-me também a perceber os limites e as contingências inerentes a esse processo de formação docente.

Nessa perspectiva é notória a amplitude e a significância de relatar experiências vivenciadas no âmbito educacional e profissional, visto que o processo educativo envolve relações entre pessoas, alicerçados em uma visão de homem, mundo e sociedade, a fim de que se produzam um com o outro em um processo de empoderamento, mediação e transformação do conhecimento na vida humana, em detrimento com as alterações no âmbito social, político e cultural do sujeito, posto que evocar sua trajetória vivida é sempre instigante e relevante para refletirmos sobre um caminho que vimos trilhando, tanto na direção da realização pessoal, quanto profissional.

1.3 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Assim dando continuidade à minha trajetória profissional, convém salientar como se deu todo o processo para chegar onde estou. A primórdio meu itinerário profissional como educadora, se deu por meio de indicação de líder político e da ausência de outros ramos profissionais diante do local onde convivo e não por uma escolha ou identificação com a profissão, dado que não era o cargo que eu almejava ter, mas que aos poucos fui me adaptando e passei a gostar.

No ano de 2009 fui contratada pela Prefeitura Municipal de Saboeiro – CE para lecionar crianças de Creche e Pré-Escola na Escola Edmundo Lima Mota, na comunidade do qual resido, que a partir do corrente ano passou a ser anexo da Escola Infantil e Fundamental José Gonçalves dos Santos, situada no distrito de Malhada.

Em consequência disso, meu ingresso na profissão foi marcado pela descoberta, o encantamento, a empolgação de começar a trabalhar, mas também pelo choque da realidade, a falta de preparação, o sentir-se só, a preocupação de por onde começar.

O primeiro contato com a escola e com a sala em si não foi muito impactante, porque eu já havia estudado nela, como foi aludido anteriormente, porém no momento corrente não estava naquela referida escola como estudante o que tornava um pouco permeada pela surpresa, alegria e expectativa de como seria aquele ambiente de trabalho. Tudo parecia novo, como se nunca estivesse estado ali, mas nada foi mais tocante do que acolher e ter os primeiros contatos com aquelas crianças pequenas, tão encantadoras, cheias de luz e alegria.

Foi um momento de descobertas e de instabilidade, tanto para mim, como para as crianças, mas também grifado pelas tentativas de acertos e erros, já que era nesse ápice que iniciava minha identidade profissional, no qual enfrentava inquietações, ansiedades, apreensões, conflitos e preocupações em formar uma imagem de

sucesso, carregada de confiabilidade junto da minha atuação docente, conseqüentemente a oportunidade de trabalhar, o que se transformou em gosto pela profissão.

Nesse sentido, passei a buscar conhecer melhor as formas de ensinar e desenvolver um bom trabalho, buscando sempre unificar a teoria e a prática, concatenando por inovações e aprofundamento em saberes pedagógicos provenientes da prática dos profissionais veteranos na área do ensino infantil, caracterizando assim um duplex comportamental, entre a sobrevivência e descoberta de possibilidades em pertencer a um grupo de professores, uma vez que, a construção de identidade profissional não depende unicamente do esforço e interesse individual, mas dos limites e possibilidades que lhes foram dados pelo o contexto socioeconômico, institucional e político no lócus onde está inserido.

Além disso, comecei a participar das formações do MAIS PAIC, associando-a a um marco significativo, aprimorando o conhecimento que aplicava na prática cotidianamente e a se debruçar nas inquietações, medos e desafios diários que surgiam dentro da sala de aula, dessa forma comecei constantemente a refletir sobre o meu fazer pedagógico, e assim, dando-me a oportunidade de mudanças e reestruturação de um novo caminhar pedagógico, muito embora não tenha sido nada fácil, a adaptação e a participação naquela turma de professores que considerava todos cheios de preparos e conhecimentos pedagógicos e ainda sentia ser a única inexperiente.

Com tudo isso passava o tempo todo a ouvir e observar, mas que de certa forma foram relevantes para minha identidade profissional, passei a ter mais preparo pedagógico e a sentir-me mais segura, portanto fazer parte daquelas formações supriu uma grande parte das inquietações e dificuldades que me encontrava, assim sendo, é concebível evidenciar que o docente em sua formação deve observar e refletir, favorecendo assim o real objetivo da educação, de ser um profissional reflexivo e que estabelece o diferencial, ressignificando o processo de sua aprendizagem. Como afirma Candau:

A formação continuada não pode ser concebida como um meio de acumulação (de cursos, palestras, seminários de conhecimentos ou de técnicas), mas sim, através de um trabalho de refletividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal e profissional em interação mútua. (1999 p. 64).

Partindo desse pressuposto faz-se necessário tornarmos professores atuantes e reflexivos, vale destacar que só as formações do PAIC não eram suficientes, ou seja, não estava suprimindo o meu desejo de ir além, de crescer profissionalmente, então decidi ainda em 2009 ingressar em uma faculdade de Pedagogia particular que acontecia apenas duas vezes ao mês, os encontros eram quinzenais aos domingos. Além do desejo e a curiosidade de estar cursando uma faculdade, fui advertida pela direção da escola em que trabalhava que tinha que começar urgentemente a cursar uma faculdade, caso contrário perderia o emprego, movida então pela necessidade de ter um emprego, comecei a cursar, cada dia que passava no curso gostava menos, ao se passar um ano estudando, desisti e foi uma das melhores coisas que fiz, senão eu não estaria cursando agora.

Após 04 anos como professora de Educação Infantil, já percebia a diferença entre o início da carreira profissional e os dias atuais, fui procurando novos caminhos para conhecer novas formas de ensinar e aprender cada dia mais, sempre estive a procura de inovações e aprofundamento do conhecimento.

Passar os 04 primeiros anos de experiência profissional em uma sala de Educação Infantil, me oportunizou vivenciar situações desafiadoras e prazerosas ao mesmo tempo movidos pelo desafio de ser responsável pela aprendizagem de seres tão ávidos, que tudo quer saber, fazer, se encantam, se assustam e encantam de tal forma que apenas um sorriso, um olhar ou um simples abraço nos renova, foi essa vivacidade das

crianças que me fez continuar.

Após quatro anos lecionando na Educação Infantil, fui contratada no ano de 2013 a lecionar em turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II. E novamente principia uma nova descoberta, novos medos, anseios, falta de preparo em lecionar aula para o público jovem, sem falar nas dificuldades que me deparei ao ter que ministrar várias disciplinas, que dentre elas estava: a Língua Portuguesa, Educação Física, Ensino Religioso e Artes.

Fiquei lecionando nessas séries até o ano de 2017. Ao orientar tais modalidades me deparei com muito desinteresse, rebeldia, resistências, por parte de alguns educandos, em decorrência de suas aprendizagens, que se dava por parte da inexistência do hábito de estudo domiciliar, acompanhamento das famílias, fatores esses que interferem significativamente no desenvolvimento de nossos aprendizes.

Por outro lado, foi um tempo muito gratificante e de crescimento profissional, onde descobri novas formas de construir e socializar conhecimentos, foi um período de buscas, de novos desafios. O convívio com esses adolescentes, ver o reconhecimento deles pelo meu trabalho, a alegria em estarem nas minhas aulas, às atitudes positivas, os gestos de carinho e respeito, foram imensamente gratificantes e reluzentes, uma sensação imprescindível de um papel bem cumprindo, enquanto professora e amiga deles, sem contar que grande parte do meu crescimento pessoal e profissional veio a partir do contato com eles.

Dessa forma, a Educação vem passando nos últimos anos por mudanças significativas, acompanhadas por alterações no que diz respeito, ao que é ser professor e qual o seu papel no processo educativo, assim o professor diante de toda essa conjuntura de desvalorização no mercado de trabalho, requer e necessita de motivação, não só dos educandos, mas também de toda a sociedade, uma vez que o magistério é uma das profissões mais desvalorizadas no Brasil, não só em relação à péssima remuneração, mas quanto ao estigma social.

Em meio a tantos percalços a essa profissão, eu particularmente me sinto motivada quando vejo que contribui na construção de conhecimentos significativos aos meus educandos que irão contribuir por toda a vida, além do mais me motiva o fato de ver alguns estudantes espelhando em mim, em me citar em muitos acontecimentos de suas vidas. Percebo que de certa forma contribuí positivamente na vida de alguém, me sinto feliz em ter feito e estar fazendo a diferença na história dos meus educandos. Embora eu tenha entrado nessa profissão pelo simples fato de não ter outra oportunidade no mercado de trabalho, sempre me responsabilizei e me dediquei em ser uma boa profissional, diante disso passei a gostar do que faço.

Ainda compete aludir que durante o ano de 2018, passei a assumir em todo o ano várias funções, devido à desestabilidade política que estava acontecendo, dentre as funções estava: cobrindo licença maternidade de uma professora de Educação Infantil, auxiliar de sala da Educação Infantil, monitora, professora de reforço e por fim professora do 3º ano, com crianças de 08 anos, tive muitas dificuldades, essa turma era de crianças muito agitadas, inquietas, não obedeciam a regras, demonstravam pouco interesse, muita indisciplina e a ausência da família no acompanhamento domiciliar, o que dificultava a excursão das metodologias a serem traçadas no decorrer da prática pedagógica.

Com isso abro um parêntese para minha inquietação sobre a relação Família e Escola, vejo que é necessário uma interação entre as duas instituições, posto que, quando a família participa ativamente da vida educacional dos filhos, passando a acompanhar as atividades e a serem comprometidos com a vida educacional da criança, elas se sentem mais apoiadas, acolhidas e seguras para de fato terem um bom desenvolvimento educacional, todavia a escola também tem um papel importantíssimo para que essa parceria aconteça, com efeito

cabe a escola propor estratégias que possa potencializar essa aproximação, visto que quando ambas as partes dialogam e compartilham responsabilidades melhora e muito o comportamento dos aprendizes, facilitando assim a aprendizagem.

Como salienta Parolim:

[...] tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo, no entanto, a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola, e a suas necessidades que a aproximam dessa mesma instituição. A escola tem sua metodologia e filosofia para educar uma criança, no entanto ela necessita da família para concretizar o seu projeto educativo. (2003, p.99).

No ano de 2019, fui contratada novamente para lecionar uma turma de Educação Infantil, crianças com 04 e 05 anos, depois de dez anos de experiências voltei aonde tudo começou, está na sala de Educação Infantil, só que agora com mais experiência, o que torna as coisas um pouco mais fáceis. Está professorando essa turminha é muito gratificante, pois está em contato com as crianças todos os dias é algo surpreendente, em que cada dia é um novo dia, cheio de encantamentos e questionamentos que fazem acontecer de fato uma aprendizagem significativa. Rogers considera uma aprendizagem significativa da seguinte forma:

Por aprendizagem significativa entendo uma aprendizagem que é mais do que uma acumulação de fatos. É uma aprendizagem que provoca uma modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação futura que acolhe ou nas suas atitudes personalidades. É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimento, mas que penetra profundamente todas as parcelas de sua existência. (2001, p. 1)

1.4 INGRESSO NA UNIVERSIDADE

De igual modo, faz-se necessário salientar que no ano de 2014, ao começar uma nova fase de instabilidade profissional, comecei a cursar o curso de Pedagogia, vinculado ao Plano Nacional de Professores da Educação Básica – PARFOR, pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Foi sinônimo de uma conquista, que atribuiu em desafios, novos olhares, novas perspectivas, novas amizades, novos conhecimentos e novas reflexões sobre a ação docente. De fato, esse curso sem soma de dúvidas é uma oportunidade única, cursar uma universidade pública de qualidade, que tem um compromisso exemplar, conceituada e reconhecida nacionalmente, a URCA, sem contar que era um sonho meu entrar nessa universidade.

Seguindo essa linha de pensamento, o PARFOR só veio a contribuir de maneira significativa em minha vida pessoal e profissional, oportunizando-me a reencontrar-me como sujeito capaz de reconstruir minha própria história e ressignificar meus saberes e a prática docente, em outras palavras o PARFOR está sendo a ponte que está minimizando a distância que existe entre a teoria e a prática, visto que as aulas tem desempenhado um papel importantíssimo para o meu crescimento, uma vez que parte da prática já possuo bastante, o que faltava era embasamento teórico e o PARFOR veio contribuir para que formasse essa conjuntura.

É perceptível enfatizar que mesmo tendo bastante prática, não era o suficiente para sentir-me segura para fazer uma crítica construtiva, em ocorrências do dia a dia, ao qual julgava serem incorretas, me calava por não ter embasamento teórico. Atualmente com o PARFOR, vejo que através das aulas, leituras, questionamentos e conversas, conseguiram ter mais segurança e posicionamento, frente a assuntos abordados na vivência do dia a dia. Está fazendo parte da família PARFOR trouxe-me mudanças primordiais para minha trajetória pessoal e

profissional, mudando assim minha forma de agir, observar, de ser pesquisadora, a refletir e atuar na carreira docente. Em consequência disso, estou me vendo uma profissional mais capaz e reconhecedora da minha ação em sala de aula e a ter uma visão mais abrangente sobre a educação.

Por outro lado, em meio a tantas mudanças e contribuições que o PARFOR tem me favorecido de forma positiva, é propício acentuar que as dificuldades não tem sido fácil e não está sendo fácil cursar. De forma sucinta houve e há diversas dificuldades, dentre elas o deslocamento para se chegar até onde acontecem as aulas, dado que é um grande percurso de estrada carroçal e que muitas vezes foi preciso dormir na casa de alguém.

Outros fatores existentes são os custos financeiros em arcar com despesas de transportes, alimentação e também o de deixar a casa, o marido e para algumas os filhos, que não é o meu caso, os perigos das estradas, o cansaço da correria de uma professora, entre outros. No entanto, além das constatações das dificuldades encontradas na realidade em que atuo, corro sempre em buscas de alternativas que venha a favorecer a minha necessidade e o sucesso do processo de aprendizagem, uma vez que pode legitimar-se a um espaço de reflexões, mudanças e descobertas de uma conquista, de um sonho a ser realizado.

Assim sendo, é notável a grande magnitude de o professor adquirir para sua vida, uma formação continuada, dado que é um processo permanente de engrandecimento das suficiências necessárias para a atuação docente, visto que essa carência sempre existiu, já que a docência é uma ação que tem suas complexidades de mudanças e paradigmas impostas pela sociedade, onde o professor precisa lidar com gerações interativas, inquietas, tecnológicas, com a diversidade cultural, dificuldade de aprendizagem, entre outros fatores.

Faz-se necessário que a formação seja significativa para o professor, a fim de contribuir de forma significativa para seu desenvolvimento profissional, portanto a formação de professores tende a partir das necessidades reais do cotidiano escolar, de valorizar o saber e sua experiência e integrar a teoria à prática.

A formação deve conscientizar o professor de que a teoria e a prática se intercalam, uma não vive sem a outra, pois a teoria ajuda a compreender melhor nossa prática e conseqüentemente a prática nos oportuniza a compreender melhor a teoria e de nela fundamentar-se. Pode-se dizer então, que a formação do professor, depende essencialmente da compreensão dessa práxis, em uma perspectiva de organicidade como condição imprescindível para a construção de saberes inerente à docência, portanto teoria e prática são indissociáveis para a formação do professor.

Como enfatiza Afanássiev:

O conhecimento é um dos aspectos da atividade humana, é a sua atividade teórica. Mas a teoria por si mesma não está em condições de modificar a realidade e é nisso que consiste a sua diferença da prática. A teoria apenas reflete o mundo e generaliza a experiência prática da humanidade, Mas ao generalizar a prática exerce sobre ela uma influência recíproca, contribuindo para o seu desenvolvimento. A teoria sem a prática é algo abstrato. A prática sem a teoria é cega. A teoria indica o caminho à prática, ajuda a encontrar meios mais eficientes de consecução dos objectivos práticos. (1985, p. 161)

Diante do exposto podemos concluir que é de fundamental relevância que o professor esteja em constante formação continuada, a fim de promover mudanças e a desenvolver-se integralmente por meio de uma visão participativa, crítica e reflexiva, capaz de construir saberes docentes que venham a sanar as dificuldades e proporcionar mudanças na sociedade com um novo olhar e aperfeiçoamento pessoal e profissional.

ANEXO P – MEMORIAL DA ESTUDANTE-PROFESSORA MARIA CRISTINA DUARTE

DUARTE, Maria Cristina. Relato de experiência. In: *O trabalho com classes multisseriadas: desafios e dificuldades*. 2019. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (44p) (pp. 13-20)

01 – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Falar sobre minha trajetória de vida é de grande importância. É bom voltar no passado e relembrar coisas que foram positivas e negativas. Só assim posso ver o que mudou e que as dificuldades só me fizeram crescer tanto profissional como pessoal.

É difícil lembrar tudo o que aconteceu, mas quando a gente busca lá na memória os acontecimentos, acaba lembrando mesmo que aos poucos.

Sou Maria Cristina Duarte, nasci no Sítio Alegrete, município de Saboeiro – CE, no ano de 1986, filha de mãe solteira, agricultora, tenho quatro irmãos, sendo três deles mulheres. Nós, as filhas mulheres, fomos criadas pelos nossos avós e meu irmão pela nossa mãe, que foi morar em outra cidade.

Minha vida nunca foi fácil. Passei por muitas dificuldades, pois meus avós não tinham condições financeiras. Meu avô era vaqueiro e minha avó, dona de casa. Meu avô era aposentado como agricultor, mesmo assim, o dinheiro que ele tinha não era suficiente para cobrir todas as nossas necessidades. Não éramos as únicas que moravam com nossos avós, os mesmos criavam onze netos, sendo nós quatro da minha e mais sete do meu tio, além de haver uma tia solteira em casa. A família era formada por 14 pessoas ao todo. Era uma família muito grande para uma renda tão baixa. Por isso passávamos por muitas necessidades.

1.1. Infância

Minha infância foi boa, brinquei muito. Mesmo sendo tímida, consegui aproveitar bem essa época. Meus avós não tinham condições de comprar brinquedos, então nós os produzíamos. Criávamos bonecas de sabugo de milho e carrinhos com latas de óleo. Havia muitas crianças na localidade em que morávamos, portanto, eram muitas brincadeiras e todas muito divertidas. Como dizia Sommerhalder, “criança e brincadeira fazem, sem dúvida, uma combinação perfeita. É difícil pensarmos em uma criança que não goste de brincar, de deixar-se envolver pela imaginação, pela fantasia”. (2011, p.123)

1.2. Formação Inicial: Ensino Fundamental e Médio

Quando completei sete anos fui matriculada na 1ª série do Ensino Fundamental na E. E. I. F. São Francisco, que ficava na localidade de Alegrete, município de Saboeiro. O início da minha vida estudantil foi muito engraçado porque eu não queria estudar. Assim, no primeiro dia de aula quis sair da escola, não queria ficar lá. A escola funcionava em uma casa, então a professora colocou uma cadeira na porta para eu não sair, mas isso me foi muito favorável, uma vez que consegui subir na cadeira, pular a porta e sair correndo para casa. Até tentaram

me alcançar, mas os esforços foram em vão.

Com o passar dos dias fui me acostumando a escola e comecei a gostar de estudar. Estudava pela manhã e os meus primos mais velhos, à noite, de modo que eu passei a ir com meus primos à noite também para estudar mais.

Estudei da primeira à quinta série no mesmo lugar que moro, era em uma casa próxima à minha, caminhava poucos minutos e logo chegava. Embora eu gostasse da professora, não podia falar. Era muito tradicional o ensino e eu tinha medo até de fazer perguntas, por isso eu não participava oralmente. Depois comecei a estudar com outros três professores que eram um pouco diferentes. Assim, fui mudando um pouco meu jeito, mas ainda com medo, pois era ainda um ensino muito tradicional.

Da sexta a sétima série estudei na EEIEF. José Augusto Batista Vieira, na localidade de Santa Clara, distante de onde eu morava e onde estudei com apenas dois professores. Já havia mudado muito o ensino, porque havia uma professora que me instigava a participar oralmente nas aulas.

Conforme documentos do Ministério da Educação e Cultura:

Se vasculharmos nossas próprias lembranças da escola, tanto as boas quanto as más, veremos que o que fica na nossa memória não são só os conteúdos, mas marcadamente os professores. A figura do (a) professor (a) aparece, em nossas lembranças, como aquele que marcou uma predileção por determinada área do conhecimento, como alguém que nos influenciou em nossas escolhas profissionais, mesmo como alguém com quem nada aprendemos ou até mesmo aquela pessoa com quem não gostaríamos de nos encontrar na rua. Isso nos ajuda a compreender que o professor (a) exerce um papel determinante e de responsabilidade tanto pelo sucesso quanto pelo fracasso escolar de qualquer um de seus alunos. (2006, p.17)

Mas minha vergonha me impedia de fazer isso. Para eu conseguir ir estudar nesta escola em outro sítio, tinha que ir a cavalo ou de bicicleta, porque não existia transporte público nem escolar. Aconteceu em um certo ano de eu ir à noite para escola. Era muito arriscado e perigoso visto que a bicicleta não tinha lanterna e eu andava contando apenas com o clarão da lua.

Acabei não conseguindo terminar o Ensino Fundamental. Fiquei um ano sem estudar. Quando voltei à escola, já era a época que as pessoas iam estudar na cidade. Mas ao invés de me colocarem na sétima série, me colocaram em um curso chamado Telecurso, estudava três séries de uma só vez. Não foi bom para mim, porque não pude assimilar muita coisa.

Para Ferraz:

A necessidade de uma maior interação entre dois campos da ciência como é o caso da comunicação e educação torna-se inevitável. Pelo lado dos profissionais e produtores de televisão surge uma ampliação do mercado, proporcionando uma maior demanda materiais teleducativos. Do lado oposto, os pedagogos modernos não devem ou não podem deixar de apropriar-se das ferramentas tecnológicas de comunicação para obter um maior rendimento na transmissão de conhecimentos, numa sociedade pós-moderna, que não mais se satisfaz apenas com uma educação formal. (2001, p. 97)

O Telecurso era um ensino para adolescentes com mais de 13 anos de idade e adultos que ainda não tinham concluído o Ensino Fundamental, que era o meu caso, por ter parado de estudar. As aulas eram ministradas apenas por um professor, que tinha que dar conta de todas as disciplinas.

A exposição das aulas era através de televisão, (apresentadas via satélite ou por fita VHS), somente após a apreciação da aula era que o Orientador aplicava suas explicações e atividades didáticas. Inúmeras foram às vezes que ficamos sem a aula televisiva, pois chegava a faltar sinal de TV, e/ou a fita não funcionava, ficando o

Professor/Orientador de mãos atadas, principalmente quando aula do dia era contrária à sua formação.

Recebíamos os livros consumíveis, pois as atividades eram resolvidas neles mesmos, tendo também outras no caderno. O professor sempre ajudava na resolução. O material trabalhado era muito bom. Tinha bastante conteúdo, cada capítulo do livro apresentava e desenvolvia o tema da teleaula assistida. O educador era ótimo, pois conseguia dominar os assuntos abordados, trabalhava com algumas dinâmicas e as aulas eram atrativas. Pude aprender um pouco, mas não o suficiente.

Conheci pessoas novas, era comportada na classe, mas às vezes eu faltava à aula. Eu não aprendi mais porque eram três anos simultaneamente, assim dificultava-se muito a aprendizagem. Não tinha como entender todos os conteúdos, já era difícil ano por ano e os três ao mesmo tempo ficava mais complicado ainda. E isso foi o ponto negativo desse tipo de ensino. Eu não adquiri muito conhecimento.

No Ensino Médio, fui estudar na escola EEFM. Lídia Bezerra, na sede do município. Apesar de já existir transporte escolar para ir estudar na cidade, era muito dispendioso e perigoso também. Viajar todos os dias à noite em estradas muito ruins e acidentadas, algumas vezes debaixo de chuva forte, com a estrada de terra muito lisa e escorregadia, era muito desgastante. Muitas vezes o carro não conseguia chegar em nosso destino, de modo que, eu tinha sempre que continuar o trajeto a pé, felizmente na companhia de outros colegas. Encarávamos como uma grande aventura aquelas longas caminhadas, debaixo de chuva, durante todo o período do ensino médio.

Desde pequena o meu sonho sempre foi ser professora. Quando as pessoas me perguntavam o que eu queria ser quando terminasse os estudos, eu sempre respondia que queria ser professora. Hoje entendo que nunca terminamos os estudos. Continuamos em aprendizado constante. Sempre tem mais alguma coisa para estudar.

Conforme Freire:

O fato, porém, de que ensinar ensina o ensinante a ensinar um certo conteúdo não deve significar, de modo algum, que o ensinante se aventure a ensinar sem competência para fazê-lo. Não o autorizo a ensinar o que não sabe. A responsabilidade de ética, política e profissional do ensinante lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente. Esta atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes. Sua experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer uma formação permanente do ensinante. Formação que se funda na análise crítica de sua prática. (2001, p. 42)

Concluí o Ensino Médio em 2005. No início do ano 2006, surgiu para mim uma vaga de professora em uma escola no Sítio Caçoar. Não era muito perto de onde moro, mesmo assim aceitei trabalhar visto que meus avós já haviam falecido e eu estava morando com uma tia e uma irmã. Portanto, aceitei a proposta para conseguir suprir minhas necessidades financeiras e realizar, assim, meu antigo sonho adormecido de infância.

1.3. Experiências Profissionais

Um senhor que morava na mesma localidade que eu, estava se mobilizando para conseguir, junto a Secretaria de Educação, uma escola ou pelo menos um professor para lecionar para seus filhos. Ele passou na minha casa dizendo que estava indo até a cidade, procurar uma pessoa para ensinar seus filhos e netos. Minha tia me perguntou se eu queria trabalhar. Como sempre tive esse sonho logo aceitei. Aquele senhor conseguiu esse trabalho para mim na Secretaria de Educação e assim comecei a lecionar.

Não foi nada fácil porque a escola ficava muito distante da minha casa. Eu não tinha moto, mas, felizmente, minha tia me emprestava a dela para que eu pudesse percorrer essas longas distâncias para o trabalho.

O local da escola ficava na Serra Nova, que era muito longe e deserta. Eu precisava de uma companhia. Então pagava um rapaz para me acompanhar.

Enfrentava diariamente sol e chuva nas idas e voltas do trabalho na escola. Como se não bastasse, as pessoas ficavam me amedrontando dizendo que eu poderia me encontrar com as onças que ficavam no mato. Apesar disso ainda trabalhei um ano letivo inteiro nessa escola. Também substituí uma professora que entrou em uma licença, no sítio onde moro. De modo que fiquei trabalhando em dois períodos, manhã e tarde, na escola.

Na escola em que comecei a lecionar, a turma era pequena, contudo, muito difícil, por se tratar de jovens de 15 e 16 anos, junto a crianças bem pequenas, de 6 e 7 anos. Era uma turma multisseriada com alunos da 1ª a 3ª série. Não foi fácil para mim, pois era o meu primeiro ano de trabalho, não tinha experiência, apesar de ser o que eu sempre quis, tive muitas dificuldades em trabalhar com esses alunos. Tratavam-se de rapazes que não sabiam nem escrever o próprio nome, não conheciam nenhuma letra do alfabeto, por isso foi um grande desafio.

Não participei de encontro pedagógico antes de começar a lecionar. Quando passava por algum problema, eu procurava a coordenadora para me ajudar, e ela me orientava muito bem. Ela foi de grande importância na minha vida. Mas apesar de ter enfrentado muitos obstáculos, foi bom para mim, de certa forma. Porque aprendi a importância de ser professora e alcançar uma grande vitória de chegar ao final do ano e saber que contribuí muito para aqueles alunos se alfabetizarem. Eles tiveram um ótimo desenvolvimento.

Ao término do ano letivo ainda sentia muita vontade de ser professora, pois mesmo com as dificuldades, gostei de trabalhar com as crianças e até com os jovens. Não desisti de ser professora também por conta da necessidade financeira, eu estava preocupada de no ano seguinte ter meu emprego de volta, porque eu era contratada.

No ano seguinte, permaneci trabalhando apenas na escola na qual substituí a professora em licença, pois ela não iria mais voltar a trabalhar ali. Assim, a vaga passou a ser minha. Trabalhei novamente com uma turma multisseriada, de creche ao 3º ano.

No segundo ano de trabalho foi melhor, porque eu já tinha um pouco de experiência, mas mesmo assim enfrentando grandes desafios, pois também era uma classe multisseriada, e não é nada fácil desenvolver um trabalho com diferentes turmas juntas. Cada aluno tem suas necessidades e seu tempo diferentes para aprender. Melhorou porque era no mesmo lugar onde eu morava e assim, eu não precisava me deslocar para outra localidade.

Por motivos políticos a escola veio a fechar no ano de 2008. Tive, portanto que ir trabalhar em outra escola. Com a mudança de prefeito, a escola reabriu e voltei novamente para lá. Ali permaneci trabalhando até o final do ano letivo de 2016. Mais uma vez, a escola fechou em 2017 e eu fui transferida para a EEIEF. José Augusto Batista Vieira, onde estou até hoje.

Em suma, para mim, ser uma professora não é fácil. Quase todo ano mudo de escola, só trabalho com turmas multisseriadas, tenho que driblar sozinha os obstáculos dessa realidade. São sempre três ou quatro turmas juntas, por exemplo, alunos de creche junto com alunos de 7 anos, e assim por diante. As dificuldades são muitas.

No início de 2008, a minha formação era só o Ensino Médio. Não tinha nenhuma formação acadêmica. Por conseguinte, surgiu o Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício na Educação Infantil – PROINFANTIL, o qual teve duração durante 2 anos, terminando em dezembro de 2009. Tive a oportunidade de participar, mesmo não lecionando só com alunos de Educação Infantil, porque sempre trabalho com classes multisseriadas.

Foi-me de grande ajuda e importância este curso. Pude melhorar minha prática pedagógica e encontrar

apoio para minha docência. Os encontros eram quinzenais na cidade de Saboeiro. Até passamos 9 dias e meio estudando na cidade de Crato-Ceará, nos meses de janeiro e também de julho. Foi muito bom. Conhecemos outras pessoas, pessoas novas, diferentes. Eu não conversava muito porque era muito tímida. Ficava no meio da turma, mas falava muito pouco. Às vezes, quando era hora de se arrumar para ir nessas viagens de estudo eu não queria ir. Ia à força. Até chorava muito. Mas eu acabava indo. Nunca faltei porque pensava que ia aprender mais. De fato, eu adquiriria sempre novos conhecimentos. Foi muito bom receber meu certificado.

1.4. Formação em Pedagogia – PARFOR

Outra alegria que tive foi poder assumir minha classificação no concurso municipal, graças a esse curso – o PROINFANTIL, pois no edital do concurso constava que este curso valeria como formação profissional. Isso foi muito importante para mim e mudou a minha vida. Fiz o concurso no dia 27 de maio de 2018 e tomei posse no dia 28 de setembro de 2018.

Em 2014, prestei vestibular concorrendo a uma vaga para pedagogia pelo Plano Nacional de Professores da Educação Básica – PARFOR, ofertado pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Felizmente passei e comecei a estudar. Mais uma vez não foi fácil, sobretudo, o início. Não ia ninguém do meu sítio além de mim. Tinha que ir primeiro para outra localidade, para de lá, acompanhar outras colegas.

De onde moro, a cidade não é nem um pouco perto. Quando comecei o curso, eu não tinha transporte para ir. Era necessário tomar a moto do meu irmão, da minha tia, ou de outras pessoas, emprestada. Ainda pensei em desistir, mas o Senhor me ajudou, me deu forças, coragem para continuar, e eu continuei. Com o passar do tempo pude comprar uma moto para mim. Isso facilitou muito e melhorou bastante.

Quando iniciei o curso, meu filho tinha apenas 4 anos, então eu ia na sexta-feira e voltava para dormir em casa, cuidando dele e, então, no sábado eu ia de novo para a cidade assistir aula. Enfrentei chuva, sol, muitas dificuldades, mas não desisti. Hoje ainda enfrento alguns obstáculos.

Percebo que é de grande importância esse curso. Melhorei muito meu jeito de ser. Sempre fui tímida e tinha muita dificuldade em falar ao público, mas com a chegada do PARFOR mudei bastante, embora ainda sinta dificuldade nesse sentido. Com este curso pude melhorar a qualidade das minhas aulas, agora procuro sempre estar inovando, me aperfeiçoando, ministrando aulas mais atrativas, adquirindo novos conhecimentos, tendo uma nova aprendizagem. Está chegando ao fim, mas sinto que ainda vou aprender muito até terminar.

Ao longo de todos esses semestres, o cansaço vem aumentando, pois é muito distante o local das aulas para onde moro. Apesar disso é muito bom porque eu posso aprender mais, aprender coisas novas e adquirir novas habilidades aperfeiçoando cada vez mais meu modo de ser como pessoa e como profissional.

As aulas são boas, às vezes são cansativas, mas mesmo assim eu gosto dessas aulas, pois elas são de fundamental importância para me fazer passar pela experiência de cursar uma universidade, aprendendo cada vez mais com os professores cada um com seu modo de ser e suas particularidades, todos muito bons. Apenas um me marcou negativamente, pelo seu modo de agir que me incomodava, mas nada grave demais.

Ao longo desse vasto tempo de curso, tivemos algumas atividades de campo muito proveitosas que me levaram a conhecer outras realidades. No início tive muita dificuldade para fazer pesquisas. Eu não tinha matérias para pesquisa, e não tinha livros, nem internet. Hoje essa situação melhorou muito porque já tenho pelo menos acesso à internet, o que facilita muito as situações de pesquisa.

As leituras e trabalhos acadêmicos são difíceis e exigem muito interesse para a devida compreensão. Tenho que estudar muito para conseguir acompanhar o curso, e fazer muitas pesquisas para melhorar meu desempenho.

Espero que ao terminar essa faculdade eu tenha aprendido o suficiente para melhorar minha prática pedagógica. Também espero melhorar cada vez mais como pessoa, repercutindo positivamente sobre meu trabalho. Espero estar sempre inovando nos meus métodos de trabalho e conseguir direcionar melhor os meus alunos à aprendizagem, para que essas crianças possam tornar-se cidadãos participativos e críticos na sociedade. Que eu possa crescer cada vez mais na minha vida profissional.

Escolhi pesquisar sobre “o trabalho com classes multisseriadas – desafios e dificuldades”, porque desde o momento em que comecei a lecionar desenvolvo meu trabalho com essas turmas.

Então a partir dos conhecimentos adquiridos na faculdade, juntamente com a minha prática diária em sala de aula, me trouxe reflexões, dúvidas e questionamentos que me instigaram sobre essa temática.

Desde o meu primeiro ano de trabalho que sempre ensino séries multisseriadas. Somente no ano passado, 2018, que fiquei com uma turma de

3º ano, mesmo assim só até o mês de junho, voltando em seguida para a turma multisseriada. Para mim é um desafio muito grande, apesar de já ter experiência. Minhas turmas vão desde a creche ao 2º ano, o que é muito difícil de desenvolver um trabalho diante dessa realidade. São crianças pequenas de dois anos até sete anos. É complicado porque o ensino voltado para alunos de creche e pré-escola é muito lúdico, atividades com mais ludicidade. Já para os alunos de primeiro e segundo ano é muito cobrado leitura e escrita.

São muitos os problemas que me inquietam, cada turma tem uma extensa rotina o que dificulta o meu planejamento, sendo que o plano para a Educação Infantil tem uma estrutura totalmente diferente do plano do Ensino Fundamental.

Mesmo tendo uma professora de apoio para me auxiliar é um grande problema envolver essas turmas. Sempre fica algo a desejar, enquanto estou com os alunos de primeiro e segundo, os alunos da Educação Infantil ficam ociosos, pois a educadora que me ainda é muito inexperiente, fica muitas vezes as crianças brincando por brincar.

A Secretaria de Educação monta turmas nessas condições, mas não dá nenhum suporte para que possa melhorar o trabalho. Fazem visitas, veem a situação, mas não fazem nada para mudar a realidade. Só dizem que os alunos são poucos e que não podem diminuir mais a classe. Mas as cobranças vêm, porque o segundo ano é avaliado e o resultado da escola não pode cair.

Enquanto professora, tenho que me desdobrar para dar conta do resultado. Se for ruim a culpa é do professor que não fez o seu trabalho direito. Não querem nem saber quais as consequências que levaram a queda do resultado. Mas se o resultado for alto, não dizem nada. Só sabem cobrar, exigir que siga a rotina, que elaborem os planos de acordo com as turmas. O que é impossível de fazer, diante da realidade oposta porque cada série é diferente. As crianças têm seu tempo e o ritmo de aprender que não é igual, uns se desenvolvem mais rápidos, outros mais lentos. São muitas as diversidades.

Diante de todas essas dificuldades os alunos não conseguem aprender o que realmente é preciso, porque cada turma tem suas habilidades para desenvolver e por conta dessa realidade o tempo não é suficiente para a aprendizagem.

As classes multisseriadas têm alunos com níveis de aprendizagem totalmente diferentes e o professor

tem que buscar estratégias, tem que estar sempre inovando, correr atrás de novos conhecimentos, para que possa fazer um bom trabalho, para que os educandos possam avançar, aprender. Isso é muito difícil, por isso que muitas vezes a escola tem um baixo desempenho.

Apesar de já estar com treze anos trabalhando com turmas multisseriadas ainda não me acostumei, porque é um trabalho cansativo é difícil em todos os sentidos. Na questão da avaliação, é terrível avaliar essa turma. Cada aluno tem o seu jeito de ser, de aprender e é desafiador fazer um diagnóstico para cada criança.

Por isso quero fazer um estudo mais aprofundado sobre esse assunto, para que eu possa aprender sobre essas classes multisseriadas e que eu possa chegar a prováveis conclusões do por que isso acontece e o que fazer diante dessa realidade que eu vivo, de trabalhar com essas turmas, se existe um jeito de mudar ou não.

Quero estudar para que eu me adapte melhor e possa adquirir novos conhecimentos e aprendizagens e buscar melhorar a minha, para ser uma professora diferente, que busque estratégias para inovar e poder dar uma aula prazerosa para os alunos venham a aprender e desenvolver suas habilidades.

ANEXO Q – MEMORIAL DA ESTUDANTE-PROFESSORA MARIA GLÍCIA VENÂNCIO DE LIMA OLIVEIRA

OLIVEIRA, Maria Glícia Venâncio de Lima. História de vida e trajetória profissional. In: *O desafio de trabalhar a inclusão na escola no ensino fundamental II: uma relação entre a teoria e a prática*. 2019d. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (50p) (pp. 13-20)

1. HISTÓRIA DE VIDA E TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Meu nome é Maria Glícia Venâncio de Lima Oliveira, tenho 26 anos nasci no dia 01 (primeiro) de abril de 1993 na cidade de Saboeiro – CE, neste trabalho vou conta um pouco da minha história de vida dando ênfase na minha trajetória escolar e profissional em relação a educação.

Não posso dizer que minha infância foi maravilhosa, claro que teve coisas boas e momentos felizes assim como na vida de outras crianças, mas fui uma criança que sofreu muitos preconceitos, principalmente na escola por parte de alguns coleguinhas de sala e por incrível que pareça de alguns professores. Quando tinha quatro anos fui morar com minha madrinha de batismo, pois meus pais tinham se separado e minha mãe precisou se deslocar do sitio em que morávamos chamado Jatobá, até Fortaleza para trabalhar em casa de família e assim poder manter eu e meus dois irmãos mais novos Gleilton e Gerre que na mesma ocasião tinham ficado sob os cuidados dos meus avós maternos. Quando ela retornou, voltamos a morar juntos como das outras vezes, pois foram várias separações, o meu pai embora nos amasse do jeito dele, sempre carregou consigo um dos maiores que foi o tormento da nossa família até os dias atuais, o alcoolismo. Cresci vivendo momentos terríveis por causa da bebida no qual não convêm citá-los.

No ano de 1997 saímos do sitio Jatobá para morar em outro sitio próximo chamado Aroeira Ferrada no qual residimos até hoje.

1.1 Minha Infância e período escolar

Quando criança, eu era uma menina ativa, sempre tive facilidade de aprender as coisas, a minha mãe que se chama de Rosilda pelo qual tenho orgulho imenso foi minha primeira professora e por que não dizer a melhor de todas. Antes mesmo de frequentar a escola ela me ensinava em casa as letras do alfabeto e a escrever meu nome, hoje agradeço imensamente a ela por ter sido base da minha na educação pois a participação da família desde cedo na vida de uma criança faz toda diferença na formação pessoal e educacional.

É importante que os pais ou responsáveis pelas crianças demonstrem interesse em tudo no que diz respeito à escola do filho, para que ele perceba que estudar é algo prazeroso e indispensável para a vida. A participação dos pais na educação formal dos filhos deve se proceder de maneira constante e consciente, integrando-se ao processo educacional, participando ativamente das atividades da escola. Essa interação só tem a enriquecer e facilitar o desempenho escolar da criança. (LOPES, s/d, p.4).

Diante disso é chegado tempo de ir para escola, na época fui para sala de alfabetização onde as crianças tinham os primeiros contatos com letras, iam ser alfabetizados, essa fase da minha vida é inesquecível e marcante, jamais poderia deixar de citá-la. Lembro-me perfeitamente da minha primeira professora tão querida por mim até

hoje Wayne. Ela morava no sítio Baixa Verde e reside lá até hoje, lecionava no sítio Jatobá no qual se deslocava de moto e passava na minha casa todo dia cedinho para me levar com ela, minha mãe me acordava tão cedo para me arrumar e não perder a hora, fazia muitas tranças e crespos no meu cabelo por isso demorava um pouco, mas eu ficava linda; e assim íamos para escola.

Nas primeiras semanas de aula após a professora ter tido os primeiros contatos com os alunos e realizar o diagnóstico da turma resolveu conversar com os meus pais sobre mim, mais precisamente com minha mãe que esteve presente em todos os momentos da minha vida fossem eles bons ou ruins, de início minha mãe até achou que eu tivesse feito alguma travessura na escola, mas na verdade ela havia decidido me colocar na série seguinte visto que o nível em que me encontrava era compatível e ela ficou feliz com a decisão da professora.

À medida que eu crescia me interessava cada vez mais pelos estudos modestos a parte sempre tirava as melhores notas da sala em todas as disciplinas e esse talvez fosse um dos motivos para muitos colegas meus da escola não gostasse de mim, eu ficava muito triste e ao mesmo tempo muito constrangida com o preconceito de alguns por ser negra e ter o cabelo muito volumoso, hoje eu paro e penso e penso nos apelidos que eu recebia e muitas eu ia apenas chorar por que apesar de ser “inteligente” eu era tímida e não sabia me defender, para alguns alunos brancos e de famílias com melhores condições financeiras talvez fosse irritante compartilhar a sala com uma negra que tirava a melhor nota, isso era demais.

Em fim foi assim até eu concluir o ensino fundamental, durante esse período teve várias visitas da minha mãe na Rosilda Herbster onde estudei a maior parte da minha vida, ela sempre queria saber como eu me comportava e o que acontecia comigo na escola. Tive alguns professores que também se mostravam em algumas atitudes bem preconceituosas no qual não vale a pena lembrar.

Em 2006 conclui o nono ano, naquela época oitava série, nesse período eu tive ótimas professoras que sempre me elogiavam e fizeram parte da minha vida contribuindo de forma positiva na minha formação, duas delas são especiais, para mim, Wayne que foi minha primeira professora e continuou sendo por muito tempo e sua irmã Wenne que foi minha professora e depois foi minha diretora por muito tempo em que eu fui professora na Escola Rosilda Herbster no sítio Aroeira Ferrada, serei eternamente grata a essas duas mulheres, se não fosse elas talvez eu não estivesse escrevendo esse texto.

Foi nesse ano que se realizou na referida escola a primeira festa de formatura dos alunos da oitava série, daí para cá se tornou tradição nas turmas de nono ano. Em 2007 iniciei no ensino médio na escola Lidia Bezerra, localizada na vila Flamengo o maior distrito do município de Saboeiro, foi uma nova fase, outros professores, novos conteúdos e muitos outros colegas de escola.

Estudei lá durante três anos, nunca repeti de ano mas no último ano fiquei em recuperação em matemática, isso me deixou muito triste e preocupada por que nunca tinha acontecido antes, foi outra experiência ruim, mas no final deu tudo certo

Eram muitas dificuldades encontradas para se deslocar até a vila Flamengo, ficamos dias sem transporte escolar no período das chuvas era mais difícil ainda pelo fato de te ter muita lama na estrada, muitas vezes eu e meus companheiros voltamos pra casa a pé quando transporte dava algum problema, era uma aventura.

1.2 Formação Docente e trajetória profissional

No ano de 2009 conclui o ensino médio, mesmo com muitos obstáculos e vendo alguns amigos meus

ficarem para trás desistindo de estudar eu jamais pensei desta forma, muito pelo contrário sempre carregava a vontade de continuar estudando cursar uma faculdade embora não tivesse ideia de como faria para conseguir, pois minha mãe sozinha não tinha condições de pagar e meu pai nunca se esforçou para ajudar realizar esse sonho da formatura. Foi então que no ano seguinte surgiu uma oportunidade de emprego aos 17 anos de idade, na Escola Rosilda Herbster, recebi uma proposta para ser cuidadora de um aluno com deficiência, o Alan, que é filho da minha ex professora Wayne que agora passava a ser minha colega de trabalho, eu adoro contar essa história. Wayne juntamente com sua irmã Wenne na época diretora, abriram a primeira porta para mim em relação a trabalho, elas apostaram em mim e acreditaram que eu seria capaz de acompanhar e ajudar o Alan na sua jornada escolar foi ai que ele entrou na minha vida ou eu entrei na vida dele e permanecemos unidos pela escola por muitos anos, ele tem Paralisia Cerebral, foi um grande desafio que eu aceitei com muita alegria e insegurança por que embora confiasse em mim, no fundo eu tinha medo de fracassar, e assim comecei a trabalhar me lembro como se fosse hoje do primeiro dia de trabalho era pela manhã, eu dormi demais e perdi a hora, minha mãe trabalhava na mesma escola como merendeira e veio me acordar, nossa eu fiquei com tanta vergonha, mas foi até engraçado.

No início o Alan ia para a escola e ficava na sala apenas como ouvinte, na verdade nós não sabíamos como encaixá-lo nas atividades, o que a gente sabia é que juntos íamos descobrir.

Nenhum de nós que trabalhava com ele tinha nenhuma formação ou suporte adequado para trabalhar com aluno que possuía deficiência principalmente com um caso como do Alan que era cadeirante, não anda, não fala nem comanda os movimentos dos braços, mas era um menino muito especial, o sorriso dificilmente saía do seu rosto, adorava ir pra escola e entendia tudo que a gente falava e respondia perguntas através de gestos com a cabeça. Então chegamos à conclusão de que faríamos tudo que fosse possível para que ele aprendesse junto com os colegas, começamos a confeccionar o material necessário e adequado para ele realizar algumas atividades no qual procuramos adaptar pra que ele pudesse participar juntamente com a turma.

Nos planejamentos cada professor se comprometia a fazer uma metodologia diferenciada para ele e eu ficava responsável de providenciar o material necessário para as aulas de cada uma das disciplinas, confesso que muitas vezes achei que algumas atividades feitas com ele não tinham muito proveito, mas mesmo assim às fazia afinal não sabíamos de fato qual a maneira correta de trabalhar com ele.

Confesso ainda que essa inquietação me perturbe até hoje, será que esses métodos eram realmente bons? Será que ele entende? Será que ele aprendeu? O que mais poderia ser feito? Enfim, são muitas as dúvidas que até hoje carrego comigo. O tempo foi passando e eu deixei de ser apenas cuidadora do Alan e passei a ser professora dele e das turmas de 6º ao 9º ano, a responsabilidade passou a ser ainda maior, a cada plano de aula eu me martirizava tentando encontrar a melhor forma possível de incluir o Alan nas atividades daquele dia para mim não bastava incluir, tinha que haver aprendizagem, tinha despertar a alegria e o prazer dele de participar ou seja, tinha que alcançar o objetivo traçado pra ele naquela aula. Nem sempre conseguia, mas eu tentava.

Fiquei muito tempo trabalhando sem fazer faculdade mas sempre com a vontade, até que um dia surgiu uma proposta pra entrar em um curso de teologia e eu me matriculei, mas desisti na primeira aula, além de não ter me interessado era muito distante pois ficava em outro município e eu tinha que me deslocar de moto, sem contar, sem contar que ainda era muito caro. Pouco tempo depois resolvi encontrar novamente em um curso superior, agora de pedagogia com aulas a cada quinze dias frequentei alguns meses, mas acabei, desistindo novamente por diversos fatores que não convêm relatar. No ano de 2013 eu me casei, foi mais uma nova fase da minha vida, agora eu tinha que deixar a casa da minha mãe onde eu morava com ela e meu irmão mais novo para constituir minha

própria família. Meu esposo se chama Rafael e tem a mesma idade que eu, nos conhecemos desde criança e Graças a Deus temos uma boa convivência até hoje.

Em 2014 aconteceu uma das melhores coisas, recebi um comunicado da Secretaria de Educação de Saboeiro que eu tinha sido selecionada para cursar uma faculdade de Pedagogia grátis pela URCA através do programa PARFOR. Eu não tinha noção do que era o PARFOR, só sei que eu fiquei tão feliz que naquele momento eu pensei e falei para mim mesma agora eu consigo minha formatura. Acredito que tudo seria bem mais fácil só em não pagar a mensalidade, mais eu teria que manter as outras despesas como transporte e alimento o que daria certo por que eu tinha meu trabalho só não pensei naquele momento que eu era temporária, na minha cabeça eu nunca ia sair daquele emprego e comecei a frequentar o curso em Saboeiro, eu e mais três colegas de Flamengo, foi o início de uma grande aventura, a gente ia de moto, se arriscando na lama na época de chuva, mas estávamos muito felizes.

Começamos a frequentar o curso em agosto de 2014, para mim ia tudo muito bem, até chegar fevereiro de 2015 épocas em que os funcionários temporários da prefeitura de Saboeiro recebem o comunicado da lotação, na maioria das vezes um dia antes das aulas iniciarem, em fim eu não fui lotada, ou seja, por motivos políticos eu havia ficado desempregada, essa notícia me pegou de surpresa, eu fiquei muito triste e na mesma semana eu me esposo decidimos que íamos embora e de imediato compramos a passagem para Goiânia, como em toda cidade temos os prós e os contras da política resolveram me tratar de novo, só que agora iriam me colocar em outro cargo ganhando bem menos mas não aceitei, porque além de estar com a passagem comprada eu queria progredir e não regressar e então viajamos para o Goiás.

Até então eu nunca tinha saído do Ceará, não tinha noção de como era na prática o mundo lá fora, apesar de saber que existia muita violência na cidade grande eu coloquei na cabeça que o medo não ia me fazer desistir da viagem que na verdade eu sempre quis fazer, sempre tive a vontade de sair do meu lugar pra tentar melhorar de vida em um lugar que tivesse mais oportunidade e opções de emprego e estudo, poderia até ter conseguido se tivesse permanecido lá por mais tempo. Chegando lá fomos morar na casa de uma tia minha que recebeu com muita alegria, de início mandamos fazer nossos currículos e começamos a distribuir na esperança de logo surgir alguma proposta de trabalho, mas os dias passavam e nada, ficamos um mês sem trabalhar e começamos a nos preocupar por que a gente precisava ajudar nas despesas e o pouco dinheiro que levamos estava acabando.

Depois de um mês conseguimos emprego eu fui trabalhar de atendente em uma padaria e meu esposo em uma firma de construção, tudo parecia estar bem, mas na verdade eu já estava sentindo muita saudade do lugar onde morava e já planejava voltar mesmo sem falar nada pra ninguém era só o tempo de ganhar o dinheiro da passagem de voltar.

Foram muitos motivos que me fizeram voltar, mas um deles foi mais forte o medo de se deslocar de casa para o trabalho, eu acordava todo dia as cinco horas da manhã e andava escuro mas tinha que enfrentar o medo que sentia ao fazer esse percurso, passava pela mesma coisa ao voltar para casa as oito horas da noite, tinha dias que eu chegava apavorada. Então decidi pedir demissão do emprego, meus patrões eram ótimos e tentaram de várias maneiras fazer com que eu desistisse de vir embora, meu esposo não gostou muito da ideia, ele já estava se acostumando e gostando muito do trabalho dele, apesar de nunca ter saído do Ceará também, ele andava pela cidade como se morasse lá a muito tempo, mas não teve jeito e voltamos novamente para casa. Eu estava feliz quando resolvemos viajar, seria uma experiência nova, mas feliz mesmo eu fiquei quando estávamos voltando, a sensação de estar no lugar da gente de não tem explicação.

Chegando novamente no Sítio Aroeira Ferrada, retornamos nossa vida, em relação ao curso de pedagogia achei que tinha perdido essa oportunidade, mas assim que cheguei recebi o comunicado da coordenação dizendo que se quisesse retornar a faculdade ainda estava em tempo, eu não pensei duas vezes, como consequência, desse tempo em que estive fora fiquei reprovada em uma disciplina mesmo assim continuei. As coisas logo foram se ajeitando, logo recebi a proposta de voltar para o emprego, dessa vez e lógico que eu aceitei e comecei a trabalhar com matemática nas turmas de oitavo e nono ano, foi mais um grande desafio, mas eu não tinha escolha.

Após três anos de casada fiquei grávida, eu sempre quis um menino, fiz chá de bebê com decoração azul, escolhi até o nome, iria se chamar Miguel, mas somente na última ultrassonografia foi visto realmente era uma menina, na hora eu fiquei um pouco triste, mas foi uma sensação que logo passou, e eu dei a ela o nome de Maria Júlia a minha princesinha linda, ela nasceu no dia 13 de julho de 2017, na cidade de Catarina por que infelizmente o nosso município não tem um hospital nem maternidade, fui encaminhada para o Hospital Regional de Iguatu, mas também não me aceitaram por motivos que até hoje desconheço, nesse mesmo dia, Deus enviou pessoas pra me ajudar e me conduziram até o Hospital de Catarina onde cheguei por volta da meia noite e tive minha filha, por pouco ela não nasceu em casa. O ano de 2018 chegou, realizou-se em Saboeiro o concurso público para diversas áreas...eu havia feito minha inscrição para cargo de agente comunitário de saúde no ano de 2015, mas o certame só aconteceu três anos depois. Centenas de pessoas haviam se inscrito, na minha mente eu jamais iria me classificar eu não tinha nenhuma experiência na área, mas não tinha ensino superior para que pudesse concorrer aos cargos de pedagogia, que até então era meu objetivo, tornar-me professora efetiva.

Enfim fiz a prova objetiva, e passei, quando saiu a lista de classificados nem acreditei quando vi meu nome. Fiquei muito feliz e surpresa ao perceber que havia gabaritado português e matemática mesmo sem experiência na área da saúde meu desempenho nas demais disciplinas me proporcionou entrar. Ao chegar o tempo de entregar documentação necessária para assumir o cargo foram exigidos vários exames dentre eles tive uma nova surpresa, descobri que estava grávida novamente.

Anteriormente havia vivenciado outra experiência em concursos públicos quando concorri a uma vaga para polícia militar em 2016 em Fortaleza, sonhando poder vestir aquela farda, no entanto tinha consciência de que não havia me esforçado suficiente para realizar tal feito. Enfim fiz a prova objetiva.

Assumi o cargo de Agente Comunitária de Saúde da minha comunidade e mais duas comunidades vizinhas, no início era muito estranho, mas em pouco tempo me acostumei. Começava pela segunda vez a minha luta para trabalhar e ir pra faculdade, pois era muito difícil devido a barriga crescer, mas eu ia até onde eu podia. Por fim, em março de 2019 nasceu o meu segundo filho, agora era um menino, dei o nome a ele de Max Rafael. Continuo na luta para concluir curso de pedagogia e alcançar a minha tão sonhada formatura. Confesso que por muitas vezes pensei até em desistir, principalmente depois que me encontrei com dois filhos pequenos pra cuidar pois é muito difícil de conciliar tudo visto que esse curso exige muito de nós principalmente no momento em que começamos a escrever monografia.

1.3 A importância do PARFOR

O PARFOR sem dúvida contribuiu de forma bastante significativa para minha vida, acredito que na minha vida e na vida dos meus colegas também pois foi onde encontrei a melhor oportunidade para além de batalhar pelo tão sonhado diploma poder me tornar uma pessoa formada e mais informada, abastecida de

conhecimentos necessários na profissão de um pedagogo que nos são transmitidos de maneiras diversas e eficazes pelos excelentes professores que também tiveram contribuição positiva para nossa formação.

Entramos no curso com uma visão de mundo limitada, totalmente escassa de conhecimento relacionados a teoria e a prática com lacunas que são preenchidos ao longo do curso, no qual sairemos com um senso crítico ativados e mais preparados para atuar de forma positiva na sociedade.

Ao longo do curso de pedagogia que nos foi proporcionado pelo PARFOR, vivenciamos experiências de muito aprendizado através das disciplinas oferecidas e ministradas das mais variadas formas pelos professores que sempre tiveram grande empenho em realizar um bom trabalho. Todas as disciplinas são de grande importância para a formação do pedagogo.

Mas vale ressaltar que as que mais impactaram nesse processo de formação foram as disciplinas de Estágios Supervisionados, pois são através das mesmas que colocamos em prática tudo que aprendemos ao longo do curso e comparamos com a prática realizada em sala de aula antes de ingressar no curso, e durante o estágio podemos compreender de fato o papel do educador, seja como professor atuante em sala de aula ou como membro da equipe gestora, temos oportunidade de nos colocar no lugar do outro e comparar as coisas como elas são e como realmente deveriam ser dentro da pedagogia, além de conhecer a fundo o papel do pedagogo.

A pedagogia não se limita apenas em metodologias de ensino, também dispõe de instrumentos de pesquisas que podem auxiliar nos processos de ensino aprendizagem em cada contexto, ela também abre novos horizontes que ajudam a enfrentar e entender os desafios encontrados a cada dia em nossa sociedade, sendo o pedagogo o profissional com formação mais adequada para agir como mediador nesse processo sendo também ao mesmo tempo um incentivador de uma educação melhor que venha garantir a existência de um novo amanhã. Com as suas diversas especializações e sua formação o pedagogo atua nos espaços educacionais formais e não formal sendo uma peça de grande importância para o crescimento e desenvolvimento de todos, visto que sua função principal é de mediar dinamizar e estimular o desenvolvimento do potencial do indivíduo.

Acredito que a educação ainda seja a base de tudo embora ainda precise de apoio em outros pilares que a ajudem em seus caminhos para que assim o papel do pedagogo venha a ter um real significado na sociedade nos diversos papéis em que vier atuar e em um dos principais aspectos que precisa ser privilegiado dentro da educação e a valorização desse profissional que ao meu ver ainda acontece de maneira merecida.

De modo geral o objetivo deste trabalho é refletir um pouco sobre o trabalho do pedagogo no contexto da sociedade, se este tem conseguido causar efeito não só no espaço escolar, mas também fora dela, pois de nada adiantará enchermos a cabeça de informações intelectuais dentro da escola se quando fora dela não sabemos pensar e continuamos com as mesmas maneiras insignificantes de agir vivendo como máquinas para apenas repetir o que os outros fazem e dizem dando a continuidades a mesma rotina dos nossos pais, avós etc.

O curso de pedagogia em especial nos tira do caminho que formam essas máquinas, dando sentido aos dez ou quinze anos de estudo, caso contrário teria sido melhor nem estudar nem menos ter ido à escola diante disso entende-se a grande importância de ensinar a pensar cabendo aos profissionais da educação executar essa árdua tarefa, de ensinar ou pensar e agir. Vale ressaltar que a escola não é o único lugar em que a educação acontece não sendo assim o professor o único praticante do ato de ensinar, mas também os inúmeros elementos que compõem a sociedade em que o indivíduo está inserido.

Através do Plano Nacional de formação de professores é possível também identificar o grande avanço dos estudantes em relação a maneira de se expressar, visto que a timidez e a dificuldade de falar em público são

alguns dos grandes desafios a serem superados em curso superior, embora essas dificuldades não sejam totalmente superadas em algumas pessoas a grande maioria ao longo do curso consegue um grande avanço na solução desses problemas. Programas como o PARFOR são exemplos extraordinários de políticas públicas que beneficiam a sociedade em geral, tanto para professores de rede pública que atuam em sala sem formação específica e por algum motivo não consegue frequentar um curso superior, quanto para o município e as próprias escolas que irão dispor de profissionais capacitados para mediar o processo de ensino aprendizagem das nossas crianças.

Um dos pontos negativos da educação pelo menos em nosso município é a contratação de professores sem formação adequada, apenas com o ensino médio e isso se dá sem menor interesse em oferecer uma educação de qualidade aos educandos e sim apenas com o intuito de obter o voto do empregado e conseqüentemente de seus dependentes. Os gestores oferecem o emprego, mas a oportunidade de se formar de obter conhecimento, visando apenas o interesse de uma minoria que se beneficia com o voto da maioria, uma maioria que embora alienada e/ou aprisionada pelo emprego acaba sendo prejudicada pelos serviços oferecidos pelo mesmo gestor que lhe dá com uma mão e tira com a outra.

ANEXO R – MEMORIAL DA ESTUDANTE-PROFESSORA MARIA MICHELE PEREIRA

PEREIRA, Maria Michele. Itinerário infantil, educacional e formativo. In: *A importância da educação inclusiva e a visão dos profissionais: desafios e possibilidades 2019b*. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (69p) (pp. 13-20)

1 – ITINERÁRIO INFANTIL, EDUCACIONAL E FORMATIVO

É inegável que a memória tem um papel substancialmente elementar na estruturação de nossa trajetória e compreensão histórica. O propósito de rememorar as significações dada a infância, é indubitavelmente, imprescindível, em virtude de favorecer um encadeamento, suscitando uma aderência reflexiva sobre as múltiplas possibilidades que perpassam as diferentes significações de vivência do sujeito, resultantes de um conjunto de influências estabelecidas pelo meio, que tem vinculação com os sentidos que lhes são atribuídos, remetendo-nos a várias abordagens e vivências que se imbricam.

Nessa ótica, eu, Maria Michele Pereira, nascida em zona urbana na Cidade de Iguatu, entretanto atualmente residente no Distrito de Malhada no Município de Saboeiro, Ceará. Ao pormenorizar minhas vivências neste memorial descritivo, a que me reporto, reflexiono, reflito e tenciono dá definições à criança que fui e a infância que vivenciei, bem como discorrer sobre minha construção docente.

Por conseguinte, a princípio, acredito ser propício e decerto substancial, já de antemão, ao discorrer sobre minha trajetória de vida, elucidar o que tenho como meu apoio, meu alicerce, a quem devo minha vida. Os principais responsáveis e motivadores para minha chegada até aqui. A quem devo tudo o que sou, dado que mantiveram permanentemente solícitos e ao meu lado para tudo. Caso contrário, tudo se transcorria de modo impreciso. Certamente, atribuo tal excelência aos meus inestimáveis e amados pais! Os que atendem o nome de Maria Juraci Pereira e Francisco Henrique Pereira. Os mesmos tiveram 9 filhos, mas se criaram 6. Minha mãe sempre diligente ao seu ofício de dona de casa, meu pai por um certo tempo desenvolveu a ocupação de agricultor, subsequentemente, ingressou no âmbito político, todavia, atualmente está desvinculado dessa atividade.

A essência de meus pais, o modo particular, humano, solidário e muito justo, outorga em mim um deslumbramento. Os princípios e orientações que a mim foram transferidos reverberam diariamente no desenvolvimento e na configuração de meu perfil como pessoa e profissional, no percurso de minha existência. De fato, eles são minha referência de vida, amor e honestidade. Enfim, palavras não são capazes de mensurar sua essência e importância em minha vida. Eles sempre me deixaram liberta para vivenciar minha infância, nas suas diversas esferas.

Minha infância decorreu de modo tranquilo. Fase provida de sentimentos de inocência, onde tudo é maravilhoso. Quando reflexiono minha infância ocorre-me o quanto foi primorosa. Pude viver experiências diversas situações e momentos com os quais circuncidavam, em outras palavras, pessoas que estabeleci alguma relação ou contato.

Recordo-me claramente de alguns momentos de minha infância inclusive das brincadeiras. Tempo de aprendizados, curiosidades, explorações, indagações, tempo de contentamento em suas diversas instâncias, onde a imaginação flui, e a vida é vivenciada com mais leveza. O brincar tem sido eminentemente reconhecido relevante

no desenvolvimento do sujeito. Kishimoto e Pinazza destacam que:

Brincar é a atividade mais pura, mais espiritual do homem neste estágio (a infância), e, ao mesmo tempo, típico da vida humana como um todo – a vida natural interna escondida no homem e em todas as coisas. Ele dá, assim, alegria, liberdade, contentamento interno e descanso externo, paz com o mundo. Ele assegura as fontes de tudo que é bom. Uma criança que brinca por toda parte, com determinação auto ativa, perseverando até esquecer a fadiga física, poderá seguramente ser um homem determinado, capaz de auto sacrifício para a promoção deste bem-estar de si e de outros. Não é a mais bela expressão da vida da criança neste tempo o brincar infantil? A criança que está absorvida em seu brincar? A criança que desfalece adormecida de tão absorvida? (...) brincar neste tempo não é trivial, é altamente sério e de profunda significação. (KISHIMOTO e PINAZZA, 2008, P-49)

Desse modo, a infância foi um processo que resultou uma intimidade comigo mesma, igualmente a formação de relações interativas com o meio de convivência, e por consequência uma inserção social. Lembro-me que eu, juntamente com minhas irmãs, amigos e primos brincava de boneca, de bicicleta, pique - esconde, jogo de futebol na rua, de desfile, inclusive participávamos de vários, planejados pela escola, na qual estudávamos. Subíamos em árvores para comer os frutos. Brincávamos de escolinha, onde fingia ser a professora, e as respectivas amigas, sendo os alunos, reproduzindo assim, o que se transcorria em sala de aula.

De modo consequente corroborando o que na vivência escolar foi marcado e internalizando intrinsecamente em suas inerentes esferas. Outra atividade que adorávamos fazer era que no período do meio dia, enquanto nossos pais dormiam, armávamos barracas no quintal de casa. Fazíamos das barracas, as nossas próprias casas, utilizando de insumos característicos da natureza, manipulando-os e aderindo-os como se fossem os itens que constituem uma casa. Um dos primos era o único que ficava incumbido para ser o vendedor do mercado representativo, pois, ele era ótimo em cálculos. Utilizávamos de folhas de árvores para a representatividade do dinheiro.

Era muito divertido, colocávamos vários pneus empilhados, e atribuíamos ao mercado, tal característica era o que o diferenciava das casas, que mencionada anteriormente referia-se as respectivas barracas. Ante o exposto, atinente ao que foi mencionado até então, fica perceptível que por intermédio de nossas brincadeiras vivenciamos uma infância efetivamente voltada para um pleno contato com a natureza e os variados elementos que a compunha Conjuntamente, através destas, seja de caráter tangível, imaginário e/ou simbólico, já desde cedo aderíamos o aspecto do faz de conta, fator característico da infância e essencial para o desenvolvimento infantil, o que facilitou a apropriação de uma interpretação e ressignificação de mundo, e da realidade na qual estávamos inseridos, bem como na edificação e maturidade individual.

A brincadeira de faz de conta, também conhecida como simbólica, de representação de papéis ou sócio dramática, é a que deixa mais evidente a presença da situação imaginária. Ela surge com o aparecimento da representação e da linguagem, em torno 2/3 anos, quando a criança começa a alterar o significado dos objetos, dos eventos, a expressar seus sonhos e fantasias e a assumir papéis presentes no contexto social. (KISHIMOTO, 2003, p.39).

Nesse sentido, a brincadeira do faz de conta é uma atividade de extrema importância, que deve ser possibilitada para criança desde os primeiros anos, tanto pela instituição familiar quanto escolar, pois tal prática propicia na criança a concepção de mundo, como também exercita sua imaginação e interação. Adquire incentivos do círculo em que está imersa, o qual motiva a promoção social, afetivo e cognitivo, que são internalizados e exteriorizados através do faz de conta.

Em consonância, um dos marcos de minha infância que me recordo fortemente, diante de uma

perspectiva emocional, que suscitou em mim vários sentimentos foi exatamente a maneira de proceder de uma colega, ao brincarmos. Ela, mesmo ainda criança assumia uma postura de superioridade com relação às demais colegas, por ter um brinquedo que não tínhamos, inibindo-nos e amedrontando-nos. Isso na época acarretava mim e nas amigas um sentimento de inferioridade e amedrontamento. Questões comuns e típicas dessa fase. Relembro também o quanto fiquei feliz quando meu pai me presenteou com uma bicicleta. Um dos atributos característicos da criança/ adolescente que fui, faz-se pela autonomia que em mim foi impelida, bem como o incentivo as funções executivas. Tais estímulos me beneficiaram, minorando uma possível insegurança e indecisão porvindoura, possibilitando dessa maneira que eu me tornasse uma criança/ adolescente mais segura na resolução de problemas.

Desde muito cedo eu já manifestava uma adesão autônoma, uma determinada maturidade. Até mesmo mediante as conversações. Outro atributo singular é que sempre fui muito vaidosa. Adorava me maquiar sozinha, tinha autossuficiência de escolher a roupa que vestir.

Antes mesmo de explicitar sobre minha trajetória enquanto discente não pude deixar de destacar que é graças ao incentivo e estímulo de minha preciosa mãe que sempre me impulsionou a me dedicar aos estudos que o sonho e subsequentemente a veracidade de cursar nível superior em uma universidade pública eminente, e de excepcional preponderância como a Urca, e este era um dos seus sonhos para mim. Por isso tudo, dedico a ela todas as minhas vitórias, inclusive essa.

Iniciei minha vida escolar aos 3 anos de idade, tive contato com a entidade escolar muito cedo. Como aludi anteriormente, sempre fui bem estimulada no que concerne ao contato com a escola e inclinação para a aquisição de conhecimentos, o que facilitou a capacidade de compreender a coerência na sucessão de aprendizados posteriores. Não enfrentei muitas dificuldades de deslocamento até a escola, pois desde o início sempre morei próximo à comunidade escolar.

A princípio na creche, apresentei um pouco de resistência no tocante a adaptação, mesmo minha irmã indo me deixar e me buscar todos os dias, e algumas vezes permaneciam comigo. Tal reação natural da criança nessa fase, visto que aquele ambiente para mim era novo, divergente do que eu tinha visto até então.

Porém, em um curto intervalo de tempo eu já estava totalmente adaptada. Meus familiares relatam que acreditam que o que favoreceu minha adaptação era a presença da professora, ou seja, a forma como ela conduzia a aula e se relacionava com os alunos, e que eu gostava muito dela. Logo, logo, ela me conquistou com seu modo carinhoso e atencioso de proceder.

Todavia, já nas séries iniciais do fundamental I me adaptei automaticamente, pois fui transferida para uma instituição mais próxima de minha casa, que a anterior, e também pelo fato de já está se integrando a um ensino além daqueles disseminados na instituição familiar. Recordo-me que nessa fase eu tinha uma enorme aspiração para aprender a ler e decifrar tudo aquilo que eu viesse a ver.

No fundamental II, lembro-me como eu gostava de participar da semana cultural, das manifestações comemorativas e gincanas organizadas pela escola. Vejo que os alunos antigamente participavam com mais periodicidade dos eventos promovidos pela escola, contraposto na época atual.

No Ensino Médio houve situações adversas atinentes ao deslocamento, dado que a localidade na qual residio não oferecia tal nível de ensino, por esse motivo tive que dirigir-me para estudar na sede do município. Muitas das vezes o transporte escolar não transitava de modo frequente. Lembro-me que o ensino transmitido por alguns professores era caracterizado pela tendência pedagógica tradicional.

Em suma, no decurso integral de minha trajetória estudantil, os professores permanentemente me

elogiavam, pois continuamente fui uma aluna frequente, responsável e comprometida, e que por consequência obtinha notas exemplares.

Dando seguimento, no que se refere à educação, é indiscutível que dentro do contexto educacional na contemporaneidade há exigências impostas a educação perante as imprevisibilidades ocorrentes no cenário ao qual se desenvolve a prática docente, e as problemáticas que decorrem implicando diretamente nesse âmbito, que demandas, aptidões e competências do profissional de educação no decurso processual de sua prática pedagógica.

Assim, o aperfeiçoamento e a melhoria da prática docente englobam tanto a ampliação contínua de conhecimentos como inovações da prática metodológicas e modos de interação com os aprendizes, onde é no ambiente de aprendizagem que são mobilizados e compartilhados conhecimentos e afetos entre professor-aluno. Tais vertentes aliadas a uma formação qualificada.

Nessa perspectiva, rememorar e dissertar sobre a trajetória de formação docente é, sem dúvidas imprescindíveis, pois possibilita uma adesão reflexiva, articuladora, concatenando teoria e prática. De modo a analisar os elementos facilitadores para essa articulação e suas aplicabilidades na ação docente, como também, a magnitude do meu papel como educadora e, principal agente na mediação e configuração do processo de ensino e aprendizagem, e o reflexo da minha ação, visto que o educador exerce forte influência na vida de seus educandos, dando base para uma inferência porvindoura, acionada a estratégias posteriores, no sentido de atenuar possíveis ineficiências.

A princípio minha inserção profissional enquanto educadora se deu por meio de indicação de líder político e pela exiguidade de outras categorias profissionais e oportunidades de colocação no distrito ao qual resido, e não por escolha pessoal e identificação com a profissão, pois até então não era um ofício com o qual eu me identificava e almejava. Entretanto, ingressei na profissão após ter concluído o ensino médio. Lecionando na EJA III e IV (Educação para Jovens e Adultos), no decorrer de 2 anos lecionei nessa modalidade de ensino, certamente foi uma experiência inigualável e significativa, dado que o público estudantil excepcional determinando por estudantes com aspirações e vivências distintas, carregados com experiências vividas, com conceitos, valores éticos e morais já constituídos.

Os alunos e alunas de EJA trazem consigo uma visão de mundo influenciada por seus traços culturais de origem e por sua vivência social, familiar e profissional. Podemos dizer que eles trazem uma noção de mundo mais relacionada ao ver e ao fazer, uma visão de mundo apoiada numa adesão espontânea e imediata às coisas que vê. (BRASIL-2006, p. 5)

No entanto, em razão de tais especificidades, conseqüentemente requeria um ensino diferenciado, voltado para as necessidades e condições de frequência de cada aluno, visto que o tempo de aprendizagem diferentemente dos jovens, processava com menos rapidez, dentro de suas limitações, pois quantidade mais considerável da turma correspondia a educandos com idade avançada.

Por outro lado, contribuir para a assimilação de conhecimentos formais de indivíduos que não tiveram ingresso ou ininterruptão a escolarização, me acrescentou de forma demasiada, sobretudo na interação diária no encadeamento do processo de ensino e aprendizagem, pois a maneira de manifestar o encantamento pelo processo foi um paradigma que sobressaiu, mesmo mediante o cansaço do trabalho e das responsabilidades sociais e familiares que traziam consigo. Nessa ótica, tal exercício viabilizou a promoção de trocas de experiências e conhecimentos, e não unicamente de caráter formal e científico. Isto posto, não só transmite conhecimentos, bem como aprendi bastante com os próprios discentes, em virtude de suas histórias de vida, por também apresentarem

maturidade mental, por aderirem convicções de suas limitações e o enfrentamento de inúmeras situações durante sua vida em toda sua complexidade, adeptos a aptidões reflexivas.

Vale evidenciar que uma vivência marcante nessa sucessão de mediação, foi o contato diurno com uma senhora de 92 anos, que manifestava um fascínio pela aprendizagem, de modo a frequentar simultaneamente as aulas, mesmo perante de suas limitações no que concerne a idade avançada ela não parava nas dificuldades, o que a tornava um modelo de inspiração e persistência para mim, para todos os alunos e conseqüentemente para a comunidade local, com seu entusiasmo e disposição.

Em seguida lecionei no nível I do Ensino Fundamental no 4º ano, durante 4 anos consecutivos. Proceder nesse cenário, me oportunizou vivenciar situações prazerosas e concomitantemente desafiadoras, posto que nessa faixa etária os educandos propendam a validar um comportamento mais agitado e oscilante, o que dificultava algumas vezes a execução efetiva das metodologias traçadas para se realizarem no decorrer da prática pedagógica.

A vista disto, tal experimento foi caracterizado por elementos tanto dificultosos quanto facilitadores no processo formativo das crianças, de modo a apresentar também situações que exigia uma formação específica, no que concerne à aprendizagem de crianças portadoras de necessidades especiais, surgindo assim a carência de preparação para atender tal especificidade.

A inclusão ocupa espaço de proeminência entre as principais preocupações pedagógicas, e pelo fato de haver um desprovimento de formação direcionado a esse público, aparatos didáticos específicos e preparação para lidar com suas particularidades, aspectos estes, que limitava algumas vezes para que a construção e propagação do saber ocorresse com sucesso, de maneira a suprir suas necessidades de aprendizagem.

Posteriormente, ministrei aulas no fundamental II, de 6º ao 9º ano, em decorrência de um ano, ministrando disciplinas de Português no 6º, História no 6º e 7º, e arte de 6º ao 9º. Categoria esta divergente das mencionadas até então, com suas singularidades. Ao orientar tais níveis de ensino, me deparei com inúmeras resistências, desinteresse e rebeldia por parte de alguns alunos, em relação a aprendizagem. Acredito-me, que os problemas de aprendizagem e/ou de conduta devem em decorrência da conjunção de coeficientes sociais, educacionais e individuais, não devendo ser atribuídos unicamente a fatores externos.

Percebi também, durante o processo a exiguidade no hábito de estudo domiciliar, aspecto este que interfere na aprendizagem, fragilizando a capacidade de desenvolvimento educacional. Indubitavelmente, lidar com diferentes perfis ao no decorrer de toda trajetória docente foi incitador, sobretudo nessa clientela, que passa por uma transição e continuada alternância de professores. Cada educando é singular e apresenta competências e necessidades específicas, cabendo ao educador considerá-las, compreendendo-as, e auxiliando-os em relação a dificuldades, interligando-as para a participação ativa dos discentes.

No que tange a condução de minha prática docente, era desenvolvida inicialmente pautada na experiência diária em sala, baseando-se em algumas práticas concebidas por professores que contribuíram significativamente em minha formação como discente no percurso de escolarização até o Ensino Médio conjuntamente nas propostas pedagógicas solicitadas pela Secretaria Municipal de Educação, assistida mensalmente nas formações, e sobretudo, assumindo uma postura de caráter questionador e pesquisador, para um melhor desempenho e efetividade na prática docente.

Nesse sentido, cabe fomentar que a implementação do curso de Pedagogia, vinculado ao Plano Nacional de Formação de Professores para a Educação Básica-PARFOR favoreceu de maneira absoluta e demasiadamente na amplitude formativa, pois, até então, eu tinha a apropriação da prática docente, porém, existia uma carência do

saber teórico, uma vez que, ao nos apropriarmos de fundamentação teórica, aderimos a uma análise com sentido mais acertado na procura de subsídios que sejam fundamentais para desenvolver uma prática produtiva e qualificada, objetivando a elaboração de inúmeros métodos para que a aprendizagem aconteça de fato, vinculada a uma ação contextualizada.

Como também a uma compreensão da grande listagem de contrariedades e desafios, presentes na profissão e, é óbvio na educação em geral, de modo a assumir uma postura reflexiva e questionadora, frente a esses impasses. Contudo, o curso propiciou uma unificação entre essas dicotomias- teoria e prática, aspectos estes, consideráveis e de suma importância no fazer pedagógico e que são indissociáveis.

Portanto, o curso tem possibilitado uma ação reflexiva, de modo a transformar e redefinir minha visão sobre os paradigmas que norteiam a educação e, conseqüentemente, um amadurecimento da prática profissional e pessoal, isto é, uma configuração de meu perfil como educadora, como também garantir uma qualificação profissional.

Atualmente é recorrente a necessidade de qualificação específica para o educador, e as mudanças de paradigmas expostos pela sociedade intensificaram continuamente essa necessidade. O PARFOR, sem dúvidas, é um componente contribuinte e irrefutável para a consolidação da superação dessa carência, e principal facilitador para a que a mudança na educação venha a ser possível, de modo que o educador se sinta qualificado para promoção de conhecimentos. Portanto o primeiro passo para que haja uma educação de qualidade é seguramente investir no profissional que é fator principal para essa troca de conhecimentos. O PARFOR, tem atuado e desenvolvido tal incumbência de modo singular e decisivo na vida de nós professores, oportunizando assim, nosso sucesso profissional. Então fui me construindo professora, me apropriando dessa profissão que me beneficiou grandemente, e que o curso permitiu essa apropriação, e gradativamente o gosto e o apresso pela profissão e sua abrangência de atuação.

Durante o decurso processual acadêmico, houve o enfrentamento e a superação de muitas situações adversas, e dificuldades que refletiram dificultando minha continuação no curso, referentes à locomoção até o local do curso, pois resido há 24 km da sede do município onde ocorre o curso, questões de saúde, bem como a realidade de ter que dormir fora de casa para conseguir assistir aula, entre outro.

Enfim, inúmeros foram os desafios e adversidades que implicaram e implicam para minha permanência até aqui. Não obstante, mesmo perante as situações, o curso persuadiu em mim a inclinação pela docência. Por fim, em consonância de tudo o que foi mencionado até então, quero aqui registrar que, considerando a educação um processo de obtenção e reposição de conhecimentos, e a aprendizagem uma configuração do comportamento do alunado em detrimento da vivência, e que o professor, de todos os fatores que influenciam na disseminação do ensino é, absolutamente o mais substancial nesse processo de instrução e internalização do conhecimento.

Surge, daí a importância dele está em constante formação contínua e permanente na propagação docente, de maneira que o educador não se detenha apenas em sua formação inicial, mas contínua aderindo à apropriação de conhecimentos, objetivando a busca de práticas inovadoras, aprazíveis e geradoras de conhecimentos, como também para acompanhar as inovações contemporâneas, e ser capaz de favorecer possibilidades no desenvolvimento do saber de seus discentes. Saul (2010) explica que:

Formação permanente, para Paulo Freire, implica a compreensão de que o ser humano é um ser inconcluso e tem sempre a perspectiva de ser mais. Educação permanente, portanto, não se destina somente aos educandos em momentos de escolarização, mas a todo o ser humano em qualquer etapa de sua existência. A educação permanente está aliada a compreensão de que ela

incide sobre a realidade concreta, sobre a realidade prática. Daí o entendimento de que um programa de formação permanente de educadores exige que se trabalhe sobre as práticas que os professores têm. Dizia Paulo Freire: A partir da prática que ele [os educadores] têm é que se deve descobrir qual é a “teoria embutida” ou quais são os fragmentos de teoria que estão na prática de cada um dos educadores mesmo que não se saiba qual é essa teoria. (SAUL, A. M., 2010, P.9)

Em contrapartida, além de uma formação, os profissionais da educação precisam incorporar um perfil de professor-pesquisador na promoção de estratégias, bem como o reconhecimento de sua contribuição e reflexo em cada etapa do processo integral de ensino e aprendizagem, contemplando as dimensões do sujeito, dispondo e ofertando, um ensino que priorize a preparação integral dos discentes, de modo que estes possam desenvolver suas potencialidades e, concebendo assim, uma preparação para o exercício da cidadania.

ANEXO S – MEMORIAL DA ESTUDANTE-PROFESSORA MARIA MÔNICA GONÇALVES

GONÇALVES, Maria Mônica. Minha trajetória de vida. In: *Refletindo sobre os fatores que levam à evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos-EJA*. 2019. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (48p) (pp. 13-20)

1. MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA

1.1 Minha vida pessoal

O início de tudo...

*Oh! Que saudades eu tenho Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida Que os anos não trazem mais.*

Cassimiro de Abreu

Eu me chamo Maria Mônica Gonçalves, tenho 38 anos, filha de Francisco Nilton Gonçalves e Francisca Lima Gonçalves, nascida no dia 27 de Dezembro de 1980, às 14 horas em Serra do Flamengo, na cidade de Saboeiro-Ce. Tenho 7 irmãos por parte de mãe e pai e mais 5 irmãos só de meu pai. Minha mãe veio a falecer quando eu tinha apenas 5 meses de vida. Fui criada pelo meu avô materno e a sua segunda esposa a quem vim chamar de mãe. Meu avô foi como um pai, a quem jamais vou esquecer, sempre amoroso e muito atencioso comigo. Vou amá-lo até o fim da minha vida, pois tudo que sou hoje devo a ele. Seus ensinamentos jamais esquecerão, pois ele era uma pessoa de bom coração e caráter. Meu avô teve 18 filhos com a minha avó e mais 3 filhos com a segunda esposa. Convivi com os três filhos do meu avô, sendo eles da segunda esposa, onde tenho-os como irmãos, pois não tive a oportunidade de conviver com os meus irmãos de sangue.

Minha infância foi uma fase inesquecível. Brinquei bastante com minhas amigas, brincadeiras como: esconde-esconde trisca, o mapa, pular corda, elástico... momentos maravilhosos. Gostava muito de brincar com minhas sobrinhas no muro da minha casa, no pé de goiaba, a tarde inteira. Lembro-me muito bem que minha irmã gostava de ir para os Caldeirões tomar banho e se bronzear e me levava junto, onde eu aproveitava muito e tinha a oportunidade de tomar banho no rio. Segundo Aries (1981), infância, ou melhor, o sentimento de infância muda de acordo com a sociedade e com o momento histórico vivido. A cada época mudam-se os brinquedos, as brincadeiras e os conceitos em relação a essa fase da vida.

Na minha adolescência me recorro de momentos na casa da amiga da minha prima Leide e fazíamos apresentações de show de calouros como brincadeira, imitávamos o Silvio Santos, vários tipos de cantores. Para assistir essas apresentações tinha que pagar. Eu me divertia bastante e achava engraçado e bem animado.

No ano de 1998 conheci um rapaz por quem me apaixonei. Nesse mesmo ano comecei a namorar ele. O nosso namoro foi bem duradouro, namoramos durante 5 anos. Foi então que em agosto do ano de 2003 descobri que estava grávida. Minha mãe não aceitava bem o meu namoro e ficou triste com a notícia. Em 15 de novembro deste mesmo ano me casei no civil. Neste dia estava triste, pois minha mãe não compareceu e não apoiava a união. No meu relacionamento tive dois filhos que amo mais que tudo, são as razões da minha vida: Tales Roberto e Jhean Roberto. Hoje o mais velho está com 15 anos e o mais novo com 9.

1.2. Trajetória escolar

Minha mãe me colocou na creche para que eu fosse me acostumando com a escola. Confesso que não me acostumei. Voltei aos estudos com 6 anos de idade na escola Olavo Oliveira onde tive a minha primeira professora chamada Leilda. Ela me marcou muito pela sua atenção e a forma de ensinar, posso dizer que ela me alfabetizou muito bem.

Na minha 4^o série, tinha uma professora chamada Maria do Carmo. Gostava muito dela pela forma de tratar bem os alunos. Quase todos os dias estudavam a tabuada e lembro bem de um momento da aula onde chegou a minha vez de responder a tabuada. Quando eu respondi ela falou que estava errado e eu no momento disse a ela que tinha contado nos dedos achando que estava certa. A professora respondeu que eu poderia ter contado errado, eu ainda quis questioná-la, mas depois ela me mostrou o ponto que errei na conta e me fez reconhecer o erro.

Estudei nessa escola até a 8^a série onde tive momentos inesquecíveis. Recordo-me que tínhamos que fazer uma fila para cantarmos o Hino Nacional e então irmos para a sala de aula, a mesma era um ambiente bem regrado e as carteiras enfileiradas. Toda a minha trajetória escolar foi em escola pública. Ao concluir o fundamental fui estudar o pedagógico na escola Narcisa Ferreira Braga que tive a oportunidade de me aprofundar mais nos estudos, porém sentia dificuldade na disciplina de Física, pois o professor não sabia transmitir o conhecimento que ele tinha para os alunos. Contávamos com um colega mais adiantado para nos ajudar e explicar a matéria, porém tive professores que dentro de suas possibilidades cumpriram com a sua parte. Shulman e Mizukami (2014 e 2004) discutem quais seriam as melhores formas de um professor transmitir seu conhecimento aos alunos. O termo “transmitir” conhecimento é aqui utilizado, no sentido de refletimos a respeito das melhores e mais eficazes estratégias didáticas para que alunos quaisquer possam fazer aproximações sucessivas aos conteúdos escolares, partindo do que já sabem, e buscando estabelecer novas relações. Daí a importância de se refletir sobre a formação do professor e o seu papel social para a educação.

Conclui o 2^o grau no ano de 1998 com a habilitação profissional de magistério de 1^o grau.

1.3 Percurso da vida profissional

A minha primeira experiência profissional como professora foi no ano de 1998, eu ainda cursava o 3^o ano do Pedagógico e surgiu uma vaga para substituir uma professora de estado por um período de 1 mês em uma sala da 4^a série na escola Olavo Oliveira. Foi uma experiência bem desafiadora, pois neste pouco tempo me fez entender a grandeza e a importância de ser um educador.

No ano de 2000 comecei a trabalhar como professora na escola Francisco Alves de Oliveira, situada no distrito Felipe, em Saboeiro, Ceará. Foi um ano difícil, sofri um grande perca a morte do meu avô, pensei até em desistir, pois no momento estava sendo muito doloroso e ainda lidava com a distância de casa para trabalhar. Foi então que iniciei meu trabalho com as turmas de 5^a a 8^a série.

No início quando soube que ia lecionar a disciplina de Inglês fiquei insegura e com bastante medo pois ainda não tinha experiência com a mesma. Além dessa disciplina lectionei também outras, como Religião, Ciências e Arte. Neste mesmo ano tive um desentendimento com uma aluna da 8^a série, que era muito problemática e difícil de comunicação. Ela quis me agredir fisicamente, porém, os colegas não deixaram isso acontecer. Tive uma conversa com a diretora e ela queria expulsar a aluna como punição. Mas, falei que não era necessário, pois faltava

apenas um ano para concluir o estudo no fundamental.

O ambiente escolar era bem agradável, os colegas profissionais eram bem acessíveis e divertidos. O que não gostava era da distância.

Durante 8 anos que ensinei lá saía de casa às 11h da manhã e voltava às 17h. Muitas vezes pegávamos carona até mesmo com pessoas que não conhecíamos, tudo isso para chegarmos em casa mais cedo. No percurso da viagem da cidade para o distrito que trabalhava vivemos momentos de descontração e companheirismo. Amizades essas que levo até hoje na minha vida. A situação de alguns alunos era de carência afetiva e financeira. Recordo-me de alguns que falavam que o motivo de irem para a escola era a merenda, por comerem em casa apenas mungunzá no almoço e na janta. Nesse momento, era difícil para mim escutar todos aqueles relatos, mas eu sempre dizia para agradecerem o alimento que tinham por mais que fosse a mesma comida todos os dias.

No ano de 2009 com uma nova gestão na cidade fui transferida para outro distrito chamado Malhada. Lecionei pouco tempo também em turmas de 5ª a 8ª série. Neste ano se encontrava grávida e fiquei somente 6 meses, pois logo fiquei de licença maternidade. No ano seguinte fui remanejada para a escola que leciono até hoje. Foi um momento feliz e ao mesmo tempo impactante, pois era uma sala de 3º ano o que foi bem desafiador, havia passado quase 9 anos trabalhando nas salas de 5ª a 8ª série. Aquelas crianças eram de uma boa aprendizagem onde pude desenvolver aos poucos um bom trabalho com a ajuda delas.

Lecionei no 3º ano até o ano de 2017. Durante esse tempo participei de várias formações do Programa de Alfabetização na Idade Certa (PAIC) e (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), foi de grande importância pois adquiri muitos conhecimentos. Com essas formações me despertou a vontade de aplicar tudo que aprendi, porém ao colocar em prática nos meus alunos vi que alguns não tiveram um bom rendimento, pois durante esse percurso não só nas salas que eu ensinei de 3º ano via que também nas outras salas de 3º ano os alunos tinham um bloqueio de aprendizagem porque quase todos os anos a reprovação maior era nessa série.

Até hoje fico me perguntando qual o problema que está no 3º ano. Eu acho que muitos professores, equivocadamente, interpretar errado a teoria dos programas de alfabetização, e serem induzidos a passar automaticamente as crianças do 2º ano para a série seguinte sem elas conseguirem acompanhar. A prática de alfabetização desses programas desperta a leitura e o acesso ao conhecimento, possibilitando a formação continuada dos professores dos anos do ciclo de alfabetização do ensino fundamental para ajudar no desenvolvimento do ensino aprendizagem das crianças.

De acordo com o caderno de apresentação do PNAIC temos a seguinte argumentação: É com a intenção de assegurar uma reflexão minuciosa sobre os processos de alfabetização e sobre a prática docente, garantindo que todas as crianças estejam alfabetizadas até oito anos de idade, no final do 3º ano do ensino fundamental, foi para fazer isso valer que surgiu o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. (BRASIL, 2012a, p.27).

O PNAIC surgiu para atender a necessidade de equilibrar o processo de alfabetização, diminuindo a questão da distorção série-idade, e assegurando que a criança seja alfabetizada até os oito anos, ao concluir o 3º ano.

Todo sucesso da vida escolar depende de boa base, e isso está diretamente ligado ao domínio da leitura, de forma que a criança aprenda a ler e entender o que está lendo, indo além da interpretação dos signos linguísticos, seja capaz de interpretar o que ler e produzir pequenos textos, expressando-se oralmente com facilidade, pois tudo isso está implícito no conceito de alfabetização. Sem dúvidas o programa tem alcançado bem resultados, pois professores são preparados para atuarem com desenvoltura, além de contar com material didático de qualidade e

suporte para tirar suas dúvidas e buscar sugestões.

Ao iniciar o ano de 2018 fui lotada na sala de 4º ano. Para mim, foi mais uma experiência diferente, mas foi por pouco tempo pois logo após as férias de julho tive outra mudança. Dessa vez fiquei um pouco receosa pois fui para uma sala de alunos com deficiência, Atendimento Educacional Especializado (AEE) onde trabalho até hoje.

Não estava preparada para tamanha mudança, e até hoje não me sinto confortável na área. Venho pesquisando em casa sobre o assunto e tendo muitas dificuldades pois até o momento não tive nenhuma formação e são poucos recursos cedidos pela escola para ter um bom trabalho. Posso dizer que tive o prazer neste percurso todo, de várias vezes substituir meu esposo na sala da EJA.

Pude presenciar muitas dificuldades e uma delas era a evasão escolar, foi então que me despertou a vontade de entender o porquê de alguns alunos desistirem antes mesmo de concluir o ano. Percebi que muitos se sentiam incapazes de estarem no meio escolar, outros eram desmotivados pela idade, ou até mesmo por virem de muitas reprovações. Foi por essa experiência que tive pela qual escolhi para ser o tema de minha monografia.

1.4. A Oportunidade do PARFOR

No ano de 2014 tive a oportunidade de prestar vestibular na URCA para o curso de Pedagogia PARFOR. Foi uma grande realização ao saber que fui aprovada. Nesse período que estou cursando, posso afirmar que a universidade enviou professores qualificados atendendo as nossas expectativas, nos possibilitando novos conhecimentos e utilizando metodologias e avaliações onde todos participassem, com isso pudesse perceber que avaliações servem para ajudar no nosso desenvolvimento, deixando-nos consciente de nossa importância como alunos, um curso fundamental para nossa transformação social.

Em vários momentos pensei em desistir, por motivos emocionalmente pessoais. Mas como dizem, existem anjos aqui na terra que me encorajaram e fizeram seguir em frente, principalmente uma professora que sempre falava para nós, que só os fracos ficavam no meio do caminho, e os fortes conseguiam chegar lá. Por isso, cada dia que passava o meu foco era continuar em frente os meus estudos com base na minha formação profissional. Assim procurarei buscar novos desafios, assumindo minha luta como educadora e levando comigo novas expectativas e sonhos para fortalecer o meu individualismo e a socialização.

ANEXO T – MEMORIAL DO ESTUDANTE-PROFESSOR ANTÔNIO EVANDRO COELHO

COELHO, Antônio Evandro. Minha história de vida. In: *Dificuldades de aprendizagem no ensino da matemática no 4º ano do Ensino Fundamental I em uma escola municipal de Saboeiro*. 2019. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Regional do Cariri, Saboeiro. (46p) (pp. 15-20)

1. MINHA HISTÓRIA DE VIDA

Pretendo com este trabalho contar a minha trajetória de vida, lembrando da minha infância, da minha família, da minha formação, da minha prática pedagógica. Enfim, dos acontecimentos que foram marcantes e merecem ser lembrados, porque foram bons ou ruins. Recordar o passado não é algo simples, vêm à tona diferentes sentimentos, que ficaram guardados bem lá no fundo, como se estivessem “adormecidos”.

Ao trazer de volta essas lembranças agora, depois de tanto tempo, podemos compreender o porquê, e entender que através dessas experiências vividas no passado, podemos tirar alguma lição, através delas podemos aprender e amadurecer. A cada dia tentei melhorar, aprender, evoluir, dar sentido à nossa existência. O que pensamos hoje, certamente é diferente do que pensávamos no passado, visto que as coisas vão mudando com o passar dos anos, a verdade não é única, absoluta, mudanças são contínuas.

Assim também acontece conosco, não podemos ficar parados no tempo, senão ele certamente nos deixará para trás. Falo isso, porque ao analisar, vejo o quanto de novo tenho aprendido neste curso, daí a importância de estar a cada dia se atualizando, buscando aprender mais, não parar de ler, pesquisar... Hoje ao tentar escrever sobre mim, vejo que através das vivências do cotidiano, do que estudei até aqui, tenho adquirido novos conhecimentos, vejo o quanto cresci como pessoa, porém busco mais, procuro novos desafios, conhecimentos, novos rumos.

Enfim, assim é a vida, um eterno processo, aberto a mudanças e a inovações. No início do texto falo sobre minha infância, uma época de muitas alegrias, apesar de não termos muitos recursos, também falo sobre minha adolescência, sonhos e dificuldades e sobre meu ingresso na faculdade, realização de um sonho não de infância, mas de um adulto que quer ir longe.

Cada um de nós constrói a própria história, carregada de diferentes sentimentos: alegrias, descobertas, tristezas, conquistas, sentimentos bons e ruins, mas que fizeram parte do meu passado e também estão no presente.

Eu, Antônio Evandro Coelho, nasci na cidade de Iguatu, mas fui registrado como filho natural do sítio São Pedro no município de Antonina do Norte. Fui criado no sítio Lagoa dos Marinheiros, localizado no município de Saboeiro, no estado do Ceará. Sou filho de Abidoral Patrício Coelho e Antônia Rozeno de Oliveira Coelho, ambos são agricultores e analfabetos funcionais. Tenho cinco irmãs, mas convivi mais com duas, pois as outras três, duas casaram ainda adolescentes e a outra morava na sede do município para estudar, pois na época a escola da nossa comunidade funcionava apenas com a educação infantil a 5ª série. Tive uma infância um pouco difícil, pois meus pais tinham poucas condições financeiras, mas fizeram muitos esforços para que nada nos faltasse.

Nos períodos de estiagem, meu pai trabalhava alugado em troca de alimentos. Apesar de poucos recursos o mesmo criava uma pequena quantidade de ovelhas no seu terreno onde às vezes vendia uma ou duas para pagar as compras do mês e separava uma para abater e utilizar na alimentação, também cuidava do gado do

meu avô (quatro vacas e um touro), minha mãe doava leite para os vizinhos que tinham crianças pequenas e fazia queijo para ganhar dinheiro para comprar calçados e roupas para nós.

Tenho poucas recordações da minha infância, mas lembro-me que quando minha irmã concluiu o segundo grau (3º pedagógico), começou a lecionar em uma escola do município e com o pouco que ganhava ajudava nas despesas de casa e sempre que vinha nos finais de semana trazia alguma coisa para mim: bombom, biscoito...

1.1 Trajetória estudantil

Minhas brincadeiras de infância preferidas eram da bandeira, do trisca com meus primos e amigos e quando estava sozinho usava tijolos como se fossem carros e conversava sozinho brincando de faz de conta, pois não tinha muitos brinquedos apenas uma bola e um carrinho que minha irmã me deu, mas mesmo assim, me divertia muito naquele meu mundo.

Aos sete anos, iniciei minha vida estudantil, não passei pela educação infantil, fui direto para a primeira série, então veio a grande dificuldade de aprendizagem. Estudava em um armazém doado na localidade de Taboleiro Comprido, na Escola São Francisco, a 1 quilômetro da minha casa.

Minha primeira professora se chamava Socorro não me recordo do sobrenome, era muito brava. Todo o dia acordava cedo, no início achava muito ruim, lembro quando minha mãe ia me deixar, eu chorava bastante para não ficar na escola, pois tudo era novo, os colegas quase todos desconhecidos, a professora também desconhecida. Levei um certo tempo para me adaptar.

Quando passei para a segunda série fui estudar na escola Manoel Vicente de Oliveira, na mesma comunidade onde moro pertencente ao município, também ia a pé todos os dias, eu e duas sobrinha, andávamos dois quilômetros de casa para a escola, era muito sacrifício debaixo do sol de meio dia, mas meus pais não deixavam matar aula, sempre quiseram que estudasse mesmo contra minha vontade.

Devido meu ingresso tardio na escola tive muita dificuldade em Matemática, mesmo assim, conseguia passar de ano. Na terceira série as dificuldades continuavam e foram surgindo também em outras disciplinas, mas já não eram necessidades de aprendizagem era falta de interesse, não levava a sério meus estudos, pensei muitas vezes em desistir, até pus culpa na professora que era ignorante, mas a minha mãe não deixava, falava que tinha que estudar para ser alguém na vida e me mandava para a escola muitas vezes chorando pelo caminho, mesmo assim, era um aluno frequente. Passei para a 4ª série. Fui matriculado na escola José Gonçalves dos Santos no distrito de Malhada que também pertence a rede municipal, a seis quilômetros da localidade que eu morava.

Nessa escola estudei três anos, o município disponibilizava o transporte escolar para nos levar, mas o transporte não era adequado, para conduzir alunos, visto que se tratavam de crianças e adolescentes, uma caminhonete sem cobertura e sem segurança, mas era o que tínhamos naquela época, assim, passamos o ano inteiro. Recordo bem da minha 4ª série, diferentes das outras séries citadas anteriormente, nessa, eu sempre me destacava nas notas, não sei se por medo da professora que era um pouco dura ou simplesmente porque queria passar de ano, éramos 14 alunos, sendo 8 deles muito indisciplinados na sala, mas isso não influenciava na minha aprendizagem, quando chegou no final do ano eu já estava aprovado em todas as disciplinas antecipadamente devido as boas notas. A minha vida estudantil foi cheia de altos e baixos. Ao ingressar na 5ª série, era o início de outra etapa de minha vida,” a adolescência,” continuei na mesma escola.

No início do ano letivo, conhecendo novos amigos na sala de aula e rápido formamos um grupinho no final da sala, esse grupo permaneceu até o final do ano sem muito proveito mais uma vez, relapso, junto com um o primo e outro menino da minha localidade, que não queriam saber dos estudos, nós três adolescentes, como todos passam por essa fase complexa, marcada por grandes aborrecimentos e dúvidas. Comecei a perder aula frequentando um bar, escondido de minha irmã que morava no mesmo distrito e lecionava na escola que eu estudava. Fui suspenso uma semana, por ser acusado de jogar uma bolinha de papel na professora de Língua Portuguesa mesmo depois de alegar não ter sido o responsável pelo ato, mas também não aponte culpado.

Minha família descobriu que eu estava suspenso uma semana depois, pois mesmo suspenso ia todos os dias no carro com os livros como disfarce para minha mãe não desconfiar, resultado: quando chegamos no final do ano eu e mais dois amigos fomos para o reforço, na prova de recuperação, eles passaram de ano e, eu retido para repetir novamente a série. Então a ficha caiu, fiquei muito triste, mas resolvi encarar como um aprendizado. No ano seguinte dei o meu melhor mesmo com muitas dificuldades em Matemática, pois não sabia a tabuada, com muita determinação mesmo ficando em recuperação consegui concluir.

Na minha adolescência recordo-me de carregar muita água no balde para o consumo de casa, de perto quando o açude tinha água ou a dois quilômetros de distância no lombo de jumento em um poço artesanal, no período de estiagem, era muito difícil as vezes o carro pipa abastecia, mesmo assim, não era suficiente para suprir nossas necessidades, moía milho em um moinho manual para fazer massa de cuscuz, nunca consegui pilar milho para fazer mungunzá, mas colhia fava, feijão, melancia na roça e trazia para casa, mesmo diante de todas essas dificuldades posso afirmar que tive uma vida feliz, pois pude desfrutar de tudo o que tinha direito dentro das posses que minha família pôde oferecer.

Na 6ª série, pedi a minha mãe que me matriculasse na escola Manoel Vicente de Oliveira onde já havia estudado a 2ª e 3ª série. Ela atendeu o meu pedido, ansioso pelo fato de encarar novos professores e determinado a melhorar em Matemática e cheio de expectativas de reencontrar meus amigos. O início do ano letivo, lembro-me como se fosse hoje daquela turma, todos dedicados em todas as disciplinas, foi a partir desta série que eu realmente aprendi a tão temida tabuada, aprendendo a gostar de números fui descobrindo como era prazeroso estudá-la. No final do ano fui aprovado com boas notas principalmente em Matemática, desde então, levei a sério meus estudos. Chegou a tão esperada 8ª série, nos preparamos para fazer uma grande festa de formatura, trabalhamos muito com festas em frente à escola, como éramos menores de 18 anos nossos professores eram responsáveis por nós, mas sem tirar o foco dos estudos. Passei de ano novamente com excelentes notas, celebramos uma missa de ação de graça e o dinheiro arrecadado foi usado para passarmos um dia de lazer no Açude Trussu, foi maravilhoso.

Iniciei mais uma etapa na minha vida estudantil na escola estadual de 2ª grau, Lídia Bezerra, na sede do município, um dos pontos positivos foi que a nossa turma anterior ficou todos na mesma sala, mas fiz novos amigos. Recordo-me do professor de Matemática que me incentivou muito a aprender e gostar cada vez mais dessa disciplina, Valdete, nos tornamos grandes amigos até hoje.

Durante todo o Ensino Médio procurava sempre me destacar nas notas, o incentivo, as exigências eram maiores por parte dos professores, pois era o último ano e ainda, o Enem, esse fato fez com que os professores exigissem ainda mais de nós. Todos os meus colegas foram fazer a prova, afinal era uma grande oportunidade de cursar uma faculdade, eu não fiz a prova porque não pensava em faculdade, era uma realidade muito distante. Terminei o 3º ano científico em 2009, fiquei acomodado sem nenhuma perspectiva de continuar.

1.2 Experiência Profissional

Em 2013, surgiu uma proposta de trabalho, lecionar em uma escola municipal do meu município, no Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), foi uma experiência relevante na minha vida, porque até então eu não tinha nenhum contato com sala de aula, logo no início achei que tudo seria fácil, por não ter experiência, tinha esse pensamento, mas percebi que seria um desafio no qual eu teria que estar bem preparado, logo fui informado que seria professor de Matemática do 6º ao 9º ano e que seria ano de IDEB, a escola tinha como objetivo melhorar os resultados, uma vez que estava no crítico.

No início tive ajuda da coordenação e com muito trabalho, pesquisa e estudos a escola pôde alcançar o resultado desejado, com o passar do tempo, fui adquirindo experiência e prática, contudo não era o suficiente, pois eu só tinha o Ensino Médio, mas através de programas de formação para professores do município para melhoria da prática docente na rede municipal, pude me capacitar. Nos anos 2013 e 2014, no município havia um grande número de professores sem nenhuma formação ou graduação apenas com o Ensino Médio que não é o suficiente.

1.3 Minha oportunidade no PARFOR

Em 2014, surgiu o Plano Nacional de Formação para a Educação Básica-PARFOR para nosso município, curso superior para professores em exercício, foi uma vitória para todos nós, porque naquele momento eu não imaginava um curso superior, mas encarei com muita força de vontade, pois ser professor não é fácil, na atualidade como se encontra a educação no Brasil, com esse curso passei a entender melhor a educação, porque antes só tinha prática, hoje tenho a teoria e é com base na visão de alguns autores que realizo minha prática docente.

Portanto, esse curso veio no momento certo, tem me ajudado bastante na minha prática em sala de aula, ao terminar esse curso de Pedagogia serei um profissional melhor e mais capacitado e vou levar comigo muito conhecimento e teorias.

A escolha do tema do TCC “Dificuldades de aprendizagem em matemática no 4º ano,” foi tendo em vista que os alunos vêm apresentando muitas dificuldades nesta área de conhecimento, pretendemos com esta pesquisa investigar os tipos de deficiência presentes na vida estudantil destes discentes. Tenho certeza que com estes estudos será relevante para minha vida profissional.

APÊNDICES

APÊNDICE A – RELAÇÃO DE MUNICÍPIOS, CURSOS E DISCENTES ATENDIDOS PELO PARFOR/URCA (2010-2020)

Cidade	Turma	Início	Término	Nº de alunos iniciantes	Nº de alunos concludentes
Assaré	Pedagogia T1	2014.2	2020.2	33	23
	Pedagogia T2	2018.2	Em andamento	37	-
	Pedagogia T3	2018.2	Em andamento	36	-
Brejo Santo	Pedagogia	2010.2	2016.1	47	30
Campos Sales	Geografia	2010.1	2014.1	24	22
	Educação Física	2010.2	2016.1	44	31
	Pedagogia	2011.1	2016.1	56	41
Cariús	Matemática	2010.1	2014.2	27	21
Crato	Pedagogia	2010.1	2015.1	36	27
	Matemática	2015.2	2018.2	25	20
Icó	Pedagogia	2011.1	2016.1	50	16
Juazeiro do Norte	Pedagogia T1	2010.1	2015.1	40	29
	Matemática (2ª licenciatura)	2010.2	2012.2	36	29
	Pedagogia T2	2013.2	2020.1	30	22
	Pedagogia T3	2013.2	2020.1	35	18
Nova Olinda	Pedagogia	2011.1	2015.2	36	27
Porteiras	Pedagogia T1	2013.2	2019.1	38	32
	Pedagogia T2	2016.1	Em andamento	48	-
Saboeiro	Pedagogia	2014.2	2020.2	25	18
Tarrafas	Pedagogia	2018.2	Em andamento	34	-
Várzea Alegre	Educação Física	2014.2	2019.1	27	12
	Letras	2014.2	2019.1	30	13
	Matemática	2014.2	2019.1	16	9
	História	2015.2	2018.2	18	16
	Letras	2015.2	2018.2	25	17
TOTAL				853	473

Fonte: Secretaria do PARFOR/URCA, novembro de 2020.